

ESCRITOS DE RELIGIÃO

ENTRE A FILOSOFIA E A TEOLOGIA

FABIANO VELIQ

Apresentação

O presente livro se trata de uma coletânea de textos escritos ao longo de dez anos e que se referem às ponderações de um filósofo sobre temas como política, religião, teologia, filosofia e coisas cotidianas. Com textos em prosa e poesia, o autor revela seus posicionamentos e inclusive convida o leitor a pensar e a levantar questionamentos, considerando que as perguntas são, em grande parte, muito mais relevantes do que as próprias respostas.

Este livro se torna uma forma de celebrar os 10 anos de escrita sobre temas diversos e apresentar para o leitor um pensamento em construção.

Fabiano Veliq

SUMÁRIO

PSICANÁLISE E RELIGIÃO	5
ALGUNS APONTAMENTOS SOBRE PROTESTANTES E EVANGÉLICOS.....	7
A LITERALIDADE DO TEXTO.....	11
DEUS É AMOR E O AMOR É FALTA.....	14
A RELIGIÃO LIGHT OU À LA CARTE.....	16
PRECISAMOS DE UM NOVO LUTERO?.....	18
CRESCIMENTO OU PROLIFERAÇÃO? DESAFIO DA IGREJA EVANGÉLICA BRASILEIRA	21
A INSISTÊNCIA DO SENTIDO - GIDEÃO	24
UM DEUS SÁDICO NUNCA PODERÁ NOS SALVAR	26
NÃO PRECISAMOS TEMER OS DEUSES.....	28
PORQUE MEU JUGO É SUAVE E MEU FARDOS É LEVE.....	31
POR UM DEUS NÃO INFANTILIZADO	34
O EXEMPLO DE PROCUSTO E O EXEMPLO DE CRISTO.....	36
A ANGÚSTIA E A GRAÇA	39
SOBRE MORTE E FÉ.....	42
ECLESIÁSTES 1:1	45
O CRISTIANISMO É A RELIGIÃO DA ESPERA	47
SOBRE FÉ E ONTOLOGIA	49
VOCÊS COAM O CAMELO E ENGOLEM O MOSQUITO	51
MAIS UM POUCO SOBRE FÉ.....	53
O QUE DARÁ O HOMEM EM TROCA DA SUA ALMA?.....	56

SOBRE A LIDERANÇA EVANGÉLICA ATUAL	58
JOSÉ E MARIA INDO PARA BELÉM	60
“[...] MAS, SOBRE A TUA PALAVRA, LANÇAREI A REDE.” (LUCAS 5:5)	62
PEQUENA REFLEXÃO – ECLESIASTES 7:14	64
O PERIGO DE SE FLERTAR COM O MAL.....	66
OS EVANGÉLICOS NEOPENTECOSTAIS E A POLÍTICA, OU COMO CABO DACIOLO NÃO PASSA DA FACE PERFORMÁTICA DO DISCURSO DE ÓDIO DE BOLSONARO.....	69
DID GOD SEND THE SHOOTER?	72
DA DOXA À EPISTEME NA ÉPOCA DA PÓS-VERDADE: A TAREFA DA FILOSOFIA.....	76
A IGREJA EVANGÉLICA E O TABU DO SEXO ANTES DO CASAMENTO	79
A IDENTIDADE DE GÊNERO.....	83
SOBRE A HOMOAFETIVIDADE	88
LGBTQIAAP+, IGREJAS EVANGÉLICAS E CONTEMPORANEIDADE: DESAFIOS PARA O PENSAMENTO	92
AINDA SOBRE A HOMOAFETIVIDADE	97
IGREJAS INCLUSIVAS	100
STAR WARS, ZEN BUDISMO E CRISTIANISMO: UM DIÁLOGO INTER-RELIGIOSO.....	103
“SE ALGUÉM QUISER [...] RENUNCIE-SE A SI MESMO, TOME SOBRE SI A SUA CRUZ, E SIGA-ME” (MATEUS 16:24)	107
FABIANO, VOCÊ ACREDITA QUE DEUS LHE ABENÇOOU QUANDO VOCÊ FOI COMPRAR SEU NOVO APARTAMENTO? FABIANO, VOCÊ ACREDITA QUE DEUS ABENÇOAS AS PESSOAS?.....	110
TEOLOGIA APOFÁTICA.....	113
ÉDIPO SEM COMPLEXO.....	115
QUESTÕES A PARTIR DO MATERIALISMO ALEATÓRIO DE ALTHUSSER	119
A IGREJA EVANGÉLICA E OS PROTESTOS NO BRASIL	122

REFLEXÕES SOBRE DEUS A PARTIR DE UM INSETO	125
ESCOLHE, POIS, A VIDA PARA QUE VIVAS.....	128
ASPECTOS DE DEUS EM UM TEXTO DE LEIBNIZ.....	130
ESDRAS, NEEMIAS E TRUMP – XENOFOBIA	133
A UNIVERSIDADE COMO GRANDE BOLHA.....	136
LENIN	139
SOBRE PIQUE-ESCONDE E SALVAÇÃO	142
A CULPA CANTADA	144
O SERVO IMPIEDOSO E A FLUTUABILIDADE DO PODER.....	148
QUID ERGO.....	151
CANDOBLECISTAS, UMBANDISTAS E EVANGÉLICOS – UNI-VOS!.....	153
AQUELE SEGUNDO EVANESCENTE. A FELICIDADE HOMEOPÁTICA	157
RELIGIÃO E CIÊNCIA	159
O DEUS DOS DEPUTADOS	162
PLATONICAMENTE: RETRATOS DE UM NADA	165
SALVA-TE A TI MESMO E A NÓS	167
SE PASSAS AMO-TE COMO QUEM PODE TE PERDER	169
JESUS E A RESPONSABILIDADE DO OUTRO SOBRE SI.....	170
UMA FELICIDADE HOMEOPÁTICA.....	173
UMA HERESIA INCRIVELMENTE RASA	175
TEOLOGIA DA PROSPERIDADE E ESPIRITISMO	177
SOBRE SEMINÁRIOS E MISSÕES	180
O MOMENTO DA PRECARIIDADE	187
UM POUCO MAIS SOBRE A ESPERANÇA.....	190

A FALÁCIA DO CRISTIANISMO AUTÊNTICO E O FIM DA RELIGIÃO	192
DIÁLOGO ENTRE O DISCURSO EVANGÉLICO E OUTRAS ÁREAS.....	195
UM POUCO SOBRE O PECADO.....	197
CONSIDERAÇÕES SOBRE LAMENTAÇÕES 5:15-16	201
PEQUENA REFLEXÃO PARA UM DOMINGO	204
A FÉ VEM PELO OUVIR (ROMANOS 10:17).....	206
PENSAMENTOS ESPARSOS SOBRE A DESINSTITUCIONALIZAÇÃO	209
PEQUENA REFLEXÃO SOBRE JÓ	212
REFLEXÃO SOBRE UMA FRASE DE FREUD.....	215
REFLEXÕES A PARTIR DO GETSÊMANI	217
A PROPOSTA DE JESUS PARA A CONSTRUÇÃO DE CASAS.....	219
REFLEXÃO SOBRE SALMO 116:11	222
O LAVA-PÉS E O BOM SAMARITANO – REFLEXÕES SOBRE O AMOR CRISTÃO	224
DEUS E A AMIZADE: UMA PROPOSTA TEOLÓGICA.....	227
OS REIS MAGOS E A SIMPLICIDADES	229
NÃO TEMAS PORQUE EU SOU CONTIGO. REFLEXÃO SOBRE ISAÍAS 41:10.....	230
AINDA SOBRE ISAÍAS 41:10.....	232
O JUIZ, O GENERAL E O OUTRO.....	235
O ATALAIA	238
TRABALHO, INTERNET, PARADOXO	239
DIGRESSÕES.....	241
UM PEQUENO GESTO COMO SUBVERSÃO.....	242
ALGUM TU	245
SOBRE O RECONHECIMENTO E O LIMITE.....	246

TEXTO QUE NÃO MERECE SER LIDO.....	249
SOBRE VASTI.....	251
DIA INTERNACIONAL DA MULHER	253
UM OLHAR PARA FRENTE E OUTRO PARA TRÁS – 30 ANOS	255
FELIZ PÁSCOA	258
SALMO 88.....	260
PENSANDO SOBRE O CEU ESTRELADO.....	262
PÓS-TEÍSMO E HONESTIDADE FILOSÓFICA	264
SOBRE A BÍBLIA.....	267
DIÁLOGO COM MOLTSMANN SOBRE TRINDADE	270
PARA QUE A ESCURIDÃO NÃO NOS DOMINE	275

“No princípio era o verbo, e o verbo estava com Deus, e o verbo era Deus. Todas as coisas foram feitas por ele e sem ele nada do que foi feito se fez” (João 1:1-3)

Qualquer mundo que queiramos criar pressuporá o uso das palavras que serão significativas em nossa arquitetura. Essas mesmas palavras serão usadas por nós como tijolos da construção desse mundo no qual fiaremos todas as nossas certezas e incertezas, onde buscaremos abrigos quando os dias forem maus, onde gostaremos de estar quando a paz nos faltar. Tudo isto construído por palavras.

No princípio era o verbo.

Nas profundezas de nós mesmos, lá no princípio, tudo é sem forma e vazio, como se fosse um extremo caos onde a palavra ainda não tem acesso, onde não há tempo, mas que de alguma forma há o que realmente somos. Pulsões e mais pulsões querendo de alguma forma vir à tona, mas sem êxito porque o que há é apenas caos. Apenas quando o verbo é dito tudo se transforma. O outro traz o verbo, ele se instaura em nós, ilumina, ordena, canaliza esse turbilhão de pulsões. Com o verbo dito, algo se transformou e só então começamos a nos construir. Esse verbo criador passa então a fazer parte de nós. Tudo será feito a partir dele, e sem ele nada do que for feito se fará.

Toda nossa busca posterior será na tentativa de decifrar este verbo presente em nós. Através das palavras passamos a revelar para nós o que antes não sabíamos, desvelamos as sendas obscuras que habitam em nós e que na maioria das vezes nem sabemos que estão lá. Do inconsciente ao consciente, na tentativa de reviver o verbo que passou a fazer carne em nós. Essa tentativa, quando bem executada, nos traz ao conhecimento de nós mesmos e a partir daí podemos caminhar em nova direção.

Tudo criado e construído pela palavra. O verbo se instaura e depois passamos a vida buscando palavras para tentar dizer o verbo encarnado em nós, várias vezes incompreendido, várias vezes obscurecido e não raras vezes escondido por nós mesmos.

Não seria essa a tarefa principal da psicanálise em seu trabalho de escuta entre analista e analisando? Esse trazer à tona os segredos obscuros do homem de forma que ele veja quem ou o que ele realmente é, e a partir daí consiga seguir em frente lidando com o sofrimento e o desamparo

que o constitui? Não seria a psicanálise a procura do verbo entendido como algo a ser buscado através de um método científico? Uma tentativa de cura pela palavra?

"Diga-me uma só palavra e eu ficarei curado", talvez seja esse o sonho de todo analisando com seu analista, que geralmente não tem essa palavra de forma a precisar que o analisando fale, diga o que lhe vier à mente para então o analista tentar montar o quebra-cabeça provocado pela livre associação.

É óbvia aqui a presença da fé; fé do analisando para com o analista. Sem fé é impossível haver análise, pois o analisando precisa acreditar que o analista o entende, o acolhe, para então falar. Só a partir da fé começa a análise, começa-se a busca psicanalítica pelo verbo encarnado.

Dito dessa forma, fica claro que tanto a psicanálise quanto a religião buscam cada um a seu modo curar o homem de seu desamparo e buscar fornecer a ele um auxílio para lidar com o sofrimento. A religião para tal cura propõe um sentido último, um transcendente para o homem, a psicanálise propõe um mergulhar no inconsciente para que a partir do próprio conhecimento o homem lide melhor com seu desamparo estrutural, sem transcendente, sem um sentido último, sem promessas.

Até que ponto a religião e a psicanálise podem se ajudar para livrar o homem do seu desamparo é algo a ser estudado com muito afinco e acredito que a dicotomia proposta por vários psicanalistas e vários religiosos não seja sadia. Não se deve pensar em uma dinâmica de "ou psicanálise, ou religião", mas vejo que o que deve ser buscado é uma proposta mais integradora e, quanto a isso, vários esforços têm sido feitos e é motivo de felicidade poder fazer parte desse diálogo tão profícuo.

Algo interessante que já foi falado por Weber há algum tempo é sobre como o espírito protestante favoreceu o desenvolvimento do capitalismo. Uma vez que o calvinismo não precisava ter preocupações quanto ao destino da alma, da salvação, ou qualquer coisa que viesse de Deus, uma vez que pela doutrina da predestinação esse problema já estava resolvido, era possível que os protestantes se desenvolvessem em outras áreas. Aliando a isso o fato de que a riqueza financeira seria sinônimo da graça e da bênção de Deus, o protestante então se empenhava de todo coração, alma e corpo na busca desta satisfação que o capitalismo proporcionava.

Nesse processo, a sociedade ia se desenvolvendo e várias coisas iam sendo feitas para que tal desenvolvimento fosse algo visível.

A aliança entre protestantismo e capitalismo sofreu uma mudança de paradigma a partir do neopentecostalismo e a teologia da prosperidade. Se no protestantismo analisado por Weber ainda havia um interesse em um "desenvolvimento social" proporcionado pelo protestantismo, hoje em dia a linha evangélica está longe desse ideal.

Particularmente, proponho uma divisão entre protestantes e evangélicos. Penso que atualmente não se pode colocar ambos como sinônimos, afinal, as perspectivas atualmente são bem destoantes.

Cabe ressaltar que atualmente é bem difícil afirmar que existe um protestantismo único. Há diversas igrejas protestantes e o número delas cresce a cada dia. Da mesma forma, há várias igrejas evangélicas e nesse grupo específico a coesão se torna algo praticamente impossível. No entanto, mesmo com tais ressalvas, acredito que seja possível traçar alguma diferença entre o que entendo por "evangelicalismo" e o que entendo por protestantismo (uso o termo "evangelicalismo" entre aspas no texto para que não se confunda com o evangelicalismo como entendido no meio teológico). Não acredito que tais termos possam ser tomados por sinônimos, nem mesmo penso que um seja desenvolvimento do outro, como geralmente se assume.

Como é sabido, o protestantismo nasce como protesto contra a Igreja Católica naquilo que, na visão de Lutero, destoava dos ensinamentos bíblicos. Claro que houve significantes modificações de interpretações desde a época de Lutero até os dias atuais, mas acredito que o cerne do protestantismo é o protesto. Nesse sentido, não há uma assimilação direta entre protestantismo e

igrejas históricas, uma vez que várias igrejas históricas se manifestam altamente conservadoras e a preocupação com a alteração do "status quo" é a última coisa que visam.

A igreja evangélica é algo mais recente que a igreja protestante no Brasil. Fruto das missões advindas dos países do norte, principalmente os Estados Unidos, a igreja evangélica se fixa em solo brasileiro com um cunho muito mais focado na "propagação da boa nova". O evangelho de missão traz consigo a ideia de que é preciso converter o maior número de pessoas o mais rápido possível, pois o fim estaria próximo. Nesse primeiro momento, já começamos a identificar algumas diferenças entre os "protestantes" (frutos direto da reforma) e os "evangélicos" (preocupados em espalhar as boas novas).

Algo interessante a ressaltar é que a tônica do movimento evangélico em solo brasileiro, além da propagação da "boa nova", é a ênfase grande nas "manifestações visíveis dos dons do espírito" e daí os textos do livro de Atos dos Apóstolos serem tão utilizados em diversos momentos. A ênfase nos textos que relatam o pentecostes dos apóstolos é o que dá a esse grupo o nome de "pentecostais", ou seja, é um grupo que quer ver se manifestando no meio da sociedade os dons do Espírito Santo (entendidos obviamente de maneira mais espiritualista) assim como descritos no livro de Atos. A associação se torna quase que direta entre evangélico e pentecostal de forma que o pentecostalismo se torna quase sinônimo do que se entende no Brasil por "evangélicos" nesse primeiro momento.

A partir da década de 1960, com a chegada da Teologia da Prosperidade em solo brasileiro, começa o movimento chamado neopentecostalismo em que há uma diferenciação ainda maior dentro do próprio cenário evangélico. No Brasil, passa a se falar em três formas de compreensão desse setor cristão. Temos agora os protestantes (advindos da reforma, como por exemplo, os Metodistas, Luteranos, Presbiterianos); os evangélicos pentecostais (algumas Assembleias de Deus, algumas Igrejas Batistas, Igreja Deus é Amor, etc.) e os evangélicos neopentecostais (Igreja Universal do Reino de Deus, Igreja Internacional da Graça). Basicamente, o que marca a diferença entre os pentecostais e os neopentecostais é a adesão ou não à Teologia da Prosperidade. Igrejas como Batista da Lagoinha, Batista Getsêmani, que advêm de igrejas de vinculação pentecostal (Convenção Batista) se separam de tal movimento e adotam nos últimos anos discursos mais vinculados à Teologia da Prosperidade.

O evangélico é aquele que "anuncia a boa nova", no entanto, essa boa nova não é fruto da ação do próprio evangélico, mas vista como "ação de Deus". O evangélico dá uma ênfase muito maior na ação divina do que propriamente na ação humana. O discurso evangélico (evangélico aqui tomado

nos seus moldes mais comuns, isto é, as igrejas pentecostais e neopentecostais) coloca Deus como o responsável pela mudança da sociedade. Se a situação não está boa, isso geralmente é entendido como "Deus querendo ensinar alguma coisa" ou "Deus está no controle da situação" (curiosamente, posição defendida por várias igrejas protestantes que acreditam na predestinação). O evangélico se coloca como passivo diante do mundo. Claro que não há uma "inércia permanente" no meio evangélico, mas há com certeza uma passividade diante dos acontecimentos.

Movimentos tipicamente evangélicos como a "Marcha pra Jesus" possui um caráter de "ação", mas até mesmo nesses movimentos a ênfase na ação é jogada para Deus e o papel do crente é orar para que Deus faça alguma coisa.

Tirando talvez uma linha mais liberal do protestantismo (por liberal aqui entendo a linha protestante que dialoga com um criticismo literário do final do século XIX e século XX), tanto os evangélicos como os protestantes aceitam basicamente a mesma metafísica subjacente. A meu ver, a diferença se dá na forma como cada um dos grupos se coloca diante da sua tarefa no mundo. Enquanto o protestante se coloca como ativo, o evangélico se coloca como passivo. Enquanto o protestante assume a responsabilidade da mudança, o evangélico joga o principal dessa mudança em Deus.

Uma outra diferença que cabe ressaltar também é que no protestantismo há uma leitura mais assídua do texto bíblico de uma forma mais sistemática que na igreja evangélica (o que em várias igrejas históricas leva a uma postura mais fundamentalista). Na igreja evangélica, a leitura bíblica é mais "instrumental", ou seja, ela é feita por alguém no culto para embasar uma preleção ou como introdução a um cântico no louvor, etc. Dentro das igrejas evangélicas neopentecostais, a Bíblia geralmente não é lida.

Acredito que, atualmente, o protestantismo pode ser visto mais presente em algumas igrejas históricas, embora como afirmado acima seja difícil achar uma coesão completa entre as próprias igrejas protestantes, enquanto que o "evangelicalismo" pode ser visto mais nas igrejas pentecostais e neopentecostais.

O "evangelicalismo" hoje, muito por conta da Teologia da Prosperidade, não tem mais uma preocupação social, mas apenas individual. A riqueza é vista como "benção de Deus", mas ela se torna um fim em si mesmo. O importante é o indivíduo adquirir aquilo que ele quer de Deus.

Algo curioso a se ressaltar é que Deus e instituição são tomados como sinônimos nessa relação, mas apenas na hora do "sacrifício do membro". Afinal, quando se oferta, oferta-se para Deus e não para a instituição, embora saibamos que quem recebe e usa esse dinheiro (e às vezes usa-se muito mal) é a própria instituição na figura dos seus líderes. Agora, a própria instituição e seus líderes se eximem de providenciar aquilo que o membro pediu, afinal de contas, ele pediu e deu a oferta para Deus, então a "responsabilidade" para se conceder o "pedido" cabe a Deus, e não à instituição. A dinâmica, portanto, se mostra muito perversa para o membro e muito cômoda para o líder institucional.

Se o pedido do membro for atendido, a honra é do líder que incentivou o membro a ofertar, mas se o membro não adquire aquilo que pediu, o diagnóstico é sempre a falta de fé do membro. Ou seja, se der certo, mérito do líder, se der errado, culpa do membro.

Se, no princípio do protestantismo, como atestado por Weber, há um "ir pra fora" em um incentivo ao acúmulo de riqueza que impulsiona o capitalismo, no "evangelicalismo" esse "ir pra fora" é traduzido em um "vir para dentro", e a dinâmica do capital proporciona apenas um "bem-estar" ao líder da instituição e não se traduz em benesses sociais, a não ser quando estas beneficiam os próprios líderes dessas instituições.

Casos comuns são os vistos hoje com a bancada evangélica no Congresso brasileiro que apenas corroboram grande parte do que falamos aqui.

O assunto, como pode ser visto, é muito amplo e o que pretendemos aqui foi apenas um panorama da atual situação do protestantismo e do "evangelicalismo" brasileiro. Claro que tal panorama se dá aqui de forma limitada, mas é algo que com certeza merece outros textos para trabalhar vários apontamentos dados aqui.

A LITERALIDADE DO TEXTO

Há sempre um grande risco em se ler o texto bíblico de forma literal. Primeiramente, porque ao assumir esse tipo de postura em relação a qualquer texto facilmente caímos em pequenos labirintos dos quais não saímos facilmente, e em segundo lugar, que para fazermos uma leitura literalista de qualquer texto temos que pressupor uma espécie de atemporalidade em relação ao próprio texto. Atemporalidade essa que se torna impossível, pois a própria escrita só pode ser escrita em um determinado tempo, em um determinado lugar, etc.

Em relação ao texto bíblico, muitas pessoas que conheço (em sua maioria evangélicas) assumem uma leitura literalista. Eles acreditam piamente que o texto foi escrito por homens, mas totalmente inspirados por Deus. Acreditam que cada palavra foi ouvida e reescrita de acordo com a vontade divina, sem nenhuma influência "humana" na escrita. Dessa forma, todo texto bíblico é 'A palavra de Deus' e como tal deve ser seguida independente da época, da sociedade ou qualquer outra coisa. É como se de alguma forma o próprio Deus estivesse dando diretrizes seguras e definitivas para resolver qualquer situação que aparecesse daquele momento para frente.

Não é difícil perceber que esse tipo de atitude se mostra extremamente infantil e talvez por isso mesmo, extremamente ingênua. Talvez uma tentativa hercúlea de negar as contingências da vida em nome de um discurso último sobre a realidade. Talvez um desejo implícito aí de que nada mude na ordem das coisas, um desejo de certeza inabalável que não necessita lidar com o diferente, mas pode ser vivido hermeticamente, fora do tempo, uma espécie de "vida eterna" às avessas. No entanto, como é típico das atitudes infantis, tal desejo carece de uma consistência e até mesmo de uma coerência quando o mundo da vida se impõe sobre o sujeito. Em diversos momentos, esse indivíduo que assume uma leitura literalista se vê em xeque em relação àquilo que visa defender.

Retirar do texto bíblico a sua temporalidade, o seu contexto social, o seu povo que fala a partir do que vive, e tentar aplicar atemporalmente o que está ali é incorrer naquilo que no início do texto chamamos de "labirintos difíceis de sair". Como um pequeno exemplo do que falo, vamos olhar a situação política brasileira e confrontar com o famoso "texto político" de Paulo, super aclamado por diversos pastores quando querem legitimar a sua "autoridade".

Um fato curioso é que muitos evangélicos assumiram durante as eleições um caráter mais conservador e isso continua sendo demonstrado ainda hoje, mesmo depois de passadas as eleições

presidenciais. Esse conservadorismo tem muito a ver com essa leitura literalista do texto de Paulo. Vários evangélicos que vejo (ou de quem leio textos nas redes sociais) assumem um discurso contra o governo atual e vários deles fazem campanhas e mais campanhas incitando a participação em marchas, em encontros, usam *hashtags* das mais diversas, do tipo #foraPT, #Impeachment, #ForaDilma, como forma de demonstrar a insatisfação com o governo petista e o atual governo da Dilma. No entanto, curiosamente, não percebem que ao assumir esse tipo de postura se colocam contra a sua própria visão literalista do texto bíblico.

Paulo afirma em Romanos 13:1-7 que

Todos devem sujeitar-se às autoridades governamentais, pois não há autoridade que não venha de Deus; as autoridades que existem foram por ele estabelecidas. Portanto, aquele que se rebela contra a autoridade está se colocando contra o que Deus instituiu, e aqueles que assim procedem trazem condenação sobre si mesmos. Pois os governantes não devem ser temidos, a não ser pelos que praticam o mal. Você quer viver livre do medo da autoridade? Pratique o bem, e ela o enaltecerá. Pois é serva de Deus para o seu bem. Mas se você praticar o mal, tenha medo, pois ela não porta a espada sem motivo. É serva de Deus, agente da justiça para punir quem pratica o mal. Portanto, é necessário que sejamos submissos às autoridades, não apenas por causa da possibilidade de uma punição, mas também por questão de consciência. É por isso também que vocês pagam imposto, pois as autoridades estão a serviço de Deus, sempre dedicadas a esse trabalho. Deem a cada um o que lhe é devido: Se imposto, imposto; se tributo, tributo; se temor, temor; se honra, honra.

Se o texto bíblico deve ser lido de forma atemporal, literal, como prescrição divina em cada letra, alguém que assume tal tipo de postura não deveria nunca assumir um tipo de discurso que vai contra a autoridade do país, afinal o próprio texto diz que toda autoridade vem de Deus e por isso se deve honrar os dirigentes.

Das duas uma: Ou se adota uma postura realmente literalista ou então assume o discurso que pede o Impeachment. As duas coisas se tornam inconciliáveis. No entanto, como crianças que cada hora defendem uma determinada posição, vários evangélicos parecem ignorar a falta de consistência entre os dois discursos e continuam a defender, ao mesmo tempo, uma leitura literalista do texto e o impeachment da presidenta; mesmo que uma coisa necessariamente exclua a outra, adota-se uma leitura literalista do texto. Este exemplo do texto de Romanos é apenas um dentre vários outros que poderiam ser colocados aqui sobre os mais diversos assuntos, tanto políticos quanto teológicos.

Um último ponto extremamente curioso é o fato de que o texto de Romanos é utilizado de forma literal apenas quando visa defender a autoridade do pastor ou do líder de uma determinada denominação ou seita. Nesse momento, o texto de Paulo é lido e relido e nada, absolutamente nada é capaz de tirar da cabeça do indivíduo que a sua posição é corroborada por Deus e por isso se torna inquestionável. Basta lembrarmos de diversos vídeos de Silas Malafaia em que ele afirma para "não

tocar no unguento do Senhor", usando exatamente o mesmo texto de Romanos 13. Paradoxalmente, o Silas Malafaia é um dos primeiros a fazer fila diante de protestos contra a autoridade do país eleita democraticamente.

Os diversos maus usos do texto bíblico deveriam apontar para a questão de se realmente o texto bíblico visa ser um livro de dicas sobre o que fazer ou se é um livro que aponta para outra direção que não um manual em que se encontra respostas para tudo. Tentar encontrar justificativa bíblica para tudo é não compreender a real dimensão do texto bíblico é não entender que o texto bíblico aponta para a relação do homem com Deus e de Deus com o homem. O texto bíblico não visa dizer tudo sobre tudo, não visa resolver questões políticas, morais, sociais, etc. Usar o texto bíblico para justificar ações que são totalmente condicionadas por conjunturas históricas, sociais, políticas, é fazer um mau uso do texto bíblico e isso não deve ser incentivado.

Fica, portanto, o convite à reflexão e um convite à coerência, afinal, pode até estar faltando amor no mundo, mas que falta muita coerência, isso é inegável.

“O que amo quando te amo, ó Deus?”, já se perguntava Agostinho em suas Confissões. Santo Agostinho direciona essa pergunta a si mesmo em relação a Deus, mas podemos direcionar essa pergunta em relação a nós mesmos e ao outro. E realmente a resposta é bem complicada, assim como era complicada para Agostinho. A belíssima resposta agostiniana expressa lá no livro X das Confissões é algo que deve ser lido por todos nós sempre que a pergunta nos vier.

O que amo quando te amo? O que amamos quando amamos o outro? Com certeza não amamos apenas a beleza ou a companhia, ou o fato de estarmos juntos a tanto ou pouco tempo e sermos tão cúmplices ou tão parecidos, não amamos simplesmente o perfume, os gestos, etc. Embora amemos tudo isso, não é isso o que amamos quando amamos. Se amássemos apenas isso, teríamos que concordar um pouco mais com Freud, para o qual o amor ao outro é em última instância uma espécie de amor por mim mesmo no outro. É claro que há sempre um caráter narcísico no amor, mas isso está longe de definir de maneira mínima a complexidade do amor. Amamos mais que isso, pois amamos aquilo que não pode se nomear. Amamos aquilo que falta. E por isso amamos a poucos.

Recalcati já nos dizia que amar é dar aquilo que não se tem. É reconhecer-se como detentor de uma falta, de um desejo, e por causa disso, estar disposto a doar esse desejo àquele outro que, longe de ser aquele que tamponará a falta, acolherá tal desejo e o responderá. Da mesma forma, Lacan nos dizia que o amor é sempre um amor pelo nome. Amamos o nome como significante único que coloca o sujeito como insubstituível. Nesse sentido que digo que amo aquilo que não se pode nomear, e mesmo que o nome próprio do sujeito aponte para a sua singularidade, há sempre algo ali que escapa. O real do sujeito é impossível de se nomear e talvez aí se encontre essa doação a que se remete o amor. Dar o que não se tem, abrir mão de se mostrar como perfeito, abrir mão de tentar ser aquele que suprirá a falta do outro, mas manter o esforço de estar sempre próximo mesmo na precariedade.

Nessa falta da qual falávamos não estaria uma possível resposta à questão agostiniana? Uma compreensão possível da definição de João que afirmava que "Deus é amor"? Esse Deus-amor que se mostra como falta não se apresenta ao sujeito como um grande vazio e que por ser vazio permite que o próprio amor circule e habite entre nós? Não estaria a experiência mística ancorada sobre essa mesma compreensão de Deus como vazio? Visto dessa forma, Deus deixa de ser visto como um "Deus da necessidade", ou seja, um Deus que se coloca como resposta possível para toda a falta que

o sujeito possa ter, e passa a ser visto como "Deus do desejo", ou seja, um Deus que surge da aceitação da própria carência, visto como esse grande vazio que longe de querer tamponar a falta do sujeito se coloca como um possível horizonte para ele. E por ser horizonte, se mostra sempre em um constante devir, mas sempre presente.

Na relação do homem com a religião na contemporaneidade acontece o que aqui chamarei de uma espiritualização instrumental da vida. Um movimento crescente de pessoas que nas redes sociais, e às vezes até mesmo na vida diária, adotam agora "novas posturas", "novas formas de vida", que agora afirmam se dedicar à yoga, alimentação saudável, cultura da paz, práticas exotéricas, mapas astrais, lemas budistas, práticas milenares de meditação, etc.

Esse fato, mesmo parecendo ser recente, é algo que já acontece há algum tempo em nossa sociedade totalmente permeada pelo individualismo e pela ausência de referenciais. Esse novo tipo de "espiritualidade" é o que chamamos de "religião light", ou "religião à la carte", ou até mesmo "religião portátil". Todos esses conceitos trazem em si a noção de que a apropriação que um indivíduo faz de preceitos religiosos é, diversas vezes, meramente instrumental e aliada às demandas do próprio capitalismo. Não é raro vermos pessoas afirmarem que assim que começaram a meditar se sentiram mais dispostas para o trabalho, que rendem mais em suas atividades, etc. Eis a prática espiritualizada servindo em grande parte para a exacerbação da produção.

A religião light se evidencia principalmente entre os mais jovens que na ânsia de encontrar algum sentido diante das diversas sensações que o mundo oferece começam a ver em práticas religiosas uma possível saída para o estado de anomia. Assim, o sujeito encara de forma muito tranquila o fato de seguir preceitos budistas e fazer *coaching* para produzir melhor. Ou então ele se sente muito bem praticando yoga, mas trabalhando freneticamente porque tem no acúmulo financeiro um objetivo inegociável de vida. Para esse sujeito é muito tranquilo participar de festas consumistas em que a dinâmica efêmera da vida está toda estampada, contanto que a proposta apareça com o nome de "Krishna" ou alguma outra entidade oriental. Esse sujeito da religião *light* é ele mesmo um indivíduo *light*, descomprometido com tudo, que tem na ausência de conflitos a sua razão de viver.

A religião à la carte é exatamente esse movimento de se servir de preceitos religiosos em uma espécie de *self service* onto-metafísico em que o "cliente" (afinal, a sua apropriação na maior parte das vezes é para se aliar à dinâmica do capital) é livre para se apropriar do que achar mais interessante para a sua vida. Com o seu prato ele se serve da mística cristã, da sabedoria budista, dos tambores africanos, da serenidade das religiões orientais, da yoga, da meditação e monta o seu prato pronto para ser devorado durante o horário de almoço da sua vida em busca de dinheiro. Essa relação do indivíduo com a religião marca uma tendência contemporânea no mundo da ausência de referenciais. A sociedade líquida (como Bauman gostava de chamar) traz consigo essa liquidez nas relações que o homem estabelece com a religião. A religião *light* é uma religião descomprometida,

sem afeto, sem amarras metafísicas, sem compromissos ontológicos; ela se torna simplesmente um instrumento para o sujeito se sentir melhor. E esse "sentir melhor" pode ser simplesmente um "comer comida orgânica", "meditar algumas vezes por semana" e se sentir "transcendendo a efemeridade da vida" por alguns minutos em silêncio.

A religião *light* ou à la carte é ao mesmo tempo uma "religião portátil", ou seja, aquela que o indivíduo tem "sempre à mão" para pegar o que precisar, quando precisar, para a tarefa que precisar. Se em um determinado momento ele precisa justificar uma determinada prática que pode ter alguma pega com algum preceito budista, o sujeito simplesmente se apropria daquilo e utiliza sem precisar conceituar ou colocar tal preceito dentro do arcabouço teórico a que tal conceito pertence. Ele é simplesmente utilizado pelo sujeito segundo seu bel prazer e o mesmo acontecendo com os diversos rituais das diversas religiões.

As religiões orientais são talvez as que mais são apropriadas pelo ocidente devido à sua forma bastante diferente de ver a relação do homem com o mundo. Daí muito facilmente vemos os mais diversos praticantes de yoga, meditação, práticas alimentares, que simplesmente estão fazendo estas determinadas coisas para otimizar a sua vida financeira ou sua vida profissional, enfim, para render melhor na dinâmica do capital. Isso marca uma deturpação curiosíssima da função consagrada da religião que em sua dinâmica está totalmente alheia à noção de "produção". A religião *light* permite ao sujeito se sentir melhor, mas mantendo a mesma dinâmica neurótica que o aprisiona dentro da estrutura do capitalismo. Nesse sentido, podemos dizer sem nenhuma dúvida que a religião *light* é o fenômeno que marca a apropriação da religião pelo capital.

A religião, de doadora de sentido para a existência, se transforma em um meio para otimizar a produção do sujeito na dinâmica capitalista; e quando ela se torna isso, há muito tempo já perdeu o seu sentido de ser.

PRECISAMOS DE UM NOVO LUTERO?

Sem dúvida, a reforma protestante iniciada por Lutero foi um fato decisivo para a história mundial e principalmente para a igreja cristã ocidental. Quando, em 1517, Lutero pregou as 95 teses na porta da Igreja do Castelo de Wittenberg, protestando contra as práticas da igreja católica romana, desencadeou um movimento que atingiu todo o mundo posteriormente. De suas ideias reformistas vieram após ele Calvino, John Wycliffe, Zwinglio e vários outros que levaram os ideais da reforma protestante mundo afora.

A reforma protestante, antes de tudo, foi uma reforma pedagógica. Ao propor o livre exame da Bíblia, propor que a Bíblia deveria ser lida por todos em sua língua materna e realizar uma tradução da Bíblia voltada para o povo, Lutero iniciava talvez a maior reforma pedagógica já vista na Europa. Agora, o povo podia ter acesso ao texto sagrado diretamente, sem precisar do clero para dizer o que Deus tinha a dizer. A Bíblia passa a fazer parte da vida de várias pessoas, várias delas passam a aprender a ler através dela. O texto sagrado é dado ao povo e a esse povo é dada também a dignidade de poderem eles próprios entender os mistérios divinos. O povo se aproxima então do Verbo. A palavra se faz texto e habita entre eles.

Os "cinco solas" marcam a nova teologia proposta por Lutero. São eles: *Sola fide*, *Sola scriptura*, *Solus Christus*, *Sola Gratia*, *Soli Deo Gloria*. Com esses cinco princípios, uma nova teologia nasce e com ela uma nova relação entre o homem e a igreja institucional. Não abordarei aqui a teologia luterana baseada nesses cinco Solas, nem mesmo as doutrinas defendidas por Lutero, tais como a predestinação, a negação da transubstanciação, etc., uma vez que o texto ficaria muito grande.

Muito tempo se passou e hoje várias pessoas dizem que precisamos de um novo Lutero para reformar novamente a igreja protestante que há algum tempo perdeu muito o seu caráter de protestar contra as coisas. Hoje em dia é capaz da maioria dos protestantes nem mesmo saber o que são os cinco solas de Lutero, e muito menos o que eles implicam e implicaram na relação entre homem e igreja.

Hoje, dia 31 de outubro, se comemora a reforma protestante, mas realmente o que se pode comemorar hoje dado o protestantismo atual? Talvez comemora-se apenas uma data, um fato histórico com toda a sua importância eclesiástica, e nesse sentido não perde o seu valor enquanto evento histórico. No entanto, na prática celebramos a decadência do protestantismo praticamente todos os dias nas mais diversas celebrações e cultos que temos na TV, rádios, etc. Não é de se espantar o descrédito de vários setores do protestantismo hoje na sociedade brasileira. Em um texto

há algum tempo, disse que faço uma diferenciação entre evangélicos e protestantes. Dos protestantes saem os evangélicos e o que vemos a cada dia é que a herança de Lutero se perde a passos largos.

A igreja evangélica brasileira e vários de seus líderes fazem questão de se distanciar cada vez mais dos 5 solas propostos por Lutero e ao mesmo tempo afastar-se do texto bíblico que deu origem à fé cristã. Curiosamente, o protesto de Lutero parece ter dado início a um grande círculo que agora vê uma espécie de retorno ao seu início. É bastante óbvia a associação entre as campanhas, os óleos ungidos, as correntes, e toda sorte de "magia cristã" (todas elas com algum preço, é óbvio) com as indulgências da época de Lutero. Só que agora, ao invés de prometerem um lugar no céu, promete-se um bom lugar na terra, uma mansão, uma boa empresa, um lucro exorbitante. Nada mais próximo da sociedade capitalista de hoje. Se na época de Lutero o mundo ainda era "encantado", para usarmos a expressão de Weber, o desencanto da modernidade gera novas promessas e todas elas vinculadas à dinâmica do capital, afinal, hoje em dia não faria muito sentido prometer que se você fosse durante 7 sextas-feiras teria um lugar no céu. Faz mais sentido afirmar que você terá uma grande empresa, ou uma casa nova, ou qualquer coisa mais vinculada à aquisição de bens que as traças e a ferrugem consomem.

Nesse caso, será que um novo Lutero, como vários insistem, resolveria o problema ou apenas daria início a mais um círculo que dentro de alguns anos veria de novo o seu colapso diante de um eterno retorno do mesmo? As 95 teses que trazem uma tentativa de uma reformulação teológica da igreja católica levou a um excesso de teorização que muitas delas não fazem mais sentido hoje, ao mesmo tempo, o livre exame da Bíblia acabou se tornando desculpa para as mais diferentes interpretações e teologias que vemos hoje em dia. Uma pior que a outra. Talvez o exemplo de Lutero nos mostre que a igreja deva ter como baliza não apenas uma teorização, mas ao mesmo tempo uma vivência. Lutero foi um exemplo de fé que levou às últimas consequências sua proposta.,

Recentemente, Paul Valadier nos disse que para a igreja (e nesse caso se referia à Igreja Católica Romana) conseguir lidar com o pluralismo em seu seio seria preciso lembrar o exemplo de Inácio de Loyola. Do seu ponto de vista, Valadier nos diz que a espiritualidade inaciana "convida o homem a abrir-se para o desejo de Deus, para si e para o mundo, mobilizando sua afetividade, suas capacidades intelectuais e sua vontade para descobrir o que deve ser feito aqui e agora. Ela defronta cada indivíduo com sua vocação própria e única, mergulhando-o, portanto, na atualidade histórica em que a graça de Deus o chama a ser, em vez de cair no vazio (naquele do pecado), a viver, ou de

perecer, conforme a antiga sabedoria bíblica. (...) Para tanto, precisamos de outro Inácio, se quisermos evitar o surgimento de outro Lutero."¹

Dessa forma, concordando com Valadier, vejo que a necessidade maior hoje não seria de um novo Lutero, mas um retorno a uma vida cristã autêntica que teria no Cristo o seu exemplo maior de conduta. Uma cristandade que tem como foco o levar a vida abundante onde ela não há, e assim propor um novo paradigma ao mundo. Acredito que só assim a religião cristã poderá de novo ter algo a dizer ao mundo em tempos tão caóticos que vivemos. Lutero então pode ser visto como um divisor de águas na história da igreja e sua fé com certeza pode ser considerada um exemplo para nós, assim como todo o seu empenho de fazer a igreja retornar às suas bases no intuito de reformar o catolicismo. No entanto, no mundo atual não serão novas teses que farão com que a igreja refaça seu caminho em direção ao próximo, mas sim um retorno a uma espiritualidade que tem no próprio Deus o seu foco, e aqui, concordando com Levinas, penso que o próprio Deus só pode ser encontrado na figura do próximo. Daí talvez o conselho de Valadier no sentido de precisarmos de um outro Inácio e não um novo Lutero.

¹ A entrevista completa pode ser lida no site < <http://www.ihu.unisinos.br/entrevistas/513864-a-igreja-so-tera-credibilidade-se-em-seu-seio-o-pluralismo>>.

CRESCIMENTO OU PROLIFERAÇÃO? DESAFIO DA IGREJA EVANGÉLICA BRASILEIRA

Quando se faz um diagnóstico da igreja brasileira de hoje, o que vem à tona é a forma como essas igrejas têm aumentado tanto em número quanto em ostentação e como tem se conduzido essa hipertrofia (no presente texto não será tratada a questão da ostentação, mas apenas o problema do crescimento numérico como alvo principal dentro das igrejas evangélicas).

A pergunta do título deve incomodar a todos aqueles que se preocupam com a igreja brasileira.

O dicionário Larousse define os termos “crescimento” e “proliferação”, cujos significados poderemos perceber uma nítida diferença. A definição de crescimento é: “Ato de crescer, aumento da dimensão principal de um ser, animal ou vegetal, sob o efeito da nutrição, até chegar a um estado adulto, quando cessa esse aumento. Aumento de um rebanho pelo nascimento de filhotes. Ganho de peso vivo dos animais. Desenvolvimento, progressão”.

E o significado de proliferar é: “multiplicar-se rapidamente, ter prole reproduzir-se, crescer em número.”

Será que a igreja brasileira tem crescido ou proliferado? O que se vê hoje no Brasil é que as igrejas evangélicas brasileiras têm proliferado e não crescido.

Segundo a definição de crescimento dada acima, infelizmente o que se vê na igreja evangélica brasileira é que na maioria delas não há o principal da definição: o efeito da nutrição. Não há a preocupação com a nutrição no processo e por isso a maioria dos seus membros nunca chega a se tornar adulta. Eles não progridem, não desenvolvem, que são outras características do crescimento. Há sim o aumento de meninos como descritos em Efésios 4:14,15 e I Coríntios 3:1-5. Meninos levados por todo vento de doutrinas, meninos que não conseguem comer comida sólida, ficando apenas a base de leite.

No entanto, o processo de proliferação é muito mais simples. É simplesmente crescer em número e se reproduzir rapidamente. A igreja evangélica brasileira, hoje, está em um largo processo de proliferação e num período de um crescimento decadente

Algo interessante sobre o conceito de proliferação é a reprodução. O próximo ser advindo na proliferação será sempre igual ao que lhe deu origem. Portanto, qual o resultado se o ser de origem for de má qualidade? Cada vez se produzirão mais rapidamente, originando seres de má qualidade. Sob esse ponto de vista é melhor para a igreja o meio que esse crescimento proliferativo cesse. O estrago será menor no meio se esse processo terminar.

O crescimento é um processo complicado. Ele exige nutrição e essa nutrição não pode ser qualquer coisa, mas tem que ser um tipo de alimento específico que fará com que o ser em questão se desenvolva e progrida no desempenho de sua função e o mais importante é que, no final do processo, esse ser possa se tornar adulto.

Paulo passou pela experiência de observar que a igreja não crescia. Ele diz na sua primeira carta aos Coríntios que queria oferecer ao povo uma comida sólida, mas que eles ainda estavam tomando leite (I Coríntios 3:1-5). O processo de crescimento passa primeiro pela qualidade e só depois passa pela quantidade. Quando Paulo fala aos coríntios ele está se queixando de que aquela igreja não cresceu. Ela não chegou a se tornar adulta, que é o fim do processo de crescimento.

O tornar-se adulto é ser capaz de tomar decisões, raciocinar para ver qual a melhor diretriz, ter responsabilidade sobre seus atos. Esse é o objetivo final do crescimento. Quando se está apto a tomar tais decisões com conhecimento de causa e com consciência do efeito dessas, daí pode-se dizer que se chegou à idade adulta.

Mas como chegarão a ser adultos sem nutrição? A palavra de Deus que deveria ser dada diariamente para que se cresça é negligenciada aos que têm fome, ou quando é dada, é dada de forma relapsa por meio de líderes que na maioria das vezes não sabem preparar a comida. Líderes despreparados que não manejam bem a palavra da verdade, que carecem de instrução para instruir o povo, líderes que não fazem noção da responsabilidade que têm nas mãos e, finalmente, líderes que guiam os pequeninos diretamente para a boca dos lobos.

O processo de crescimento tem outra característica muito marcante: o tempo gasto para que o processo se conclua. O crescimento é demorado, exige esforço e exige empenho. Ninguém espera que uma árvore cresça de um dia para o outro. O processo de crescimento da árvore é lento, exige o cuidado de quem plantou e toda uma série de procedimentos para que ela cresça da melhor forma possível. No entanto, o fruto colhido dessa árvore ou a sombra que ela fornece quando chega à sua idade adulta não tem preço. Todo esforço é compensado no final do processo.

A proliferação já é um processo rápido e que não exige cuidado algum. O importante é que o ser gere outro igual a si, independente de ser de boa qualidade ou não. O quantitativo é o importante e não o qualitativo. Por exemplo, as amebas se comportam dessa maneira. Elas simplesmente se reproduzem. Elas proliferam a cada segundo de forma exponencial, gerando seres idênticos a si mesmos.

Propostas como a ideia do G12 ilustram muito bem esse tipo de visão. Na maioria das igrejas onde esse sistema foi implantado o que se vê é uma enorme preocupação com a quantidade e muito pouca preocupação com a qualidade. O objetivo da célula é crescer e multiplicar, ela tem que proliferar (não é nossa intenção aqui criticar o sistema do G12, apenas tomo o exemplo por ilustrar muito bem o tipo de proliferação ao qual o texto se refere. Sabemos que existem igrejas que trabalham com o sistema G12 que primam pelo conhecimento e amadurecimento na palavra, prática essa que não é muito comum na maioria das igrejas que adotam esse sistema).

Independente do estágio em que ela estiver, quando der o tempo certo ela terá que gerar outra célula igual a ela. Quer dizer, se a célula está somente preocupada em proliferar, a próxima célula herdará esse objetivo. Uma vez assimilado esse objetivo, a nova célula tende a espalhar mais mal do que a célula de origem. Esse é um dos principais processos de proliferação que se vê hoje em dia.

Cada vez mais se abrem igrejas e mais igrejas com o suposto idealismo de se “pregar o evangelho a toda criatura”, mas que por trás disso se encontra nada mais do que um egocentrismo do líder que originou tal igreja.

Na maioria das vezes, não se vê a igreja fazendo esforços no sentido de cooperar para que seus membros cresçam, pelo contrário, incentiva-se a proliferação. A igreja evangélica brasileira passa por um dilema no qual ela tem que decidir se quer proliferar como as amebas ou crescer como as árvores. Infelizmente, até o momento tem-se decidido pela primeira opção.

A INSISTÊNCIA DO SENTIDO - GIDEÃO

Uma das coisas interessantes sobre o texto bíblico é a sua insistência na não ausência de sentido do sofrimento. É como se o texto bíblico ousasse sempre afirmar que por mais tenso que possa parecer o momento enfrentado pelo protagonista da história, sempre haverá um sentido para além do mero ocorrido. Podemos ressaltar diversos personagens, desde o principal deles (Jesus) até alguns outros como Gideão, Davi, Salomão, Raabe, Judas, João, etc. Em todas essas histórias, a insistência em afirmar o sentido para além do aparente sem sentido do sofrimento se faz presente.

Uma característica do texto bíblico dessa insistência no sentido é a de mostrar-nos que, mesmo diante da dor mais forte, há sempre a possibilidade de esperança e nunca a opção do abandono. Quem não se lembrará do próprio Jesus na cruz clamando "Deus meu, Deus meu, por que me desamparaste" como um grito que aponta para uma suposta ausência de sentido em todo aquele sofrimento, mas que no final revela que o salto da fé ainda pode ser dado confiando o seu espírito a quem nunca o abandonou?

Paulo nos dizia que a paz de Cristo excede a todo entendimento e ao mesmo tempo o Eclesiastes nos afirma que há tempo para todo propósito debaixo do sol. A paz que excede o entendimento e a temporalidade que nos cerca parece nos remeter a uma dimensão curiosa da nossa relação com Deus. O Deus que nos transcende, e que por mais que tentemos explicá-lo acabaremos apenas falando um pouco mais de nós mesmos e de nossas convicções, é o mesmo que só pode ser experienciado "debaixo do sol", ou seja, na temporalidade, na nossa finitude, na nossa existência no mundo. O sentido do aparente paradoxo se mostra para além da mera dicotomia entre transcendência e temporalidade. É como se em última instância só pudéssemos vislumbrar um sentido oculto quando percebemos que há algo que não entendemos. De alguma forma, é como se o pensamento apressado fosse o que insistisse na ausência de sentido, enquanto o olhar detido buscasse incessantemente tal sentido.

Um exemplo interessante é o das "provas de Gideão" para saber se Deus o havia escolhido mesmo para a tarefa, como descrito no capítulo 6 do livro de Juízes. A situação em Israel estava péssima, pois eles estavam sob domínio dos midianitas. Nesse contexto, Gideão recebe a visita de um "anjo do Senhor" afirmando que Deus livraria Israel dos midianitas por intermédio de Gideão. Na história, Gideão se mostra muito cético quanto à proposta do anjo e pede então um sinal para ter certeza de que Deus lhe enviara para derrotar os midianitas. Depois das duas provas serem satisfeitas por Deus, Gideão acredita e passa a guerrear para livrar Israel dos midianitas.

A história de Gideão nos mostra um pouco disso que estamos falando sobre a insistência de sentido que o texto bíblico nos aponta. Aparentemente, as provas de Gideão se mostram como infundadas, afinal, é um enviado de Deus que já realizou um milagre na sua frente quem está falando com ele; já está mais que "provado" que Deus estaria enviando Gideão de forma que pedir "mais duas provas" soa como algo que nenhum ser humano faria diante de Deus. No entanto, a insistência de sentido se mostra no seguinte fato: a partir das provas, a temporalidade é capaz de transcorrer e Gideão é capaz de aceitar a tarefa que lhe tinha sido designada. Gideão precisa de tempo para assimilar a tarefa e as provas dão a ele algo além da mera prova, mas um tempo para pensar, refletir e finalmente se encorajar para a tarefa. O tempo é capaz de nos tornar corajosos e sábios para perceber qual a nossa tarefa e o quanto estamos preparados ou não para executá-la.

Para além disso, há o fato de que Gideão não passa do "menor na casa de seu pai", ou seja, é uma "escolha de Deus" extremamente sem sentido para um comandante de um exército no contexto bíblico. A suposta ausência de sentido se mostra também nesse fato de uma escolha pelo menos óbvio, pelo último, pelo fraco, mas nessa escolha, o texto visa mostrar um sentido que aponta para o fato de que Deus é capaz de capacitar até o mais fraco, no momento mais difícil, no contexto mais desfavorável. A escolha de Deus e as provas de Gideão nos mostram essa insistência de sentido que aludimos mais acima.

Uma coisa que sempre achei bem estranha, embora tenha aceitado por muito tempo, é a noção de que Deus estaria de alguma forma usando o "deserto" para nos testar. Sempre quando alguém falava algo desse tipo me vinha à mente a ideia de um Deus sádico que gosta de atormentar os seus filhos para que eles aprendam "a qualquer custo" seja lá o que for.

Essa mesma visão de um Deus sádico sustentada por uma leitura literalista do texto de Jó sempre me deixou bastante inconformado. De alguma forma, parece que esse "Deus" precisa que alguém sofra para que ele possa ensinar algo, como se de alguma forma o mais importante não fosse o ensino e sim a "sofrência" do impotente. É a figura do Deus que usa o câncer para ensinar alguém, ou leva fulano de tal à falência para fazer o sujeito se converter.

Para mim, essa forma de pensar a figura de Deus é extremamente infantil e extremamente injustificada, pois afirmar que "os pensamentos de Deus são maiores que os meus pensamentos" em nada retira desse Deus o seu caráter sádico que algumas pessoas insistem em colocar como característica Dele. Por trás da permissão para o sadismo de Deus está o conforto que a noção de onipotência divina trás para aqueles que preferem não encarar a dureza da vida, mas preferem se ancorar em uma visão paternalista de um Deus que o próprio Jesus demonstrou na cruz não ser assim sempre tão presente.

Esse Deus que visa responder todas as faltas, ser aquele que tampa a falta estrutural do humano, aparece sempre como uma grande ilusão, uma tentativa desesperada do ser humano de lidar com aquele desamparo que é estrutural, mas sem aceitá-lo, e por isso várias vezes esse Deus adquire essa fase sádica. No entanto, esse sadismo se mostra como sombra imperceptível diante do discurso da onipotência divina que tem "pensamentos mais altos que os nossos" e por isso tem todas as ações justificadas por sempre saber o que virá mais a frente.

Esse mesmo Deus sádico se mostra também na doutrina da retribuição, tão cara à maioria do Antigo Testamento em que a visão de Deus recorrente era a daquele que deveria abençoar apenas os que fizessem tudo corretamente e deveria punir aqueles que não agissem da forma como prescrita por Ele. Talvez um dos textos em que essa proposta aparece de forma mais veemente seja Deuteronômio 28 em que as bênçãos e maldições são descritas de forma circunstancial, "Se me obedecerdes essas bênçãos seguirão", "se não obedecerdes essas maldições seguirão". Um detalhe

interessante é que constam 13 versículos sobre as bênçãos e 53 versículos sobre as maldições, o que a meu ver nos diz muito da visão sádica que se tinha de Deus na época da escrita do texto.

Algo que talvez achamos estar tão afastado de nós ainda é visto com muita força em diversos lugares, igrejas, redes sociais, ou seja, essa mesma ideia de que Deus estaria usando o sofrimento para aprendizado, ou até recompensando os bons e punindo os maus, mesmo quando já no Eclesiastes essa ideia é fortemente questionada. E aqui é interessante notar como a crítica do Eclesiastes é bastante ignorada por vários até hoje; É como se confirmasse aquilo que falamos anteriormente: que uma visão sádica de Deus fosse algo preferível a assumir a ideia de um Deus não tão potente assim.

"Apenas um Deus fraco pode nos salvar", já afirmava Žižek, e aqui concordo com ele, pois esse Deus fraco se mostra como antítese daquele Deus sádico que insistimos em manter por perto como forma de aplacar a nossa dor de existir. Esse Deus fraco pode ser visto na pessoa de Jesus que experimenta o abandono, que não oferece todas as respostas, que sofre com a injustiça, que não se conforma com a exploração do templo. Esse Deus fraco aparece também hoje em nossa época, na qual não se há respostas definitivas para nada. Um Deus todo poderoso pouco tem a dizer para a nossa hipermodernidade.

Na ausência das respostas definitivas, o que aparece é apenas uma pequena voz que clama no deserto. E aqui o deserto não se mostra como "lugar onde Deus nos testa", mas sim como o único lugar onde Deus pode se fazer presente; esse Deus não mais visto como um Deus sádico que deseja obediência a todo custo, mas visto agora como algo ou alguém que se apresenta para o homem em meio à falta que não será aplacada por nada. Ao invés de um Deus que aparece como algo que tampará a falta do sujeito, um Deus que se apresenta como um grande vazio, mas que por ser um grande vazio é passível de se tornar um grande sentido para o sujeito.

Se a visão de um Deus sádico nos conforta por conta da sua suposta onipotência que o desculpa por todas as suas ações, a visão de um Deus fraco nos coloca diante da nossa própria existência, nos responsabilizando por nossas próprias ações sem ninguém além de nós mesmos para culparmos. Ao invés de um Deus infantilizado, um Deus que se mostra de outra forma, ou seja, o Deus de Jesus, que longe de dar todas as respostas, se mostra presente apenas em sua ausência e por isso se constitui sempre um possível horizonte para o sujeito.

NÃO PRECISAMOS TEMER OS DEUSES

"Nós não precisamos temer os deuses".

(Para quem não sabe, o *tetrapharmakón*, ou “os quatro medicamentos” é um conjunto de princípios proposto por Epicuro que propõe 4 ações que conduziriam o homem a uma vida feliz. O primeiro “medicamento” é o que exponho nesse texto, ou seja, a noção de que não devemos temer os deuses.)

A noção que temos de Deus aqui no ocidente se deve muito ao pensamento da igreja católica e às diversas investidas por meio das cruzadas e várias missões das quais temos conhecimento, com o intuito de “cristianizar” a população. Vou procurar aqui relatar um pouco da concepção que Epicuro faz a respeito dos deuses. Obviamente que, pela riqueza do conceito, não será possível abordar todas as vertentes possíveis de tal "medicamento", mas os apontamentos aqui servem como introdução ao tema.

Para começar, é preciso definir a concepção que Epicuro faz a respeito dos deuses, pois é completamente diferente da visão ocidental de Deus. Uma coisa que precisa ser entendida é que a lógica, a física e a ética integram plenamente a "teologia epicurista.”^{2 3}

Primeiramente, não existe um monoteísmo em Epicuro, o qual sempre se refere aos deuses e nunca a um deus somente. O politeísmo era a crença predominante no mundo grego. Para Epicuro, mesmo que o conhecimento que temos dos deuses seja imediato, os deuses não se importam com as coisas dos humanos. Epicuro não nega a existência dos deuses, ele apenas afirma que a imagem que fazemos dos deuses é equivocada.

Não devemos atribuir aos deuses nada que não lhes é próprio, como a inveja, a ira, e outros atributos que já vemos desde os cantos homéricos. Os deuses para Epicuro viviam em comunidades e filosofavam. No entanto, eles se comunicam com os homens enquanto eles dormem. Isso se dá através de algo que Epicuro chama de “eflúvios” ou “simulacro”, que seriam como uma membrana que sai dos átomos e alcançam os ouvidos, ou o tátil ou a visão, etc.

² EPICURO. Carta sobre a Felicidade (a Meneceu). – Editora Unesp.

³ RODIS-LEWIS, Geneviève – *Épicure et son école*, collection idées. Editions Gallimard, 1975.

Para entender a concepção epicurista dos deuses temos que entender também como que os átomos se organizam para eles. Epicuro era um atomista, ou seja, ele assume a posição de que o que existe é apenas átomos e vazio, dessa forma, tudo o que acontece é necessário. Não é um determinismo propriamente dito, pois há certo desvio na “cascata” que os átomos formam. Para ele, os átomos caem em uma eterna chuva. Assim seria a situação antes da formação de qualquer coisa na cosmologia de Epicuro: os átomos cairiam sem destino algum, apenas fazendo sua dança em meio ao vazio. No entanto, em algum momento, não sabendo o porquê, eles sofrem um desvio e se chocam, começam a se aglomerar e as coisas são formadas a partir daí. Os átomos que antes caíam paralelamente começam a se desviar e passam a se chocar formando o nosso mundo. Esses desvios eram chamados de *parenclises* ou *clinamem*. Com o *clinamem* podemos ter a noção de uma ação individual livre. Só porque há o *clinamem* é possível a liberdade das ações. Esse desvio nega a ideia de um fatalismo. O desvio seria um fruto de uma liberdade, que no caso de Epicuro é essencial para pensar uma ética onde tudo seria átomo e vazio. Esse encontro entre os átomos seria aleatório, ele não tem uma causa, ele não obedece ao princípio de razão, ele poderia ter ocorrido de outra forma que não a que aconteceu. Ele simplesmente aconteceu. Fruto de uma liberdade. Se não houvesse esse desvio, segundo Epicuro, não teria como os compostos se formarem, pois eles caem paralelamente. Isso implica que deve haver um momento em que esses átomos se desviem para formar os compostos (tal ideia de "desvio" e "aleatoriedade" será importantíssima para o que depois será conhecido como "materialismo aleatório althusseriano".)

Os deuses na filosofia de Epicuro têm uma implicação ética porque eles servem como modelo das ações. Essa é praticamente a única função dos deuses em Epicuro. Não há motivo para temer os deuses porque eles não se importam com os homens e nem com o que eles fazem.

Algo interessante que Epicuro afirma é que os deuses não interferem no nosso destino. Eles apenas vivem em comunidade. Com a noção do *clinamem* há uma responsabilidade para nossas ações que independem dos deuses. Nós somos responsáveis pelo que fazemos.

Outro ponto que diverge o pensamento epicurista do pensamento que nós temos a respeito de deus é o fato de que, segundo Epicuro, a noção que nós temos dos deuses é o que nos aprisiona a eles. Para Epicuro, não existe uma vida pós-morte e isso nos impele a viver uma boa vida aqui na Terra. Segundo ele, essa crença em uma vida pós-morte apenas nos aprisiona a uma realidade que não existe. Deixamos de viver uma vida aqui em função de uma vida em outro lugar.

Para Epicuro, o verdadeiro conhecimento dos deuses nos liberta, pois se sabemos que os deuses não se preocupam conosco e que eles estão apenas preocupados com aquilo que eles mesmos fazem, isso não coloca em nós nenhuma coerção para realizar as nossas ações, na espera de receber algum tipo de favor ou punição por parte deles.

Epicuro faz um corte drástico entre os deuses e os homens. Tal corte se dá não pelo fato de o homem querer se aproximar dos deuses e estes não o permitirem. Tal corte também não se dá a partir da noção de criação em que Deus seria o criador e o homem uma criatura, uma vez que entre os gregos não há a noção de criação. Os deuses em Epicuro não são deuses criadores ou formadores do universo. O universo para Epicuro é infinito e aberto. Não há uma dependência do homem em relação aos deuses. O corte em Epicuro se dá na falta de relação do homem com os deuses. O homem deve se relacionar com outros homens e não com os deuses. Assim como os deuses só se relacionam com os seus semelhantes, assim também o homem deve se relacionar com os seus semelhantes. A vida na terra é completamente diferente da vida entre os deuses. Não há uma relação direta entre homens e deuses.

O primeiro princípio do *tetrapharmakón* é realmente muito rico em sua concepção e de uma implicação ética enorme. Segundo Epicuro, esse primeiro princípio, se seguido pelos homens, pode ajudá-los a viver uma vida feliz e afastada das preocupações, que é o objetivo de todos os homens. É interessante notar que Epicuro começa o *tetrapharmakón* afastando a ideia de deus como doador da felicidade e colocando o homem como responsável por viver como “um mortal entre os imortais”.

Essa é uma pequena reflexão feita a partir de Mateus 12:1-13 que está logo na sequência do versículo supracitado no início desse texto.

O trecho de Mateus 12 mencionado mostra Jesus tratando a questão da lei a partir de dois exemplos. O primeiro exemplo se dá a partir de uma crítica dos fariseus de que os discípulos de Jesus estavam colhendo espigas no sábado, contrariando o quarto mandamento, a qual Jesus rebate afirmando que Davi comeu os pães da propiciação no sábado, coisa que lhe não era lícito fazer, e depois afirma que até mesmo os sacerdotes violam o dia de sábado no próprio templo e nem por isso são culpabilizados pelo feito. O segundo exemplo se dá com a cura do homem da mão ressequida que também se dá no sábado, apontando para o valor da pessoa humana que sempre deve sobrepor à lei.

Jesus, ao apontar a dimensão humana da lei (aparentemente desconhecida pelos fariseus), propõe uma nova abordagem do mandamento não mais atrelado à sua forma, mas ao seu significado. A lei, quando tomada apenas como obstáculo para a realização humana, tem como grande destino ser transgredida. Se a entendemos como possibilidade de humanização do sujeito, como diferenciação deste do reino animal, a lei não se coloca como limitadora da liberdade, mas como condição para a vida humana e condição para a própria liberdade.

Jesus, ao propor um repensar a lei a partir dos dois exemplos citados, quer mostrar que a lei não deve ser vista como algo que tem como fim cercear o homem da sua liberdade ou inseri-lo em uma dimensão neurótica de estar sempre em débito com algum mandamento, mas visa inserir o homem no mundo da cultura que, para além de toda limitação da liberdade, visaria exatamente o seu contrário: a humanização do sujeito.

A reinterpretção da lei, como proposta pelo Cristo, visa colocar o homem, e não o mandamento, em primeiro lugar. Daí podermos entender quando Jesus nos afirma que "não foi feito o homem por causa do sábado, mas o sábado por causa do homem" (Marcos 2:27), ou seja, a primazia é a humanização do sujeito pela lei e não a subjugação do sujeito pela lei. A lei tomada como cerceadora da liberdade traz um jugo enorme, pois como já nos adverte o próprio Tiago, "quem peca em um aspecto da lei é condenado por ela toda" (Tiago 2:10), ou seja, ao se pautar pela tentativa de "cumprir toda a lei" o homem se insere em uma dimensão neurótica onde o débito em relação à lei sempre se sobressai ao seu cumprimento, de forma que não raras vezes a culpa é companhia presente para esse indivíduo.

A lei, como instância humanizadora do sujeito, pressupõe que o limite seja estabelecido por ela. Esse limite me é imposto por um Outro que me castra do meu desejo de onipotência e me faz ver que o acesso ao gozo sempre precisa passar pela lei que, em última instância, é a lei da linguagem. É a lei da palavra.

No princípio do sujeito sempre há um verbo, pois sem a palavra nunca há sujeito, afinal, a partir da interdição da lei da palavra surge no homem o desejo. Lei e desejo humanizam o homem e é essa a dimensão da lei que Jesus propõe aos fariseus. A ênfase não está na forma da lei, mas em seu significado humanizador. Não está em seu cumprimento cego, mas está em compreender que o homem é sempre mais importante que a lei.

Talvez por isso seja possível a Jesus resumir toda a lei e os profetas no "Amarás a Deus sobre todas as coisas e o próximo como a ti mesmo". Amar a Deus sobre todas as coisas pressupõe que a relação com Deus não pode se dar no mesmo nível que a minha relação com as coisas do mundo. Deus não pode ser apenas mais um objeto com o qual tento preencher o vazio estrutural provocado pela palavra que me humanizou. Deus precisa estar para além de um mero objeto.

Amar o próximo como a mim mesmo pressupõe ao mesmo tempo o reconhecimento do meu valor enquanto pessoa, uma dose de narcisismo (que é necessário para todo amor possível), mas pressupõe também o valor do outro na dinâmica da humanização do sujeito (que não pode se constituir sem esse Outro). Sem o Outro não há sujeito para se relacionar com a lei, sem o narcisismo não há a possibilidade do amor ao próximo e sem ambos não há como haver um sujeito que se relaciona com Deus.

A proposta de Jesus passa por um amar a si mesmo para que me seja possível amar o próximo e depois disso fazer o salto em direção a Deus como aquele que deve ser amado para além das coisas. Eu, o Outro e Deus.

Para haver lei é preciso haver um Outro que me coloca essa lei. A partir disso, eu sou capaz de me constituir como sujeito e me tornar essa estrutura desejante, que por causa deste grande "furo" na minha estrutura tentará preencher esse vazio de todas as formas. Se Deus aparece apenas como essa tentativa de tampar esse buraco, ele se transforma em uma grande ilusão. No entanto, a proposta do Cristo é para que esse Deus esteja acima de todas as coisas, pois apenas estando acima de todas as

coisas ele poderá ser visto não no seu caráter ilusório, mas talvez como uma grande aposta na busca de um sentido para a existência.

Esse Deus visto dessa forma necessita que o Eu e o Outro já tenham se encontrado para que só depois disso ele possa aparecer no cenário. A lei vista em seu caráter humanizador coloca o ser humano em primeiro plano e assim torna o jugo suave e o fardo leve, pois em sua base não está mais uma forma rígida, mas o amor que me une ao próximo e conseqüentemente me leva a Deus.

Vejo a proposta de Jesus como um convite à leveza. Para além da rigidez cega da lei, uma proposta humanizadora. Um fardo suave, um jugo leve.

É um fato surpreendente e às vezes até mesmo escandaloso (apesar da frequência com que, infelizmente, o temos de enfrentar) o estado de imaturidade que revelam determinados comportamentos, atitudes e posicionamentos religiosos de algumas pessoas. Temos, com efeito, a impressão de que, no âmbito do religioso, podem permanecer elementos enormemente infantis ao mesmo tempo em que em outros âmbitos da personalidade se produziu uma evolução e um desenvolvimento para a vida adulta. Profissionais qualificados, líderes sociais, pessoas cultivadas intelectualmente podem nos surpreender a qualquer momento com posicionamentos notadamente infantis, dependentes, mágicos, repletos de tabus ou ilusórios, os quais contrastam com as capacidades adultas, comprometidas, críticas e livres que manifestam em outros setores de suas vidas, tais como os profissionais, econômicos, políticos ou familiares.

É de fato desconcertante que uma pessoa que mostre um alto grau de capacidade crítica em relação a determinados posicionamentos teóricos ou uma atitude de saudável independência diante de determinadas pressões ambientais aceite de forma acrítica, no âmbito de suas crenças religiosas, qualquer tipo de formulação dogmática, ou que, em suas relações intraeclesiais (com seu diretor espiritual ou com seu grupo de fé), possa chegar a adotar as posições mais submissas e dependentes.

(Carlos Domingos Morano. *Crer Depois de Freud*. Edições Loyola. 2003. p. 127,128)

O fenômeno tão bem descrito por Morano pode ser visto todos os dias também nas redes sociais em que vemos proliferar vários e vários discursos em que uma visão completamente infantilizada de Deus parece ser a tônica. Um deus extremamente punitivo, vingativo, que apenas te aguarda depois da curva para que a bênção do livre-arbítrio se transforme em critério para a punição, etc.

Além disso, as inúmeras mensagens compartilhadas que colocam Deus como alguém que simplesmente fica contabilizando erros e acertos para no juízo final colocar tudo em pratos limpos. Um deus estático em que a noção de "não-mudança", que deveria ser entendida do ponto de vista ontológico, se transforma em algo visto do ponto de vista moral enfraquecendo consideravelmente o entendimento sobre Deus.

Um Deus completamente dicotômico para o qual só existem duas opções (bem e mal; certo e errado; preto e branco), um Deus extremamente rígido que apenas encarna a lei, um deus sádico, e que para muitos tem nessa mesma lei a forma mais pura de amor, distorcendo dessa forma tanto o conceito de "lei" quanto o conceito de "amor" que possamos atribuir a Deus.

Não raras vezes podemos ler e ouvir frases do tipo "Eu não sou nada, mas Deus é tudo", "Deus já planejou tudo", "os planos de Deus não podem ser frustrados". Isso soa como uma espécie de consolo diante das incertezas da vida e ao mesmo tempo demonstra, a meu ver, uma enorme dificuldade do indivíduo em lidar com o aspecto incerto da vida no mundo.

É como se de alguma forma Deus precisasse se manter onipotente/estático/onisciente/onipresente para que o indivíduo consiga existir minimamente. Fazer desse Deus uma espécie de projeção paterna faz com que a relação com Deus se dê de forma extremamente patológica e ao mesmo tempo aponta para uma dificuldade do sujeito em se responsabilizar pelas suas ações.

Seguindo a sugestão de Morano, essa visão infantilizada sobre Deus deve dar lugar a uma visão mais madura, ou uma visão adulta sobre Deus. É o que para Morano se caracteriza na diferença entre o Deus da criança e o Deus de Jesus. O Deus de Jesus seria um "Deus diferente", pois não se coloca como alguém pronto a realizar uma mágica para que as coisas aconteçam de acordo com o meu desejo, não se coloca como alguém que quer nos levar para o céu, nos salvar das mazelas do mundo, etc.

O Deus de Jesus se coloca como aquele que não providencia explicações para os problemas que a vida nos coloca, mas permite que vivencemos a vida na sua forma mais crua, mantendo-se como uma esperança para os que creem. É um Deus como o de Jó, que em meio ao sofrimento não responde às perguntas, mas apenas propõe outras em seu lugar, deixando as respostas sobre o sofrimento humano em aberto. É um Deus que longe de se mostrar onipotente, oferece apenas uma mensagem de vida, mas sem eliminar as angústias da existência. É um Deus que concede um lugar para a morte, pois esta se constitui como parte essencial da vida humana e em nenhum momento a nega, nem procura dar uma solução para ela.

O Deus de Jesus se coloca, portanto, como uma visão bem diferente em relação ao Deus da criança, mas para que estejamos dispostos a vivenciar esse Deus proposto por Jesus é preciso que estejamos dispostos a crescer. É preciso que estejamos dispostos a "matar Deus", matar esse Deus infantilizado, para que o Deus de Jesus de fato ressuscite dentre os mortos e de fato habite os nossos corações, trazendo vida e não morte e culpa. Não que deixaremos de nos referir a Deus como "pai" ou "mãe", afinal, essas estruturas remetem à noção de confiança, segurança, etc., que são extremamente importantes para nós enquanto humanos, mas ao nos referirmos a Ele dessa forma teremos a consciência de que tal prática remete à sua dimensão simbólica e não a elementos puramente projetivos. Talvez a partir daí estejamos mais próximos da proposta de Jesus que tinha a ousadia de chamar a Deus de pai sem que com isso apontasse para uma visão infantilizada sobre ele.

O EXEMPLO DE PROCUSTO E O EXEMPLO DE CRISTO

Por favor, me perdoe se para mim o mundo é assim. O que posso dizer além disso? Se nossas visões sobre as coisas são diferentes, se nossos valores são outros, se nossas lutas são tão distantes, o que dizer a não ser tal pedido de perdão?

Em vão será tentar convencer o outro daquilo que ele não acredita. Toda tentativa de convencimento acaba no final parecendo uma triste tentativa de reproduzir o mito de Procusto, aquele que procurava incessantemente uma mulher perfeita, mas sempre que encontrava alguma mulher era necessário levá-la para casa e fazê-la deitar em sua cama de pedra. Se a mulher fosse menor que a cama de pedra, ele se sentia compelido a esticar a mulher para que ela ficasse exatamente do tamanho da cama. Se ela fosse maior que a cama de pedra, ele simplesmente serrava os pés dela para que ela ficasse do tamanho da cama de pedra. Mais importante que a mulher era a cama para Procusto (há várias versões do mito de Procusto. Alguns afirmavam que sua cama era de ferro e ele seria uma espécie de sádico que mantinha duas camas diferentes de forma a cortar ou esticar qualquer um que deitasse na cama, mas eu gosto desta versão de alguém que procura alguém a partir de um padrão).

Em que medida isso não beira as nossas inúmeras tentativas de convencer o outro de algo que para nós geralmente aparece como algo inegociável? De alguma forma, é como se todos nós estivéssemos serrando, esticando pessoas para que elas sempre se ajustem à nossa cama de pedra, pois só assim elas poderão ser vistas como perfeitas para nós.

Triste Procusto que não enxergava a perfeição senão comparando com um modelo ideal. Triste de nós que várias vezes agimos igual ao Procusto sempre querendo que o outro seja de acordo com aquilo que imaginamos, de acordo com aquilo que esperávamos delas.

A nossa cama de pedra é muitas vezes mais importante que a própria pessoa que procuramos incessantemente. Nossos padrões às vezes são tão altos, tão rígidos, tão estanques que não admitimos por um segundo sequer que possa haver alguém que seja bom para nós sem fazê-la passar pela nossa cama de pedra.

Em um mundo onde supostamente as camas de pedra estão abolidas, uma vez que qualquer tentativa de padronização, qualquer tentativa de normalização, é vista como abusiva, ou como algo que não deve ser feito, é de se espantar que ajamos cada vez mais como Procusto.

Uma grande hipocrisia nos habita nesse sentido, pois ao mesmo tempo em que negamos e lutamos contra qualquer tipo de normalização ou padronização do que quer que seja, saímos todas as noites procurando alguém que seja do tamanho da nossa cama de pedra. É como se o laissez-faire valesse apenas enquanto estamos peregrinando, mas assim que chegamos a casa, lá está a cama de pedra que se impõe a nós e nos vemos quase que compelidos a seguir o seu comando.

Curiosamente, todos nós agimos inúmeras vezes como Procusto e quase sempre achamos que não estamos agindo de forma a imitá-lo.

Por isso que talvez a noção de "convencimento" me pareça estranha. Note-se que aqui não falo de "esclarecimento", ou "explicação", ou dar a entender a um outro sobre determinado assunto. Não se trata disso. A noção de convencimento que comento aqui é aquele convencimento um tanto quanto falacioso que várias vezes fazemos com quem nos cerca. Quando convencer o outro se torna serrá-lo ou esticá-lo para que pense como eu penso, para que aja como eu ajo, para que seja como eu sou. Esse tipo de convencimento é que me lembra Procusto e sua cama de pedra.

Aqui não tem como não me lembrar dos inúmeros evangelismos que já participei na vida. Sempre que saíamos para evangelizar, nos era proposto que falássemos do texto bíblico no sentido de "convencer" o nosso interlocutor daquilo que estávamos falando. Obviamente que não cabia a nós "convencer", mas sim ao Espírito Santo, afinal, é Ele que nos convence do pecado, da justiça e do juízo, como nos afirma o texto bíblico. No entanto, algo extremamente curioso é que o Espírito Santo nunca "convencia" ninguém de algo diferente daquilo que nós acreditávamos. É como se o convencimento do "Espírito" de alguma forma corroborasse sempre a nossa fala. É como se de alguma forma Ele quisesse serrar ou esticar pessoas assim como nós queríamos que acontecesse. Lembro que achava isso muito estranho. Em 2009 já falava que talvez isso seria um grande problema ontológico e hoje ainda mantenho a minha posição daquela época.

A meu ver, a posição hipermoderna do "cada um por si contando que não me perturbe" não funciona, pois aqui novamente é como se a indiferença se transformasse também em uma grande cama de pedra a qual todos devem se submeter, e isso novamente nos coloca diante de Procusto. Aparentemente, o nosso desafio se torna encontrar um justo meio entre o querer que o outro seja como eu, e o ser completamente indiferente em relação ao outro. Ou seja, o desafio em um mundo onde todas as camas de pedra são criticadas se mostra ao tentar aceitar o outro na sua diferença, mas sempre lembrando que toda aceitação remete a um se importar com esse outro.

Aceitar algo é uma atividade e não apenas passividade. Quem aceita o Outro deve aceitar por livre e espontânea vontade, e para isso é preciso que haja uma disposição, uma vontade em receber esse Outro sem fazê-lo deitar em nossa cama de pedra. Se na maioria das vezes não somos capazes de quebrar a nossa cama de pedra, afinal ela foi construída ao longo de toda a nossa história, pelo menos somos capazes de não obrigar ninguém a deitar sobre ela.

Ao invés da cama, uma mesa onde dois diferentes se sentam e dialogam mostrando com isso que se importam um com o outro, mas nenhuma das partes visa subjugar o outro. Por que não dizer que esse seja um excelente caminho para pensarmos os nossos relacionamentos de amizade, os relacionamentos amorosos, o diálogo ecumênico e inter-religioso?

Ao invés de seguirmos o exemplo de Procusto, por que não seguimos o exemplo de Jesus, que em nenhum momento tentou convencer ninguém de nada, mas ao invés disso sempre se mostrou disposto a aceitar o outro na sua diferença? Por que não aceitar o convite de Jesus, que ao invés de tentar se impor por meio de um modelo, retorna aos discípulos para perguntar: "Quem vocês dizem que eu sou?" Do fechamento de Procusto em torno de sua cama de pedra de onde tinha olhos apenas para o seu modelo construído à abertura da proposta de Jesus que culmina na cruz e se abre para todos que querem se aproximar. Talvez essa abertura seja um excelente meio termo entre o aprisionamento em torno de um padrão e a completa indiferença em relação ao outro. Talvez aqui esteja a possibilidade do justo meio que remetemos mais acima nesse texto.

A ANGÚSTIA E A GRAÇA

As freiras nos ensinaram que há dois caminhos: o caminho da natureza e o caminho da graça. Você tem que escolher que caminho seguir. A graça não tenta agradar a si mesma. Aceita ser menosprezada, esquecida, escanteada. Aceita insultos e ofensas. A natureza só

quer agradar a si mesma. Obriga os outros a agradá-la também. Tem prazer em controlar, em impor sua vontade. Encontra motivos para ser infeliz quando o mundo inteiro está resplandecendo ao seu redor, e o amor está sorrindo através de todas as coisas.

(Narração inicial de *Árvore da vida*, de Terrence Malick. Retirada do livro "As divinas gerações", de Paulo Brabo)

Diante de um mundo em que todas as coisas estão em completa mudança, em que as relações humanas se mostram extremamente fragilizadas, em que cada vez mais a sensação de indiferença diante de tudo e de todos parecer ser a tônica, não sucumbir à indiferença perante o outro parece ser o grande desafio. Se não tomamos cuidado, o mundo das coisas a fazer, dos compromissos, acaba por nos afastar do outro enquanto aquele que sempre nos clama por uma resposta.

A indiferença tem suas vantagens, pois ela não me exige nada além de uma falsa presença. Uma tentativa de se importar de mentira, como uma espécie de grande faz de conta que funciona muito mais como uma espécie de muleta psicológica para mim (que me conforto diante da impressão de estar fazendo algo) do que propriamente um comprometimento com esse outro que a mim clama.

Ao mesmo tempo em que somos impelidos pela indiferença a apenas nos satisfazermos, por outro lado nós mesmos, e principalmente o outro, clamamos pela não-indiferença. Obviamente que ninguém é responsável pela angústia de ninguém a não ser o próprio sujeito, mas diante do outro que sofre, como conseguimos ficar como quem simplesmente não se importa? E isso todos fazemos todos os dias diante das mais duras realidades que experienciamos sem que isso nos incomode em nada. Por quantos "jogados à beira do caminho" passamos todos os dias sem nos importarmos? Quem é o meu próximo senão aquele que se apresenta com uma demanda para mim?

A angústia que nos assola talvez esteja ligada a esse autocentramento que por se eximir do outro se perde em uma espiral para dentro sem fim, e aqui há talvez um uso perverso da psicanálise por parte do indivíduo, pois a psicanálise é sempre um convite a um autoconhecimento, uma espécie de desvelar as mais ocultas intenções do humano, etc. A onda psi que assola nossa sociedade acaba criando a ilusão de que seremos nós mesmos a resolver todos os nossos problemas prescindindo do outro.

No entanto, a alteridade daquele outro precisa também ser respeitada. Não posso exigir que o outro se importe comigo da mesma forma que me importo com ele sob o risco de tentar fazer do outro um mero reflexo de mim. O caminho da natureza precisa ser interditado. Esse desafio da alteridade é o

que talvez mais nos incomoda, pois o outro é livre para se importar da forma como quiser e não do jeito que gostaríamos que fosse, afinal, o jeito que gostaríamos é sempre o nosso jeito. Aqui novamente aparece a figura de Procusto diante de nós, e talvez um risco muito maior que é o da "mercantilização do outro", ou seja, a ideia de que aquilo que faço para o outro acaba se mostrando como uma espécie de "banco" onde deposito boas ações esperando "sacá-las" quando precisar.

Esse tipo de dinâmica nos mostra exatamente isso que estamos chamando de "mercantilização do outro", em que o outro é visto apenas como investimento e não como uma pessoa a quem nos cabe auxiliar mesmo que não recebamos nada em troca.

Diante desse desafio, o que nos resta senão esperar em meio à angústia? Esperar que esse outro olhe para nós e nos chame pelo nome, dando pequenos significados passageiros para nossa vida? O que resta para nós senão o caminho da graça? E o caminho da graça requer sempre que reconheçamos a forma de expressar do outro mesmo que seja diferente da nossa, mesmo que nos faça sentir escanteados, esquecidos, etc.

Mas não seria essa dependência do outro um estado patológico que deveria ser examinado por psicólogos? Não seria essa dependência uma espécie de doença, um mal-estar a ser resolvido por profissionais? Obviamente que a dependência em um grau excessivo se mostra sempre patológica e não faz bem nem mesmo para o sujeito e muito menos para esse outro, no entanto, como nos lembra Recalcati, é muito mais o autocentramento do sujeito que a sua dependência em relação ao outro o que prejudica o indivíduo. O que aqui chamo de autocentramento é o que vemos sempre em meio à nossa sociedade individualista em que o sujeito se vê como *ens causa sui*, ou seja, não-dependente do outro para nada, de forma que assumir tal dependência se mostra sempre como sinal de fraqueza, algo a ser evitado a todo custo. Lutar contra esse autocentramento se permitindo às vezes se mostrar fraco é algo a ser aprendido a cada dia por nós.

Algo que a psicanálise nos mostra é que só somos o que somos por causa do outro que responde ao nosso grito por sentido. Desde a mãe, passando pelo pai, pelos irmãos, os amigos, todos eles acabam sempre sendo uma possível resposta ao nosso grito por sentido. Sem o outro não há nem mesmo o próprio sujeito, de forma que a ideia de uma maturidade centrada em um Eu monádico se mostra sempre falaciosa.

O homem se encontra sempre diante de um grande desafio. De um lado, a angústia do sentir-se sozinho no mundo, de sentir-se desamparado, do clamar sem resposta, do grito na noite sem que

ninguém o acalente. Do outro lado, o outro com suas questões, seus desejos, seu tempo, sua forma de responder à nossa demanda. Nessa difícil e sempre constante tensão, nos encontramos enquanto "eu" como que no meio de um grande cabo de guerra em que muito pouca coisa nos resta a fazer senão tentar compreender tal dinâmica enquanto a sentimos nos dilacerando.

Onde abundou a angústia, superabundou a graça!

SOBRE MORTE E FÉ

Ontem estava conversando sobre a morte. Esse fim que está destinado a todos os homens, animais, plantas. O último grande feito de qualquer ser vivo. A conversa foi muito interessante.

Falávamos sobre um "sentido último da realidade". Questionamos se ele existia ou não. Afinal, a vida pode ter um sentido ou pode ser absurda. Pode ser que haja algo para além da morte como pode não haver nada. Dependendo da corrente à qual nos filiamos, isso muda completamente a nossa forma de nos relacionar com o mundo e no mundo.

Na história da Filosofia temos vários autores que trabalham essa questão. Desde posições cristãs como Tomás de Aquino, Agostinho, Kierkegaard, até as posições "niilistas" tais como Sartre e Camus. O que é interessante não são as posições em si, mas o questionamento sobre essa questão tão crucial para o ser humano.

Pouco tempo depois, entrei no MSN e encontrei uma colega de trabalho, também formada em Letras, como a primeira pessoa com quem conversei. Falávamos sobre as férias e depois, não sei como, a conversa recaiu sobre o mesmo assunto e começamos a conversar principalmente sobre a questão de Deus e do sentido da vida.

Já escrevi que vejo Deus como "sentido" e não necessariamente como "ser". Tive que dar algumas explicações para alguns que leram o texto, mas ainda assim mantenho a posição. Deus não precisa ser um "ser" para fazer "sentido". Deus pode ser um horizonte, um norte para onde queremos sempre regressar.

Minha interlocutora do MSN me disse: "Interessante pensar dessa forma, apesar de que, pensando assim, a questão da morte fica muito mais angustiante." Tive que concordar com ela. Realmente, a questão da morte fica muito mais angustiante se não aceitarmos um deus pessoal que nos espera quando morrermos.

Mas eu penso que isso dá à fé um aspecto muito mais sublime. Acreditamos sem certezas. Arriscamos nossa vida em nome de uma verdade meramente aparente. Damos o que Kierkegaard chamava de "salto da fé". Fiamos-nos em uma pequena teia de palavras que dão sentido e esperança à nossa vida. Por essa teia morremos se for necessário. Mas, o angustiante é saber que essa teia foi construída por nós mesmos. Como a aranha no canto da parede que tece a teia e se dependura nela. A teia sai da aranha assim como a nossa teia sai de nós mesmos.

Fé não é certeza, fé é o "fundamento das coisas das quais se espera, a evidência de coisas que não se veem" (cf. tradução King James da Bíblia, ou mesmo a Almeida corrigida).

Fundamento não é certeza, evidência não é verdade.

Esperamos as coisas acreditando que elas acontecerão, temos evidências (mas apenas evidências) de coisas que não vemos, mas tudo isso é apenas um salto no escuro.

Certezas? Essas não possuímos. Essa fé (que é apenas salto) faz com que ajamos de uma forma no mundo, mas nem por isso temos certezas (queria falar um pouco mais sobre o texto de Hebreus 11, mas deixo pra uma outra oportunidade, senão o texto aqui ficará enorme).

Ah, mas como queremos habitar o mundo das certezas. O mundo "comprovado cientificamente". Mas o que a vida nos oferece são apenas perguntas, várias delas sem respostas.

Lembro-me de que quando eu era adolescente, as pregações na igreja giravam em torno do "centro da vontade de Deus" e da famosa pergunta "você tem certeza de sua salvação?". Quantas vezes me angustiei por ter respostas negativas para essas perguntas!

Em relação à primeira, eu sempre me questionava se haveria realmente tal centro. Para mim não fazia sentido isso, ficava a imagem de um deus que quer apenas moldar todo mundo do mesmo jeito e colocar todos no mesmo lugar. Como se o objetivo de toda minha vida fosse simplesmente achar um centro seguro de onde todas as minhas ações estariam corretas. Isso pra mim não fazia sentido.

A segunda pergunta remete muito ao que falei acima. Queremos habitar o mundo das certezas. Você sempre tem que ter certeza se está na profissão correta, se está fazendo o que é certo, se está salvo do inferno ou não. Somos uma sociedade que não consegue conviver com a dúvida. Ainda mais quando se trata do "destino da nossa alma".

Incrível como que diante da morte todas estas coisas se tornam fúteis. Diante dela não faz diferença se se é protestante ou católico, espírita ou muçulmano. Essas coisas se tornam secundárias. Diante da morte resta apenas a interioridade, resta apenas essa análise consigo mesmo, resta apenas uma última avaliação, resta apenas a pergunta pelo sentido, a esperança de que a teia onde nos fiamos toda a nossa vida nos ajude nessa hora, resta a esperança de que o salto realizado nos fará cair sobre a grama verde em um lindo dia de sol. Mas temos apenas a esperança e o desejo de que assim seja. Nenhuma certeza.

O meu justo saltará no escuro, ou melhor, viverá pela fé! (Hebreus 10:38).

Foram excelentes ambas conversas. Falar sobre esses assuntos cruciais é sempre muito bom. Pena que a grande maioria das pessoas não quer pensar sobre eles.

ECLESIASTES 1:1

O livro do Eclesiastes, como várias pessoas que me conhecem sabem, é meu livro favorito da Bíblia. Não apenas pela temática envolvida nele, mas por ser um dos livros mais "humanos" das Escrituras Sagradas. Essa humanidade que o próprio Cristo procura ressaltar aparece vivamente no livro de Eclesiastes.

O Eclesiastes já começa com uma mentira. Seu primeiro versículo não nos traz uma informação verdadeira, mas traz o relato de alguém que quer que seu livro seja lido, comentado, estudado por outras pessoas. O primeiro versículo do Eclesiastes diz: "Palavras do pregador, filho de Davi, rei em Jerusalém." Tais palavras procuram atribuir a autoria do texto ao rei Salomão, filho de Davi, cujo

texto do próprio Eclesiastes chama daquele que "sobrepuxou em sabedoria a todos os que houve antes de mim em Jerusalém" (Eclesiastes 1:16). No entanto, estudos diversos já nos comprovaram que o livro do Eclesiastes não foi escrito por Salomão, mas data provavelmente do século II a.C, provavelmente escrito por um judeu que vivia sob o domínio dos Selêucidas (sobre esse ponto, recomendo o excelente trabalho de José Vichel Lindez chamado "Eclesiastes ou Qohelét - Grande comentário bíblico", da Editora Paulus, 1999, onde Lindez traz inúmeras referências e estudos de outros pesquisadores do Eclesiastes que comprovam a datação provável do texto do Eclesiastes entre os séculos II e III a.C).

O próprio Lindez defende que o "argumento de autoridade" do primeiro versículo tem em vista a propagação do texto, e é um fator decisivo para que o Eclesiastes entrasse no cânone bíblico. Talvez por ser um texto tão marcado pelo tempo de opressão vivido pelo povo judeu, o livro do Eclesiastes seja tão humano e fale tão bem ao coração daqueles que sofrem. É tudo muito cru, tudo muito humano, demasiadamente humano, de forma que o próprio Deus fica em segundo plano.

Ao invés de Salomão, um rei superconhecido e admirado, temos um ilustre desconhecido. Talvez o chefe de uma congregação judaica, nada demais. Um homem simples que fala a apenas alguns interessados que querem ouvir a sabedoria adquirida com o tempo. Um homem que ensina aquilo que aprendeu com o tempo, que talvez por ser tão calejado veja a vida com outros olhos, sem muito ânimo. Que aprendeu a enxergar Deus não como o interventor indiscriminado, mas como uma presença constante que talvez pouco fará para a situação, mas estará ao lado para quem quiser um refúgio. Um homem que aprendeu que na vida, nem tudo se resume ao certo e errado, mas que às vezes as fronteiras são impossíveis de serem distinguidas. Só um homem que percebe isso é capaz de dar um conselho do tipo "Não sejas demasiadamente justo, nem demasiadamente sábio, pra que te destruias a ti mesmo?" (Eclesiastes 7:16), instrução essa inconcebível em outros livros das Escrituras, tais como Levítico ou Malaquias.

Mesmo o texto se iniciando com uma mentira, seu texto traz verdades que nenhum outro texto das Escrituras traz. Ele mostra um homem que sofre, que não tem nenhuma esperança de ressurreição, redenção, ou nada que o faça esperar algo além desta vida. Resta a ele em alguns pequenos momentos a esperança de que crer em Deus seja melhor que não crer, mas isso ele o diz timidamente, como alguém que quer crer apesar das evidências dizerem o contrário. Ele diz: "Ainda que o pecador faça o mal cem vezes, e os dias se lhe prolonguem, contudo eu sei com certeza, que bem sucede aos que temem a Deus, aos que temem diante dele" (Eclesiastes 8:12).

A humanidade do livro de Eclesiastes se mostra já no seu primeiro versículo. Apenas o humano é capaz de mentir. Apenas ele é capaz de dizer de algo aquilo que ele não é. Dizer o falso como quem diz o verdadeiro. Isso é algo demasiadamente humano. E todo o restante do texto diz o demasiadamente humano, sem rodeios, sem falsas esperanças. Enfrentando a vida como ela se mostra, se mantendo "fiéis a esta terra" como queria o Zaratustra de Nietzsche. Assim como o Cristo, o Eclesiastes é tão humano que nos constrange, e daí sua beleza e sua contemporaneidade para os nossos dias.

O CRISTIANISMO É A RELIGIÃO DA ESPERA

Fiquei pensando nisto ontem enquanto esperava uma querida amiga para um compromisso que marcamos. Fiquei pensando nos cristãos do primeiro século. Eles conviveram com Jesus, viram tudo o que ele fez, o que ele falava, as diversas vezes que ele anunciou o reino de Deus, dentre outras coisas.

No final da vida, ele diz aos discípulos: - Olha, para o lugar onde eu vou agora, vocês não podem ir, mas não se preocupem. Podem esperar que com certeza eu voltarei. Vou enviar o Espírito Santo

para que vocês não se sintam órfãos e para que Ele os ajude a esperar por mim. Mas não se turbe o coração de vocês. Aguardem pacientemente que eu voltarei para vocês, e levarei todos comigo, para morarem comigo neste lugar para onde agora eu vou.

E então veio a crucificação, a morte, a ressurreição e a palavra dita continuava a mesma: "Esperem, que eu voltarei". Fiados nessa palavra, os discípulos do primeiro século se dispersaram, foram à Judéia, Samaria, até os confins da Terra anunciando as palavras que eles ouviram de Jesus. Eles anunciavam o que ouviram do mestre, ou seja, anunciavam a mensagem de que Jesus estava voltando, que eles também podiam esperar, assim como os discípulos estavam esperando. Essa mensagem ganhou adesão de vários povos e até hoje a mesma palavra continua viva no coração do cristianismo.

O cristianismo é a religião da espera. Todos nós aguardamos o cumprimento da palavra de Jesus, pois ele afirmou que voltaria e nós, enquanto cristãos, nos fiamos nessa palavra, pois quem falou é por nós julgado como digno de credibilidade. Nós sabemos que ele voltará, embora já muito tempo se passou e nada dele voltar. Essa promessa de volta tão ansiada pelos cristãos foi o que moveu os primeiros discípulos, é o que move vários cristãos no mundo hoje. É um ato de fé. Cremos que ele voltará.

Mas como todo ato de fé, obviamente podemos estar errados. Ele pode nunca ter dito isso, ele pode nunca voltar, a suposta promessa dele pode ter sido uma mentira contada inúmeras vezes que se tornou verdade, mas mesmo assim, a esperança de que ele voltará é o que nos move a continuar propagando as palavras ouvidas por aqueles primeiros homens que conviveram com ele. E o fazemos porque acreditamos (mesmo que erroneamente) que quem nos falou tinha credibilidade e disse a verdade. Talvez por isso o cristianismo seja a religião da palavra. O verbo se faz carne, habita entre nós, nos diz que voltará e por isso esperamos.

Mas quando isso vai acontecer? Não sabemos, mas apenas confiamos. Mas como ele voltará? Em forma física? Como pessoa? Perguntas teológicas que não sabemos responder com certeza, mas que tentamos a partir de alguns textos bíblicos deixados para nós.

Ontem, enquanto esperava minha amiga, tinha certeza que ela chegaria. Ela me disse que chegaria. Ela goza de plena credibilidade para comigo. Eu acreditei, por isso esperei. Por isso fui capaz de sentar-me tranquilo naquele banco e contemplar o tempo que passava como anúncio de que ela estava vindo. A esperança palpitava a cada vez que passava um carro como o dela, até que chegou o

grande momento em que sua presença fez feliz meu coração e a partir daí começaram momentos maravilhosos na companhia daquela por quem meu coração esperava. Com a sua presença, toda a espera se fez justificada. Todas as dúvidas se dissiparam. A espera valeu a pena. Ela estava ali, eu estava ali e isso era tudo o que importava naquele momento. A eternidade começou ali. O tempo já não mais importava, ele simplesmente deixou de existir enquanto desfrutávamos da presença um do outro.

"E ficamos como quem sonha, a nossa boca se encheu de riso e a nossa língua de júbilo", e para isso vale toda espera.

SOBRE FÉ E ONTOLOGIA

Ontem, conversando com a Priscila, entramos no assunto se existem demônios, ou possessões demoníacas, ou coisas do tipo projeção astral, poder latente da alma (Watchman Nee) e coisas desse gênero. Foi uma conversa bem proveitosa e bem interessante onde colocamos nossas posições a respeito.

Minha posição a respeito é que, no final, tudo é uma questão de ontologia. É sempre uma escolha que eu faço do que existe e do que não existe, do que tomo como determinante na minha vida e do

que estou disposto a aceitar. Dependendo do que aceito como existente, sou capaz de criar todo um emaranhado de situações onde aquelas existências de fato existem e interferem em minha vida.

Ilustrei o fato ontem da seguinte forma: É como se estivéssemos em um grande galpão onde estivessem ocorrendo diversas peças de teatro ao mesmo tempo e em cada uma dessas peças havia um cenário específico, uma história específica, uma relação de causa-efeito específica. Quem participava de uma peça podia ver a peça que o outro estava fazendo e podia entrar para o cenário do outro e interagir ali.

Pensemos que cada peça corresponde a uma religião específica com uma ontologia específica. Ao aderir à peça X, o que faço é dizer para os participantes das outras peças que eu prefiro o cenário X ao cenário Y, porque o cenário X faz mais sentido pra mim do que os outros cenários. E isso por motivos diversos, quer porque acho o cenário X mais bonito ou porque acho o cenário Y meio sem sentido. O que me motiva mudar de cenário não faz tanta importância assim.

Eu simplesmente mudo de cenário. Essa mudança de cenário implica que eu aceite toda a estrutura que aquele novo cenário me dá. Eu aceito que aquilo que o cenário chama de "existente" realmente é o que existe e que a objetividade se encontra ali.

Agora, e os outros cenários? E as outras pessoas que escolheram as outras peças, com os outros cenários do galpão? Eu poderia afirmar que elas estão "erradas" objetivamente falando? Eu poderia dizer que pelo fato delas escolherem outro tipo de ontologia isso as condena a uma perdição ou coisa do tipo? Ao aceitar determinada ontologia, aceito que esses objetos que fazem parte do cenário de fato existem e interferem na minha vida.

Nós escolhemos a ontologia cristã. Escolhemos viver no cenário onde "Deus", "diabo", "Jesus", "anjos", "demônios", "guerra espiritual" e demais termos e ideias fazem sentido e de fato existem e interferem de forma crucial em nossas vidas.

Agora, há aqueles que escolheram viver em um outro cenário, onde esses termos e esses seres não fazem sentido ou são vistos de outra forma. Dentro de um cenário hindu, por exemplo, todo esse emaranhado de termos não existe, e se existir, adquire outra configuração que se assemelha muito pouco ao que estamos acostumados. Da mesma forma um cenário islâmico ou budista.

Onde está, portanto, a objetividade da minha crença em determinada ontologia para além de mim mesmo ou para além do meu próprio cenário? Dentro desse quadro sugerido, eu posso afirmar de

que a ontologia do meu cenário é preferível em relação à ontologia do outro cenário? Como eu posso ter garantia de que as coisas que dou por existentes de fato existem? Onde estaria a objetividade dessas diversas ontologias? Será que haveria um "diretor" de todo o galpão que está coordenando todas as peças e vendo todas como componentes da "peça maior" que está em sua mente?

Fiz toda essa ilustração para falar de fé. Acho que esse quadro exposto acima dá à fé um significado muito maior. Como diria o autor de Hebreus: "Fé é a certeza de fatos que não se veem".

Por que falo de fé? Porque é a fé que dá objetividade à ontologia escolhida. Eu decido, mesmo sem ter certeza, que tal cenário é de fato a realidade, é de fato o existente, é de fato objetivo. A fé dá esse salto para além do subjetivo para entrar na objetividade.

Garantias? Acredito que não existam para além da fé e é isso que move cada indivíduo em cada cenário. A fé de que aquilo que ele está chamando de existente de fato existe. Se de fato é assim, a pergunta que surge é o porquê da evangelização, o porquê do jihad, o porquê de tentar "convencer" o outro do meu cenário.

Ao falar de tentarmos convencer o outro já estamos usando a ontologia do meu cenário que me diz que o outro deve ser alcançado, pois o cenário do outro está no erro.

Há que se buscar um embasamento para a evangelização para além das ontologias? Isso só faz sentido se acredito em um "diretor geral das peças" que me falou o que ele queria. Mas isso não seria uma outra questão de ontologia?

VOCÊS COAM O CAMELO E ENGOLEM O MOSQUITO

Cada dia que passa fico achando mais sem sentido várias coisas que vejo online. Com as redes sociais transformadas em um grande *power point*, os discursos religiosos e ateus fundamentalistas encontram uma boa forma de se propagar. Curiosamente, vejo mais discursos religiosos de cunho fundamentalistas que discursos ateus fundamentalistas. Como dizia o Rubem Alves, a questão do fundamentalista não é nunca "o que ele fala", mas sim "a forma como ele fala". Ao se colocar como arauto de uma verdade revelada, interpretada unicamente, eterna e imutável, o fundamentalista fecha as portas ao diálogo. Afinal, continua o Rubem Alves, quem está com a verdade não precisa discutir. Em relação à verdade, ou se aceita ou não se aceita. Daí podermos colocar no mesmo bojo

os diversos fundamentalismos, não apenas os religiosos, mas também os políticos e todos os outros fundamentalismos que vemos todos os dias nas redes sociais.

Obviamente, as redes sociais não dão condições para discutir essas questões que exigem uma argumentação mais elaborada, no entanto, é curioso notar como os discursos fundamentalistas encontram um bom meio para se propagar.

Os discursos religiosos encontrados no Facebook são extremamente curiosos, pois insistem em uma dicotomia enorme entre Deus e o diabo, entre o homem e Deus, entre o certo e errado. Tudo muito hermético, encerrado em polos muito distintos. Percebe-se claramente uma visão de Deus muito condicionada à ideia daquele que "controla" todas as coisas, "está no domínio", um homem que "tem que obedecer". A doutrina da retribuição também é visível em vários *posts*, tais como "faça a sua parte que Deus olha por ti", ou ainda um moralismo permeado de metafísica. Outro dia vi um *post* com a foto de um pastor neoliberal de Belo Horizonte que me pareceu extremamente ridículo. A frase era "Se o pecado é o alimento dos demônios, coloque-os para jejuar". Desde quando pecado alimenta demônio? Desde quando isso faz algum sentido?

Mas a questão é toda essa. A coisa não precisa fazer sentido algum para ser compartilhada nas redes sociais. Ela precisa apenas ser dita. Se alguém achar que isso minimamente é passível de algum tipo de compartilhamento, lá está a coisa rondando a sua *timeline* sem que você nada possa fazer para mudar a situação.

Se pararmos para observar, veremos que os que mais compartilham textos bíblicos não raras vezes são os que menos leem o texto bíblico. Isso fica óbvio porque se lessem não compartilhariam os textos que compartilham no contexto em que compartilham. Resumindo, a ideia de que o Facebook é um lugar onde a qualquer momento qualquer pessoa pode postar o que quiser traz consigo uma gama de opiniões e soluções que beiram a loucura.

A imediatez das opiniões, o "ter que opinar" sobre tudo o tempo todo, o fato de ser exigida quase sempre uma postura sobre temas extremamente diversos acaba por exacerbar o que há talvez de mais ridículo nas pessoas.

Tem um menor de idade segurando uma arma? É claro que não se pode defender esses "menores" que não têm idade para serem presos, mas têm idade para matar. E como que por um passe de mágica lógica, o próximo discurso é: "É óbvio que se deve diminuir a maioria penal". Assim,

rápida e rasteiramente, sem nenhuma análise pormenorizada, sem nenhum contexto mais amplo, a partir de um vídeo que se viu no Facebook, é proposta uma alteração na lei do país como forma de "resolver todos os problemas".

Essa tentativa de dicotomizar as coisas me gera muita estranheza e a meu ver demonstra um caráter extremamente infantil que não aceita o cinza como uma proposta válida para as coisas. É como se tudo tivesse que ser ou bom ou mau, não cabendo nada no meio das duas propostas. Sabemos que o mundo é muito mais complexo do que nos fazem crer algumas posturas tomadas no Facebook ou nas outras redes sociais, no entanto, parece que quando estamos atrás do computador e diante da rede social essa nossa análise das complexidades dos fatos mais cotidianos se esvai e ficamos como que ávidos por emitir alguma opinião sobre algo. Independente de ser uma opinião ponderada ou uma opinião fanática.

Destila-se o ódio "em nome do amor", destila-se o rigor da lei "em detrimento da vida do outro", e cada vez mais vemos esse tipo de postura aumentando. Não acredito que as redes sociais tenham feito as pessoas mudarem, apenas penso que as redes sociais desinibiram o sujeito de mostrar a sua faceta mais escura. E quando vemos isso vindo de pessoas que supostamente deveriam trazer consigo um discurso pautado no interesse no próximo, pautado no amor (haja vista que essa é a proposta mais fundamental do cristianismo), é extremamente preocupante, pois revela que o cristianismo tem se enveredado por um caminho também extremamente escuro.

E mais de 2000 anos depois cá novamente ecoam as palavras de Jesus. "vocês coam o mosquito e engolem o camelo" (Mateus 23:24).

MAIS UM POUCO SOBRE FÉ

Ora, a fé é o firme fundamento das coisas que se esperam, e a prova das coisas que se não veem. (Hebreus 11:1)

Há algum tempo que venho querendo escrever sobre fé. Nada muito teórico, apenas alguns pensamentos frutos de leituras e conversas esparsas.

Na maioria das vezes que ouvimos falar de fé vem-se junto a palavra certeza. Afinal, na maioria das traduções da Bíblia, o versículo primeiro de Hebreus 11 é traduzido por "certeza". No entanto,

sempre achei estranha a definição de fé como certeza das coisas que se esperam. Se já se tem certeza de algo, porque deveria ter fé?

Os evangélicos sofrem da síndrome de querer ter certeza de tudo. Não raramente ouvimos um pregador perguntar sobre a certeza da salvação, a certeza da vitória, etc.

Hoje ouvi uma ilustração para falar sobre a fé. Ela seria como alguém que pega um ônibus ao centro da cidade. Mesmo sabendo que o ônibus pode não chegar ao centro, nós acreditaríamos que ele chegará.

O que achei estranho em tal ilustração é que, se pegamos um ônibus sabendo que ele vai para o centro, se ele não chegar ao centro, sabemos que aconteceu algo no caminho. No entanto, acho que a fé consiste em pegar um ônibus, sem saber pra onde ele vai, nem de onde ele está vindo. Pegamos no meio do caminho. Não temos certeza de nada, nem sabemos se pegamos o ônibus certo, no entanto, confiamos piamente que aquele ônibus nos levará para onde queremos ir (uma abordagem próxima a isso é defendida por Althusser em seu materialismo aleatório, mas claro, num contexto não religioso, e no caso específico de Althusser, desceríamos do ônibus antes dele chegar ao fim, pois tal fim não existiria).

Kierkegaard, no entanto, nos mostra a fé como um "salto no escuro". Não temos certeza de onde cairemos, não temos garantia nenhuma se o que acreditamos está certo. Por isso que penso que a fé como fundamento das coisas que não se veem faz mais sentido que "certeza das coisas que não se veem".

Se a fé é fundamento, então é ela que "quer" que aquilo pelo qual eu tenha fé seja realmente existente. Não é porque a coisa existe que eu acredito nela, mas o processo é inverso. A coisa existe porque eu tenho fé que ela existe.

Por favor, não caiamos na associação direta de achar então que qualquer coisa que eu acredite que exista, existe. Não é isso, mesmo porque isso não faz sentido algum.

A fé coloca o homem diante de uma questão existencial. O homem está disposto a colocar sua vida inteira sobre o esse fundamento. Isso, portanto, não é mera "crença", ou mero "acho que". A fé coloca a questão da vida e da morte em sua esteira. Por isso ela não é qualquer fundamento, mas

sim, um firme fundamento. Ela não está pautada em um "achismo", mas está existencialmente arraigada no ser humano.

O homem que dá o salto no escuro se coloca diante da vida de uma forma diferente. A partir daquilo em que ele crê, ele passa a agir de forma diferente no mundo. Kierkegaard chama esse indivíduo de "cavaleiro da fé". No entanto, tal salto nunca dá certeza de nada. Não há garantias, não há certezas. O que há é um indivíduo diante da morte tentando dar sentido à sua vida, e para dar esse sentido, é preciso que ele acredite, que ele fie toda sua existência em algo que, segundo o texto, não pode ser visto.

Já nos diria Saint Exùpery; "O essencial é invisível aos olhos".

A fé é, portanto, o fundamento das coisas que não se veem . É ela a base das coisas que se espera, uma vez que somente pela fé que esperamos algo que não vemos e por isso é ela mesma a prova das coisas que não se veem.

O que não é visto é "provado" pela fé que "cria" os objetos de sua crença. Como citado acima, não é porque a coisa existe que se acredita nela, mas é porque eu acredito nela que é possível que a fé seja o "firme fundamento" das coisas que se esperam e a prova das coisas que não se veem.

A tradução de King James afirma "Now faith is the substance of things hoped for, the evidence of things not seen". Interessante notar que King James não coloca "provas" das coisas que não se veem, mas "evidência".

Fé não é certeza, evidência não é verdade.

Interessante notar aqui que Jesus afirma que a fé vem pelo ouvir. Ela não vem pelo ver, afinal, se já vemos, não precisamos ter fé. No ouvir, a única coisa que se faz presente é a palavra, nada mais. Portanto, a fé vem com a palavra. Palavra que dá sentido, palavra que cria mundos, palavra que dá vida, verbo. Verbo se fazendo carne através das novas atitudes que brotaram ao ouvir tal palavra.

Poderíamos abordar a temática da fé por um tipo de "materialismo sociológico" e afirmar que as palavras ouvidas por uma tradição são interiorizadas em nossa consciência, depois objetivadas e se transformam em ontologia, se tornam existentes independentes do ser que as criou primeiramente. As palavras ganham vida e, num processo de objetivação bem-sucedido, tal mundo criado pela tradição se torna "óbvio" e, portanto, não há como não crer que tal mundo se segue como descrito.

Notamos que tanto no primeiro caso quanto no segundo a fé é o fundamento das coisas que esperamos, e é ela mesma a prova (ou evidência) das coisas que não se veem, pois apenas por um ato de fé que criamos tais coisas e nos fiamos nela de tal forma que toda a nossa vida depende de tal fundamento.

Interessante notar que não é preciso nenhuma metafísica para a fé fazer sentido. Não precisamos postular nenhuma metafísica para dá à fé um status de grande importância na vida humana. A fé não é uma questão metafísica, ela é uma ação do homem frente ao mundo na busca por um sentido. Sentido esse só adquirido a partir do fundamento da fé.

O QUE DARÁ O HOMEM EM TROCA DA SUA ALMA?

A crítica central de Marx ao capitalismo é que o capitalismo desumaniza o homem. Transforma-o em um mero animal, um mero "meio" para que se produza mais capital. O homem nesse tipo de sistema não passa de uma peça a ser substituída caso não cumpra a sua função; ele se torna completamente descartável, embora a ideologia que domine seja a de que esse ser humano seria indispensável para o funcionamento da máquina. A esse indivíduo sugado e mutilado constantemente pelo funcionamento institucional restaria apenas a morte lenta transfigurada em "sucesso profissional".

Ao funcionário padrão resta apenas isso: A cruel dinâmica entre fazer algo com sentido ou não. E por inúmeros motivos se escolhe geralmente o sem sentido enquanto sacrifica todo o resto.

E assim vai-se morrendo aos poucos pelo que pouco importa.

Esgota-se lentamente.

Diariamente.

Esgota-se por motivos supérfluos, como se toda a vida dependesse daquele detalhe pífio.

E não adiantam os discursos, não adiantam as admoestações, não adianta nem mesmo o próprio corpo dar sinal de que está demais.

É como se o clamor por aquilo que o mata diariamente fosse sempre o mais importante.

Se o medo não dominasse a pobre alma, talvez haveria a coragem para o basta.

Enquanto isso, vai-se embora a vida, a alegria, o casamento, a casa, os amigos, a família.

Tudo relegado ao segundo plano; tudo transformado em um depois a ser feito que nunca encontra tempo.

Vai-se morrendo lentamente, vendo a vida passar diante dos olhos.

Vida cada vez com menos sentido, cada vez com menos brilho, cada vez necessitando de mais subterfúgios para ser simplesmente suportada, mas nunca mais vivida plenamente.

Qual a última vez que ele foi pleno em algo?

Quando foi a última vez que sorriu sem se preocupar com nada?

Que sentou no sofá e descansou?

Enquanto assimila como dele o discurso empresarial, deixa de lado o que são os seus próprios valores. Há uma dissimetria abismal que o confronta entre o que ele acredita e no que ele se empenha. Dissimetria essa inconciliável, mas mesmo assim continua se empenhando pelo que é vão. Não há mais ânimo para nada. A alma (aquilo que anima) se foi. Restou apenas o invólucro; um corpo sem nada que o motive, nada que o impulse; apenas mais um dia, mais um trabalho, mais uma rotina.

O que precisa acontecer para que se pare?

Se nem o colapso do corpo, nem a angústia constante, nem as dores, nem a ausência de alegria, nem o definhar constante da vida, nem a perda do tempo, nem a perda do contato com a família, amigos, nem a má alimentação são capazes de fazê-lo parar, o que será?

Se pelo menos essa morte fosse uma morte digna, se fosse por algo que se acredita, se fosse por algo pelo qual valesse a pena morrer, se pelo menos fosse por isso tal definhar, talvez encontrasse um sentido nisso tudo e uma espécie de "sentimento nobre" o invadiria e serviria para organizar o colapso.

Mas nem isso acontece. Não há nada de digno nessa morte lenta. Nada que valha a pena nela. É uma morte vã, em nome de algo que simplesmente não se importa com ele. Em nome de algo que o substituirá no mesmo momento em que se demonstrar que já não é capaz. Nesse medo da substituição, nesse medo de perder o menos importante, vai se perdendo o que mais importa.

A perversão é total. Perverte-se até o próprio medo. O medo que deveria impelir a ações diferentes deveria ser o medo de perder o que mais importa, mas é como se tentasse se convencer de que para o mais importante fosse necessário apenas o básico, enquanto para o menos importante fosse necessária a própria alma. Inversão completa de valores promovida pelo capitalismo. Nisso o medo persiste e vai ganhando contornos cada vez mais angustiantes. A angústia agora vem de fora, mas também vem de dentro. A pressão é externa, mas é também interna. O funcionário padrão sofre de qualquer jeito.

Ser de acordo com o padrão em um sistema em que o próprio padrão é o da desumanização do indivíduo é ir contra si mesmo, e dessa forma não resta nada além da precarização da vida, a angústia sem fim, a morte sem sentido, a perda da alma.

"O que o homem poderia dar em troca da sua alma?" (Mc 8:37)

SOBRE A LIDERANÇA EVANGÉLICA ATUAL

Foi-me proposto um "comentário" sobre a liderança evangélica atual. Escrevi esse pequeno texto com o propósito mais de "abrir questões" que fechá-las. Segue o comentário:

Os problemas evidenciados na atual liderança evangélica são vários e seria impossível abarcar tudo em um pequeno texto como este. No entanto, algo que salta aos olhos é primeiramente um afastamento dos preceitos bíblicos. Esse distanciamento talvez provocado por uma ignorância em relação ao texto, por uma formação que prima mais pela quantidade do que pela qualidade. Se

considerarmos que o número de seminários e faculdades teológicas quase triplicou nos últimos anos, segundo várias fontes de pesquisa, era de se esperar que se verificasse um aumento na qualidade do ensino, gerando com isso pastores mais preparados. No entanto, isso não aconteceu e não vem acontecendo.

Ao invés de serem ensinados nos preceitos bíblicos, os pastores são ensinados em "táticas de manipulação", "hermenêuticas escusas" que simplesmente favorecem uma leitura geralmente fundamentalista e paradoxalmente mal fundamentada: coisa que parece comum aos "fundamentalismos".

Tais táticas acabam por perverter ao grande público a noção do que é ser "evangélico", tanto que o próprio termo já caiu em associações diretas a práticas evidenciadas em várias igrejas neopentecostais como "petição de dinheiro", "dízimo" "pagar o pastor", dentre outras.

Ao mesmo tempo, essa falta de preparo do líder gera uma completa dicotomia no seio do próprio meio evangélico. Afinal, não podemos tomar a parte pelo todo. Sabemos que há pastores e líderes evangélicos bastante comprometidos com a propagação do reino e esses devem sim ser trazidos à tona. Talvez até mais do que os que praticam coisas das quais o evangelho se envergonha.

Acompanhado da falta de preparo e talvez como consequência direta dela, aparece o "abuso pastoral" que, até onde podemos ver, se evidencia nos "psicopatas da fé". Esse abuso se reveste de uma carapuça onto-teológica para se fundamentar.

O poder do pastor é tomado como "dádiva de Deus" que faz com que os membros dessas igrejas se sintam quase que de volta aos terrores dos absolutismos europeus. A figura do líder exaltada a quase "segundo deus" favorece e fortalece o abuso evidenciado por tais líderes. Aliado a isso o baixo conhecimento teológico, evidenciado na maioria dos membros das igrejas evangélicas, principalmente as neopentecostais (uma vez que a prática da reflexão bíblica é muito pouco incentivada nesse meio, dando-se uma ênfase enorme na "operação de milagres", "visões", "revelações", ou seja, um cunho extremamente estético), o cenário fica perfeito para a propagação de um "código de conduta" muito rígido para os membros, mas muito flexível para o líder.

Sob a égide de "ungido de Deus" se permite ao líder o fazer o que quiser sendo que, várias vezes, apenas responderá pelos seus feitos diante dos tribunais dos homens, mas nunca diante da

congregação. A impunidade favorece e fortalece a prática. A onto-teologia a legitima. Com isso, o membro se enfraquece e o líder se absolutiza.

Os vislumbres do líder então passam a ser adotados como "as visões de Deus para a congregação", a "vontade de Deus" e várias outras coisas das quais o líder nunca será o responsável. Afinal, se o projeto der certo, fala-se que "Deus direcionou, e por isso deu certo", e junto a essa fala se promove o marketing pessoal do líder. Mas se o projeto der errado, a culpa é dos membros que são "homens de pequena fé" e por isso Jesus não operou o milagre. E como base para essa afirmação ainda utilizam textos bíblicos tais como Mateus 13:58 "E não fez ali muitas maravilhas, por causa da incredulidade deles". A culpa do fracasso recai sobre o membro, mas a glória do sucesso recai sobre o líder.

Como podemos ver, o assunto é extremamente extenso e carece de muitas pesquisas para que possamos diagnosticar e principalmente mudar a prática evidenciada em várias igrejas que se dizem evangélicas. Existem várias pesquisas interessantes sobre o tema, várias delas em níveis de mestrado e doutorado. No entanto, é um ramo que exige ainda muita pesquisa.

Esse pequeno texto é apenas uma tentativa de abrir a questão que merece e deve realmente ser bastante discutida se quisermos que o evangelho volte a ser "boa-nova".

JOSÉ E MARIA INDO PARA BELÉM

O individualismo político como grande paradoxo do mundo globalizado nos mostra que a proposta de um aumento da liberdade no domínio do capitalismo não passa de uma ideia abstrata e falaciosa. Quanto mais se advoga liberdade, mais se vê o recuo do sujeito contemporâneo alheio a qualquer forma de empatia para com o próximo. Esse cenário se tipifica de maneira visível no excesso de protecionismo econômico e no excesso de muros que cada vez mais cercam os territórios como forma de proteção contra o próximo, visto como ameaça. É nesse contexto que se coloca a questão dos imigrantes na Europa, a questão mexicana nos Estados Unidos, os Venezuelanos no Brasil e vários outros exemplos mundo afora.

Talvez aqui esteja o cerne da proposta de Jesus tipificada nos evangelhos: uma liberdade que não passa pelo individualismo contemporâneo, mas uma liberdade que tem na comunidade a sua única condição de possibilidade. É talvez por isso que podemos dizer sem sombra de dúvida que a proposta comunitária de Jesus e dos discípulos no início do cristianismo vai na contramão da proposta do capitalismo tardio do individualismo exacerbado. Trava-se uma luta entre uma visão comunitária do humano e uma visão individualista em que nada além do sujeito importa. O que fica claro para nós é que essas dinâmicas são totalmente relacionadas. De um lado, a aposta em uma possibilidade da vida comunitária para além da lógica do capital; do outro, o individualismo como resposta última que esvazia o sujeito de todo vínculo para além de si. Claramente, uma se coloca como grande antítese da outra: a primeira é esvaziada em seu núcleo mais íntimo e o que sobra seria apenas a sua face performática tipificada nas novas agremiações, pseudopautas, etc.

Nesse contexto, podemos perceber porque os novos espiritualismos chegam com força em nosso meio hoje, pois apenas reforçam o individualismo numa busca incessante de reforçamento do eu e um esquecimento do outro. Da mesma forma, percebemos porque o discurso neopentecostal encontra grande repercussão social, pois ele apenas reflete de maneira material aquilo que os espiritualismos contemporâneos manifestam do ponto de vista majoritariamente performático. A lógica da performance é a lógica do capitalismo tardio e por isso é fácil perceber como as duas facetas que mais crescem na religião contemporânea são facetas também performáticas, afinal, essa é a lógica defendida pelo capitalismo tardio da produção incessante. O que se produz incessantemente nesse contexto é a busca de si, a visão econômica, quantitativa, performática do sujeito em que ele é avaliado pela própria dinâmica da produção incessante de si, da busca incessante do "mistério", do "novo", etc.

Não dizemos mais que a religião é o "ópio do povo" ou "o suspiro da criatura oprimida", como Marx gostava de falar, mas dizemos hoje que a religião (pelo menos a institucionalizada) é o sintoma do sujeito desbussolado dominado pelo capitalismo tardio. Restaurar o núcleo duro da religião talvez seja a tarefa mais árdua para os dias atuais, pois uma religião que se alia ao poder advindo do modo de produção já perdeu em grande medida a sua condição de possibilidade de alterar o status quo. O que resta para ela é apenas a reprodução cega da desigualdade ou medidas paliativas que em nada atingem a estrutura social. E aqui percebemos de forma fundamental a falácia do discurso da liberdade. De certa forma, se é livre para se adequar ao modo de produção, mas nunca para subvertê-lo. A partir do momento que a própria religião institucionalizada funciona

como modo de perpetuação dessa dinâmica, percebemos claramente como uma coisa se une à outra na contemporaneidade.

Se observarmos os evangelhos, perceberemos que Jesus nos ensina a construir casas, nos ensina a plantar, nos ensina a dividir, mas em hora nenhuma ele propõe a construção de muros, pois a proposta cristã em seu núcleo mais íntimo nunca foi a proposta da segregação, da separação, do "nós contra eles", mas sempre foi a do acolhimento, da hospitalidade e do amor para com o próximo. Este é talvez o núcleo esquecido do cristianismo que, quando lembrado, poderá restaurar a sua importância em um mundo secularizado.

“[...] MAS, SOBRE A TUA PALAVRA, LANÇAREI A REDE.” (LUCAS 5:5)

"Mestre, havendo trabalhado toda a noite, nada apanhamos; mas, sobre a tua palavra, lançarei a rede." (Lucas 5:5)

Uma das passagens bíblicas que gosto muito é essa de Lucas. Depois de pescarem a noite toda sem conseguirem nada, os pescadores veem entrar no barco um rabi que estava ensinando próximo ao mar. Jesus então pede para que os pescadores afastem os barcos para o mar para que as pessoas ouçam a palavra que ele proferirá. As pessoas ficaram na praia e Jesus ensinava a elas do barco.

Depois de ensinar, Jesus vira para Simão e diz para ele ir para o alto mar e lançar novamente as redes. É nesse contexto que aparece o versículo que inicia esse texto. Simão, um pouco já desanimado depois de trabalhar a noite toda sem pescar nada, expressa a sua confiança na palavra do rabi.

Esse versículo sempre me faz pensar o quanto é necessário ter pessoas em nossas vidas que se apresentam para nós e nos dizem uma palavra capaz de modificar toda uma prática que construímos ao longo da vida. Estarmos prontos para ouvir essa palavra pode trazer surpresas grandes para nós, tal como trouxe para aqueles pescadores que, depois de lançarem as redes seguindo a instrução do rabi que entrou no barco, tiveram uma grande surpresa com a pescaria. Um dado que sempre me chama a atenção nesse episódio é que Jesus era apenas mais um rabi de Israel. Ali, nem mesmo Simão era um dos discípulos de Jesus, mas se tornará "pescador de homens" após esse episódio narrado.

"Sobre a tua palavra lançarei a rede" aponta a confiança demonstrada no outro que se mostra como alguém digno de tal confiança. Não lançamos as redes sobre "qualquer palavra", mas apenas sobre as palavras de alguns que julgamos querer o melhor para nós, sobre as palavras daqueles que nos conhecem, etc. Estar pronto para "lançar as redes" mesmo quando toda a situação parece desanimadora é um desafio diário para nós. Tem pessoas que possuem grande dificuldade em se abrir para o novo, se abrir para outras perspectivas, e isso se dá por diversos motivos. No entanto, apesar de difícil, tal mudança pode ser extremamente recompensadora, assim como foi para aqueles pescadores.

De alguma forma, a proposta de Jesus sugere uma repetição, uma espécie de "mais do mesmo", mas se pensarmos bem, a proposta de Jesus aqui se mostra extremamente subversiva do ponto de vista da prática dos pescadores. Uma espécie de corte na circularidade da situação. Se tinha alguém que poderia dizer qual o melhor horário para pescar, qual a tática correta, onde pescar, etc., não seria Jesus, mas sim os próprios pescadores. Simão, nesse sentido, abre mão do seu "suposto saber" em nome dessa nova palavra que surge para ele, evidenciando que nem sempre o nosso saber sobre as coisas nos fará ter sucesso repetindo aquilo que sabemos.

Um grande ensinamento que acredito poder tirar desse texto é que devemos estar sempre dispostos a lançar as nossas redes sobre as palavras daqueles em quem confiamos, daqueles que nos conhecem, daqueles que querem o melhor para nós, mesmo que isso signifique se colocar para além do cansaço da noite toda de trabalho, mesmo que isso signifique nos colocar como "não sabendo

tudo" sobre a nossa área de atuação. No fundo, a proposta subversiva de Jesus aponta para a humildade que devemos ter diante do que fazemos, reconhecendo que às vezes o outro pode trazer uma nova palavra. Palavra essa que realizará um milagre em nós e nos fará reencontrar a alegria de uma boa pescaria.

PEQUENA REFLEXÃO – ECLESIASTES 7:14

“No dia da prosperidade goza do bem, mas no dia da adversidade considera; porque também Deus fez a este em oposição àquele, para que o homem nada descubra do que há de vir depois dele.”
(Eclesiastes 7:14).

Não há dúvidas para qualquer leitor do texto bíblico de que o Deus retratado ali é um Deus que exulta, um Deus que sorri, que olha com bons olhos para todos aqueles que se colocam diante dele com um coração sincero. Essa face de Deus visível ao homem nem sempre é enfatizada nos cultos nas diversas igrejas, mas geralmente se dá uma ênfase muito grande no "Deus que tudo vê", como um grande olho pronto para devorar aquele que não faz o que seria correto.

Esquece-se que Deus é um Deus que ouve antes de ser um Deus que vê. Se pensarmos na criação como descrito no livro de Gênesis, perceberemos que Deus diz o mundo antes de vê-lo, só depois que a palavra é dita e ouvida, esse Deus vê que tudo é bom. Os ouvidos estão sempre atentos, mas não para procurar algo para nos incriminar pela boca, mas atentos à oração, essa prática tão cara a toda religião. Uma tentativa do homem entrar em contato com o divino, expressar-se como um ser capaz de mobilizar algo em Deus. Talvez aqui esteja uma grande limitação da doutrina da providência divina. Se essa é verdadeira, a oração perde seu sentido. Se tudo está determinado, a oração não passa de mero dizer ao vento onde esperar uma resposta não faz o menor sentido. A voz que pede tem de volta apenas o silêncio de quem já tem tudo determinado.

Um dos textos que deixa essa face de Deus mais clara, na minha opinião, é o livro do Eclesiastes. O autor do texto enfatiza uma vida onde Deus se faz presente em todos os momentos da vida. Mesmo na vida caracterizada pela inutilidade é possível ver Deus agindo por meio das pequenas coisas. Mas não um Deus etéreo, distante, controlador, mas um Deus que celebra a vida e vê nela um fim último.

É sempre bom lembrar que no discurso do Eclesiastes não há a noção de ressurreição. O texto escrito por volta do século II a.C desconhece esse conceito, ou seja, o que impera na visão do Eclesiastes é a estrutura judaica de que a morte é o fim de todas as coisas. Depois dela não há nada a ser feito, e se é assim, a vida deve ser vivida da melhor forma possível e Deus se fará presente de forma última na dinâmica dessa vida.

O apelo do Zaratustra de Nietzsche, "Amigos, mantenham-se fiéis a esta terra", é compartilhado pelo Eclesiastes, que vê na vida terrena o lugar por excelência da manifestação do divino. O divino que não se revelará como algo alheio e distante, mas se revelará na alegria exultante das coisas simples. Talvez daí seja possível ao Eclesiastes louvar a alegria depois de constatar a inutilidade das diversas obras que se fazem debaixo do sol e ao mesmo tempo afirmar que para o homem nada há melhor debaixo do sol do que comer, beber e alegrar-se (Eclesiastes 8:15). E se realmente é assim, resta ao homem viver a vida que lhe é dada por Deus da melhor forma possível, reconhecendo-O como aquele que não determina as coisas, mas permite que tudo aconteça da mesma forma a todos, quer ímpios, quer justos (e aqui se vê claramente uma negação completa a toda doutrina da retribuição descrita desde o Deuteronômio, segundo a qual Deus pune os maus e recompensa os bons), afinal, "o tempo e o acaso ocorrem a todos" (Eclesiastes 9:15).

O sábio para o Eclesiastes é aquele que percebe a dinâmica evidenciada acima, e então pode se alegrar no dia da alegria e no dia da adversidade ver que Deus fez tanto um quanto o outro, o que o

faz perceber que "a realidade está bem distante e é muito profunda" (Eclesiastes 7:24) e, portanto, nunca conhecerá de fato ela toda, nem mesmo todos os seu dias, mas percebe que nem por isso deve deixar de fazer sempre o melhor na única vida que lhe foi dada. A consciência da limitação permite se lançar na vida abertamente e apenas quando a vida se torna um fim último é possível desfrutar a vida como graça, como dom gratuito, mesmo a vida permanecendo sem sentido.

O PERIGO DE SE FLERTAR COM O MAL

Se pensarmos bem, o conceito de tolerância é um conceito extremamente vago e geralmente utilizado com um viés ideológico extremamente problemático. Se observarmos, por exemplo, o discurso de Martin Luther King (quem quiser, pode baixar o discurso e ler online), em hora nenhuma ele menciona que deveria haver tolerância quanto ao racismo. Em hora nenhuma ele propõe um "diálogo" para resolver os problemas, pois ele sabia que em determinadas situações o diálogo não é mais possível. Ele sabia que o discurso da "tolerância" conduz não raras vezes exatamente ao oposto do que ele se propõe. É por isso que precisamos sempre deixar clara a nossa posição, é preciso ser firme contra os discursos de ódio, contra os discursos que ferem a dignidade do sujeito, quer ele seja um discurso religioso, moral, institucional, etc. Não podemos jamais

permitir que esses discursos encontrem eco entre nós. Para isso não há diálogo, pois a mínima abertura para isso pode abrir as portas para o que há de pior entre nós.

É exatamente neste sentido que qualquer discurso de ódio que vem seguido da fala “foi brincadeira”, ou “não quis dizer isso” deve ser imediatamente interditado. Não deve haver espaço entre nós para que tais discursos de ódio sejam minimizados, pois sob a fala do “humor” da “brincadeira” se revela uma face cruel do sujeito.

É sabido de todos nós que ninguém nasce odiando ninguém, ninguém nasce com preconceito com ninguém, mas isso é sempre ensinado por uma cultura que tem determinados valores. Valores estes que nunca são “eternos”, mas sempre criados socialmente para cumprir demandas específicas no desenvolvimento de cada comunidade humana. É neste sentido que qualquer discurso em nome de “valores eternos” não raramente costuma cair em discursos de ódio contra os semelhantes ou contra aqueles que não compartilham de tais valores.

É interessante notar que o discurso de ódio também é construído socialmente e vai encontrando eco, à medida que é propagado, de tal forma que entre nós, em pleno mundo contemporâneo, se tornaram a tônica até mesmo entre os cristãos que supostamente deveriam ser os primeiros a irem contra tais discursos. Um movimento interessante a ser percebido é que se começa apenas flertando com o ódio; isto é, começa-se com a pura negligência das questões estruturais que envolvem a situação do sujeito, que acaba sendo responsabilizado sem que se leve em consideração toda a estrutura que o assola; obviamente, a estrutura que envolve o sujeito de forma alguma o determinará de maneira última, mas qualquer análise do comportamento do sujeito que não leve em conta o seu meio não passa de pura análise ideológica.

Em um segundo momento, quando o sujeito assusta, já está tomado pelo ódio de forma tal que surgem os discursos de “penas mais duras para bandidos”, “bandido bom é bandido morto”, “tem que matar esses judeus todos”. Assim como esse discurso não nasceu do nada, ele também não cresce do nada. De alguma forma, esse discurso alimenta em grande medida um desejo do próprio sujeito, há uma espécie de identificação violenta nesse indivíduo que vê que bandido bom é bandido morto; há uma identificação violenta desse sujeito com o discurso de ódio que ele propaga. Se quisermos, podemos até mesmo utilizar as palavras bíblicas de que “a boca fala do que tá cheio o coração”. Quando alguém corrobora um discurso violento, um discurso que despreza o outro, um discurso que torna a causa alheia uma causa não digna, percebe-se que esse sujeito de fato pensa

assim; no entanto, ele não se vê pensando assim. Ele pensa que de fato está corroborando uma causa justa, como aquela criança que realmente acredita que há soluções simples para causas complexas.

Quando esse sujeito defende a castração química para acabar com os estupros, o que ela não percebe é que essa solução pueril em nada resolve o problema, mas apenas desumaniza ainda mais um sujeito já desumanizado. Quando o indivíduo de fato pensa que “bandido bom é bandido morto”, o que ele não percebe é que o conceito de “bandido” esconde para tal sujeito um enorme preconceito, pois ele tem em mente apenas um tipo de “bandido” sem em hora nenhuma levar em conta que o termo “bandido” é extremamente amplo, de tal forma que ele mesmo poderia ser incluído como tal bandido uma vez que o discurso fosse alargado. O “bandido” para tal sujeito é apenas o negro pobre, o morador de rua, o presidiário, mas nunca o que falsifica uma carteira de estudante para entrar num *show* pagando meia, o que infringe a lei para propagar discursos de ódio, etc. Esse sujeito tomado pelo ódio só vê a partir do seu próprio preconceito. Se bandido é aquele que está agindo contra a lei e deve ser morto, qualquer um que desrespeita a lei deveria ser morto seguindo essa lógica, até mesmo quem propaga tal discurso, pois incitar o ódio é um crime em si. Mas por que não se pede a morte desse bandido e apenas do outro? Na realidade o que se pede é a morte do diferente, a morte daquele por quem se tem preconceito, por quem o sujeito julga ser menos humano que a si próprio de forma que pode ser tratado apenas como um animal.

Flertar com o mal é sempre perigoso, ainda mais porque (como já dizia o mito bíblico) ele “nunca chega para o sujeito com sua face má, mas travestido de promessas de segurança”. Essa é a mesma tentação do jardim do Éden. A tentação de que por meio de uma ação simples, por meio de uma ação infantilizada, por meio de uma escolha do mais fácil será possível ter um poder maior, uma visão melhor das coisas, um mundo melhor, etc. É por isso que se flerta com o mal. A promessa de segurança que o discurso violento traz se mostra para o sujeito uma solução última devido ao “caos do jardim”. “É certo que não morrereis” é ao mesmo tempo a promessa e a crença desse sujeito propagador do discurso de ódio. Ele acredita que estará isento do ódio propagado socialmente, ele acredita infantilmente que os odiadores saberão diferenciar o “cidadão de bem” do “bandido”; eles acreditam infantilmente que há uma linha divisória nítida entre eles, quando na realidade não há linha nenhuma que os separa. É nesse sentido que nunca se deve aceitar os discursos de ódio sob pena de que a banalização do mal seja a tônica. Tal banalização do mal nunca deve ser a tônica de nenhuma sociedade, pois a partir do momento que ela se torna a tônica estamos à beira do colapso civilizacional.

Uma tática conhecida do nazismo foi transformar todos os judeus em bandidos, em animais, para que a partir da desumanização deles a população não visse que estavam atacando aos seus semelhantes, mas sim a uma espécie menor, a um “não-humano”, que por isso “merecia” ser tratado de forma desumanizada. E na maioria das vezes não eram pessoas “ignorantes”, não eram pessoas “iletradas”, “alienadas”, etc. Vários oficiais da SS possuíam diplomas de curso superior, possuíam doutorados em suas áreas, mas mesmo assim aderiram ao discurso propagado por Hitler na desumanização dos judeus, dos gays, etc. O discurso de ódio é construído socialmente, assim como qualquer outro discurso, e se aproveita dos momentos de agitação política para se propagar. Esse é o mesmo movimento que culminou no holocausto, mas que alguns entre nós insistem em não enxergar a semelhança. É exatamente nesse sentido que temos que admitir que não é uma questão de ignorância do sujeito, mas sim de uma identificação do sujeito com tal discurso, de forma que ele “de fato” pensa assim. E isso talvez seja o que mais assusta, ainda mais quando vindo de pessoas que supostamente deveriam propagar o amor ensinado por Jesus, aquele bandido segundo Roma; aquele presidiário, etc.

É por isso que nunca devemos aceitar e nem tolerar os discursos de ódio. Devemos sim lutar contra eles e impedir, no que depender de nós, que eles se propaguem.

OS EVANGÉLICOS NEOPENTECOSTAIS E A POLÍTICA, OU COMO CABO DACIOLO NÃO PASSA DA FACE PERFORMÁTICA DO DISCURSO DE ÓDIO DE BOLSONARO

Uma coisa interessante sobre as eleições de 2018 tem a ver com a população evangélica e principalmente a população evangélica neopentecostal. O povo neopentecostal (e aqui uso o termo como “qualquer denominação que aceita a teologia da prosperidade”, quer seja de maneira *soft*, ou mais *hard*, ou seja, desde uma Batista Getsêmani ou Batista da Lagoinha até uma Igreja Universal do Reino de Deus, Igreja da Graça, etc.) conta com um candidato que exemplifica de maneira extremamente crua a sua forma de se relacionar com o mundo e com a política: o Cabo Daciolo.

Cabo Daciolo não faz questão nenhuma de esconder a sua filiação neopentecostal, usa os mesmos discursos que seriam feitos em qualquer culto neopentecostal, fala em línguas, canta mantras evangélicos *ad infinitum* durante vídeos, acredita piamente que a solução para o Brasil é a evangelização de todos para que todos aceitem a palavra de Deus como única palavra de salvação, etc. Cabo Daciolo também acusa o diabo por diversos males que acometem o Brasil e acredita que por meio da oração e por meio de um jejum no monte ele fortalecerá a sua campanha e fará com que Deus o ajude para se tornar o presidente do Brasil e limpar o Brasil de todo o pecado por meio da disseminação da palavra de Deus. Cabo Daciolo tem visões, é profeta, pastor, preside uma igreja, enfim, faz tudo o que uma pessoa neopentecostal em posição de liderança é chamada a fazer.

Qualquer pessoa minimamente familiarizada e frequentadora de uma igreja com o discurso neopentecostal deveria encontrar no Cabo Daciolo a sua legitimação mais óbvia, ou seja, deveria ver nele uma espécie de “enviado de Deus”, um “profeta levantado pelo Senhor” para fazer a obra de salvação do país. No entanto, assim como o grande problema da classe média brasileira é não se reconhecer como pobre e explorada, assim também um grande problema para o povo neopentecostal é não se reconhecer como neopentecostal. Talvez não haja nenhuma aproximação entre as crenças de muitos que leem esse texto agora e as crenças dos neopentecostais. Muitos nem mesmo se consideram neopentecostais, pois pensam que neopentecostais são apenas as igrejas mais eufóricas e, no entanto, mantêm a mesma prática e em grande medida as mesmas crenças, tais quais as descritas acima.

O que salta aos olhos, no entanto, é que vários evangélicos neopentecostais (e alguns não tão neopentecostais também) têm se manifestado de forma veemente a favor da candidatura de Bolsonaro, um candidato que, dentre outras coisas, defende tudo o que um cristão não deveria defender, como tortura, homofobia, violência, ditadura, torturadores. (O fato de ainda ter que explicar isso para alguns evangélicos se torna algo extremamente surreal na época em que temos inúmeras informações e vídeos disponíveis, acesso ao texto bíblico, dentre outras coisas). Para além desse caráter extremamente óbvio do porquê de alguém que se diz cristão não dever apoiar um sujeito com uma proposta tão violenta e cega como a do Bolsonaro, chega a ser extremamente curiosa a preferência dos evangélicos neopentecostais pelo discurso violento do Bolsonaro ao invés do discurso mais “profético” do Cabo Daciolo.

Cabo Daciolo é visto como motivo de chacota por vários evangélicos (que acreditam basicamente nas mesmas coisas que ele) de tal forma que apoiar esse candidato seria demonstração da mais pura loucura. Ou seja, do ponto de vista prático, os próprios neopentecostais veem que esse discurso

propagado por eles mesmos se torna extremamente bizarro. No entanto, ao apoiar um discurso como de Bolsonaro, os mesmos evangélicos não percebem que o que defendem é o mesmo discurso extremista de Cabo Daciolo, só que de maneira muito mais violenta e menos velada. Esse tipo de adesão só é possível porque, de modo geral, a população evangélica neopentecostal, em sua instância mais íntima, se identifica com o discurso violento de Bolsonaro mais do que com o discurso espiritual de Cabo Daciolo.

De certa forma, podemos entender que essa preferência dos evangélicos pelo discurso de Bolsonaro evidencia a face oculta daquilo que Cabo Daciolo mostra, ou de maneira mais clara, aquilo que a prática evangélica neopentecostal mostra. Fica bastante claro para qualquer observador que essa performance evidenciada nos cultos neopentecostais, e que Cabo Daciolo expõe de forma nua e crua, não passa exatamente disso: uma performance que esconde o discurso violento que Bolsonaro traz à tona. O “Deus vivo” pregado pelos cultos neopentecostais não passa do “Deus violento”, do “Deus que quer extirpar da face da Terra todos os que são contra as suas ideias”; é aquele “Deus juiz severo” que para além de amor também é justiça (justiça essa que não passa de outro nome para ódio divino dentro do discurso neopentecostal). Essa performance neopentecostal, no entanto, só pode ser levada a sério, aparentemente, nos cultos, naquelas duas horas em que o fiel se encontra no templo. Apenas naquele momento “somos todos irmãos”, apenas naquelas horas do louvor que “somos corpo bem ajustados, totalmente ligados, unidos em amor”, mas no momento em que o culto acaba, no momento em que o êxtase travestido de “presença do espírito” passa, lá está novamente o evangélico padrão apoiando a tortura, defendendo “bandido bom é bandido morto”, defendendo “violência se combate com violência”, etc.

O mesmo pastor que é capaz de gritar “santo, santo, santo” por 20 minutos durante uma música, que faz campanha de “não cortar a barba”, que “prega o avivamento”, que é líder de uma igreja que não vai cessar as 24 horas de oração diariamente “enquanto Belo Horizonte não for do Senhor Jesus” é o mesmo que defende a candidatura de alguém como Bolsonaro. Isso evidencia o que citamos mais acima, isto é, que Cabo Daciolo é a face performática da violência que Bolsonaro evidencia, e Bolsonaro é a face oculta da performance do crente neopentecostal.

Quando, por exemplo, um pastor neopentecostal vai de púlpito convidar a todos para ouvir uma palestra de Dallagnol e diz publicamente que apoia um candidato como Bolsonaro; quando outro pastor neopentecostal apoia Bolsonaro e diz que “o conselho de pastores de Minas te abençoa”, fica bastante claro que o que está em jogo é algo muito além do mero apoio político: O que está em jogo é como a representatividade do ódio encontra morada dentro do próprio discurso neopentecostal. A

performance neopentecostal oculta a sua própria face violenta daqueles que se sentem “mais próximos de Deus do que qualquer outra religião”, daqueles que se sentem no direito de dizer “quem é, e quem não é de Deus”. Essa violência nem aparece de forma tão velada assim, basta observarmos os famosos cânticos que essas igrejas entoam durante os cultos em que a face violenta do “senhor dos exércitos” se mostra nitidamente.

Do ponto de vista do discurso performático, seria muito mais óbvio que a população evangélica neopentecostal (que é a maior no Brasil segundo censo do IBGE) apoiasse em massa a candidatura de Cabo Daciolo, afinal, ele se mostra um legítimo representante de toda uma categoria da sociedade. No entanto, a partir do momento que percebemos que Cabo Daciolo evidencia apenas uma performance e que a identificação do evangélico neopentecostal é com o discurso de ódio e violento de Bolsonaro, percebemos que o que está em jogo no discurso neopentecostal é apenas mais do mesmo: um discurso violento, excludente, que simplesmente não percebeu a proposta dos evangelhos, mas se perde em êxtases narcísicos travestidas de “espiritualidade”.

DID GOD SEND THE SHOOTER?

Vós não sabeis de que espírito sois? (Lucas 9:55)

Diante do cenário vivido por nós, em que a religião ganha cada vez mais espaço na vida pública, é interessante pensarmos em que medida algumas ações estariam ou não ancorados nos princípios defendidos por essas religiões. Os seus textos sagrados, quando lidos de forma atenta, parecem nos mostrar outra coisa que não os discursos de ódio propagados todos os dias entre nós. Um caso que teve muita repercussão recentemente foi o caso do atirador em Orlando que matou cerca de 50 pessoas em uma boate gay nos EUA.

O crime já foi caracterizado tanto como “homofobia” quanto como “ataque terrorista”, o que obviamente não impede que sejam as duas coisas ao mesmo tempo. É bem plausível pensar em um ataque terrorista promovido por uma pessoa homofóbica e é interessante pensar quais os interesses envolvidos em classificar um ato bárbaro como esse como uma opção ou outra. Curiosamente, qualquer que seja a “motivação” aceita para o crime, ambas podem ser justificadas como sendo “vontade divina” de um deus que não consegue lidar com as diferenças, ou melhor, vontades de um deus intolerante.

Se adotarmos a questão do ponto de vista do “ataque terrorista”, fica claro que o atirador tinha em vista uma noção deturpada da Jihad islâmica e muito provavelmente agiu em nome dessa noção deturpada, se colocando como mártir contra os infiéis exercendo a “justiça divina”. Da mesma forma, se pensarmos que se trataria de crime de motivação homofóbica, a mesma dinâmica se repete e o atirador se sente como uma espécie de “enviado de deus” para exercer justiça contra os que praticam “coisas abomináveis aos olhos de Deus”. Novamente uma leitura deturpada, só que agora não da noção de Jihad e vontade de Alá, mas do texto bíblico e a suposta vontade do deus cristão. Percebe-se que as duas motivações propostas para o crime (ato terrorista, homofobia) desembocam no mesmo lugar: a noção de que se exerce algo em nome da chamada “vontade divina”; e isso aponta para a dificuldade de compreender o que está por trás das mensagens dos textos sagrados, o que ele visa nos revelar, fazendo assim um uso privativo de tais textos por meio de leituras fundamentalistas.

Aqui é interessante notar como que as religiões monoteístas e sua visão linear da história têm uma propensão a um caráter bélico. No judaísmo e no islamismo isso se mostra muito facilmente, ao passo que no cristianismo tal proposta se mostra de forma um pouco mais velada, mas ainda assim aparece. Basta lembrarmos os diversos apocalipses escritos no primeiro século para isso se mostrar nitidamente para nós. À medida que o tempo for passando e o fim for se aproximando, mais e mais o mal mostrará a sua face e as intervenções divinas serão vistas de forma mais nítida. Talvez aqui esteja uma possível justificativa para o apoio encontrado entre alguns evangélicos do acontecido em Orlando. A visão compartilhada sobre o desenrolar da história corroboraria atos violentos... (estranho, mas possível...).

O versículo que propus para abrir essa pequena reflexão aponta para um evento em que, depois de saírem da experiência da transfiguração, Tiago e João se encontram diante de uma aldeia de samaritanos que se recusam a receber Jesus que estava indo para Jerusalém. Diante de tal recusa, Tiago e João propõem uma saída bastante enérgica e perguntam a Jesus: “Senhor, queres que

digamos que desça fogo do céu e os consuma, como Elias também fez?” Jesus obviamente acha aquela pergunta muito estranha e lhes pergunta: “Vós não sabeis de que espírito sois?”, ou seja, há uma diferença enorme entre a concepção de Deus proposta por Elias e a concepção de Deus proposta por Jesus. Jesus nessa hora ensina a tolerância, lhes afirma que “o filho do homem não veio para destruir a vida dos homens mas para salvá-las.” (Lc 9,56), ou seja, o Deus que Jesus procura anunciar não está interessado em eliminar os inimigos, mas em salvá-los.

Na contemporaneidade, a noção de tolerância se torna uma faca de dois gumes, pois ao mesmo tempo em que se fala cada vez mais de tolerância, mais se vê atos que demonstram que tal noção se dá apenas em um nível discursivo e muito pouco no nível “prático”. Em nome de uma suposta tolerância universal, o que se vê é um novo tipo de fanatismo que dialoga de forma constante com a intolerância, pois o discurso da tolerância universal aponta apenas para a vacuidade hipermoderna que não dá conta de lidar com o diferente e no lugar disso propõe uma homogeneização das formas de pensar. Como diria Sponville, não se pode tolerar os intolerantes, pois isso aponta para o fim da própria tolerância. Na dinâmica da suposta “aceitação de tudo e de todos” evidencia-se de forma cabal a nossa dificuldade atual de lidar com o diferente. Isso demonstra uma cultura da indiferença tipicamente hipermoderna, onde a dimensão do outro só entra quando de alguma forma corrobora a mim mesmo. Um narcisismo levado às últimas consequências, ou melhor (na expressão da Colette Soler), um narcisismo misturado com um relativismo cético.

Para além das “motivações de caráter sexual e suas repressões” já propostas por diversos jornais, o caso do atirador em Orlando aponta para uma intolerância em lidar com essas posturas diferentes, que longe de demonstrar uma “indisposição meramente no nível das ideias”, demonstra mais uma intolerância em relação a qualquer um que pense diferente. Quando esse tipo de postura encontra uma justificativa em algum texto sagrado (Bíblia e Corão, nesse caso), o cenário se torna extremamente propício para que o atirador se sinta justificado diante das medidas extremas que pretende tomar. Um fato curiosíssimo foi a igreja batista de Westboro sair às ruas com cartazes cujos dizeres o título desse texto faz menção. O fato de uma igreja evangélica se colocar a favor de tais atos nos mostra que tais leituras que motivaram o atirador não são “casos isolados”, mas se mostram cada vez mais frequentes, tanto na religião cristã quanto na religião islâmica. O fundamentalismo religioso pode ser encarado como uma forte tendência hipermoderna e pode ter como possível explicação a ausência de referenciais simbólicos a que estamos submetidos em nossa "sociedade líquida".

O nosso cenário atual é extremamente conturbado. De um lado há certo discurso normativo de uma tolerância universal aliado a um relativismo moral que afirma que todas as posições devem ser aceitas pelo simples fato de serem posições de um indivíduo dotado de razão e qualquer tipo de crítica ou juízo de valor devem ser evitados. Por outro lado, temos os fundamentalismos religiosos que com suas leituras herméticas dos textos sagrados e suas pregações de caráter bélico encaradas como verdades reveladas por Deus motivam crimes em diversos países. Nesse cenário, fica extremamente complicado emitir um juízo sobre nossa situação, a não ser que elejamos um valor pelo qual estejamos dispostos a lutar, e tal cuidado na maior parte das vezes não é levado em conta de forma que julgamentos precipitados são emitidos toda hora. Talvez a ânsia de dar uma explicação para eventos que nos atormentam leve a emitir juízos várias vezes tão rasos e sem a devida reflexão.

Analisar a época em que se vive é extremamente complexo, pois nos encontramos no olho do furacão com tudo girando ao nosso redor de forma que o distanciamento necessário para uma leitura mais "isenta" se torna impossível. No entanto, não podemos nos eximir de tentar compreender os fatos que nos cercam, mas sempre evitando julgar precipitadamente o que não conhecemos. Quando o assunto envolve temas religiosos, os julgamentos precipitados são quase a tônica. Basta acontecer algum evento ligado à religião para que apareçam discursos de ódio generalizando as religiões, afirmando que elas são “ópio do povo”, que “todas deveriam acabar”, etc. E curiosamente, esse tipo de discurso não vem de pessoas não esclarecidas, mas geralmente é no meio acadêmico que tais discursos simplistas encontram maiores moradas. Não acredito que tais julgamentos precipitados sejam uma boa resposta para problemas tão complexos. É preciso indagar diversas coisas, e uma delas, com certeza, é o papel da religião no mundo contemporâneo e, ao mesmo tempo, o que se pode entender por religião no atual cenário.

O acontecido em Orlando é, de fato, muito triste e deve nos fazer refletir sobre o impacto do discurso religioso na nossa época. A religião entendida como uma forma do homem se colocar diante do mundo, entendida como um possível norte para o sujeito, entendida como algo capaz de balizar o indivíduo diante das intempéries da vida, não deve ser justificativa para atos que atentem contra a vida, mas infelizmente o que vemos é uma deturpação da religião promovendo discursos que incitam a violência e o menosprezo pelo diferente. Ao invés de celebrar a vida e promover a alegria, os discursos religiosos vão promovendo a morte e a tristeza. Que religião é essa que se alegra com a morte do planeta e dos seres humanos? Não é a religião islâmica e nem a religião cristã. Ambas são religiões pacíficas que com certeza condenam atos como o acontecido em Orlando.

Did God send the shooter? Absolutamente não.

DA DOXA À EPISTEME NA ÉPOCA DA PÓS-VERDADE: A TAREFA DA FILOSOFIA

A tarefa da Filosofia, desde Platão, tem sido a de fazer o homem sair do campo da *Doxa* em direção à *Episteme*. Tal caminho, no entanto, se torna extremamente árduo, cansativo, demanda um esforço hercúleo por parte da pessoa que almeja de fato sair do reino da opinião em direção ao conhecimento. Não é à toa que entre os gregos era muito conhecida a noção de Filoponia, ou o “amor pela dor”, como forma de se alcançar a Filosofia, o “amor pela sabedoria”. Sem esse caminho árduo do abandono das opiniões é impossível alcançar o conhecimento.

Por mais que o esquema platônico pressuponha certa divisão entre mundo sensível e inteligível, que hoje em dia basicamente não se aceita mais, a noção platônica de que o caminho para alcançar o conhecimento se dá pela constante eliminação da “opinião” ainda se faz extremamente pertinente para pensar a nossa época, que curiosamente cada vez mais faz o caminho contrário ao proposto por Platão. A nossa época hipermoderna se caracteriza por aquilo que Lyotard chamou de “época da queda dos metarrelatos”, ou seja, uma época em que as instituições, ou os discursos que organizavam a vida do sujeito, passaram a não mais fazer sentido, perderam o seu caráter explicativo, etc. Se antes o acesso do sujeito à realidade se daria permeado por esses metarrelatos, hoje, com a queda deles, a relação do sujeito com a realidade se dá de forma não-mediada por esses discursos. Basicamente, a segurança oferecida por tais discursos é refutada em nome da liberdade de cada sujeito poder criar o seu próprio discurso. Esse é o famoso drama apontado por Bauman: a grande questão contemporânea seria de fato encontrar uma forma de fechar a equação entre “segurança” e “liberdade”, pois quanto mais se tem segurança, menos se tem liberdade, e quanto mais se tem liberdade, menos se tem segurança.

Se, por um lado, os metarrelatos ofereciam a segurança para o sujeito lidar com o mundo, entrando nele por meio de discursos já pré-estabelecidos, por outro, eles cerceavam o sujeito de várias coisas. O sujeito pagava a segurança que os metarrelatos garantiam com uma diminuição da liberdade. Os movimentos sociais de protestos da década de 1960 contestaram exatamente esses discursos “aprisionadores”, tais como a religião, família, política, o estado, etc., como sendo instituições que limitam a liberdade do sujeito e por isso devem ser eliminadas para que o sujeito possa de fato ser livre. Dessa forma, abrem mão da segurança que os discursos proporcionavam em nome da liberdade de ser quem quiser, de fazer o que quiser, etc.

Concomitante, vemos o crescimento e o aprofundamento do capitalismo e o surgimento daquilo que ficou conhecido como “capitalismo tardio”, ou seja, o capitalismo pós década de 1970, em que as relações de consumo já estão extremamente consolidadas e o capitalista se torna muito mais um capitalista especulativo do que propriamente um capitalista que simplesmente “detém os meios de produção”. Esse refinamento da posição do capitalista contemporâneo, aliado à disseminação massiva da ideologia consumista em todas as esferas da sociedade, coloca esse sujeito sem metarrelatos em uma situação extremamente conflituosa e angustiante. Diante das diversas opções de consumo e sem nada para regular o seu gozo, resta para tal sujeito apenas a sua opinião, os seus gostos pessoais, como forma de lidar com as diversas demandas da vida cotidiana. Na queda dos

metarrelatos, a própria noção de “verdade” se perde e o sujeito da nossa época é aquele que toma como verdade basicamente a sua opinião sobre um determinado fato.

A partir do momento que a própria noção de verdade se torna obsoleta, o que vemos acontecer é a propagação daquilo que o dicionário Oxford definiu como palavra do ano de 2016, a saber, o conceito de “pós-verdade”, ou seja, a predominância da opinião do sujeito sobre os fatos. Não importam os fatos, o que importa é apenas a opinião do sujeito, o que ele resolve acreditar. Cada vez mais, o diálogo se torna extremamente impossível, pois o que se percebe a cada dia é uma resistência muito grande para o debate, para a argumentação, e isso se evidencia em todas as esferas da vida cotidiana. Desde assuntos menos sérios até assuntos mais complexos, a preguiça para o diálogo, a apropriação de frases prontas sem reflexão e a tentativa de “igualação de discursos” como forma de evitar o debate são práticas extremamente comuns a quem tenta qualquer tipo de debate. Na religião e na política, esse tipo de argumento se sobressai na maioria das vezes. Sob a assertiva “todos os políticos são farinha do mesmo saco”, ou “todas as religiões estão buscando ao mesmo Deus, apenas de maneira diferente”, o que está envolvido senão a recusa de toda forma sistemática de diferenciação de discursos? O que está em jogo senão o abrir mão do caráter dialogal em nome de uma “saída fácil” para questões complexas? Não seria esse o grande sintoma contemporâneo da eliminação do diferente em nome de uma pseudoaceitação de todos, em um processo de igualação que, longe de “aceitar o diferente”, o elimina no seu núcleo mais profundo?

Nessa recusa do diálogo, vemos acontecer o inverso daquilo que Platão propunha como o caminho para o conhecimento. Na época da hiperespecialização, em que o conhecimento se torna extremamente ramificado, hiperespecializado, é impossível para qualquer indivíduo manter-se atualizado em todas as áreas. Porém, paradoxalmente, dele são exigidas respostas para todas as questões do seu tempo, desde questões éticas como aborto, eutanásia, a questões políticas, religiosas, familiares, etc. O sentimento de preguiça (ou má-fé) toma conta do indivíduo de tal forma que ele se recusa a pensar de fato as coisas e passa a assumir apenas a sua opinião como baliza para todas as questões, se fechando para o diálogo que o levaria a sair da sua opinião em direção ao conhecimento. Curiosamente, a proposta platônica de saída da *Doxa* rumo à *Episteme* envolve exatamente esse caráter dialogal e esperava-se que em uma era “pós-iluminista”, “esclarecida”, o diálogo fosse de fato algo que a maioria das pessoas estivesse disposta a realizar. No entanto, o que se vê a cada dia é o oposto. O sujeito contemporâneo caminha a passos largos para o interior da caverna onde reina a opinião e, se afastando do diálogo, se recusa a conhecer as coisas nas suas nuances mais profundas.

Nesse sentido, a Filosofia se torna cada vez mais desprezada, mas cada vez mais necessária. Em uma época em que a noção de verdade se perdeu e se transformou em uma questão de opinião, resgatar a noção de verdade, não como verdade absoluta (*à la* Platão e alas mais conservadoras do cristianismo e outras religiões), mas como noção orientadora do diálogo, se torna novamente uma tarefa árdua para a Filosofia. Penso que, sem se resgatar essa noção, a tendência é de discursos cada vez mais polarizados, cada vez mais conservadores, mais rígidos, em que a vida vai se perdendo e discursos cada vez mais “totalitários” vão aparecendo. Árdua a tarefa da Filosofia em nosso tempo, mas seguimos propondo o diálogo, seguimos tentando o diálogo, por mais difícil que ele seja, pois acredito que a verdade liberta, embora cada dia seja mais difícil encontrar e definir o que seja essa verdade. Uma coisa eu sei: verdade não é opinião. Essa defesa precisa ser feita cada vez mais enfaticamente em nossos dias de pós-verdade. “E conhecereis a verdade e ela vos libertará”, já dizia o autor do evangelho de João, mas quando perguntado por Pilatos "o que é a verdade?", o próprio Jesus não deu resposta, ficou mudo, ou seja, a verdade liberta, mas às vezes, defini-la exigirá de nós um silêncio para a reflexão que se torna ouro em tempos hipermodernos.

A IGREJA EVANGÉLICA E O TABU DO SEXO ANTES DO CASAMENTO

Já há algum tempo que venho pensando em escrever algo sobre a tumultuada relação entre a questão sexual e o meio evangélico. Sei que muita coisa já foi escrita sobre isso, algo até com muito mais embasamento bíblico do que o que será exposto por aqui, mas mesmo assim achei interessante colocar minha opinião por aqui. Vários que me conhecem já sabem minha opinião a respeito do tema, pois já falei diversas vezes sobre ele em conversas informais e discussões não tão informais assim.

A questão sexual é um grande tabu dentro da igreja evangélica. Pouco se fala sobre o tema na maioria das igrejas que conheço, e quando é falado algo sempre é frisada a questão normativa como tema principal. O importante não é esclarecer nada, mas apenas tentar mostrar o que é certo ou errado em relação ao assunto.

No meio dos jovens, a coisa ainda é pior. Na maioria das igrejas evangélicas, o que é defendido é que o sexo só pode ser feito após o casamento, embora não exista nenhum versículo bíblico que afirme esse tipo de coisa. O versículo mais utilizado para justificar tal proibição sexual é aquele de Hebreus 13:4 – "Venerado seja entre todos o matrimônio e o leito sem mácula; porém, aos que se dão à prostituição, e aos adúlteros, Deus os julgará."

No entanto, como qualquer leitor pode perceber, esse versículo não está fazendo nenhuma referência ao sexo antes do casamento, mas apenas "venerando" o matrimônio. Outra coisa digna de ser notada, mas que não se é, é que o "leito sem mácula" inclui também o casal casado "formalmente". O leito sem mácula implica uma união entre os dois onde não há mácula alguma. Sabemos de diversos casais que vivem juntos apenas por comodismo, que um não conversa com outro, que vão dormir brigados, chateados com o outro. Esse versículo me parece ser mais para esse tipo de situação do que aquele primeiro do sexo antes do casamento.

Toda tentativa de legitimar o sexo antes do casamento como proibição por ordem divina acaba por perverter os textos bíblicos para interesses escusos. Alguns usam o versículo de Mateus 19:5, que afirma "então deixará o homem pai e mãe e se unirá a sua mulher", afirmando que o "ato de deixar pai e mãe" implicaria necessariamente o casamento, e só depois que ele poderia se unir à sua mulher. Além de não fazer sentido nenhum esse tipo de "análise cronológica" do versículo, ainda se esquecem de uma parte, que eu considero ser a central no debate: "O que significa deixar pai e mãe?" Poderíamos aqui falar da questão simbólica proposta pelo ensinamento do Cristo nesse versículo, onde o lugar do pai e o lugar da mãe deve ser abandonado para que o filho possa surgir como ser independente, mas gostaria apenas de apontar na direção de que, se formos olhar apenas a literalidade deste versículo (como várias igrejas insistem em fazer), deveria-se também proibir que filhos casados morem com os pais, ou na casa deles, ou no lote deles, não é? O mesmo versículo analisado cronologicamente permite imputar o jugo muito grande para quem "casa para não viver abrasado".

Um outro uso não pouco comum é usar o texto de I Coríntios 7:2, em que Paulo fala sobre o matrimônio: "Mas, por causa da prostituição, cada um tenha a sua própria mulher, e cada uma tenha o seu próprio marido". Mesmo Paulo deixando claro no versículo 6 que isso era mais uma opinião dele do que um mandamento, a carta de Paulo é tomada como bússola para a questão. A maioria das "análises" desse versículo insiste em colocar o sexo antes do casamento aliado à "imoralidade sexual", assim como justificar a prescrição de Paulo fora de todo contexto da época.

Esse, a meu ver, é um dos principais erros dessas tentativas de legitimar uma instituição social que é o casamento a partir de uma ordem divina afirmando que o casamento enquanto instituição advém de Deus. Se quisermos ser bem honestos, vemos muito claramente que em nenhum lugar do texto bíblico Deus cria o casamento. Em nenhum lugar ele institui o casamento como "sacramento". O fato de o relato bíblico dizer que Deus criou uma mulher para Adão não implica que Deus estava criando aí uma instituição, implica apenas a demanda do homem pelo outro. O outro era necessário para que Adão se humanizasse, talvez esse seja um princípio interessante a se pensar no relato da criação. Eva não apenas como "mulher de Adão", mas Eva como "outro que humaniza Adão e é humanizado por ele".

Se olharmos o próprio texto bíblico veremos que o "casamento" acontecia NO ato sexual. O ato sexual marcava o homem e a mulher como casados. Pelos textos bíblicos (principalmente no Antigo Testamento), seria impossível o sexo antes do casamento, pois o próprio sexo era o casamento.

Certa vez, um amigo meu me disse explicitamente dentro de uma igreja que ele estava casando para poder transar com a noiva dele. Achei muito estranho, mas não tivemos muito tempo para conversar. Qualquer pessoa sensata sabe que casar para poder transar é um motivo muito tolo para dar um passo tão sério como um casamento, mas a "pressão" na igreja evangélica é tão grande em cima dos jovens para "esperar o homem ou mulher certa de Deus", "se conservar puro", etc., que acaba levando muitos, mas muitos jovens, a optar pelo casamento como forma de satisfazer suas pulsões sexuais urgentes. E o que acontece na maioria destes casamentos? Passa-se alguns anos, eles se separam e os traumas são várias vezes enormes.

Não se oferece saída para os jovens, adolescentes, para lidarem com sua libido. Ou ele casa ou ele tenta de alguma forma sublimar sua libido participando do louvor, teatro, reunião de oração, etc., uma vez que a masturbação também é vista como pecado. Não resta alternativa para o adolescente ou o jovem dentro dessa perspectiva evangélica em relação ao sexo. Tudo isto embasado em uma noção de santidade que muito me espanta, pois vê quase tudo que vem do corpo como algo digno de

ser rejeitado, como algo menor, impuro por definição. Um platonismo/agostinianismo que permeia toda uma dicotomia entre corpo e alma, onde esta deve ser purificada e a aquele deve ser preso entre cadeias de barras grossas.

Consigo entender que esse tanto de proibição tem como finalidade fazer com que o jovem, adolescente, foque sua libido em outras coisas. Em vários casos, acredito que isso possa ser até bastante válido. No entanto, tentar justificar isso como ordenação divina, citando textos bíblicos esparsos e sem muita contextualização, é a meu ver um uso perverso da Bíblia.

Por que não se investe em uma educação sexual de qualidade dentro da igreja, de forma a ensinar o jovem, adolescente, a lidar com suas pulsões sexuais e não tentar apenas coibi-las por meio de um discurso vazio de santidade? O silêncio da igreja evangélica sobre o tema indica um grande problema, pois essa negação da fala coloca em evidência os diversos tabus sobre a questão no meio evangélico.

Podemos notar aqui também uma dinâmica muito hipermoderna que é o próprio fato da família se eximir dessa função social da educação. No mundo onde todo tipo de informação está disponível muito facilmente, a maioria das famílias acaba por deixar que a informação sexual venha por outras fontes, tais como a escola, a igreja, etc. Abre-se mão da responsabilidade de ensinar os filhos, e isso os tornam presas fáceis dos discursos tanto legalistas (advindos de várias igrejas) quanto "libertinos" (advindos muito da sociedade hipermoderna que cria a ilusão de uma liberdade sem limites).

Para mim, a principal questão em relação ao sexo é sempre a questão do amor. E acho que esse ponto acaba se tornando o principal, até mesmo dentro do relato bíblico. O que torna a união sexual, a meu ver, algo de um valor especial (o que faz também ela se recobrir de tabus) é quando o ato sexual é a manifestação de duas pessoas que se importam uma com a outra e que estão dispostas a se responsabilizar pelo outro, afinal, o amor sempre envolve responsabilidade para com o outro. Nesse sentido, se o sexo acontece entre duas pessoas que se amam, que estão dispostas a se responsabilizarem um pelo outro, então, a meu ver, é completamente indiferente o fato de estarem ou não casadas.

Sei que este meu discurso soa muito *démodé* para uma sociedade onde o sexo perdeu o seu caráter de união e virou mero império de um gozo que Lacan chamaria "gozo mortal", um gozo que só se

importa consigo, altamente narcísico, onde a dinâmica do outro some do cenário e o corpo é apenas um objeto a ser usado para obtenção de prazer.

Também não ignoro que algumas pessoas consigam fazer a substituição do sexo sublimando isso por meio de leituras do texto bíblico, envolvimento com outras atividades, orações, etc. Várias igrejas fazem um esforço hercúleo para driblar os desejos sexuais dos jovens e adolescentes. Acredito que seja possível e, várias vezes, muito mais benéfico para o sujeito que uma relação sexual. A meu ver, a relação sexual demanda certa maturidade para que seja feita de forma saudável para ambos os participantes.

O ponto que gostaria de ressaltar aqui é que, para tentar justificar a proibição do sexo antes do casamento por meio do texto bíblico, várias vezes se faz um uso perverso do texto, forçando alguns, deixando de fora pontos muito mais importantes na dinâmica relacional em nome de uma fixação na proibição do sexo.

Queria fazer uma análise de todos os versículos utilizados para "proibir" o sexo antes do casamento, mas ainda não tive tempo para tal, quem sabe em outros textos?

A IDENTIDADE DE GÊNERO

Em 2014, escrevi um texto em que propunha tratar a questão homoafetiva e a sua relação com a igreja evangélica brasileira. Na época, chamei de "parte 1" da abordagem. Recentemente, com o comentário muito sem noção de uma cantora muito conhecida no meio evangélico (de um grupo pertencente a uma das maiores igrejas neopentecostais de Belo Horizonte) sobre a campanha da

C&A nas redes sociais, a questão da posição "evangélica" quanto à questão homoafetiva voltou à tona. Algumas pessoas pediram a minha opinião sobre o tema e fiz alguns comentários quando me foram solicitados. Chamo então esse texto de "parte 2" do texto de 2014. Segue abaixo os comentários dos amigos do Facebook em itálico e minha resposta logo abaixo. São apenas dois comentários que selecionei para o texto não ficar muito extenso. Penso que ambos dão o núcleo da questão trabalhada aqui.

“Por favor, ajude-me. Trata-se da tão falada ‘Ideologia de Gênero’”: - Quando um membro de uma denominação pentecostal ou neopentecostal, nascido com um pênis no meio das pernas, identificado ao gênero masculino, canta músicas religiosas em que, repetidas vezes, afirma estar apaixonado por Jesus e ser a Sua noiva, este está exercitando a - horrível, pecaminosa, mundana, maligna - "Ideologia de Gênero"? - Quando uma mulher, nascida com uma vagina, parte de uma denominação cristã pentecostal ou neopentecostal, diz ser um soldado de Cristo, canta músicas e marcha ao som de tambores, repetindo coros em que afirma ser um guerreiro de Deus ou um valente do céu, tal mulher não fere as normas divinas que estabelecem o que é próprio e característico do macho e da fêmea? Pergunto isso porque meus colegas evangélicos parecem esquecer que as construções de gênero, além de se mostrarem nas placas de banheiro, nas vestimentas e nos adereços de moda, evidenciam-se, sobretudo, por meio das palavras e das construções linguísticas. Ah, e se vierem me falar que em meus questionamentos refiro-me a metáforas, perguntarei porque este recurso linguístico - o da metáfora - não pode ser utilizado em textos e passagens que tais "doutores da Lei" insistem em repetir quando atacam homens e mulheres gays, lésbicas e/ou transexuais." (Hugo Leonardo)

A questão que você coloca realmente é bem interessante e a meu ver aponta para uma questão muito mais estrutural dentro do cenário evangélico brasileiro. O comentário da cantora da famosa igreja neopentecostal, além de ser infeliz, traz consigo uma visão bastante recorrente no meio evangélico brasileiro (isso pode ser visto nos vários comentários apoiando a posição dela no Instagram) que coloca o homossexual como alguém que estaria longe, afastado dos caminhos de Deus por conta de sua orientação sexual, e no caso específico em questão, uma luta ideológica contra a ideologia de gênero.

Há uma dificuldade enorme no meio evangélico (lembrando que "evangélicos e protestantes" claramente não são a mesma coisa no contexto brasileiro) em lidar com diversas questões contemporâneas porque eles insistem em ler a realidade atual por meio de lentes antigas. Em nome de uma “preservação do texto”, acabam indo contra ao “espírito do texto”. Eles acabam esquecendo

que Jesus propôs uma releitura da lei em seu tempo, ou seja, pegou o texto e retirou dele o seu “espírito” para a época em que vivia. Esse movimento de “fidelidade” ao princípio de Jesus é completamente esquecido quando se toca em temas contemporâneos em grande parte da igreja evangélica brasileira.

Algo que sempre achei interessante pensar é que, se quisermos ser fiéis à proposta de Jesus, precisamos fazer assim como ele fez, ou seja, traduzir o texto para o nosso tempo preservando o espírito do texto e não nos fixarmos em leituras estanques que acabam trazendo fundamentalismos que nos afastam do intuito bíblico primordial. O Deus cristão sempre se mostra no texto bíblico como um Deus de amor que não tem em mente a condenação dos homens, mas muito pelo contrário, a salvação deles.

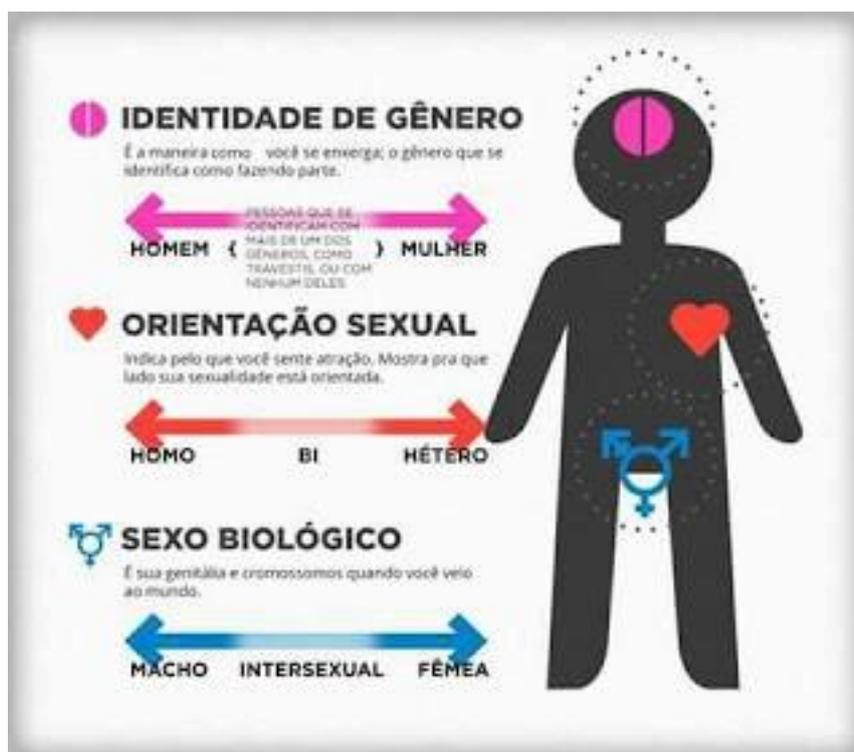
A questão da “ideologia de gênero” é um típico tema atualíssimo da nossa época e que exige sim um pensamento crítico por parte do meio cristão. A posição simplista de afirmar que “Deus criou Adão e Eva” ou “Romanos 1 diz isso e isso” soa uma tentativa de fugir da questão e se trancar naquilo que comentávamos mais acima, ou seja, insistir em ler os tempos atuais com lentes antigas.

O que podemos dizer sobre a “ideologia de gênero”? Sou contra a noção também bastante divulgada de que “não existe ideologia de gênero”, pois afinal ela existe sim e é uma forma que encontraram de deturparem a questão no que diz respeito à relação do indivíduo com sua sexualidade. Chamar a noção “identidade de gênero” de “ideologia de gênero” é tentar por meio de palavras deslegitimar uma questão fundamental da nossa sociedade contemporânea, afinal a “ideologia” é associada comumente como algo negativo, ou algo a ser “superado”, ao passo que a noção de “identidade” aponta para algo muito mais estrutural no sujeito. A noção de “gênero” não é, portanto, apenas uma “ideologia”, mas foca em uma relação identitária do sujeito, e isso deve sim ser respeitado e não superado.

Toda a nossa relação com o mundo é sempre ideológica. A realidade nua e crua não nos é acessível, pois apenas por meio da linguagem somos capazes de entrar no mundo humano. A linguagem é em si mesma ideologicamente construída. Dessa forma, a questão da homossexualidade, transexualidade, bissexualidade e todas as suas variantes não passaria tanto por uma questão de “ideologia de gênero”, mas por uma resposta do indivíduo em relação à sua sexualidade.

Por mais que o meio evangélico insista em negar, já é muito sabido que o objeto sexual de cada indivíduo não passa apenas por um fator biológico, mas passa por diversas outras construções

sociais, e que por isso mesmo tal objeto varia de pessoa para pessoa. A suposta "heteronormatividade" se mostra assim apenas como uma grande convenção social e não está, portanto, ancorada em nenhum "princípio divino", etc. A imagem abaixo ilustra de forma bastante didática o que está em jogo na proposta, não de uma "ideologia de gênero" enquanto discurso deslegitimador, mas como "identidade de gênero", que como se pode perceber, não tem muita coisa a ver com "nascer homem ou mulher".



(Fonte: <https://blog.livrariaflorence.com.br/identidade-de-genero-e-orientacao-sexual>)

A questão é muito mais complexa do que diversos setores evangélicos querem fazer acreditar por meio de posturas extremamente fundamentalistas. Não se trata nesse caso de "ideologia de gênero", mas se trata muito mais de uma noção de "identidade de gênero". O objeto ao qual a pulsão dirige o seu interesse.

Se prestarmos atenção ao texto bíblico, veremos que ele diz muito pouco sobre sexo e Jesus nem mesmo toca na questão segundo os evangelhos, o que nos leva a crer que isso nunca foi um problema a ser enfrentado por Jesus, mas que provavelmente chegou ao cristianismo por outras fontes. Talvez gnósticas, talvez platônicas, talvez por meio do estoicismo antigo, mas fato é que tal questão é completamente estranha ao surgimento do cristianismo. As pouquíssimas falas de Paulo sobre o tema, se analisadas de forma mais detida, nos mostrarão que o que está em jogo não é o "objeto da pulsão", mas muito mais a relação para com o outro, se tal relação é feita "em amor ao próximo", ou "sem amor ao próximo".

Sobre as músicas no meio evangélico, que evidenciam tanto a ideia de "noiva de Cristo" quanto a ideia da "mulher enquanto guerreira", temos um problema ainda maior. É sabido que as músicas que se cantam no meio evangélico, na maioria das vezes, não têm muito a ver com o texto bíblico. E aqui há algo extremamente curioso: o grande paradoxo de uma leitura fundamentalista do texto no quesito "doutrinário", mas a possibilidade metafórica quando se trata de melodias, o que gera músicas extremamente dúbias do ponto de vista do texto.

O "varão" que se identifica com a noiva de Cristo tem um quê de uma personificação do feminino, mas ao mesmo tempo tem mais a ver com se identificar com uma esfera metafísica em que a noiva se tornaria um ser impessoal, sem "identidade" (o que permitiria a identificação por parte do "varão" sem "abrir mão" da sua sexualidade) que não é um indivíduo, mas um grupo (feminino nesse caso). Esse tipo de identificação com o grupo difere, por exemplo, do caso Schreber que queria ter um "filho com deus", ser penetrado por Deus e tal. A noiva de Cristo, para lembrarmos, não tem uma conotação "sexual", por assim dizer, mas se vincularia muito mais a uma união "mística" com seu noivo. E aqui, até nisso podemos ver uma dificuldade do meio evangélico em lidar com a questão afetiva/sexual (não é sem motivo que o texto de Cântico dos Cânticos é facilmente transformado em um poema "dessexualizado" por grande parte da igreja evangélica). Freud já dizia muita coisa sobre tal temática e a dificuldade religiosa em lidar com a questão sexual. Em seu livro "Psicologia de grupo e análise do ego" (1921), essa questão é tocada de forma bastante salutar no que diz respeito à igreja enquanto instituição e o processo de identificação envolvido na adesão às instituições.

Em relação à mulher que se vê como guerreira, acho que nesse ponto é até mais tranquilo pra gente hoje e seria até motivo de "defesa" para afirmar que o meio evangélico não veria diferença quando se trata de "guerrear", mas vê uma ENORME diferença quando se trata de "amar".

A identidade de gênero já é algo muito bem aceito em diversas igrejas protestantes e a igreja católica também já tem mostrado alguma abertura à questão (embora os passos sejam bem tímidos). Creio que seja uma questão de tempo mesmo até essa questão se resolver de fato. É bastante complicado para quem é homossexual, tem uma vivência eclesial e precisa o tempo todo ou esconder-se ou ter que lutar incessantemente por algo que deveria parecer óbvio dentro de qualquer meio religioso que é a pluralidade dos objetos passíveis de serem amados.

"Tenho uma dúvida sincera diante dessa última polêmica com a pastora da igreja neopetencostal de Belo Horizonte e a C&A, é possível ser cristão e não ser homofóbico? A Bíblia é bem explícita em sua condenação à prática homoafetiva, portanto não me causa qualquer espanto essa oposição à homossexualidade pelos cristãos. Não só à orientação sexual, também às práticas religiosas distintas, às diversas culturas, enfim... é apenas uma dúvida. Tolerância e a fé cristã me parecem palavras que não combinam, o livro sagrado e a história são bem explícitos quanto a isso."
(Henrique Chaves)

É possível sim, meu caro. Infelizmente, o que mais se ressalta é o aspecto negativo. Mas a partir do próprio texto bíblico podemos pensar um discurso completamente diferente do propagado por aí. A suposta "condenação explícita" do texto bíblico deve ser lida contextualmente. Apenas uma leitura fundamentalista do texto permite um discurso que não seja tolerante. Apenas se nos fixarmos na "letra do texto" e não em seu "espírito" (pensando aqui no famoso versículo bíblico, "a letra mata, mas o espírito vivifica", 2 Cor 3:6). Uma leitura do texto bíblico de forma a manter o seu "espírito" aponta para outra direção que é a do amor, da tolerância, do vivenciar a experiência do outro em toda a sua diferença. O próprio exemplo do Cristo e suas inúmeras propostas para a tolerância, não só com as mulheres, com os leprosos, com os que não seguiam com ele, com os menosprezados, etc., já deveria levar o povo que diz usar o texto para justificativas intolerantes repensarem suas opiniões vomitadas por aí. É um longo caminho, mas percebo um pouco mais de abertura nesse meio. As igrejas inclusivas são um exemplo desse movimento.

O tema em questão urge ser tratado de forma mais sistemática dentro da igreja evangélica brasileira e mundial. Mesmo com algumas aberturas já evidenciadas nestes meios há ainda um longo caminho a ser percorrido. A luta é árdua e deve ser mantida por todos nós que acreditamos que o princípio maior do cristianismo é o amor ao próximo em toda a sua diferença.

SOBRE A HOMOAFETIVIDADE

Algo que sempre achei curioso dentro da igreja evangélica é a forma como ela se posiciona de forma, várias vezes, muito simplista diante de temas extremamente complexos e como complexifica temas extremamente simples. Um exemplo de uma complexificação de um tema simples pode ser visto na forma como a igreja lida com os dízimos. Algo que foi instituído no Antigo Testamento visando o dom da partilha, como uma espécie de igualação dos meios de subsistência, como forma

de dividir igualmente o produto da terra entre quem produz e não produz, é transformado pela igreja evangélica em um imposto que facilmente condena todos os que não contribuem.

Outro exemplo de um tema complexo que é tratado de forma extremamente simplista pela igreja evangélica é a questão homossexual. Dentro dela, facilmente a questão se resolve colocando a ação como pecado e citando versículos bíblicos que condenam a prática homoafetiva. Qualquer pastor ou líder evangélico que vá falar sobre a questão já tem na ponta da língua os versículos da carta de Paulo aos Romanos, capítulo 1, alguns textos de Apocalipse e alguns mais extremistas recorrem a algumas passagens do livro de Levíticos para mostrar o quanto a Bíblia se mostra contra tal prática, sendo, portanto, pecado praticá-las. A meu ver, o simples recurso à citação de versículos nunca se mostrou profícuo para justificar questões de comportamento, embora para alguns isso funcione muito bem. Obviamente que para isso funcionar é preciso que se parta de uma visão do texto bíblico que não compartilho, ou seja, a ideia de que a Bíblia é a palavra de Deus e que tudo que está escrito lá descreve a vontade atemporal de Deus. A minha posição em relação a Bíblia é outra.

Para mim, o texto bíblico é um texto que deve ser compreendido tendo em vista a época de sua escrita, os seus diversos autores, as configurações culturais da época da escrita de determinado livro, etc. Da mesma forma que nossas concepções sobre o mundo mudam com o passar do tempo, as concepções de mundo de um povo muda a partir da sua história. Se quisermos observar apenas um desses conceitos, podemos observar o conceito de justiça que vai se alterando com o passar do tempo. De uma justiça retributiva a uma justiça mais graciosa. Da mesma forma, qualquer tema, para ser bem tratado à luz do texto bíblico, precisa ser inserido dentro do contexto de sua aparição para que não olhemos com lentes erradas algo que é claramente definido a partir de uma demanda social.

Tendo dito isso, acredito que a questão da homoafetividade deve ser lida também da mesma forma, ou seja, ela deve ser entendida à luz do contexto em que os diversos textos foram escritos, o "por quem" foi escrito, com que propósito foi escrito, etc. Fica bem claro a partir do que falamos que uma análise atemporal de um determinado tema não funciona se quisermos realmente entender como lidar com a questão na contemporaneidade. Ao invés de simplesmente citarmos versículos, acho que seria muito mais prudente se pensarmos em que medida o que a Bíblia diz sobre a questão homoafetiva pode nos indicar não um caminho de julgamento, mas um caminho para o amor, pois como nos disse Jesus, "o sábado foi feito por causa do homem e não o homem por causa do sábado" (Marcos 2:27). Ou seja, o homem é sempre mais importante que a lei. O acento recai sobre o homem e é exatamente sobre esse ponto que pretendo focar nessa pequena introdução ao debate,

pois se colocarmos o acento sobre a lei corremos o sério risco de perdemos a humanidade do homem, mas se colocarmos o acento sobre o homem daremos à lei um estatuto vivo para além de uma mera norma.

É bem claro para qualquer leitor atento do texto bíblico que ele fala muito pouco sobre sexo, ou sobre as diversas possibilidades de relacionamento entre os sexos. O porquê de o cristianismo desde o seu início fixou tanto a sua atenção sobre essa questão é algo interessante e se isso não está tão presente no texto bíblico é bem provável que essa fixação sobre o tema venha de fontes exteriores ao ambiente judaico. Sabemos que o cristianismo do primeiro século sofreu uma grande influência do platonismo e do gnosticismo e nessas filosofias percebemos um desprezo muito grande pelo corpo e uma predileção pela alma, ou seja, tudo que é corporal deve ser deixado de lado, pois atrapalharia o desenvolvimento da alma. Esse tipo de dicotomia é bem assimilado pelos primeiros cristãos e se fixa muito cedo no cristianismo.

O ser humano é um ser sexual. A sexualidade faz parte da natureza humana e isso nos comprova a medicina, a psicologia e principalmente a psicanálise, que traz a sexualidade para o centro do seu discurso propondo uma nova forma de se enxergar tal conceito. Freud nos propôs que a sexualidade é algo que vai muito além da relação sexual em si, e vai também muito além dos órgãos genitais masculinos e femininos. A partir de Freud começa-se a pensar a sexualidade de forma mais ampla, de forma que ele mesmo afirma que a sexualidade já se encontra na própria criança desde o seu nascimento. Quem tiver interesse sobre o tema recomendo a leitura dos "Três ensaios sobre a sexualidade", de 1905, onde tal ideia é desenvolvida.

Freud trabalha com a noção de pulsão, que seria o "processo dinâmico que consiste numa pressão ou força que faz o organismo tender para um objetivo". Segundo Freud, uma pulsão tem a sua fonte numa excitação corporal; o seu objetivo ou meta é suprimir o estado de tensão que reina na fonte pulsional; é no objeto ou graças a ele que a pulsão pode atingir suas metas (Laplanche e Pontalis, 1995, p.394) e o conceito de libido, que é definida por Freud como energia dessa pulsão (por se tratar de dois temas centrais da teoria psicanalítica que perpassa toda a sua história fica impossível dar uma definição mais pormenorizada desses conceitos. Quem tiver mais interesse sobre os dois conceitos, recomendo a leitura do "Vocabulário de Psicanálise" de Laplanche e Pontalis).

Algo que a psicanálise vai nos mostrar é que a pulsão pode ser dirigida a qualquer objeto, inclusive ao próprio eu, e basicamente, o que determina o objeto a que a pulsão se destinará dependerá de diversos fatores. Segundo o próprio Freud,

O objeto de uma pulsão é a coisa pela qual ele atinge a sua finalidade. O objeto não é necessariamente algo estranho: poderá igualmente ser uma parte do próprio corpo do indivíduo. Pode ser modificado quantas vezes for necessário no decorrer das vicissitudes que a pulsão sofre na sua vida, sendo que esse deslocamento da pulsão desempenha papéis altamente importantes. (Freud, 1915, p. 143)

Dessa forma, a pulsão pode encontrar diversos caminhos para se satisfazer, desde um objeto, uma outra pessoa, ou até mesmo o próprio eu, tendo sempre como objetivo descarregar e aliviar a pressão interna, e de alguma forma complementar aquilo que falta ao ser humano. Essa falta a psicanálise trata como sendo algo estrutural, algo que nunca será satisfeita plenamente; é a falta provocada pela lei da palavra que humaniza o sujeito e faz nascer o desejo. Por isso que a pulsão nunca encontra o objeto que a satisfaz completamente e sempre está buscando novas formas de satisfazer.

Mas para quê essa digressão pelo campo da psicanálise? Para mostrar que a questão da sexualidade não é algo simples, e mostrar que a noção de sexualidade deve ser entendida para além da questão meramente sexual. Afirmar que a sexualidade é algo inerente ao ser humano é propor uma antropologia que parte do pressuposto de que o homem é um ser relacional, desvinculando o sexo do seu caráter meramente "reprodutor" ou normativo, integrando-o a uma dimensão mais holista. Através do conceito de pulsão rapidamente evidenciado aqui, podemos propor que, se o objeto da pulsão varia de acordo com o que acontece na vida, o que deve reger a sexualidade não é uma norma, mas a noção de complementariedade enquanto possibilidade de satisfação do desejo.

Dessa forma, definimos nossos pressupostos de forma mais clara. Nosso primeiro pressuposto é que o texto bíblico deve ser lido contextualmente e não como uma verdade atemporal. Nosso segundo pressuposto é de que o ser humano é um ser sexual, mas essa sexualidade remete a uma noção de complementariedade, ou seja, a pulsão visa satisfazer o desejo através de objetos que podem ser desde um objeto qualquer, ou uma outra pessoa, ou o próprio eu. No entanto, tal satisfação da pulsão é sempre parcial, pois o objeto capaz de preencher a falta está para sempre perdido e não pode mais ser encontrado.

A partir desses pressupostos, o diálogo entre fé cristã afirmada pela igreja evangélica e a homoafetividade pode se dar de uma forma mais profícua para além dos simplismos que ouvimos sempre que esse tema é tratado em uma igreja evangélica.

Ao invés do simplismo, pensemos a partir da simplicidade da cruz.

**LGBTQIAAP+, IGREJAS EVANGÉLICAS E CONTEMPORANEIDADE: DESAFIOS
PARA O PENSAMENTO**

Hoje se celebra o dia do orgulho gay, o que para mim é motivo de extrema alegria, pois acredito que as coisas estão mudando para a comunidade LGBTQIAAP+, mesmo que parcamente. Para quem

não sabe, a nova sigla representa os Gays, Lésbicas, Bissexuais, Transexuais, *Queers*, Intersexuais, Assexuais, *Alies* (do inglês), e Pansexuais.

Tempos atrás, o próprio fato de se assumir Gay, Lésbica, etc. já era motivo para exclusão de círculos mais próximos, familiares, coisa que hoje em dia vai aos poucos sendo aceita de forma mais light. Obviamente que esse olhar “otimista” não é ingênuo; se por um lado vemos diversos avanços no quesito aceitação, ainda não podemos dizer que chegamos nem sequer próximo de um nível de aceitação “aceitável”. O Brasil continua sendo o país que mais mata transexuais no mundo, ainda é o país onde a média de vida da população trans é de apenas 35 anos, etc. Esses dados já deveriam nos alarmar diante da crueza que evidenciam. Fechar os olhos para esses dados também é simplesmente ignorar um problema social importantíssimo. Outro dado alarmante é que apenas no presente século é que a questão transexual deixou de ser considerada “doença” pelo DSM (Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais), o que evidencia que aquilo que chamei de “parco” no início do texto é de fato extremamente parco mesmo.

Sou protestante e a questão sobre a sexualidade é um tema considerado tabu dentro da maioria das igrejas protestantes e evangélicas. Chego a dizer que no meio evangélico neopentecostal o tabu em relação à sexualidade beira a insanidade. Se, de uma forma geral, a questão sexual é raramente comentada dentro da igreja evangélica, ela se mostra presente em basicamente todos os aspectos da vida da igreja evangélica. Para isso, basta observarmos o silêncio como grande sintoma da questão que não pode ser enunciada, debatida, mas cabe apenas o lugar de “proibida” de formas cada vez mais velada. É bastante interessante o discurso evangélico sobre a questão da sexualidade, pois ela mescla discursos extremamente paradoxais para defender pontos de vista muito discrepantes. Além da questão do "sexo antes do casamento", que é sem dúvida algo muito pregado dentro das igrejas evangélicas, queria aproveitar a data do Orgulho Gay e comentar sobre a relação das igrejas com a questão da sexualidade de maneira mais ampla.

Foucault já nos mostra, no seu estudo intitulado *História da Sexualidade*, e Freud também, antes de Foucault, que a questão sexual é uma questão fundamental na vida do sujeito humano, de forma que o controle sobre essa esfera da vida do sujeito dá à instituição um poder extremamente grande sobre ele. Não é por coincidência que a igreja evangélica se preocupa de forma doentia com a questão sexual. Para além de uma leitura fundamentalista do texto bíblico (que retira todo o texto do seu contexto e quer ler a Bíblia *sub specie aeternitatis*), a igreja evangélica em sua maioria tem sempre em mente o exercer certo domínio sobre a forma que o membro deve ou não viver a sua vida sexual.

Daí vêm muitos problemas entre casais heteronormativos, mas com certeza os que mais sofrem com isso são os casais homoafetivos.

Via de regra, a solução proposta para os homossexuais dentro da igreja evangélica é a abstenção do sexo com seu parceiro, pois “Deus ama o pecador, mas não ama o pecado”, diz a ideologia extremamente perversa propagada (curiosamente, a mesma exigência não é nem cogitada para o casal heteronormativo). Dessa forma, o pecado está no ato da cópula, no sexo em si. Essa visão, além de retomar uma dinâmica extremamente medieval quanto à relação entre corpo e alma, aquele sendo taxado como impuro enquanto a alma seria pura, traz consigo uma noção de controle sobre os corpos que beira a insanidade. Uma das maiores bandeiras levantadas por Lutero durante a reforma protestante foi exatamente a liberdade do cristão diante de Deus, de forma que Deus e homem se comunicam diretamente sem a mediação institucional (o que obviamente trouxe sérios problemas em diversas igrejas neopentecostais e suas leituras absurdas do texto bíblico). No entanto, dentro da maioria das igrejas evangélicas, a liberdade do sujeito só se faz presente na hora de assumir a culpa pelos seus atos e nunca na hora de se tornar de fato agente de si mesmo. Esta noção vai se tornando cada vez mais perversa e cada vez mais velada no discurso, tornada *soft* como forma de penetrar cada vez mais sutilmente como mecanismo de controle. Um exemplo bem vivo disso são os diversos cultos existentes em diversas igrejas evangélicas voltadas para a comunidade LGBTQIAAP+ em que, sob o nome de "inclusão", o que se vê na maioria das vezes é apenas o mesmo discurso fundamentalista, culpabilizador, com uma roupagem diferente. Ao invés de ser um lugar em que a aceitação se dará, o que se vê é apenas uma culpabilização velada, uma ideologia extremamente perversa em que a igreja evangélica mostra sua face totalmente alinhada com a dinâmica exclusivista da heteronormatividade.

Recentemente, uma aluna minha relatou uma experiência vivida no culto "Cores" de uma igreja batista neopentecostal. A líder do culto já iniciava a sua fala afirmando saber que estava em pecado mantendo a sua opção sexual, mas estava ali para honrar e engrandecer o nome de Deus. Supostamente, esse culto é voltado para a comunidade LGBTQIAAP+, mas o que traz consigo é apenas uma noção arcaica de que cabe à igreja dizer o que pode ou não pode ser feito com o corpo do sujeito. Extremamente interessante é o fato de que a igreja não assume que isso é uma postura/leitura própria dela, mas atribui a Deus uma discriminação que é estrutural, socialmente construída e que não tem absolutamente nada a ver com a proposta cristã em sua forma mais crua.

É fato conhecido que Jesus andava com prostitutas, ladrões, mendigos, pobres, excluídos, etc. Também é fato conhecido que o ensinamento de Jesus se volta sempre para a aceitação dos diversos

modos de vida das pessoas que são baseados no amor, mas se volta contra os atos que não são baseados nesse mesmo amor. Não é sem motivo que a vez que os evangelhos mostram um Jesus extremamente violento é apenas com os comerciantes no templo. Em hora nenhuma essa violência de Jesus se mostra em relação a outras questões da vida das pessoas. Jesus não fala absolutamente nada sobre sexo, os evangelhos não falam basicamente nada sobre a questão, mas por diversos motivos, incluindo a questão platônica no início da patrística, a questão sexual se tornou o tema central da igreja cristã desde o seu surgimento.

Iniciei o texto afirmando que tem havido uma parca aceitação das questões homoafetivas na sociedade de forma que esses grupos têm ganhado cada vez mais espaço e suas pautas estão sendo cada vez mais debatidas. Até mesmo no meio evangélico somos capazes de encontrar grupos que debatem seriamente a questão e igrejas de fato inclusivas no sentido da aceitação plena da forma única com que cada um tem de viver a sua sexualidade, entendendo que não cabe à instituição dizer o que pode ou não pode ser feito pelo sujeito no uso da sua livre vontade sobre o seu próprio corpo. Essa ausência do poder institucional, no entanto, evidencia a crise representacional vivenciada hoje em todas as instâncias da vida dos sujeitos contemporâneos. É impossível voltar para uma época onde essas instituições terão novamente o poder que tinham (embora esse seja o desejo de vários setores atuais que veem no fortalecimento dos aparatos de controle uma saída para a crise contemporânea, culminando não raras vezes em posturas extremamente fundamentalistas). Essa fantasia de uma unidade primordial se perdeu definitivamente. A única possibilidade parece ser aquilo que diversos psicanalistas chamam de "pai enfraquecido", ou seja, uma referência mínima que apenas a partir do testemunho próprio seria capaz de orientar o sujeito.

No entanto, a nossa crise representacional também se evidencia dentro do próprio movimento LGBTQIAAP+. Recentemente, estava discutindo em uma das minhas aulas que o simples fato da sigla que começou com GLS, passou para LGBT, depois LGBTQI+ e agora é LGBTQIAAP+ apontaria para a mesma crise representacional que o aumento das letras visa resolver. Na intenção de aceitar todas as minorias, o que aparentemente acontece é a criação de cada vez mais "microgrupos" em que a representação precisa ser cada vez mais específica para encontrar voz. É sabido que dentro do próprio movimento há diversas discussões sobre a questão de gênero e a questão racial, a questão de gênero e a questão econômica, havendo cada vez mais uma pulverização das letras na sigla de forma a representar cada vez grupos menores sob o nome da "aceitação das diferenças". A meu ver, o aumento da sigla aponta exatamente para essa fissura contemporânea da ausência da representação; de alguma forma, acaba-se caindo em uma espécie de narcisismo de grupos extremamente pequenos que no fim das contas não representam ninguém. O

excesso de letras na sigla aponta para a mesma dificuldade de lidar com a questão da sexualidade que descrevi acima, ou seja, essa não é uma querela meramente da igreja evangélica, mas se mostra uma dificuldade contemporânea, hipermoderna.

Ao tentar "definir" os microgrupos com letras cada vez mais específicas não estaria presente uma tentativa meio que desesperada de enquadrar a sexualidade dentro de padrões cada vez mais distintos? Essa fantasia da normatização não evidenciaria exatamente aquilo pelo qual as pautas identitárias de hoje visam eliminar? Paradoxalmente, quanto mais se prega a liberdade para a vivência da sexualidade, mais letras vão surgindo para "delimitar" quem é quem nessa relação. O caminho das siglas não deveria caminhar no sentido de redução das letras ao invés do seu aumento? E o que diríamos se outros grupos cada vez mais específicos quisessem ser representados? Todos os grupos devem ser aceitos e ter a sua própria letra na sigla? Isso não permitiria adesão de grupos que atualmente soam extremamente estranhos para nós? O que pensar sobre "sexo com robôs"? "Sexo com animais"? Coisas que hoje nos soam extremamente estranhas e perversas não estariam talvez próximas de acontecerem? Se a ideia soa extremamente estranha, basta lembrar que há menos de 100 anos a questão homoafetiva também era considerada "aberração", "doença", "perversão", e hoje não é mais. Qual seria o critério para se acrescentar uma nova letra nessa sigla? Esses grupos não teriam direito também à representação? Haveria um limite para essas representações?

E o que dizer do "+"? Esse "+" aponta sempre para esse excesso indizível na vivência da sexualidade que nunca é eliminado. Os diversos movimentos atuais têm em vista sempre eliminar esse "+" de forma a se ver representado por um signo que contemplaria uma vivência específica, mas o que acontece é algo que Freud e depois Lacan apontaram muito bem: sempre que se tenta abarcar toda sexualidade, algo sempre escapa, algo sempre resta. Sendo um bom freudiano, diria que o que resta é a evidência de que o objeto da pulsão é sempre parcial, ou seja, aquele objeto último capaz de eliminar o "+" nunca será encontrado, sempre restará algo. Em *lacanês*, diríamos que esse é claramente o *objeto a*.

Percebe-se que a questão da sexualidade é algo extremamente intrigante e um assunto extremamente complexo de forma que nesse dia do orgulho gay, para além da celebração, é preciso pensar de forma cada vez mais honesta o nosso desafio contemporâneo para que não caiamos em uma tentativa desesperada de um retorno às estruturas ultrapassadas que não têm nada a dizer (basicamente a posição da maioria da igreja evangélica atual), nem caiamos na falácia da liberdade sem limite que diversos grupos insistem em manter, minando com isso toda forma de liberdade tipicamente humana. Se há algo que a psicanálise nos ensina é que toda liberdade humana só se

torna liberdade quando é fundamentada sobre um limite, sobre uma interdição; é só assim que é capaz de nascer o desejo que nos torna humanos. O desafio é grande, tanto do ponto de vista teórico quanto prático, mas por isso mesmo instigante para a nossa reflexão – e o dia de hoje é propício para pensarmos sobre isso.

AINDA SOBRE A HOMOAFETIVIDADE

Em conversas pelo Facebook com algumas pessoas que comentaram meu status, surgiu este texto. Fiz um apanhado dos meus *posts* no assunto em questão e coloquei aqui. Resolvi deixar o texto sem os nomes das pessoas com quem falo para não expor ninguém, a não ser eu mesmo. O texto pode parecer meio desconexo, mas resolvi deixar dessa forma para manter a fidelidade do exposto.

É exatamente esta a questão: evidenciar a "hipocrisia evangélica" atual. Curiosamente, muito se mata em nome do "evangelho", haja vista a própria guerra iraquiana⁴ ou até mesmo outras ações "políticas" patrocinadas por evangélicos.

No entanto, em relação à sexualidade, o protestantismo se vê absolutamente taxativo e, nesse sentido, evidencia toda a hipocrisia que falo. "Algumas coisas são claras"? Mas o que está por trás dessa clareza? É claro que você deve saber que não temos acesso ao texto de fato, mas sempre o interpretamos de acordo com nossas vivências, fraquezas, etc. Apenas uma interpretação fundamentalista da Bíblia possibilita uma leitura simplista que não está disposta a dialogar com o seu tempo. Como diria Rubem Alves, o problema do fundamentalismo não é "o que se fala", mas sim "o como se fala", ao falar "do ponto de vista da verdade", o fundamentalista encerra toda possibilidade de diálogo, afinal, se já se está com a verdade do seu lado, pra quê o debate? A tarefa será simplesmente a de tentar trazer o outro para o lado da verdade. A mesma tentação do jardim se evidencia novamente.

A questão homossexual é algo que merece um enfoque não-simplista. Afinal, se a Bíblia não é um livro normativo nesse sentido, haja vista que muito pouco se fala sobre sexo no texto bíblico, por que então essa "sina" com a questão? De onde veio essa sina cristã para com a questão da homossexualidade se nem entre o judaísmo, nem mesmo nos textos do Novo Testamento vemos esse tipo de coisa? Talvez (e aqui tendo a acreditar que sim) a influência tenha vindo de fora, e concordo com vários que dizem que essa influência teria vindo do estoicismo e do gnosticismo que, como sabemos, muito entusiasmados com Platão, viam o corpo como algo desprezível em relação à alma. Talvez a influência nos primeiros séculos do cristianismo tenha dado "o tom" da completa negação sexual e principalmente na questão homossexual.

As coisas "claras" nas escrituras talvez não sejam assim tão claras, iguais às que você mesmo citou como "não pode matar"; no próprio texto bíblico vemos que isto não é tão claro, a própria inquisição "matou" muito em nome de Deus, "Deus" mandou matar muitos "infiéis" para que o povo não se corrompesse em meio a outras tribos. Se a coisa fosse tão simples assim, talvez o texto bíblico teria que ser reescrito. O que quero ressaltar é que o "espírito" vale mais que a "letra", e talvez a "liberdade" do espírito, que sopra onde quer, seja o que mais incomoda a grande maioria que prefere lidar com as questões de forma simples do que lidar com a liberdade.

⁴ Trata-se da Guerra do Iraque, iniciada no dia 20 de março de 2003 com a invasão do Iraque por uma coalizão militar multinacional liderada pelos Estados Unidos e que durou até dezembro de 2011, com a saída das últimas tropas estadunidenses.

A proposta não é convencer ninguém de nada. Coloco aqui coisas sobre as quais penso, ideias que giram em minha cabeça. O fato de ter pensado na questão da homossexualidade não quer dizer que quero colocar algo na cabeça de alguém. Em hora nenhuma coloco minhas posições como "certezas". Apenas tento argumentar para embasar aquilo que estou pensando.

Se fosse pra convencer alguém de alguma coisa, o último lugar que iria fazer isso seria pelo Facebook. Iria pra algum púlpito por aí, diria um discurso eloquente, comoveria muitos com pura retórica e pronto. Não é uma questão de convencer ninguém de nada. É pensar sobre as coisas. Pode rever todos os *posts* e se achar algo que ao menos pareça com tentativa de colocar algo na cabeça das pessoas à força, me mostre. Tenho certeza de que não encontrará nada nesse sentido. A questão não se coloca nesse nível que você colocou. É uma tentativa de (re)pensar as coisas.

Só isso. Pensar dá trabalho, e se a boca fala do que tá cheio o coração, vários *posts* vão parecer repetidos, várias incursões serão feitas, vários textos serão colocados, lidos, relidos, para tentarmos nos aproximar de alguma posição que seja defensável e embasada. Não como algo "vindo de fora", mas como algo que nasceu de dentro, fruto da reflexão, fruto do diálogo. Essa é a intenção.

Pena encontrar poucas pessoas dispostas a pensar honestamente sobre o tema, ou, no meio evangélico, sobre praticamente qualquer tema. Contenta-se com muito pouco e por isso acaba-se, a maioria, ficando como folhas secas levadas por qualquer vento.

Qualquer exame tosco da realidade evangélica evidencia isso que digo aqui. No entanto, nem essa avaliação a grande parte quer fazer. Resta ficar sozinho, talvez na companhia de alguns poucos nessa empreitada.

Existem vários tipos de preconceitos. Agora, o fato de me ater a esse específico não evidencia que ele seja "melhor" ou "mais importante" que outros. Sei que há muita discriminação com relação aos mendigos e todos outros que não têm "parte na terra". Quanto às prostitutas, acaba caindo na mesma questão, sendo mais ampla do que a questão do "cristão e a sexualidade", essa grande "ferida narcísica" no cristianismo que até hoje se trata cheio de melindre.

Realmente a questão homossexual está em voga, e não só aqui, não sei se sabe, mas na Alemanha vários bispos da Igreja Católica se reuniram para conversar com o Papa sobre o assunto na visita que ele fez recentemente lá. É uma questão que tem ganhado corpo e nós enquanto cristãos,

protestantes, não podemos simplesmente usar o discurso estereotipado que afirma que "Deus ama o pecador, mas não ama o pecado" quando na realidade evidenciamos o contrário.

Penso sim que TODOS devem ser amados como são, e como seus "estilos de vida" são. Isso estaria para além das discriminações, e isso em qualquer nível social, profissional, etc.

Todo filósofo que se preze precisa pensar a partir da realidade em que vive.

Como diria Feuerbach, sou fruto do meu tempo, penso as coisas do meu tempo, e se vivo num tempo onde a questão homossexual está sendo debatida, eu enquanto filósofo tenho que pensar nessa situação. E eu, enquanto filósofo e protestante, preciso pensar nessas coisas. Claro, preciso pensar também em outras coisas. Com certeza, as prostitutas (que agora já exercem uma profissão regulamentada) também sofrem discriminações, os mendigos também (embora geralmente o discurso capitalista acaba falando que eles estão assim porque lhes faltou ânimo ou então qualquer empenho na profissão).

Esses outros casos também precisam de investigação e acho super válido se comesçassem a pensar nisso também.

A questão homossexual é um dos temas que precisam ser seriamente debatidos no meio cristão, e isso deve ser feito com urgência. Vários encontros já têm sido realizados para dialogar essa causa, no entanto, na prática, a questão ainda está longe da proposta do amor ao próximo.

IGREJAS INCLUSIVAS

Todos que me conhecem sabem que sou super a favor da causa homossexual, defendo que eles devam ter todos os direitos iguais a qualquer outro cidadão, quanto a isso acho que não tem o que discutir.

Recentemente, recebi um e-mail sobre a criação de uma igreja gay que se reúne em Belo Horizonte e em outras cidades brasileiras. As igrejas ditas inclusivas já são algo que existe há algum tempo. Em um grupo que participo, a questão sobre esta igreja apareceu e entre as conversas foram ponderadas algumas coisas.

A igreja evangélica lida muito mal com a questão homossexual e isso é sabido por qualquer homossexual que tente frequentar uma igreja evangélica, a quem geralmente são dadas duas alternativas: Ou ele "abre mão" de sua orientação sexual (como se isso fosse possível), ou então "mantém sua orientação sexual", contanto que não pratique uma relação homossexual. Não sei qual das duas alternativas seria a pior para o sujeito, mas nenhuma das duas soa saudável.

E por que a igreja evangélica age assim em relação aos homossexuais? Porque para a igreja evangélica os escritos de Paulo devem ser lidos de forma literal, sem contextualização histórica, sem a ponderação de que talvez a visão paulina seja fruto de seu meio, de seus próprios preconceitos, fundados em um tipo de antropologia que fazia sentido na época, mas que precisa ser repensada hoje.

Notem bem que não cito os textos de Levíticos, pois isso levaria a discussão para um outro lugar, que seria uma questão do tipo: "Quais são os critérios para obedecer alguns preceitos de Levíticos (por exemplo, quando citam a questão homossexual), e não outros claramente proibidos por lá (tais como os alimentos proibidos, os filhos desobedientes que deveriam ser apedrejados)?" Questões estas que podem até ser analisadas em outro texto posteriormente.

A meu ver, enquanto se mantiver uma visão fundamentalista do texto bíblico não é possível um diálogo aberto sobre a questão homossexual dentro da igreja evangélica. Temos que admitir que as duas "alternativas" que são dadas aos homossexuais pelas igrejas evangélicas citadas acima não configuram alternativas saudáveis. Apenas uma visão fundamentalista do texto bíblico permite o tipo de tratamento que é dado aos homossexuais dentro das igrejas evangélicas.

Do ponto de vista teológico, penso que a questão fica bem complicada para legitimar a igreja gay. No entanto, eu acredito que seja possível uma igreja cristã que aceite a questão homossexual sem abrir mão de sua teologia, mas abrindo mão de sua antropologia, e nesse sentido já há uma boa tentativa de diálogo. Como exemplo, cito o livro lançado pela Unisinos chamado "A pessoa sexual", no qual este diálogo é feito de uma forma mais sistemática.

Algo que me preocupa é que ao ser necessário uma "igreja gay" não estaria a própria igreja enquanto instituição sucumbindo à dinâmica mercadológica em um nível acima do que já vemos constantemente hoje?

No final das contas, parece que quem determina o "tipo de igreja" é a "demanda do mercado", de forma que ela se torna mais um produto a ser consumido. Ou seja, tem-se a igreja gay para os gays, a igreja rica para os ricos, etc., como sendo um mero produto, e isso a meu ver é um projeto fadado ao fracasso.

Por um lado, essas igrejas podem ser "úteis" por permitir certa vivência congregacional a indivíduos aos quais é negado o congregar, mas por outro lado, todas essas "mercadorias eclesiais" podem estar cooperando para o esvaziamento da proposta que diferencia "igreja" de "produto"...

Em suma, não seria a própria dinâmica do capital que criaria a "necessidade" de uma igreja gay de forma a atender "o mercado" carente de um certo produto, da mesma forma que as igrejas que adotam a teologia da prosperidade vêm fazendo? E se for essa a relação predominante, não estaria a igreja gay sendo um grito de intolerância diante de uma instituição que se nega a aceitar seus pressupostos?

Entra-se numa dinâmica estranha em que ambos os lados podem ser chamados de intolerantes. Tanto a igreja cristã, que se nega a aceitar a questão gay em nome de uma certa teologia, quanto a igreja gay, que tenta forçar um reconhecimento em uma instituição que não aceita os pressupostos e para isso assume o título de "igreja cristã" sem uma certa legitimidade.

Mas por que as igrejas que adotam a teologia da prosperidade e todas as falcatruas que vemos em seu meio são aceitas como igrejas evangélicas e as inclusivas não? A meu ver, é porque as igrejas neopentecostais não mexem na "antropologia teológica comumente aceita", enquanto as igrejas inclusivas precisam se arraigar seu discurso "refundando" uma antropologia.

A questão é bem imbricada e vários fatores estão relacionados, apenas citei alguns aqui para vermos que a questão não passa apenas por uma questão teológica, embora tenha nela a base da minha crítica.

Para mim, falta às igrejas ditas inclusivas um embasamento teológico mais consistente de forma a legitimar o seu discurso dito cristão. Enquanto isso não acontecer, penso que as igrejas inclusivas

permanecerão sendo vistas com maus olhos pela igreja cristã e sua tentativa de inclusão terá pouquíssima chance de ser aceita.

Fica aqui o meu convite às igrejas inclusivas.

STAR WARS, ZEN BUDISMO E CRISTIANISMO: UM DIÁLOGO INTER-RELIGIOSO

O cristianismo é em si uma religião muito interessante, talvez uma das mais interessantes do ponto de vista do ocidente e, por que não dizer, talvez a única religião possível no ocidente. Não me entendam mal quando digo "a única religião possível no ocidente", o que tenho em mente não é

uma espécie de visão de superioridade da religião cristã em detrimento de outras religiões, mas sim o fato de que a própria mentalidade ocidental está baseada em noções cristãs.

Um aspecto interessante do nosso tempo, no entanto, é o constante esvaziamento dos diversos relatos que sustentam de alguma forma a nossa realidade; é como se, de alguma forma, a nossa hipermodernidade tivesse que ser capaz de enfrentar o vazio que a assola sem nenhum tipo de discurso capaz de nortear definitivamente o sujeito. O discurso religioso perdeu sua autoridade, a política perdeu sua autoridade, a ciência perdeu sua autoridade, a própria razão perdeu a sua autoridade, ou seja, o que restou para o sujeito hipermoderno é apenas um "si-mesmo" fragmentado diante de uma realidade extremamente multifacetada com a qual o sujeito não dá conta de lidar. Aqui podemos entender o pipocar de novas religiões, novas formas de espiritualidades, novas propostas de diálogos inter-religiosos que, a meu ver, perdem um pouco o foco da questão.

De certa forma, podemos dizer que os chamados "novos espiritualismos", ou se preferirem o Movimento da Nova Era, entram no cenário ocidental exatamente no momento em que os discursos reguladores entram em declínio. É desse momento uma ênfase em uma espécie de espiritualidade autêntica capaz de sobrepujar a ilusão da realidade em nome de uma realidade superior, de alguma forma inacessível e que apenas mediante um esforço hercúleo do sujeito seria capaz de ser alcançado. Não é nem um pouco curioso que o budismo tenha alcançado diversos adeptos no ocidente pós-década de 1960. A sabedoria oriental acaba funcionando como uma espécie de sutura no buraco aberto pela perda dos meta-relatos, reintegrando a fragilidade humana na ordem cósmica. Nada melhor que uma visão holista do mundo para recolocar a questão do sentido perdido e restaurar a noção de vazio, mas agora sob um aspecto "ontológico" enquanto organizador de sentido para além de qualquer sentido.

Esse "nada" almejado pelo Zen budismo a partir da noção do Nirvana se mostra como uma tentativa, no ocidente, de reintegrar o sujeito perdido da hipermodernidade em um universo de sentido, ou seja, o sujeito desbussolado encontra um possível norte se reintegrando à ordem das coisas por meio da compreensão do seu lugar no mundo, da condição da sua alma, do seu corpo, etc. É como se numa curiosa torção a razão ocidental em declínio precisasse voltar para o Oriente na busca de algo que a sobrepujasse, uma espécie de "racionalidade 2.0" capaz de reintegrar a ordem do cosmos perdido.

Mas não seria a proposta cristã no Ocidente o anverso desta visão holista proposta pelos orientais? No cerne da mensagem cristã não estaria exatamente o oposto de uma visão holista, mas apenas o abraçar do caos tipificado no exemplo do Cristo que é abandonado por Deus na cruz?

Nesse sentido, entendemos porque *Star Wars* se encontra completamente alheio ao universo cristão. Para além da questão moral envolvida (em que geralmente a questão se coloca, a meu ver, de forma completamente equivocada), o que está em jogo no mundo de *Star Wars* é muito mais uma visão holista em relação à necessidade da "força" como organizadora do mundo, como sendo ela algo que penetra em todos e ao mesmo tempo é responsável por uma espécie de "equilíbrio do mundo", do que a proposta de ruptura que o cristianismo propõe. Um ponto interessante é a vinculação que se tenta fazer no universo de *Star Wars* entre a propriedade metafísica da força e seu aspecto biológico. Basta lembrar que Anakin Skywalker possui um número de células específicas em quantidades absurdamente maiores que a média das crianças de sua idade, o que já aponta para uma tentativa de biologização das capacidades do uso da força. Em última instância, é como se o uso da força fosse possível a partir de uma espécie aleatória de combinação genética. Não estaria aqui exatamente o ponto em que a ciência contemporânea insiste em tentar reduzir o sujeito a apenas um conjunto de sinapses e interações neuronais? Neste sentido, podemos pensar que *Star Wars* funciona como uma espécie de "grito de socorro pop" em um mundo onde não há mais discurso organizador; talvez aí possamos entender o sucesso da saga que até hoje arrebatou milhões ao cinema. Michael Heim, em seu interessante livro *The metaphysical of virtual reality* (1993) chega a afirmar que toda metafísica contemporânea seria uma espécie de resposta a *Star Wars*. Embora não fosse tão longe assim, acredito que a ideia é interessante para o ponto que estamos colocando aqui, ou seja, a tentativa do ocidente de retornar a uma visão holista de mundo diante da quebra dos meta-relatos.

Nesse mesmo contexto que entendemos aquilo que chamamos de "religião light", ou seja, uma tentativa de reintegrar no universo do capitalismo tardio uma tentativa de espiritualidade. E aqui é interessantíssimo pensar em que medida o budismo ganha muita força na nossa sociedade do capitalismo tardio funcionando como suporte ideológico para tal capitalismo. Hoje em dia, é bastante comum vermos diversos lugares oferecendo práticas de meditação para executivos, Yoga para produzir melhor, a proposta de um autoconhecimento como forma de expandir seus relacionamentos e contatos, etc. É como se, para produzir melhor, a sensação de pertencimento a um mundo de sentido holista precisasse estar presente e, ao mesmo tempo, o suporte ideológico do budismo funciona como uma espécie de ontologização desse 'nada' como forma de garantir ao sujeito um novo pertencimento. O que se perde de vista nesse budismo vulgar é a noção de que o Zen budismo não defende um fortalecimento do *Self*, mas sim a consciência de que na realidade não

há *Self*, a consciência de que até mesmo o *Self* é ilusório. A proposta do Zen budismo é muito mais estrutural do que o capitalismo tardio quer fazer parecer na sua apropriação dessa religião.

A reforma protestante de certa forma inaugura a modernidade ocidental e ali está o que aqui chamo de ruptura provocada pelo protestantismo que em grande medida é o anverso do Zen budismo. Quando no protestantismo o homem pode ter acesso direto a Deus por meio da Bíblia, não mais precisando da mediação da instituição, abre-se caminho para o que se tornará a tônica desse sujeito que visará mais do que nunca se aproximar de Deus por si mesmo. No entanto, a ruptura maior trazida pelo protestantismo é a responsabilização plena do sujeito diante da realidade do mundo sem a possibilidade de nada além dessa responsabilidade. É aqui que a noção de predestinação é importante para o protestantismo. Como não tenho como saber se sou ou não predestinado à salvação ou à perdição, cabe a mim agir de forma a ter sempre o bem como meta. O que acontece é que não há uma dinâmica de "troca" (lembramos toda a crítica de Lutero às indulgências, etc.) entre Deus e homem, mas há apenas a responsabilização do sujeito por todo o bem que ele pode fazer. Aqui percebemos o cerne da questão Weberiana em "A ética protestante e o espírito do capitalismo": só a partir do momento em que a salvação não mais depende do homem, não mais depende de trocas, é possível agir de maneira a querer sempre mais, a produzir sempre mais, etc.

O protestantismo nesse sentido marca o nosso ocidente de uma forma tal que é impossível retornarmos a uma visão holista da realidade. O Deus que morre na cruz evidencia que aquela visão antiga de um Deus que habita os céus e está pronto para intervir no mundo também morre ali, ou seja, o cristianismo atesta para o mundo que há apenas o mundo e mais nada, mas notem que esse Nada não é o Nada do Zen budismo, mas uma ausência até mesmo de sentido que antes se ancorava no próprio Deus que precisou morrer. Ao invés de uma ordem holista do mundo, o cerne da mensagem cristã está na realidade plena do mundo, não como aparato ilusório da realidade. A realidade é o que ela é, por mais que seja impossível conhecê-la de fato (aqui não tem como não lembrar da distinção kantiana entre númeno e fenômeno). A realidade não é algo para além do fenômeno, como um lugar que teríamos um acesso privilegiado de alguma forma, mas a realidade é puro fenômeno, assim como Jesus é Deus que se revela e é essa a ruptura que torna o cristianismo a única religião possível no ocidente. O próprio ocidente é marcado por essa noção de ruptura que de tempos em tempos ocorre e a Nova Era e o movimento Zen budista, dentro do capitalismo tardio, são uma tentativa de retomar um mundo perdido a partir do momento que Deus se fez homem e habitou entre nós.

**“SE ALGUÉM QUISE [...] RENUNCIE-SE A SI MESMO, TOME SOBRE SI A SUA
CRUZ, E SIGA-ME” (MATEUS 16:24)**

Uma das questões talvez mais interessantes em relação às diversas músicas cristãs que pregam uma espécie de abnegação do sujeito em relação a si seja o fato de que tais canções partem de pressupostos antropológicos extremamente estranhos do ponto de vista bíblico.

A ideia de que o ser humano seria um sujeito marcado pelo pecado e que a conversão deveria ser o momento em que ele se assume como "nova criatura", deixando para trás o status de "pecador" e se tornando agora um "santo, raça eleita, etc." é algo extremamente difundido no meio cristão e ao mesmo tempo parte da noção de que, para se viver com Cristo, seria preciso que o sujeito de alguma forma "eliminasse sua subjetividade", seu "eu pecaminoso", ou seja, "morresse para o pecado, para ressurgir com Cristo".

Primeiramente, precisamos pensar que a proposta cristã trazida por Paulo, longe de propor a aniquilação da subjetividade do sujeito, propõe ao invés disso o assumir pleno de tal subjetividade. O cristão deve, para seguir a Cristo, se colocar como um sujeito capaz de escolher essa vida que lhe é oferecida, e o faz no gozo de suas plenas faculdades mentais. A decisão de viver essa nova vida não é algo que lhe é imputado de fora, mas deve partir de uma adesão íntima do sujeito que se sente movido a agir de tal forma. Interessante notar que no início do cristianismo um fator determinante para a conversão dos gentios era os milagres feitos pelos apóstolos. Depois, à medida que o cristianismo vai se espalhando, os milagres passam a ser menos importantes e o discurso/prática cristã ganha a proeminência que levará os gentios à conversão. Para um exemplo simples, basta pegarmos o livro de Atos para percebermos a diferença das primeiras conversões com o discurso de Pedro e as conversões advindas das cartas paulinas. Do elemento externo (milagres) ao elemento interno (convicção do sujeito), as conversões bíblicas no primeiro século dão a tônica do tipo de religião que o cristianismo será, ou seja, uma religião de foro íntimo. O que está em jogo, em última instância, não é nada além da intenção do sujeito. Nesse sentido, é possível uma dura crítica à noção agostiniana de pecado original, coisa que o protestantismo se encarregou de fazer muito bem posteriormente.

Essa mesma temática aparece em diversas parábolas de Jesus que, como sabemos, foram escritas em épocas posteriores à teologia paulina. Se pensarmos nas frases enigmáticas de Jesus, "Aquele que quiser vir após mim, negue a si mesmo, tome a sua cruz e siga-me" (Mt 1:25), parece ser sugerido que o cristão, para ser seguidor de Cristo, deve de fato negar a si mesmo em uma espécie de supressão identitária e só assim "Cristo possa de fato viver nele". No entanto, gostaria de chamar a atenção para o fato de que o contexto judaico no qual tais textos foram escritos mantém uma vinculação muito estreita entre o sujeito e sua comunidade. O sujeito é dentro da sua comunidade,

ele se torna o que é mediado pela sua comunidade. Nesse sentido, negar a si mesmo tem muito mais a ver com negar a sua pertença a uma comunidade específica do que propriamente negar o núcleo da sua subjetividade.

Assim, podemos entender as falas de Jesus quando propõe que os seus seguidores "deixem pai e mãe", "irmãos", etc., ou seja, o que Jesus traz consigo é uma proposta de supressão dos laços familiares em prol do Reino de Deus. Nem os laços familiares estão acima da proposta do Reino, nem a pertença a uma comunidade está acima da proposta do Reino. Nesse sentido é que se pode entender que aquele que não é capaz desse tipo de renúncia não é digno de Jesus. Os laços familiares, comunitários, não podem sobrepor ao Reino de Deus, Reino onde não há judeu, nem grego, nem gentio, etc., mas todos pertencem a uma comunidade universal. Para romper com esse tipo de vínculo é preciso que o sujeito se constitua independente dessas estruturas, ou seja, negar a si mesmo pressupõe antes disso um assumir-se a si mesmo como sujeito disposto a aceitar a proposta do Reino. Em termos psicanalíticos, pressupõe-se que o sujeito assuma o seu desejo e a partir dele seja capaz de fazer sua escolha. Basta repararmos que o próximo passo que Jesus propõe é uma escolha, ou seja, "tomar a sua cruz" é um ato de escolha do sujeito que, para tal, precisa ser antes de tudo um sujeito capaz de escolha. Se o "negar a si mesmo" fosse um abrir mão da sua subjetividade, seria impossível que ele fizesse a escolha posterior de "tomar a sua cruz".

Outro ponto que gostaria de ressaltar é o "tome a sua cruz". O "tomar a sua cruz", desde o início do cristianismo, sempre foi visto como uma espécie de sacrifício que o cristão deveria fazer para que, depois de sua jornada terrestre, ele fosse capaz de receber a sua recompensa no mundo porvir. Diversos autores cristãos enfatizaram esse ponto e tais leituras remetem à teologia paulina em última instância. No entanto, a teologia posterior (e talvez o nome principal aqui seja a figura de Kant) se encarregou de evidenciar o estranho mecanismo envolvido nesse tipo de "negociação". Afinal, é bastante óbvio que, se tomo a minha cruz no intuito de receber uma coroa no porvir, o que está em jogo é um mero jogo de barganha velada, ou seja, eu assumo os sofrimentos propostos pelo cristianismo, pois no final irei receber uma vida eterna, etc. Kant evidencia que esse procedimento é extremamente vinculado à lógica da retribuição e evidencia que a própria estrutura de mundo que a proposta do Cristo visa romper não é rompida pelo cristianismo posterior.

Mas qual é a estrutura do mundo que a proposta do Cristo visa romper? Ela nada mais é do que a lógica da retribuição. Jesus, ao propor que "se dê a outra face", não está propondo aqui um mero masoquismo estúpido, mas sim evidenciando que a justiça não se dá por meio de um reequilíbrio entre as partes, mas pela subversão do amor. No amor, o que há é uma escolha vazia, ou seja, uma

escolha que elege um objeto como coisa primordial mesmo que aquele objeto não tenha nada para lhe oferecer em troca. A justiça que se vincula ao amor nesse sentido não parte da noção de retribuição, mas da noção de "doação". Daí que o "tomar a sua cruz" não deve ser visto como um "sacrifício", mas sim como "doação", evidenciando aquilo que Paulo nos advertia: "Haja em vós o mesmo sentimento que houve em Cristo" (Fp 2:8). A cruz que o sujeito deve tomar é a sua responsabilidade diante do seu desejo. Apenas quando o sujeito é capaz de assumir o seu desejo ele pode dar o passo fundamental que envolve seguir a Cristo sem que seja necessária nenhuma recompensa. Interessante que a proposta de Jesus aos discípulos começa com uma grande condicional: "Se alguém quiser vir após mim". Ou seja, a proposta de Jesus nunca é de uma obrigação do sujeito, não é de um viés belicoso, mas é sempre um convite gentil que cabe ao sujeito aceitar ou não.

Nesse sentido, podemos entender que o "negar a si mesmo" não se vincula a negar a sua vontade, não é nunca uma recusa ao desejo do sujeito. Muito pelo contrário, é assumir de forma responsável o seu desejo que se vincula à doação por amor a Deus. Só aquele que é capaz de negar a si mesmo é capaz do ato de doação que se vincula à prática do amor. Apenas nesse sentido é que se é capaz de fazer a próxima proposta de Jesus que é "seguir-lo". Esse "seguir" não visa algo em troca, não visa uma "coroa no porvir", mas visa apenas se manter fiel ao seu desejo de doação em prol de alguém em quem se tem fé e é esse tipo de escolha que pressupõe um sujeito responsável, que não nega a sua subjetividade, mas a assume como única forma possível de amar.

FABIANO, VOCÊ ACREDITA QUE DEUS LHE ABENÇOOU QUANDO VOCÊ FOI COMPRAR SEU NOVO APARTAMENTO? FABIANO, VOCÊ ACREDITA QUE DEUS ABENÇOA AS PESSOAS?

Essas duas questões foram temas de um debate curiosíssimo que tive hoje na casa de Mams durante o início da tarde e fim da noite. A minha resposta à primeira pergunta foi negativa, enquanto a resposta à segunda questão é positiva. O que possibilita que tais respostas sejam diferentes é a nossa concepção sobre Deus. A forma como compreendo Deus sempre é alvo de contínuas perguntas dirigidas a mim.

Ao responder negativamente à primeira pergunta fui compreendido como alguém que se mostrava extremamente autossuficiente, que teria conseguido tudo com a força do meu braço sem precisar da ajuda de ninguém. Essa impressão, no entanto, está longe da forma com o que a resposta negativa à pergunta quer dizer. Quando respondo negativamente à primeira pergunta, quero dizer apenas que não acredito que Deus esteja preocupado com os mínimos detalhes da vida das pessoas. Pensar em um Deus assim nos traz muito mais problemas que soluções, pois transforma Deus em um ser muito "à mão", ou seja, um Deus do qual posso me valer na hora que eu quiser, do jeito que eu quiser.

Um Deus que se preocupasse com os mínimos detalhes da minha vida, ou que definisse planos para a minha vida já seria um Deus que de alguma forma estaria cerceando a minha liberdade e a minha responsabilidade diante do mundo. Esse Deus pensado dessa forma seria a completa antítese da proposta do Deus anunciado por Jesus que, longe de ser um Deus infantilizado, é amor que se estende a todos e a tudo. Ao mesmo tempo, responder negativamente a primeira pergunta não implica que me considero alguém que seja o único responsável por adquirir as coisas. Basta um olhar rápido para toda a natureza para percebermos a nossa pequenez, a nossa humilde condição, ou apenas perceber que somos como "uma neblina que passa".

Da mesma forma que posso me compreender tão pequeno diante da natureza, posso me colocar como extremamente pequeno dependendo da relação que estabeleço com a noção de Deus. A visão de um Deus cristão nunca propõe a anulação do sujeito, ou ainda, a transformação do sujeito em um nada para que Deus possa ser tudo. A proposta do Cristo traz em si uma visão sobre Deus que nos trata não como "vermezinhas de Jacó", mas como "amigos", que implica uma relação madura com Deus e não infantilizada. Ao invés de reduzir o sujeito a nada, a proposta do Cristo eleva o sujeito à condição de se relacionar com Deus, ou seja, conserva a dignidade do homem.

Reconhecer a pequenez diante do mundo que nos rodeia ou até mesmo nos considerar pequenos diante de Deus depende da forma como concebemos Deus no mundo. O ser humano nunca foi, nem nunca será autossuficiente. Ele sempre depende de um Outro que o acolha e lhe traga um mundo no qual possa habitar.

É nesse sentido que posso responder afirmativamente à segunda pergunta, ou seja, acredito que Deus abençoa as pessoas, não em casos especialíssimos, mas a benção de Deus que está sobre todos é apenas aquela que nos permite viver, respirar e experienciar as belezas do mundo. É a que nos faz reconhecer a nossa total pequenez e ignorância diante de várias coisas que nos rodeiam, que faz chover sobre justos e injustos tal como traz o sol sobre justos e injustos. Desde a mais ínfima bactéria até as galáxias mais distantes de nós apontam para a nossa pequenez. Daí talvez possamos entender a admoestação que o Deus de Israel dá ao povo pouco antes de entrarem na Terra prometida na história do Êxodo:

"Não aconteça que, havendo comido e estando plenamente saciado, havendo construído casas confortáveis e habitando nelas, havendo-se multiplicado teu gado e o número de tuas ovelhas tendo aumentado, e também se multiplicado tua prata e teu ouro, e tudo o que tiveres, que teu coração se ensoberbeça e venhas a te esquecer do Eterno, o teu Deus, que te fez sair livre da terra do Egito, da casa da escravidão; que te conduziu através daquele imenso e perigoso deserto, cheio de serpentes e escorpiões mortais; e que numa terra seca e hostil, tirou água da rocha para te saciar a sede; que no deserto te sustentou com maná que teus antepassados não conheciam; para te humilhar, e para te provar, com o objetivo de proporcionar o melhor para ti no futuro. Portanto, não digas no teu íntimo: 'A minha força e o poder do meu braço me conquistaram estes bens e riquezas'. Antes, te recordarás de *Yahweh* teu Deus, porque é Ele o que te dá força e capacidade para gerar riqueza, confirmando a Aliança que jurou a teus pais, conforme hoje se constata claramente." (Deuteronômio 8:12-18)

Ou seja, compreender a nossa pequenez diante do mundo, diante da natureza ou diante de Deus faz parte da nossa compreensão do mundo e toda a natureza aponta para isso. O autor do Deuteronômio traz a nossa atenção exatamente para esse ponto, ou seja, o fato de que devemos sempre lembrar de Deus, daquilo que é superior a nós, e perceber que somos muito pequenos diante das coisas. No caso do texto citado, ainda há o fato de lembrar que foi *Yahweh* quem deu ao seu povo todas as coisas. O texto nos aponta, portanto, para essa relação que podemos criar para com Deus, sempre lembrando que a sua bênção está sobre todos, proporcionando a possibilidade da vida. Mas a partir do momento que transferimos essa bênção de Deus que nos capacita e transformamos esse Deus em algo apenas "à mão", abrimos mão da nossa responsabilidade diante das coisas.

E o que quer dizer quando atribuímos a Deus bênçãos sobre as nossas vidas? O que queremos com isso? Queremos apenas atribuir um sentido às coisas transitórias que acontecem no mundo e em nossas vidas. Nesse sentido, posso ler o mundo como um lugar em que a bênção de Deus está sempre diante de nós e nos permite fazer todas as coisas. Se de fato a coisa é assim ou não é assim isso tudo depende da aposta no sentido ou não-sentido das coisas no mundo. Quando digo: "Isso me

aconteceu e é bênção de Deus", o que quero dizer é que resolvo ler o mundo como um lugar em que Deus está constantemente interferindo para fazer as coisas de um jeito específico. E isso não é pouca coisa. O que não devemos fazer é querer que Deus se responsabilize por coisas que são decisões nossas. Podemos atribuir a ele uma bênção diante da nossa escolha, mas isso dirá apenas que há uma crença envolvida e não que de fato houve uma bênção em casos especialíssimos.

Nesse sentido, acredito que fica claro porque a resposta para a primeira questão seja negativa (pois isso implicaria na concepção de um Deus "à mão"), e a resposta seja positiva à segunda questão (pois a nossa pequenez diante do mundo nos faz tentar dar um sentido às coisas, que podemos atribuir a Deus).

TEOLOGIA APOFÁTICA

A teologia negativa, ou teologia apofática, é um campo da teologia iniciado por Dionísio Pseudo-Areopagita e afirmava que sobre Deus não haveria discurso possível, ou seja, sobre Deus não há

nada que possa ser dito. Para tentar explicar isso, a filosofia medieval cunhou o termo que ficou conhecido como *Via Remotionis*.

A *via remotionis* é o modo de falar negativamente a respeito de Deus, o que difere do conceito de negação. A função da negação é excluir determinado objeto de um campo predicativo podendo com isso definir determinada coisa a partir do que ela não é. A diferença entre a negação e a *via remotionis* é ilustrada a partir da figura do escultor que trabalha com um bloco: o trabalho do escultor é feito de forma a possibilitar que o material trabalhado crie a forma desejada, e essa forma é dada a princípio, ou seja, toda escultura é em si uma imitação de um objeto. O que há ali é a "remoção" daquilo que não é a escultura e, ao remover o que sobra da pedra, algo ali vai se delimitando.

A música, por exemplo, não pode ser esculpida por não ter uma forma que se adeque a um bloco de mármore. A função da *via remotionis* é mostrar que nada pode ser dito a respeito de Deus. A *via remotionis* mostra que não existem campos predicativos aos quais Deus e seus atributos se encaixem. Se tentarmos colocar Deus dentro de campos predicativos através de negações sucessivas o que se segue é o esgotamento de todos os campos predicativos inteiros. Falar de um objeto é colocá-lo dentro de um campo predicativo. Com Deus isso é impossível. E é exatamente isso que a *via remotionis* vem mostrar.

Deus não é um objeto dizível e por isso qualquer tentativa de explicação Dele deve obrigatoriamente levar ao silêncio, pois podemos falar de objetos que estão no mesmo plano do dizível e dentro de um campo de predicação. Deus não está neste plano e nem em nenhum outro, pois está acima de todas as coisas e por isso o dizível não se aplica a Ele. Portanto, assim como para esculpir algo o escultor precisa de um objeto a ser imitado, para falarmos algo a respeito de alguma coisa precisamos ter um campo de predicação desse objeto que lhe seja pertinente. Deus não está em nenhum campo de predicação e por isso, assim como uma música não pode ser esculpida em um bloco de mármore, não podemos falar nada a respeito de Deus, pois Deus não é um objeto dizível.

A mesma ideia de uma teologia apofática é evidenciada muitos séculos depois na proposta de Wittgenstein em seu famoso *Tractatus logico-philosophicus* que se encerra com as palavras "Sobre o que não se pode falar, deve-se calar", ou seja, a via proposta por Wittgenstein acaba por se resumir ao silêncio sobre o místico, incluindo aí a figura de Deus. Na mesma esteira podemos também colocar o pensamento de Mariah Corbi no qual o que restaria a respeito de um discurso sobre Deus seria apenas o silêncio. A teologia apofática também é bastante comum nos textos de teólogos

ortodoxos advindos do antigo império bizantino, tais como Nikolai Berdiaev e mais recentemente Mikhail Epstein e sua proposta de ‘Religião mínima’.

A teologia apofática até hoje continua inspirando diversos autores e a sua fecundidade aponta para os limites da nossa linguagem ao tentar dizer algo sobre Deus. Nessa impossibilidade se evidencia a possibilidade de uma mística e de uma postura diferente em relação a isso que chamamos Deus, que estaria para além de toda predicação.

ÉDIPO SEM COMPLEXO

A história do Édipo Rei de Sófocles é um clássico da tragédia grega e foi muito utilizado por Freud para expor sua teoria, embora muito contestada a forma como ele utiliza esse mito. O mito do Édipo Rei de Sófocles se insere dentro do cenário da tragédia grega antiga e reflete exatamente como ela

era vista pelos gregos dessa época. A tragédia grega se destaca por colocar o herói em uma situação que lhe é contrária àquilo que se espera, deslocando, portanto, o foco da trama. Segundo aponta Jean-Pierre Vernant, o herói na tragédia grega é tipo como pego pela palavra, assim como acontece na história do Édipo Rei.

Algo que é identificado facilmente é a questão da ambiguidade e da reviravolta, algo que todos os trágicos gregos recorriam como meio de expressão e modo de pensamento. Essa ambiguidade se reflete segundo uma tensão de valores que se tornam inconciliáveis a despeito de sua igualdade. Para Vernant, em seu livro *Mito e tragédia na Grécia Antiga* (1999, p. 75), a ambiguidade se refletia em cada herói em seu universo próprio e ele era como que pego na palavra que proferiu. Isso era algo recorrente e ele o chama de ironia trágica. Essa ironia consistia no fato de que aquilo que era dito pelo herói acabava retornando para ele mesmo, como uma forma de punição dos deuses pela falta de conhecimento por parte do herói sobre o que era a verdade dos fatos. Isso é muito bem visto na história do Édipo quando aquilo que ele deseja que aconteça ao personagem central da trama volta-se a ele mesmo no decorrer da peça. A mensagem trágica torna-se-lhe inteligível à medida que, arrancado de suas incertezas e de suas limitações antigas, percebe a ambiguidade das palavras, dos valores, da condição humana.

Vernant trata também dos subentendidos utilizados de forma consciente e isso depende de um certo conhecimento anterior por parte dos espectadores da peça, que já iam para o teatro com todo um conjunto de informações que seriam necessários para a compreensão da tragédia.

A verdade na tragédia grega está sempre presente, só que na maior parte dela de forma oculta, de modo que só os espectadores, que no caso de estarem assistindo os dois lados da história se assemelham aos deuses, conseguem conhecer todos os discursos e prever o que vem à frente. A diferença é que, ao contrário dos deuses, os espectadores não interferem no desenrolar da peça, já os deuses sempre são recorrentes nas tragédias gregas. Édipo mesmo atribui aos deuses o seu afortunado destino. Quando Édipo fala o que será feito ao assassino de Laio, ele se coloca como juiz de si mesmo, pois o que ele deseja ao malfeitor irá acontecer a ele também. Essa é a forma como a tragédia se desenvolve normalmente, mas no Édipo-Rei ela não acontece como uma oposição dos valores nem em uma duplicidade de personagens, mas diverte-se com a vítima. No caso de Édipo, é ele quem é o joguete em toda a trama. É a sua vontade de descobrir o assassino e desmascarar o culpado, mesmo tentando ser impedido por Jocasta, Tirésias e o pastor, achando com isso que está cumprindo seu papel diante da cidade, que o leva de herói para vilão, pois ao descobrir o assassino de Laio, Édipo se descobre na trama.

Essa atitude de Édipo faz parte de sua personalidade. Ele não é homem de desistir das coisas, gosta de ir até o final mesmo que com isso possa descobrir algo que não lhe agrada (como o fato de saber que é ele mesmo o joguete do início ao fim). Édipo é, portanto, duplo: quando ele fala, acontece-lhe dizer outra coisa contrária ao que ele está dizendo. Ele é portanto um enigma que só se resolve quando ele mesmo descobre que o que ele tinha por verdade não o é mais. Édipo não escuta o discurso que ele mesmo diz sem saber e é exatamente essa a verdade que está oculta; a única coisa autêntica.

Essa verdade oculta só é compreendida por quem tem o dom da dupla escuta ou da dupla visão, como é o caso do adivinho Tirésias. O discurso de Édipo se distingue entre o humano e o divino que irão se encontrar no final da peça, quando o problema estará resolvido e o enigma desfeito. É nessa hora que se dá a “reviravolta” da ação em seu contrário.

Quando Édipo soluciona o enigma, ele encontra a si mesmo e essa identificação do herói provoca uma reviravolta completa da ação. A atitude de Édipo inverte as posições dentro da tragédia formulada por Sófocles.

Ao final da pesquisa feita por Édipo, o justiceiro se identifica com o assassino e, portanto, descobrir quem matou Laio é também descobrir quem é Édipo. A pesquisa por justiça por parte do rei de Tebas torna-se uma pesquisa sobre quem realmente é o rei de Tebas. Essa reviravolta e ambiguidade é bem destacada por Vernant quando cita que o estrangeiro de Coríntio é, na realidade, nativo de Tebas; o decifrador de enigmas, um enigma a ser descoberto; o justiceiro, um criminoso; o clarividente, um cego; o salvador da cidade, sua perdição. Édipo, que para todos era o maior dos homens e o melhor dos mortais, se torna o mais infeliz e pior dos homens, um criminoso e objeto de horror aos seus semelhantes, odiado pelos deuses, reduzido à mendicância e ao exílio.

A tragédia grega usava palavras gregas semelhantes para dizer coisas que no contexto da peça eram contrárias. A situação de Édipo depois de sua descoberta se torna a de um miserável que não merece o convívio com a cidade. A sua descoberta o expulsa do mundo visível e o coloca no mundo de Tirésias, o vidente que pagou com seus olhos o dom da dupla visão. Considerando o ponto de vista humano, Édipo é o chefe clarividente, igual aos deuses, mas considerando do ponto de vista dos deuses, ele aparece cego e igual ao nada. A reviravolta da ação, como a ambiguidade da língua, marca a duplicidade de uma condição humana que, à maneira do enigma, se presta a duas interpretações opostas. A linguagem humana se inverte quando os deuses falam através dela.

O sentido da tragédia como concebida pelos gregos passava pelo enigma sobre o qual a peça estava escrita. Essa reviravolta consiste no fato do positivo se tornar negativo e vice-versa. Algo interessante de ressaltar é que Édipo não queria fazer o que fez, pois nutria um sentimento de filho para com quem considerava seus verdadeiros pais e condenava o ato que cometeu como sendo algo indigno de qualquer comiseração. Segundo marca Vernant, outra forma de reviravolta é o fato de que sua glória vai se afastando dele aos poucos para fixar-se sobre personagens divinas. Édipo vai se colocando cada vez mais na posição de homem sujeito à vontade dos deuses.

Um exemplo de ambiguidade é o seu próprio nome que em si mesmo é de caráter enigmático e que marca toda a tragédia. Édipo é o homem dos pés inchados (*oîdos*), uma enfermidade que lembrava a criança abandonada e maldita; mas Édipo é também o homem que sabe (*oîda*) e foi esse saber que o colocou onde estava agora: era rei da cidade de Tebas por derrotar a Esfinge com seu próprio conhecimento. Todo enigma de Édipo se encontra contido no jogo ao qual o enigma que o seu nome contém. A descoberta do segredo da Esfinge já o coloca de certa forma diante do enigma sobre quem é ele próprio.

Diante da descoberta da verdade dos fatos, Édipo se coloca na figura do *pharmakós*, o qual é preciso ser expulso da cidade para que a peste cesse. A figura de Édipo se inverte de Sábio para poluição da cidade, ele é o criminoso que precisa ser expulso. Édipo assume também a figura de bode expiatório sobre o qual irá repousar toda a culpa da cidade de Tebas. De *týrannos* para *pharmakós*, Édipo sofre essa reviravolta. Enquanto no primeiro momento ele é venerado por todos como a um deus, ele agora é odiado por todos e é visto como um mal da cidade que precisa ser expulso. A figura do *týrannos* como herói exposto e salvo, rejeitado e que volta como vencedor se prolonga até o século V no mundo grego. Como herói, o tirano acede à realeza por uma via indireta, fora da descendência legítima; como aquele, ele se qualifica para o poder por seus atos, suas proezas. Ele reina não pela virtude de seu sangue, mas por suas próprias virtudes; ele é filho de suas obras ao mesmo tempo em que o é da Boa Sorte.

Tebas estava sofrendo com a esterilidade dos rebanhos e das mulheres enquanto uma peste dizimava os vivos. Para se acabar com essa peste era preciso que o mal da terra fosse expulso e como Édipo é esse mal, ele deve assumir a função de *pharmakós*.

Essa noção de *pharmakós* que deve levar o mal da cidade era um rito em Atenas que visava expulsar periodicamente a poluição acumulada durante o ano, portanto, instituiu-se o costume de

uma purificação constante pelos *pharmakói*. O *pharmakói* era geralmente escolhido entre os povos pobres da cidade, entre os malfeitores condenáveis, os feios, os de baixa estatura, que por seus atos se tornavam o estolho da sociedade. Libertar a cidade era expulsar o *pharmakós*.

A figura do *týrannos* que Édipo representa o põe diante de uma reviravolta, pois enquanto o suporte da cidade não for expulso, a cidade continuará a sofrer. Ele mesmo é o mal da cidade; ele que a princípio foi o salvador da praga da Esfinge torna-se agora a própria praga que precisa ser expulsa, aquele que outrora trouxe a paz é agora quem provoca a peste. Rei divino-*pharmakós*: tais são, portanto, as duas faces de Édipo que lhe conferem seu aspecto de enigma, reunindo nele, como numa fórmula de duplo sentido, duas figuras que são o inverso uma da outra. O herói era o modelo da condição humana e Sófocles, em sua peça, se aproveita desse consenso entre os gregos e se apropria disso para colocar o *týrannos* como um *pharmakós* para ilustrar o tema da reviravolta, pois na sua oposição, essas duas personagens aparecem simétricas e, em certos aspectos, permutáveis: um e outro são responsáveis pela saúde da cidade. Toda a cidade pagaria pelo erro de um só.

O *pharmakós* é o inverso do rei, é como uma réplica ao contrário, que de igual forma é responsável pelo destino da cidade, e, por ser o mal, deve ser expulso para que o verdadeiro rei assuma sua posição e estabeleça a paz. Essa é, portanto, a ambiguidade e a reviravolta que se encontra na peça de Sófocles. De *týrannos* para *pharmakós*, Édipo se encontra nos dois lados da moeda: enquanto a princípio ele é o responsável pela paz, em um instante seguinte se encontra precisando ser expulso por ser a causa da peste que assola a cidade que outrora ele teria salvado.

QUESTÕES A PARTIR DO MATERIALISMO ALEATÓRIO DE ALTHUSSER

Althusser, em sua última filosofia, faz uma crítica a vários conceitos do materialismo dialético, entre eles o conceito de “origem-fim”. Althusser critica esse conceito afirmando que o tipo de

materialismo que isso visa não passaria de um idealismo. A filosofia de Althusser não parte de problemas filosóficos, mas pretende eliminar esses problemas para começar de um vazio filosófico.

Para Althusser, um materialismo que visa uma teleologia no final não passaria de um idealismo, uma vez que a própria origem será vista já visando um fim. A origem é construída a partir de um fim. A crítica de Althusser parte de um vazio filosófico para poder a partir daí construir algo que não seja um idealismo. É preciso, portanto, desconstruir o conceito de origem-fim para que se possa entender o mundo como um processo aleatório.

O filósofo desloca a ideia de mundo necessário e coloca em seu lugar a contingência. A contingência não seria apenas uma modalidade ou uma exceção dentro de um mundo necessário, mas o necessário é constituído a partir de encontros de contingentes. Os acontecimentos contingentes é que geram o que se torna necessário e não o contrário. Assim, o mundo nada mais é do que encontros aleatórios que geram necessidades a partir disso. O mundo não é consequência de um princípio-ordem, uma ordenação, um *logos* do mundo. Ele é apenas um fruto de uma conjuntura-acontecimento (nessa mesma linha desloca a filosofia de Badiou em "Ser e evento", tentando mostrar como se daria a "lógica do mundo" a partir da noção de "acontecimento").

O mundo nesse sentido continua sendo objetivo e independente em relação ao sujeito, no entanto, ele não é assim por causa de um princípio que ordena as coisas, mas é fruto de um encontro que poderia ter acontecido de outra forma. Segundo Althusser, todo estado do mundo pode ser mudado de maneira imprevisível acrescentando ou subtraindo algum elemento no mundo. Não tem como estabelecer leis da história, o máximo que podemos fazer será apenas extrair do mundo algumas constantes e tendências pelo hábito que temos de ver as coisas acontecendo como acontecem. Althusser, portanto, caminha na contramão de uma filosofia idealista. Não há um fim nas coisas. Há apenas acontecimento-conjunção em uma formalidade vazia.

Algo que fica claro na proposta de Althusser é que, para ele, o materialismo do encontro não critica apenas o fato do idealismo ser regido pelo princípio da razão, mas seria um instrumento de poder político, de imposição de suas verdades, e que a tradição racionalista da filosofia mascara como sendo o poder da "Verdade". A filosofia reconhece a realidade exterior, mas estabelece com esta uma relação de apropriação. O conceito se impõe à prática, tenta colocar a verdade da filosofia (suas ideologias política, religiosa, moral e estética) como sendo sua verdade. A realidade é tragada e reformulada segundo esse princípio da razão sem que sua natureza própria seja levada em conta. Pelo contrário, é preciso corrompê-la para que o domínio da verdade da filosofia se efetive.

O materialismo aleatório não exerce sobre as práticas uma “violência do conceito”. Elas são justamente aquilo que pode questionar a filosofia, seu outro, algo que está aberto à contingência do acontecimento e da experimentação, indeterminado em relação a um objetivo último. A crítica da filosofia idealista e do princípio da razão tem por objetivo livrar os campos filosófico e histórico da submissão que as categorias filosóficas (princípio de razão, como conceito-verdade, e as noções de Sentido, Sujeito, Substância e Origem-Fim) impõem às práticas sociais dos homens. A partir da desconstrução que o materialismo do encontro faz da maneira idealista de pensar, seus elementos teóricos tornam-se como os átomos que caem no vazio do *clínemem*, instâncias passíveis de novos encontros e combinações. O materialismo aleatório promove a abertura do acontecimento, a possibilidade de outros mundos filosóficos.

A proposta althusseriana se mostra extremamente interessante para pensarmos as relações humanas e a própria relação do homem com a religião. Obviamente, Althusser não era um religioso e sua proposta materialista logo já elimina qualquer proposta metafísica por parte dele, relegando qualquer adepto de sua teoria ao ateísmo. No entanto, a sua proposta de um encontro aleatório para além de uma noção de origem-fim é uma proposta vigorosa na nossa época contemporânea ausente de referenciais teóricos. A ausência de um princípio organizador e a ausência de um *télos* no mundo coloca o indivíduo diante de um grande vazio que clamará por algum tipo de preenchimento, mesmo que parco. Nesse sentido, a própria filosofia poderá se colocar como uma tentativa desse preenchimento, não no sentido de "organizar o mundo conceitualmente", mas tendo como tarefa abraçar toda a aleatoriedade do mundo. No entanto, talvez haja outras saídas para além das filosóficas para tentar lidar com a aleatoriedade e é exatamente essa a proposta instigante que Althusser nos relega.

Será que a religião seria capaz de oferecer algum tipo de resposta à aleatoriedade sem ter como meta eliminar tal aleatoriedade? Como seria uma religião que abarcaria a aleatoriedade althusseriana? E o conceito de "Deus"? Como ele seria pensado a partir dessa proposta? Resta a ele apenas sair de cena em um materialismo cego, ou será que há a possibilidade de pensar tal conceito a partir da noção de aleatoriedade? Essas são perguntas obviamente sem respostas ainda, mas que instigam o nosso pensamento.

A IGREJA EVANGÉLICA E OS PROTESTOS NO BRASIL

Observando toda a onda de manifestações⁵ que estão acontecendo no Brasil contra o aumento das passagens do transporte público, contra a corrupção, contra a violência, a insegurança e tudo que tem assolado o Brasil em seus mais de 500 anos de existência, deparo-me com algo muito interessante. As diversas manifestações trazem consigo um sentimento de união em torno de uma causa comum. É como se desde 1992, com o Impeachment de Collor, essa união se manifestasse apenas durante os jogos da seleção de futebol ou vôlei, em torno de algumas competições esportivas esparsas, mas agora não mais. O povo se une em nome de causas que afligem a todos, interferem na vida de todos sobre as quais não dá mais para se calar. Talvez o grito engasgado de vários brasileiros tenha conseguido sair e os protestos que começam a acontecer sugerem que mudanças drásticas estão para acontecer.

⁵ Texto escrito em 15 de junho de 2013.

No entanto, algo muito curioso me espantou. A igreja evangélica não se pronunciou, não apoiou, não se fez ouvir, não comentou em hora nenhuma sobre os diversos protestos que vêm acontecendo. Entrei no site das igrejas evangélicas mais "famosas" de Belo Horizonte, tais como a Igreja Batista da Lagoinha (IBL), Igreja Batista Getsêmani (IBG), Sara Nossa Terra, e em nenhuma delas há nenhum tipo de mensagem, nenhum tipo de análise sobre o que vem acontecendo no país. Esse fato nos mostra um pouco da face da igreja evangélica em Belo Horizonte: Em grande parte, uma igreja que se omite de sua função social, uma igreja narcísica que olha apenas para si mesma.

Enquanto diversas coisas acontecem na cidade, diversos protestos, diversas mudanças, é como se a igreja se sentisse "fora do mundo". É como se ela estivesse preocupada apenas em manter o seu próprio status quo. Em seus sites vemos apenas notícias de acampamentos, retiros espirituais, programação nos templos e coisas que dizem respeito apenas a si mesmas.

Uma igreja que não dialoga com o mundo é uma igreja que não tem sentido para existir. Interessante é que se voltarmos um pouco no tempo e pegarmos o texto bíblico, veremos que todos os exemplos para a igreja cristã se posicionaram sempre a favor dos oprimidos e dos que não têm parte na terra. Poderíamos citar o exemplo de Jesus, que expulsa os cambistas do templo, denunciando toda a corrupção que ali habitava. Ao invés de se retirar do mundo, procurar outra sinagoga para onde ir, Jesus se colocou como aquele que luta contra aquilo que estava errado, luta contra a corrupção praticada diante dos seus olhos. Outro exemplo que temos são os próprios profetas durante os reinados dos diversos reis de Israel e Judá. Jeremias, Ezequiel, Elias, todos eles denunciavam o abuso de poder dos governantes, se envolviam na luta pelo direito dos pobres, dos órfãos, dos que são maltratados, etc.

Em todos os exemplos bíblicos não há um que tenha se afastado, que não tenha se posicionado diante da situação que afligia o povo. No entanto, hoje as igrejas evangélicas se colocam à margem de toda a onda de protestos. Elas não se posicionam, não apoiam, e isso é algo preocupante. Todos os exemplos bíblicos nos incitam a posicionarmos enquanto cristãos.

Qual a função dessa igreja que não se coloca como defensora da causa do oprimido, mas se coloca como aliada de um sistema repressor? Qual a função dos pastores que supostamente deveriam "conduzir" o povo rumo ao esclarecimento, mas ao invés disso obscurecem sua audiência em nome de uma metafísica onde o céu deve ser buscado e a terra pouco interessa para o "peregrino em terra estranha"?

Os exemplos bíblicos nos dizem completamente o contrário. Lutar contra as estruturas repressoras deveria estar na ordem do dia das igrejas evangélicas. De que adianta realizar os cultos normalmente enquanto o mundo fora do templo sofre? Ouçamos as palavras de Tiago que nos diz "E, se o irmão ou a irmã estiverem nus, e tiverem falta de mantimento quotidiano, e algum de vós lhes disser: Ide em paz, aqueantai-vos, e fartai-vos; e não lhes derdes as coisas necessárias para o corpo, que proveito virá daí?" (Tiago 2: 15,16).

De que adianta realizar seus cultos, fazer suas orações, clamar para que "Belo Horizonte seja do Senhor Jesus", se na hora de lutar contra a opressão a igreja evangélica se omite de sua função? Algo que aprendi muito cedo é que Deus nunca vai fazer aquilo que o homem deve fazer. Assim como no exemplo de Lázaro que Jesus diz "tirai a pedra" para que o milagre fosse feito e Lázaro pudesse ser ressuscitado, tem uma parte que cabe ao homem fazer. Obviamente Jesus poderia ter mandado a pedra sair da frente do túmulo e depois realizado o milagre, mas optou por incluir aqueles que estavam ali, e para isso, os que estavam ali precisavam fazer a parte que lhes cabia no processo.

O discurso de que "Deus está no controle" não serve para isentar os cristãos de sua participação contra as estruturas repressivas. A agressividade é uma faceta natural do ser humano e cabe a ele saber utilizá-la em nome da justiça, do amor. A agressividade usada dessa forma é vista nos profetas, no próprio Jesus, de forma que seria possível pensar em uma "teologia da violência". Violência aqui entendida não como gratuita, não como vandalismo, mas como agressividade que se coloca em nome do amor e da justiça. Essa justiça, esse amor não em nome de si próprio, mas sempre em nome de um outro. Uma violência que se justifica em nome de melhores condições de existência, que faz uso da agressividade para lutar por justiça (esse ponto carece de mais esclarecimentos que não tenho como explicitar nesse texto, mas é algo interessante a ser pensado).

Da mesma feita, é preciso que a igreja evangélica se posicione diante dos acontecimentos e faça voz pelos que não têm parte na terra, pelos que são oprimidos diariamente por um sistema repressor. Que a igreja seja uma das que lutam, uma das que se manifestam, uma das que agremiam pessoas para a causa e vá à luta por um mundo melhor, por fazer vir a nós o reino de Deus que é um reino de paz, justiça e amor.

REFLEXÕES SOBRE DEUS A PARTIR DE UM INSETO

Ontem, um inseto entrou em minha casa enquanto assistia televisão. Depois do susto provocado por uma entrada tão súbita, a primeira reação que tive foi a de pegar o chinelo no intuito de matar tal invasor. Foi o que fiz. No entanto, enquanto pegava o chinelo e o lançava em direção ao inseto, indefeso diante da minha onipotência circunstancial, uma imagem me veio à cabeça e me imaginei

como se eu fosse aquele inseto diante de um Deus que teria todo poder para me esmagar a qualquer momento que ele quisesse sem que eu de nada soubesse sobre isso.

Esse Deus todo poderoso teria todas as coisas ao seu dispor, ou seja, assim como eu, ele também teria um chinelo, um tênis ou qualquer outro objeto para me esmagar a qualquer momento, e fiquei pensando: - Mas por que razão ele não me esmaga sem misericórdia alguma? Com certeza eu nunca saberia que teria sido esmagado por aquele Deus e minha vida simplesmente acabaria ali, sem sentido algum, fruto de uma vontade desconhecida que talvez por nada melhor pra fazer resolvesse matar um inseto que adentrou em sua casa.

Nessa hora, vieram à minha mente duas referências bíblicas. A primeira foi aquela de Isaías 41:14, que chama o povo de Israel de "vermezinho de Jacó", ou seja, algo insignificante diante do poder de Deus que supostamente poderia fazer qualquer coisa para com aquele ser desprezível. A segunda foi a de Lamentações 3:22, que afirma que "As misericórdias do Senhor são a causa de não sermos consumidos, porque a sua misericórdia não tem fim", ou seja, se Deus não me esmaga como eu fiz com o inseto é porque a sua misericórdia para comigo é sem fim e para ele, de alguma forma, há um interesse na minha existência ou até mesmo um desinteresse passivo quanto a eu existir ou não.

Agora à tarde tive outra experiência interessante. Como estou de férias, dei uma cochilada na parte da tarde e, quando acordei, estava com fome. Então fomos à padaria para comprar coisas. Eu queria comer pão com queijo e então compramos pão com queijo, pois esse era o meu desejo no momento. Ao mesmo tempo, eu fiquei pensando que diversas pessoas têm o desejo apenas de "comer" e nem isso lhes é dado, pois diversas vezes elas simplesmente não têm o que comer enquanto eu posso escolher e ter acesso àquilo que quero.

Se pensarmos que Deus seria responsável para com isso, cairíamos naquele velho debate despropositado que coloca a culpa de todas as coisas em Deus como aquele que seria uma espécie de sádico brincando com os desejos e as condições de vida das pessoas. Particularmente, não penso que essas questões sejam da alçada de Deus, mas se vinculam muito mais às dinâmicas estruturais dos modos de produção capitalista. Deus não tem absolutamente nada a ver com isso, mas sim as condições materiais de existência que geram um disparate que permite que enquanto alguns tenham muito e acesso a qualquer que seja o seu desejo, outros nada tenham e por isso mendigam e até morram por não conseguirem comer.

Para mim é bem claro que a visão que temos sobre Deus condiciona de forma cabal a forma como nos relacionamos com ele. Se eu vejo Deus como esse ser sádico que pode me matar a qualquer momento, mas não o faz simplesmente porque não quer ou está desinteressado em minha existência, mas ao mesmo tempo seria o responsável por alguns poderem comer o pão com queijo quando querem enquanto outros não podem nem mesmo escolher se comerão ou não, então a minha relação com ele será extremamente ambivalente, como já mostrou Freud em diversos textos. Vou amá-lo porque a sua misericórdia me mantém e me permite escolher o que quero comer e ter acesso a isso, mas ao mesmo tempo vou temê-lo porque a qualquer momento ele pode resolver me matar sem me dar nenhuma explicação. Essa ambivalência fará com que a minha relação com ele sempre esteja oscilante; e diante das perguntas da vida eu ficaria completamente sem resposta, pois não teria como escolher entre o Deus de amor e o Deus sádico.

A minha proposta é que Deus deva ser visto para além dessa dimensão ambivalente. Deus não é o responsável por eu ter o que comer e beber, nem mesmo responsável por eu estar vivo, mas posso ser sempre grato a Ele por isso. A ideia que coloco aqui é a de que Deus pode ser entendido como um sentido que organiza o mundo sem fazer com que o mundo dependa dele e nos escusemos da nossa responsabilidade. Se sou grato a Deus por eu ter o que comer e o que vestir isso não quer dizer que tudo venha Dele, mas apenas que eu resolvo ler o mundo de uma forma em que me vejo não como causa de mim mesmo, mas dependente de uma esfera de ação que me ultrapassa. Posso até mesmo significar o mundo dizendo que "tudo vem de Deus", mas significando por Deus não um ser todo poderoso, mas um Sentido para a minha existência. Dessa forma, perseveramos a dimensão do mistério, perseveramos a dimensão de Deus e eliminamos a dimensão sádica daquele Deus todo-poderoso que brinca com meus desejos, ora possibilitando satisfações, ora não, e que poderia me esmagar a qualquer momento.

Finalmente, percebemos que as coisas no mundo dependem de relações que são determinadas internamente e não por Deus que esteja coordenando todas as coisas. No entanto, quando vou ler o mundo, procuro dar um significado para esses acontecimentos e, para isso, eu escolho ler o mundo a partir da dimensão do Sentido. Esse Sentido me coloca de uma maneira diferente diante do mundo, encarando todo o vazio e sem sentido de diversos acontecimentos, mas sem esquecer que a aposta é sempre a do Sentido para além do mero vazio e acaso. Acredito que isso nos coloca em um meio termo entre um materialismo cego e ingênuo, que é incapaz de apostar no sentido, e uma explicação completamente metafísica, que faz tudo depender de um Deus todo-poderoso colocando o homem apenas como um verme diante de um poder pleno. A proposta aqui faz com que encaremos a nossa responsabilidade na construção de um mundo melhor, encaremos a nossa responsabilidade diante

das nossas vidas, e permite, ao mesmo tempo, admitir a possibilidade do aparecimento de Deus, mas um Deus fraco, vazio, que se mostra apenas em pequenas gotas de esperança diante do mundo caótico. Esse Deus visto como esse Sentido é o que nos faz lutar para que todos tenham o que comer, o que vestir, o que beber, onde morar, etc. Deus se esvazia de metafísica e se transforma em horizonte para onde todos navegamos.

ESCOLHE, POIS, A VIDA PARA QUE VIVAS

Enquanto podia, aconselhava, ouvia, ponderava, levantava prós e contras, contava sobre sua própria experiência, projetava algumas delas, ocultava outras. Fez tudo o que pode para que ele não fosse pelo caminho que parecia traçar para si. No entanto, a partir do momento que ele decidiu seguir o

caminho que escolheu, ela fez de tudo para ajudá-lo. Até testemunhou o que aos olhos dela era um erro. Aceitou o fato de que ele tomou a decisão que achava melhor para si.

Isso quando abandonou o emprego, isso quando resolveu morar de aluguel ao invés de comprar uma casa, isso quando resolveu namorar alguém que claramente não tinha nada a ver com ele. Mesmo com todos os alertas, ela resolveu deixá-lo seguir o que achava melhor. Não se eximiu da sua responsabilidade enquanto quem ama, não tomou para si responsabilidade que não era dela, não foi indiferente à demanda do outro, mas deixou o outro livre e ajudou no que pôde e o quanto pôde. Mas fez assim porque o amava, porque compreendia que por mais que discordasse, por mais que o alertasse, a decisão, por mais errada que fosse aos seus olhos, cabia somente a ele. Nada fez para se colocar como obstáculo, pelo contrário, tudo o que pôde fazer para ajudar, ela fez.

Não mereceria ela a mesma credibilidade agora que a situação se inverteu? Não deveria ele agora fazer tudo o que estivesse ao seu alcance para ajudá-la a levar a cabo sua decisão? No entanto, agora ele se esconde atrás de racionalizações, se esconde atrás de planilhas. Planilhas essas que não fizeram diferença alguma na hora de abandonar o emprego. Racionalizações essas que foram deixadas de lado quando a sua demanda se impôs, mas que agora servem de desculpas para se eximir da ajuda possível.

É sempre possível usarmos um juízo para o outro e não sermos coerentes o suficiente para usarmos o mesmo juízo para nós mesmos. Da mesma forma que há pessoas que são muito duras com os outros, mas ao mesmo tempo são bastante condescendentes consigo. Para o outro, todo o peso das racionalizações, para mim, nem tanto peso assim, e assim a vida segue como que normalmente diante das incongruências destas posições. Os já conhecidos "dois pesos e duas medidas" acabam falando mais altos diante dos nossos interesses e isso é algo extremamente humano, mas nem por isso seja algo que devemos nutrir, afinal, seria bom se fôssemos justos o tempo todo; tanto conosco como com os outros.

Há também aqueles que são extremamente severos consigo e extremamente condescendente com o erro dos outros. Esse segundo tipo também encontramos aos montes em nossa vida. O grande desafio é encontrar o meio-termo entre essas duas situações e tentarmos, na medida do possível, nos tornarmos melhores em relação ao outro. Ajudar o outro sempre que possível e não ser empecilho para que o outro tome as suas decisões. No que depender de nós, devemos ter sempre o coração disposto a ajudar o próximo para que ele se realize e para que ele sempre se responsabilize pelos seus atos.

Toda escolha envolve uma perda. Escolher é sempre perder algo. Enquanto adultos, cabe a nós reconhecer o direito do outro de tomar as suas próprias decisões, o direito do outro de escolher o que achar melhor para si. Por mais idiota que possamos achar a escolha do outro, não compete a nós decidir por ele. Se solicitados, podemos expor nossas opiniões, nossos pontos a favor e contra tal decisão, mas sempre tendo em mente que cabe apenas ao outro tomar tal decisão. A nós cabe respeitar e torcer para que o outro escolha o que for melhor, cabe a nós torcer para que o outro escolha a vida e viva. E isso é sempre um grande desafio para nós.

Que estejamos sempre prontos a aconselhar e ajudar o outro naquilo que sabemos, mas sem nunca tirar do outro a responsabilidade e o seu direito/dever de escolher o seu próprio caminho.

ASPECTOS DE DEUS EM UM TEXTO DE LEIBNIZ

Um texto de 10 anos atrás encontrado nos escombros do computador.

O problema de Deus em Leibniz é um problema extenso e não pretendo aqui esgotar o assunto. O que eu pretendo aqui é fazer uma pequena reflexão sobre o papel de Deus na metafísica de Leibniz. Em seu texto intitulado “*Uma Definição de Deus, ou, de um Ser Independente.*” (*Definitio Dei Seu Entis A Se*), de 1676, Leibniz afirma que Deus é um ser de cuja possibilidade (ou, de cuja essência) segue-se Sua existência. Se um Deus, definido de tal modo, é possível, segue-se que Ele existe.

O tema da metafísica de Leibniz é a pergunta “como deve ser o mundo se temos a noção de Deus?” Para Leibniz, Deus é o criador de todas as coisas e é absolutamente perfeito, e uma vez que Ele é um ser perfeito, a sua criação será a mais perfeita possível. Leibniz afirma que a coisa é boa e por isso que Deus faz, e não que Deus faz algo ser bom ou não. A potência máxima para Leibniz não é criar a razão, mas sim, criar de acordo com a razão. Segundo ele, isso é o que é ser livre.

Leibniz tem a ideia dos mundos possíveis. Segundo ele, Deus contempla todos os mundos e cria o melhor dos mundos possíveis. Deus age desta forma porque Ele não pode ferir o princípio da não contradição. Criar o melhor dos mundos possíveis é agir de acordo com a razão. A posição de Leibniz se assemelha com a visão medieval que afirmava que Deus não pode fazer contradições lógicas. Deus está também sujeito aos princípios lógicos.

Essa sujeição de Deus a esse princípio, no entanto, não limita o poder de Deus. Deus tem todo o poder para fazer todas as coisas. Ele não faz porque, se fizesse, implicaria em contradição à sua obra, e uma vez que Deus é perfeito, ele não pode cair em contradição. Por exemplo: Deus não pode criar um mundo onde não existisse o princípio da não contradição, isso porque seria inconsistente ele contemplar um mundo melhor e criar um mundo pior.

Deus também é um ser onisciente. Ele já criou todas as coisas com tudo determinado para elas. As substâncias já contêm em si tudo que lhe aconteceu, acontece e acontecerá. Só que a substância não sabe disso. Somente Deus sabe de todas essas coisas. Essa onisciência de Deus faz com que Ele tenha a noção completa da substância com todos os seus acidentes. Havia uma posição escolástica que defendia que Deus sabe as coisas que a substância fará pelos futuros contingentes. Leibniz, no entanto, discorda dessa visão e afirma que Deus não pode prever algo que é livre e indeterminado, ao contrário, ele já cria a substância com tudo o que vai acontecer a ela.

Segundo Leibniz, o melhor sempre implica em perfeição e Deus escolhe sempre o melhor. Leibniz, em sua metafísica, quer explicar o problema do mal e resolve esse problema pela teoria dos mundos possíveis. O mundo sem o mal seria contra o princípio de não contradição. Para ele, o mal veio ao

mundo para que Deus pudesse colocar neste um bem. A queda de Adão para Leibniz comprova que o melhor mundo possível seria aquele em que Deus se fizesse presente fisicamente nele, e por isso a queda do homem.

Leibniz afirma que o pecado é necessário para um bem maior, pois sem ele não haveria como implantar a justiça, uma vez que a justiça precisa do pecado para existir. Deus não poderia criar um mundo justo se não existisse o pecado.

Leibniz não questiona a necessidade de um mundo sem justiça ou sem pecado. Para ele, isso seria possível uma vez que, não havendo pecado, não haveria a necessidade da justiça. Isso não implica em contradição e, portanto, é possível pensar em um mundo assim.

Deus sendo onisciente e conhecendo todas as coisas; o homem, como emanção de Deus, também é um ser livre e age livremente. Leibniz enfrenta um problema que é o de tentar conciliar a graça de Deus com certo “determinismo” da parte de Deus. A discussão não é própria de Leibniz e remonta a autores medievais que discutiram largamente essas questões.

Segundo Leibniz, o homem peca porque age precipitadamente, mas esse acidente já fazia parte de sua composição. Leibniz resolve o problema da liberdade afirmando que ser livre é agir de acordo com a razão. Deus não determina que alguém vai pecar, o homem peca livremente. E peca livremente porque era possível que ele não pecasse. Segundo Leibniz, o homem pecou porque agiu precipitadamente, mas esse pecado é necessário para um bem maior.

Deus em Leibniz assume um papel central, uma vez que dependemos de Deus para viver e para todas as outras coisas. Ao dizer que o homem é uma emanção de Deus, Leibniz dá ao homem um status de criatura prima de Deus.

Há uma passagem bíblica que diz que os céus proclamam a glória de Deus e o firmamento as obras de suas mãos (Salmos 19:1). Leibniz afirma a mesma coisa ao dizer que olhando para o mundo conseguimos enxergar o criador. Essa ideia de Leibniz acerca desse vislumbamento do mundo reflete a perfeição da obra divina em todos os seus detalhes.

Concluindo: Leibniz, com os seus mundos possíveis, resolve um problema até então insolucionável que é o problema de como deve ser o mundo. O Deus perfeito de Leibniz cria todas as coisas com uma harmonia preestabelecida e dá aos homens tudo o que é necessário para que eles vivam bem.

Infelizmente, agimos precipitadamente e, segundo Leibniz, é por isso que pecamos, mas a graça de Deus faz com que esses nossos erros se convertam no melhor possível para nós.

ESDRAS, NEEMIAS E TRUMP – XENOFOBIA

A Bíblia conta em um dos chamados "livros históricos" a história de Esdras. Esdras era um escriba que voltou do cativeiro juntamente com o povo de Israel para reconstruir os muros da cidade e também reconstruir o templo de Jerusalém que havia sido destruído na invasão babilônica. Esdras

havia sido enviado pelo rei Artaxerxes com autoridade para recolher ofertas para a reconstrução do templo, bem como com o poder de nomear juízes e magistrados para Jerusalém. O texto bíblico conta que Esdras era muito zeloso para com a lei de Deus e isso é algo que queria ressaltar a partir da história desse escriba. Depois de iniciar o seu propósito em Jerusalém, Esdras se volta para a lei de Deus e percebe que o povo de Israel está vivendo em grande pecado, pois vários homens das tribos de Israel tomaram para si esposas que não eram israelitas, fazendo com que o povo caísse em pecado e se misturasse com quem não deveria.

Podemos perceber que há certa noção higienizadora (e porque não dizer, xenofóbica) no meio do Israel bíblico que retorna do cativeiro na Babilônia. A relação com os povos estrangeiros foi sempre problemática se pegarmos alguns relatos do antigo testamento. Mesmo diversas passagens do Deuteronômio admoestando para que se preserve o direito do estrangeiro, admoestando que o estrangeiro deva ser tratado como um igual diante do povo, ainda assim parece que a necessidade constante de reafirmação do direito do estrangeiro aponta para uma falha no mecanismo interno de funcionamento do Israel bíblico. Esta noção xenofóbica fica muito clara nos dois grandes representantes da volta de Israel do exílio, a saber, Neemias e Esdras. Ambos procuram "limpar" Israel de todo contato mais próximo com o estrangeiro. Esdras propõe que os homens casados com mulheres estrangeiras as mandassem embora para as suas terras; Neemias entra até em brigas para que o povo se afaste dos estrangeiros que estão entre eles.

A eleição de Donald Trump à presidência dos Estados Unidos me fez lembrar os casos de Esdras e Neemias. O discurso xenofóbico de Trump (aqui como um representante de um discurso que permeia também toda a Europa com a crise dos imigrantes) se assemelha de forma muito grande ao discurso promovido por esses dois líderes de Israel no período pós-exílico. Curiosamente, ambos os discursos são feitos em momentos de extrema confusão social. No caso de Neemias e Esdras a confusão é nítida, ou seja, o povo está retornando do exílio, muita gente já com outra vida feita fora de Israel, com outra visão de mundo, sendo agora levada a habitar com outro tipo de gente (basta lembrar que há um remanescente de Israel que não havia sido levado para o cativeiro), com outras visões de mundo. As leis que regiam o povo no exílio não são mais válidas no novo contexto, ou seja, o povo se encontra sem nenhuma referência para lidar com suas novas demandas. Esse é o período propício para que os discursos mais rígidos, fundamentalistas, encontrem morada nas mentes e nos corações.

Diante da ausência de referencial, os discursos de Neemias, Esdras, Malaquias (profeta do período) e recentemente o discurso de Donald Trump contra os estrangeiros (latinos, mexicanos,

muçulmanos) soam como "boa saída", soam como "norte" para um povo desbussolado. O caráter xenofóbico desses discursos aponta para uma dimensão interessante em relação ao diferente. Essa aversão ao diferente, ao estrangeiro que habita entre o povo, é bastante sintomática. Algo interessante que a psicanálise nos mostra é que nós mesmos somos habitados por um estranho que nos domina sem diversas vezes tomarmos conta desse fato. O inconsciente enquanto instância psíquica nos apresenta como esse grande estrangeiro que habita em nós e que nos incita que o aceitemos. Esse reconhecimento de que eu mesmo não sou senhor em minha própria casa, mas sou assenhorado pelo estranho que em mim habita, deveria soar para nós um grande convite para que o diferente fora de mim fosse aceito com mais facilidade. No entanto, essa resistência ao diferente aponta para uma grande dificuldade de aceitar o diferente em mim mesmo e quando isso encontra formas de extravasar, a xenofobia se faz presente de forma nítida.

Esdras, Neemias e Trump representam para nós um mesmo tipo de discurso em nome de valores supostamente mais elevados. Esdras e Neemias leem o texto da lei e a interpretam de forma a esquecer o "espírito da lei" que aponta para o oposto do que é promovido por eles, ou seja, aponta para o respeito ao estrangeiro, aponta para o acolhimento dele e não para a sua expulsão, e em nome de uma interpretação da lei promovem a expulsão de vários estrangeiros, o rompimento de diversas famílias e a instauração de um caos social no meio de Israel. Donald Trump, da mesma forma, ao incitar os discursos de ódio, bem como um fundamentalismo moral em nome de supostos valores mais elevados, valores "cristãos republicanos", promove ondas de violência que começaram dias após a eleição presidencial com manifestações de grupos como Ku Klux Klan que pensávamos jamais teriam novamente representatividade para uma expressão pública. Os discursos de ódio contra os latinos, mexicanos, muçulmanos, negros, encontraram certa legitimação com a eleição de Trump e isso é algo extremamente preocupante para o cenário mundial.

Esse tipo de discurso sempre encontra resistência e no texto bíblico isso não foi diferente. Os textos de Jonas e de Rute são duas respostas ao discurso xenofóbico promovido por Esdras e Neemias. Jonas, que é enviado aos ninivitas e vê que Deus é sempre misericordioso com todos, inclusive para aqueles que estão para além dos muros de Israel, e Rute, a moabita, que encontra graça diante de Deus e é restaurada do que seria a sua desgraça. Ambos os livros apontam para aquilo que a própria lei do deuterônomo insiste veementemente, ou seja, que o estrangeiro deve ser considerado como um igual entre o povo e que sua causa não pode ser deixada de lado ou menosprezada, pois ao fazer isso se desobedece aos princípios divinos. O convite de Deus em relação ao estrangeiro sempre foi o da acolhida, o do socorro, o de considerá-lo como um igual no meio do povo e nunca foi o de menosprezá-lo e expulsá-lo do meio do povo. Percebemos que facilmente nos esquecemos de que o

diferente deve ser acolhido, pois ele também é imagem de Deus e se mostra a nós como uma oportunidade para que a misericórdia se exerça mais fortemente no nosso meio.

A UNIVERSIDADE COMO GRANDE BOLHA

Sou habitante de dois mundos, além dos vários outros aos quais todos nós pertencemos pelo fato de sermos seres no mundo. Queria ressaltar dois desses mundos dos quais pertencço: o mundo universitário, uma vez que trabalho em uma universidade federal, dou aulas, escrevo artigos e

outras coisas referentes a esse ambiente; e também o mundo dos cursinhos pré-vestibulares, uma vez que lá também dou aulas, monitorias e todas estas atividades referentes a esse ambiente.

O que une os dois mundos é o fato de ambos serem ligados à área da educação, mas além dessa semelhança óbvia há uma semelhança ainda maior: ambos os ambientes vivem dentro de uma grande bolha e essa bolha cria um ambiente extremamente ilusório para aqueles que nelas habitam.

A bolha funciona como uma espécie de invólucro em que tudo o que é feito tem como referente apenas o mundo ao qual aquela bolha remete. A bolha tem, portanto, a capacidade de criar para si o seu próprio mundo e isso se dá de forma tão natural que raramente se percebe essa estrutura autorreferente, que tem no seu próprio funcionamento a sua razão de ser. Ao invés de ser algo alheio ao indivíduo que participa da bolha, é como se a bolha se entranhasse no próprio indivíduo de forma que a sua maneira de pensar é condicionada pela própria estrutura à qual bolha sempre acaba remetendo. No ambiente universitário isso é facilmente percebido, assim como no universo dos cursinhos pré-vestibulares.

No ambiente universitário, o simples fato de você "pertencer ao meio" já lhe coloca em condições bastante melhores do que qualquer pessoa que queira "entrar para o meio". Basicamente, o ambiente universitário funciona dentro de uma lógica produtivista, ou seja, quanto mais se produz (artigos, capítulos de livros, congressos, etc.), mais "status" se adquire dentro da bolha universitária e conseqüentemente mais se é possível solicitar bolsas para as agências de fomento. No final, o que acaba importando mesmo é apenas o status e o valor financeiro adquirido com tal status. Para de alguma forma "medir" as produções, há toda uma qualificação de revistas científicas produzidas pela CAPES que variam de QUALIS A1 a C2. Obviamente que as produções que de fato "valem alguma coisa" são as publicadas nas revistas QUALIS A1 até a B2 e por isso há sempre o esforço para se publicar nessas revistas. Há toda uma questão envolvendo os critérios de avaliação e todos sabemos que a questão é muito mais "quantitativa" que "qualitativa". Longe de haver uma preocupação com a "disseminação do conhecimento" ou "com a discussão racional", o que se percebe é que esses ideais românticos já há muito foram abandonados nesse ambiente, e se resta algo nesse sentido, tem muito mais a ver com casos particulares do que com a estrutura do funcionamento da bolha. O objetivo último daquele que está dentro da bolha universitária é aumentar a sua renda e seu status, daí se instaurar a lógica da competitividade no ambiente acadêmico.

Para que se mantenham vivos nesse ambiente de competitividade, os professores (e seus orientandos de mestrado e doutorado) se indicam entre si para a escrita dos artigos, para as participações e organizações de congressos, participação de bancas de mestrados e doutorados e isso vai sendo registrado no currículo *Lattes* (meio pelo qual é medida a produção universitária no Brasil) de cada um deles como forma de criar a "produção" do ano para que na hora dos relatórios anuais o currículo *Lattes* esteja repleto de coisas feitas durante o ano. Essa produção por parte dos professores/alunos de pós-graduação é o que será levado em conta para que a CAPES dê uma nota ao programa de pós-graduação de uma determinada universidade. Essa nota vai de 1 a 7, e quanto maior a produção de artigos, congressos, etc., maior a nota do programa e conseqüentemente maior o número de bolsas de pesquisa concedidas pela CAPES ao programa, o que obviamente aumenta a renda do programa e dos professores vinculados ao programa. Talvez por isso possamos entender o porquê de as atividades de extensão, que têm em vista a comunidade fora da bolha, sejam as que menos recebem a adesão por parte dos professores. Essas atividades de extensão não contam muitos pontos para a avaliação da CAPES, logo, podem ser deixadas de lado ou deixadas para quem tiver algum interesse particular nisso. Dessa forma se instaura um ambiente em que os conchavos, as bajulações e todo tipo de artimanha seja válido para se adquirir "um lugar ao sol". Os comentários giram em torno do próprio mundo da bolha, ou seja, as conversas sempre giram em torno das participações em quais congressos, quantos artigos foram enviados/aceitos para publicação, em qual revista, quem se aposentou, qual a nota do programa de pós-graduação, etc.

Curiosamente, fora da bolha criada ninguém conhece absolutamente nada do que é produzido ali. Isso acaba se transformando em produções que apenas servem para massagear o ego dentro da própria bolha. Absolutamente ninguém fora da bolha universitária irá ler o artigo publicado, o livro organizado; fora da bolha ninguém participará do "congresso internacional", etc. Obviamente, para quem está e vive dentro dessa bolha é completamente indiferente o fato de suas produções não saírem da bolha, afinal a produção é feita tendo a bolha como alvo, mas a meu ver isso mostra a que ponto chega o autoenvolvimento dos pertencentes ao que aqui estamos chamando de bolha.

Para qualquer pessoa fora desse grupo dos professores/orientandos que se indicam é praticamente impossível publicar coisas que serão levadas em consideração como "produção" para o currículo *Lattes*. Como o currículo *Lattes* é o único currículo avaliado para quem quer "entrar para o meio universitário" como profissional, facilmente se percebe que para se entrar nesse meio é preciso que você já esteja no meio. Essa situação extremamente paradoxal é a tônica da bolha universitária e o que deixa muita gente boa de fora do mundo da pesquisa pelo simples fato de não estar disposta a entrar na competitividade e nas bajulações que precisam acontecer para que se entre para a bolha,

ou ainda pelo simples fato desta pessoa precisar trabalhar e não poder ficar por conta da universidade.

Qualquer pessoa dentro da bolha universitária sabe que o que está em jogo é apenas status e dinheiro, mas precisa se esconder atrás do discurso da "produção de conhecimento" como forma de apaziguar a consciência e talvez criar um "sentido provisório" para si. Na maioria das vezes, quando se organiza um congresso o que se tem em mente não é a disseminação do conhecimento, mas a oportunidade de preencher mais uma linha no currículo *Lattes* e mais uma publicação advinda do congresso. Até mesmo o próprio questionamento do modo de funcionamento da bolha universitária é feito sob a forma de artigo que serve novamente apenas para preencher mais uma linha no currículo *Lattes*. Esse autoenvolvimento completamente fechado em si mesmo é o mais visto na chamada bolha universitária.

A ideologia reinante no ambiente universitário é o que permite que a bolha se mantenha. Como bem coloca Žižek, a formulação da ideologia não se dá apenas dentro do território de uma razão cínica (conceito profícuo formulado por Peter Sloterdijk), mas a ultrapassa saindo de sua forma ingênua que pode ser formulada como "eles não sabem o que estão fazendo, mas fazem", e se formulando dentro do registro do "eles sabem exatamente o que estão fazendo e ainda assim fazem". Esse tipo de relação é muito mais complicada de ser combatida, pois não é uma tarefa de "iluminação de consciência", mas sim de mudança de atitude.

LENIN

Recentemente, a partir da leitura de alguns livros do filósofo esloveno Slavoj Žižek, tive o interesse de ler um pouco da obra de Lenin pelo fato desse autor influenciar bastante aquele. Um livro que

achei muito interessante, e refere-se diretamente à minha área de estudos, foi o “Acerca de la religion”, escrito por Lenin em 1905. O livro de Lenin é um apanhado de diversos textos, cartas, palestras proferidas por ele durante o longo processo de revolução russa da qual ele foi um dos principais líderes. É um livro muito interessante e traz considerações boas sobre a possível relação entre a religião e o socialismo. No entanto, Lenin nesse livro não fará grandes avanços frente à crítica marxiana sobre o tema da religião, embora possamos ressaltar algumas diferenças entre Lenin e Marx sobre o tema da religião.

Marx parte do princípio de que não é a consciência que determina a sociedade, mas é esta que determina aquela. Segundo ele, “O homem não é um ser abstrato, agachado fora do mundo. O homem é o mundo do homem, o estado, a sociedade”. Portanto, ao se falar sobre o homem, deve-se falar sobre o mundo do homem. O fenômeno religioso deve ser compreendido, portanto, dentro dessa nova perspectiva, não mais como objetivação de uma essência, como propõe Feuerbach, mas como produção social humana. Segundo Marx, “este estado, esta sociedade, produzem a religião, uma consciência invertida, porque eles são um mundo invertido”.

Sendo uma consciência invertida do mundo, a religião é considerada basicamente falsa, pois nela só encontramos ilusão, não sendo necessário um processo hermenêutico de interpretação da mesma já que ela deve ser superada. Nota-se que a interpretação feuerbachiana de religião enquanto objetivação de uma essência humana também é abandonada e adquire em Marx o status de uma nova forma de mistificação. Se não há essência humana, o discurso sobre a religião enquanto objetivação desta essência não passa de mera ilusão.

Para Marx, a religião é a realização, na fantasia, da essência humana, porque a essência humana não tem realidade alguma. Se a religião é apenas expressão de um mundo invertido, ela não contém nenhuma verdade a ser recuperada. Ela não fala acerca de uma realidade a ser recuperada porque ela nada mais é que o resultado de um mundo a ser aniquilado. Podemos notar que Marx preserva a relação entre religião e “expressão” humana, no entanto, para ele, aquela expressa não o homem, mas a situação do homem sob as condições de repressão. Ela é o suspiro das criaturas oprimidas, e, portanto, o discurso religioso não é sobre a “essência humana”, mas sobre as correntes que aprisionam essas criaturas. O que se encontra em tal discurso não é o ser humano, mas as forças que o escravizam e o fazem gritar por religião.

Por isso Marx afirma na “Introdução à crítica da filosofia do direito de Hegel” que “o sofrimento religioso é ao mesmo tempo a expressão de sofrimento real e o protesto contra um sofrimento real.

Ela é o suspiro da criatura oprimida, o coração de um mundo sem coração, da mesma forma como ela é o espírito de uma situação sem espírito. Ela é ópio do povo" (MARX & ENGELS, 2008, p.6). Acontece no discurso religioso uma inversão, pois as correntes que limitam o indivíduo são cobertas por flores e a dor real é esquecida pelo ópio. O homem, ao invés de tentar se livrar das amarras religiosas que o escravizam, transforma tais correntes em canções de amor. Em Marx não existe nenhum trânsito epistemológico da religião para a realidade. Aquela é inevitavelmente falsidade porque a sua função social é ser ópio. Isso permite defini-la funcionalmente como o discurso que reconcilia o homem com o mundo que o oprime.

Esse filósofo, portanto, reconhece a religião apenas como um sintoma de uma enfermidade social. E esse ponto vai ser referido por Lacan ao dizer que Marx teria sido aquele que inventou o sintoma. A religião para Marx não contém nenhuma significação epistemológica, é apenas efeito de uma causa diversa de si mesma. Por isso, Marx passa a investigar qual seria a causa geradora da religião. Em vez de uma hermenêutica do discurso religioso, ele propõe uma crítica, a qual seria necessária para que a felicidade ilusória do povo possa ser substituída pela felicidade autêntica. "A abolição da religião como a felicidade ilusória do povo é exigida para a sua verdadeira felicidade. A exigência de que se abandonem as ilusões sobre as suas condições é a exigência para que se abandonem as condições que necessitam de ilusões." (MARX & ENGELS, 2008, p.6)

Tal crítica feita por Marx à religião será a mesma utilizada por Lenin em seu livro. Dentre diversos outros temas tratados no livro de Lenin, um que gostaria de ressaltar é a instigante pergunta que ele faz sobre se um cristão poderia se unir ao partido socialista. Sua resposta é afirmativa nesse sentido, mas ao mesmo tempo procura ressaltar que a religião se trata de um assunto privado, *i.e.*, não tem problema algum um membro do partido socialista ser cristão, contanto que ele não tente encarar o partido socialista como uma extensão de sua religiosidade. Mas sob essa pretensa isenção a respeito da prática cristã, logo se evidencia que, para Lenin, a religião seria um grande perigo, pois ela seria capaz de minar os interesses do partido comunista. A religião para Lenin não era, portanto, algo "marginal" como para Marx, mas era algo que exigia uma atenção grande por parte do socialismo. Para Lenin, o partido socialista deveria se ater fielmente ao materialismo proposto por Marx e isso era algo que talvez uma pessoa que professasse uma fé encontraria problemas para assimilar. O socialismo para Lenin deveria ter na prática a sua primazia, mas sem abrir mão da reflexão sobre seus pressupostos. Por isso ele se empenha em uma reflexão sobre a religião. O livro também tem um grande ensaio sobre o papel da educação na formação da juventude socialista que é bastante interessante.

É sabido que entre nós da América Latina esse tipo de associação foi feita com bastante êxito na chamada “Teologia da Libertação” que, dentre outras coisas, propôs uma leitura bíblica pautada por diversas influências marxistas. Diversos autores muito conhecidos do povo brasileiro encabeçaram o movimento conhecido como “Teologia da Libertação”. Dentre eles, podemos citar a figura de Rubem Alves no meio protestante e Leonardo Boff no meio católico, ambos muito influentes na consolidação de tal teologia no Brasil e no mundo.

Mesmo sendo um livro que traz apenas uma retomada das principais teses de Marx sobre o tema da religião, ainda assim é um livro interessante para quem quer ter um primeiro contato com um autor profícuo e muito pouco conhecido pelas suas obras, como é o caso de Lenin.

SOBRE PIQUE-ESCONDE E SALVAÇÃO

Conversando ontem com duas amigas, contávamos sobre as brincadeiras que fazíamos quando crianças. As diversas brincadeiras várias vezes sem sentido, mas permeadas de alegrias que só aqueles tempos tinham.

Várias brincadeiras eram comuns e algumas outras variavam de região para região. Uma que todos nós brincávamos era a de pique-esconde. Todos nós brincávamos disso quando pequenos e todos nós gostávamos.

A brincadeira era muito simples: um contava de olhos fechados até 50 ou 100 enquanto os outros se escondiam. No final da contagem, o que contava saía procurando os escondidos e caso visse algum deles, tinha que correr até o pique (lugar onde se contava), bater e falar o nome da pessoa encontrada.

Surgiu uma divergência sobre o "salve todos". Alguns achavam muito estranho brincar com a regra do "salve todos" (para quem não sabe, a regra do "salve todos" dizia que quando faltasse apenas um escondido, esse poderia salvar a todos que tinham sido encontrados antes dele para que quem estivesse contando continuasse contando). O primeiro a ser encontrado torcia para que o último não o fosse para que pudesse "salvar todos" no final.

A esperança da redenção se manifestava em todos os que foram pegos. A apreensão, a torcida por aquele último estava muito presente no final, quando apenas um faltava. Todos depositavam a confiança naquele único homem que poderia salvar a todos e fazer com que ninguém fosse punido e tivesse que ser aquele a contar e procurar.

A brincadeira muito ilustra a esperança da salvação proposta pelos evangelhos. Todos aguardando a redenção que vem através de um homem. Do ponto de vista de uma cristologia, Cristo é a redenção de Deus vinda aos homens e efetivada na cruz. Do ponto de vista escatológico, a questão da redenção final adquire várias posições.

A regra do "salve todos" tem até nome teológico e é fruto de inúmeros debates nessa área do conhecimento. Será que Deus salvará todos no final? Será que há salvação para sempre? Será que "uma vez salvo, salvo para sempre"? Aquele que foi pego primeiro está condenado a ser o próximo a contar e procurar os outros? Ou há a esperança da redenção, do "salve todos"? O último poderia apenas "escolher" quem ele salvaria ou na ação dele de salvar a todos não há lugar para "escolhidos" ou "predestinados"? Será que a salvação é por mérito? Eu mesmo posso me salvar, ou dependo sempre em última instância daquele que "salvará a todos no final"? O "salve todos" serve apenas para quem não tem o mérito de se salvar sozinho, ou é válido para todos enquanto "possíveis-pessoas-encontradas"?

Questões teológicas fulcrais são presenciadas na brincadeira do pique-esconde, mas quando crianças não pensamos muito nisso, e talvez por isso pudemos aproveitar a brincadeira de forma mais light, sem preocupações desnecessárias. A brincadeira não precisa ter explicação, ela simplesmente está ali para ser brincada.

Algo a se aprender com o pique-esconde: tanto ponderar sobre estes assuntos teológico-existenciais, quanto também pensar na leveza com a qual a vida deve ser vivida. Se no final Deus resolver "salvar todos" ou não, isto não fará diferença para nossa vivência. Só fará diferença se pautarmos nossa vida nisso, um eterno "imperativo hipotético", um "fazer para ser salvo no final" que, deveríamos saber, está longe da proposta do reino.

Talvez o prazer da brincadeira estivesse no fato de não termos que pautar a brincadeira pelo seu final, mas simplesmente brincar, sabendo que podemos mudar de brincadeira a qualquer momento. E por que não mudar a regra do "salve todos"?

E a esperança não se manifestaria apenas na salvação do último, mas se manifestaria na mera brincadeira, tentando fazer dela momentos de eterna alegria enquanto o dia brilha e a noite não vem...

A CULPA CANTADA

E de repente, os olhos se elevam, a boca começa a emitir sons melódicos, mas seus sons revelam uma culpa inescrutável. A tentativa de alcançar um outro se perde e fica-se sozinho, tendo apenas a si mesmo e um ser que será nada além que um juiz cruel ...

Outro dia fui ao culto na igreja que costumava ir todos os dias e que agora, por uma série de motivos, não vou mais com tanta frequência. Reparei algo curioso e comecei a reparar nisso em todo o meio evangélico: A relação entre as músicas que são cantadas na igreja e o discurso que é pregado.

Algo interessante a se notar em várias músicas cantadas é a sua extrema filiação à dinâmica do Antigo Testamento. Não é pouco frequente vermos as músicas fazendo alusão ao "templo", "santos dos santos", falando de um afastamento quase que intransponível entre o homem e Deus. Percebe-se um esquecimento de todo o sacrifício do Cristo em virtude de romper com as "estruturas" do templo.

A divisão entre Deus e o povo que era mediado pelo sacerdote fica representada nas músicas. Os "sacrifícios", mas nesse caso "de louvor", são incentivados. A separação entre Deus, que está lá no céu, e o homem aqui na terra é ressaltada em várias músicas. Agora, é sintomático o porquê este evento acontece.

Foi para a liberdade que Cristo nos libertou, já nos dizia Paulo. No entanto, o cristão não consegue ser livre, mas procura remeter sempre sua prática à estrutura do Antigo Testamento. É como se tal postura desse a ele uma proteção mais proeminente do que a proposta do Cristo. Tem uma música específica que me veio à memória que tipifica isso que estou querendo dizer:

"Senhor leva-me aos Teus átrios, ao lugar santo, ao altar de bronze, Senhor,
Teu rosto quero ver.

Tira-me da multidão, leva-me onde o sacerdote canta. Tenho fome e sede de
justiça e só encontro em um lugar.

Leva-me ao lugar santíssimo, pelo sangue do cordeiro redentor, toca-me,
limpa-me, eis-me aqui".

É claríssima nessa letra a associação direta à estrutura do Antigo Testamento. A figura do templo, do sacerdote, do altar. No entanto, foi essa estrutura que foi rompida com o sacrifício do Cristo. Ele, como sumo sacerdote, rompe com essa necessidade tipificada na música. Sem contar que a estrutura que coloca um Deus distante também é rompida com a nova proposta do Cristo, que afirma que Deus habita em nós. Somos "templo" do Espírito, mas não mais um templo feito com mãos humanas, mas um templo que se encontra no coração do homem.

Essa internalidade abre para a perspectiva da liberdade. Enquanto a estrutura do templo prendia o homem dentro de um "lugar específico", a proposta do Cristo abre para outra perspectiva. Tal dinâmica fica muito explícita com a Samaritana e sua inquietação quanto ao "lugar da adoração", que Jesus rapidamente dissolve. O Pai procura aqueles que o adoram em espírito e verdade.

Não há um "lugar para adorar". A liberdade se coloca como condição do humano para lidar com Deus. Mas se o homem se nega a relacionar com Deus em liberdade, percebe-se uma deformação nesse tipo de relacionamento. É como se houvesse sempre uma culpa pairando no ar que impede que a estrutura do templo seja desfeita na mente do evangélico. Há algo presente nessa relação que seria interessante ser estudado.

Se a estrutura do templo continua viva nas canções, com certeza ela está viva na mente do homem. Esse Deus que é "adorado" por meio dessas músicas se faz distante daquele que o adora. Afinal, esse Deus cantado habita "os altos céus", está "acima, nas nuvens".

Uma vez que tais músicas fazem parte da vivência evangélica, é claro que elas interferem na forma como o cristão se relaciona com Deus e como ele se relaciona com o mundo. Um Deus distante exige distância do mundo para que ele seja encontrado. Um Deus longe exige que todo esforço do homem seja em buscá-lo com afinco. Um "separar-se" para que finalmente possa "habitar com Ele no céu". As músicas refletem essa relação de uma forma muito interessante.

Mas, o que fica evidenciado em todo este afã com que se cantam tais músicas? Dentre outras coisas, fica evidenciada a renúncia da vida em liberdade oferecida pelo Cristo. A tentativa de retorno às estruturas do Antigo Testamento (o templo, o sacerdote, o sacrifício) acaba por se tornar uma tentativa desesperada de amparo diante de uma realidade onde tais estruturas não exercem mais a função que exerciam no Antigo Testamento. O autor de Hebreus já ilustrava essas figuras do Antigo Testamento como "sombras das coisas que viriam". No entanto, ao contrário do que se esperaria, a prática de um "afastamento na busca desse deus encontrado apenas distante" é incentivada em várias igrejas evangélicas. Não raras vezes ouvimos os ministros de louvores dizendo coisas do tipo: "Viemos aqui pra te buscar, Senhor", "Se revela a nós", "vem habitar conosco", "Leva-nos Senhor, ao santo dos santos para que possamos te adorar".... CDs são gravados repetindo essa tentativa de amparo a partir de uma estrutura que o próprio Cristo fez questão de romper.

Talvez a negação da liberdade seja um dos maiores problemas do mundo evangélico atual. E paradoxalmente essa dinâmica acaba se evidenciando em uma postura "libertina". Abre-se mão de

um relacionamento livre com Deus para vê-lo como "ser-que-vigia", "ser-que-pune", mas ao mesmo tempo, na esfera da vida pública é como se esse Deus não existisse. A ausência de um relacionamento baseado na liberdade acaba por provocar a necessidade de uma constante "vigilância", onde o crente precisa cuidar de tudo o que faz para que não seja punido por aquele ser distante que está sempre de olho.

Ao mesmo tempo que o universo metafísico traz o amparo e o consolo diante da realidade, coloca a culpa sobre o indivíduo que precisa sempre fazer coisas para que seus pecados sejam expiados. Essa dinâmica foi muito bem analisada por Freud quando propõe uma análise da religião.

Cria-se com Deus uma relação infantil, onde Ele aparece como aquele que sempre livrará o homem dos terrores do mundo, fará com que ele "caminhe em vitória". O pai é desejado como amparo diante da realidade e não é esse o relacionamento com o pai proposto por Jesus. Este via o pai não como alguém que sempre estaria ali, muito pelo contrário, ele mesmo enfrentou o desamparo (Deus meu, por que me desamparaste?), e mesmo assim, Deus continuou sendo pai. A relação de Jesus com o pai se baseava na liberdade e talvez por isso escandalizasse tanto os doutores da época.

Há alguns que abordam a questão das músicas como "licença poética". Particularmente sou contra a ideia de transformar inconsistências teológicas em licença poética e penso que tal licença não seja desculpa para se formular músicas que se analisadas, imprimem mais uma estrutura repressora do que propriamente um momento de aproximação com Deus.

Muito me preocupam tais músicas, afinal, a música alcança lugares onde a mera palavra não alcança, e o que se canta reflete o que se pensa, reflete a forma como se vê as coisas, como se vê o mundo.

A reforma foi cantada antes de ser pregada e isso é importante, afinal, o protestantismo sempre se caracterizou por cantar os atos de Deus. Agora, quando essas músicas passam a refletir uma noção de culpa recalcada que desemboca em um Deus distante que tolhe a liberdade humana para se fazer deus, é preciso que algo seja feito.

Como o próprio Jesus já advertiu: "A boca fala do que está cheio o coração". Se o coração do cantante está cheio de culpa, é porque de alguma forma isso habita o coração dele. E até que ponto não seriam as próprias músicas cantadas por ele que imprimem nele a culpa que depois ele mesmo cantará, tentando se aproximar desse deus que a própria música fez parecer distante?

O SERVO IMPIEDOSO E A FLUTUABILIDADE DO PODER

Jesus nos conta uma pequena parábola em que um servo devia ao rei um determinado valor e quando o rei lhe foi cobrar o servo suplicou para que a dívida lhe fosse perdoada e o rei concedeu tal perdão. No entanto, ao sair da presença do rei, o servo encontra um conservo que lhe deve um valor extremamente menor e o manda prender porque não pagou a dívida. O rei que havia perdoado o servo fica sabendo do ocorrido e pergunta: Por que não usaste de misericórdia para com teu conservo da mesma forma que eu fiz contigo? E diante de tal atitude, mandou prender o servo até que esse lhe pagasse tudo o que devia. (Mt 18,23-34)

Uma noção cara a Foucault é a de que o poder possui uma fluabilidade, ou seja, o poder age em uma microfísica específica que impede a sua polarização estanque. A microfísica do poder (título de um dos livros do Foucault) evidencia que as relações de poder são constantemente construídas e reconstruídas nas diversas relações que estabelecemos diariamente, daí a sua "fluabilidade". Ao

invés de funcionar de forma homogênea e polarizada, em que seríamos capazes de identificar sempre de que lado está o poder, Foucault proporá que o lugar do poder se desloca de um lugar para outro dependendo das relações estabelecidas. Ele funciona em redes e por isso deveríamos compreender como se dão as relações de poder em determinadas relações.

Na parábola contada por Jesus, podemos pensar que da mesma forma que o perdão é recebido ele deve ser passado. Aquele que é perdoado também tem ele mesmo a capacidade e o poder de perdoar, evidenciando que as relações de poder não se polarizam, mas flutuam, e talvez seja esse um valioso ensinamento de Jesus nessa pequena parábola. O servo perdoado também tem o poder de perdoar, e assim deve fazer uma vez que entende a flutuabilidade das relações de poder envolvidas em nosso dia a dia. Quando esquecemos, ou não nos damos conta dessa flutuabilidade do poder, assumimos o mesmo papel do servo que é perdoado e não perdoa. Tal servo vê o poder de forma estanque, totalmente polarizada, que deve ser exercido pelo uso da força. Ao sair da condição de perdoado e passar à condição daquele que perdoa, ele vai reproduzir a mesma noção de um poder estanque. Jesus mostra que tal postura evidencia um desconhecimento de como as relações de poder funcionam, pois na própria parábola a relação de poder novamente se inverte para o servo. Ele foi perdoado, passou à condição daquele que podia perdoar, não perdoou, e voltou à condição anterior. Não estaria aqui também uma boa chave para compreendermos a famosa inversão proposta por Jesus de que o senhor é aquele que serve?

A história contada por Jesus talvez seja um excelente conselho para nós ainda hoje. Ou seja, por que não fazemos para com os outros aquilo que reclamamos sua ausência no outro? Por que não somos também tão críticos conosco a ponto de vermos que estamos apenas reproduzindo o que condenamos? Talvez tão próximo a nós alguém esteja sofrendo pelo mesmo motivo e, mesmo cabendo a nós alterarmos tal situação, fechamos os olhos e concentramos apenas em nós mesmos, sendo incapazes de ver que, na realidade, o sofrimento do qual reclamamos infringimos ao outro na mesma medida.

Na maioria das vezes achamos que já fazemos demais pelo outro, acreditamos piamente que estamos sendo sempre o melhor que poderíamos ser para o nosso próximo, mas diversas vezes faltamos a sensibilidade de perceber os inúmeros sinais que o outro nos endereça. Sempre me ocorre que a forma como o outro age comigo dá inúmeras pistas sobre a forma que ele gostaria que eu o tratasse. É como se fosse um grande jogo de imitação, mas que várias vezes esquecemos de jogar e acabamos proporcionando no outro um sentimento várias vezes ruim que poderia ser evitado se prestássemos atenção aos pequenos sinais. Obviamente que não é tudo mera imitação, afinal, as

particularidades do outro devem ser levadas em consideração; sua forma de lidar com as questões da vida, sua forma de encarar os compromissos, ou a ausência deles, etc. Nessa curiosa dinâmica vamos aprendendo a lidar com o outro e crescendo junto com ele.

O servo que demanda o perdão do rei, mas logo em seguida demanda o pagamento do seu conserto, mostra essa dissimetria que várias vezes cometemos, afinal é muito simples assumir o lugar de poder em uma determinada relação e esquecer que há pouco tempo atrás éramos nós mesmos aqueles que clamavam por perdão, ansiando por sermos perdoados. O rei que perdoa é o mesmo que espera que o perdoado faça o mesmo quando a relação de poder se inverter. Da mesma forma, aquele que foi perdoado deve compreender que o poder de perdoar não está apenas em um lugar específico, mas também está disponível a ele por conta das novas relações estabelecidas.

À medida que compreendemos as diversas possibilidades das relações de poder envolvidas em nosso dia-a-dia, somos capazes de compreender melhor as nossas relações e, conseqüentemente, somos capazes de nos aproximarmos do outro de coração aberto sabendo que constantemente temos a possibilidade de perdoar e sermos perdoados. A noção de que o poder flutua maximiza a liberdade do sujeito na medida em que o coloca constantemente diante de uma nova relação de poder a ser sempre estabelecida diante do outro que o invoca. Talvez por isso Jesus inicia a parábola afirmando que o reino de Deus pode ser comparado a tal parábola. No reino de Deus há sempre a possibilidade da liberdade em relação à demanda do outro, mas constantemente somos chamados a ver na demanda do outro um pouco da nossa própria situação.

QUID ERGO

Quid ergo Athenis et Hierosolymis? Quid academiae et ecclesiae? Quid haereticis et christianis?

“O que há de comum entre Atenas e Jerusalém? Entre a academia e a Igreja? Entre os heréticos e os cristãos?” (TERTULIANO. *Traité de la prescription contre les hérétiques*. Livro VII,9. 1957. p.98 tradução nossa).

Um dos aspectos principais da filosofia medieval é o debate entre a fé e razão. Desde os padres apologistas do primeiro século da era cristã até meados do século 15, essa será a tônica de diversos textos escrito por padres, filósofos, teólogos. A frase que abre esse texto é de um desses padres apologistas chamado Tertuliano (160-220 d.C). Assim se exprime Tertuliano diante das diversas heresias que enfrenta no século II da era cristã. Tertuliano optará por acentuar mais as diferenças entre a fé cristã e a filosofia grega do que acentuar o que elas teriam em comum. Algo interessante a se ressaltar é que o debate entre Atenas e Grécia será algo que dará corpo à teologia cristã em seu desenvolvimento no ocidente. Embora diversos dos padres apologistas dos primeiros séculos do

cristianismo tivessem feito um esforço hercúleo para conciliar os pressupostos da fé cristã com as matrizes gregas, sempre houve algo nesse debate que provocava uma espécie de cisão. É como se de alguma forma Jerusalém nunca pudesse ser completamente incorporada por Atenas. Sempre haveria algo que escapava a essa tentativa de assimilação completa.

Apenas esse tema já daria um trabalho enorme para ser elucidado, ainda mais por ser um tema extremamente debatido em toda a filosofia medieval. Mas algo que gostaria de apontar é que podemos dizer que a ruptura estrutural entre o mundo grego e o mundo cristão se dá a partir da noção de criação.

No mundo grego, essa noção é completamente estranha, ou seja, por mais geniais que tivessem sido Platão ou Aristóteles e diversos pré-socráticos antes deles, a concepção de que o mundo tivesse um começo causado por um agente externo que não tinha nada diante de si soava extremamente estranha. O universo para os gregos (em linhas bem gerais, sem nos ater às inúmeras diferenças entre os diversos filósofos) era eterno, ou seja, sem princípio nem fim, mas onde, de alguma forma, o movimento estaria presente fazendo com que uma coisa se tornasse outra coisa.

Desde Platão, com o Demiurgo que contempla as formas puras e molda a matéria, até os primeiros motores de Aristóteles (ele chega ao número de 55 na sua "Física") como causa primeira e ato puro, a causa do que há estaria ela mesma presente no universo que é gerado, ou seja, o movimento que faz com que uma coisa se transforme em outra está presente na própria estrutura das causas primeiras.

Mesmo o Demiurgo platônico (que talvez mais se aproximaria de uma visão cristã sobre Deus no mundo grego) serviria de explicação para o "como" o mundo veio a existir, mas não explicaria o porquê de tal mundo existir, ou seja, ele não é quem "cria" o mundo, mas apenas aquele que molda a matéria pré-existente a partir das ideias contempladas por ele. Nem o deus platônico e nem o deus aristotélico criam as coisas, mas agem a partir de coisas pré-existentes.

O cristianismo rompe estruturalmente com o mundo grego ao afirmar que apenas o Deus é o ser, ou seja, apenas nele seria possível conciliar a essência e a existência de forma plena. Essa dedução não teria sido ensinada pelos gregos, mas por Moisés lá no livro do Êxodo. Em Êxodo 3:14, lê-se: "E disse Deus a Moisés: Eu sou o que sou. Assim dirás ao povo de Israel: EU SOU me enviou a vós". Nesse texto, Deus, ao se nomear como aquele que é, se identifica ao ser e dessa forma se coloca como pleno, ou seja, como alguém que não depende de ninguém além de si mesmo. A metafísica do

Êxodo será lida e comentada por diversos padres apologistas no decorrer da história do cristianismo. Se o Ser é o nome próprio de Deus, para o cristianismo, as outras coisas só serão porque seriam criadas por Deus, que lhes doa a existência; e o faz por meio de sua vontade. Vincular todo o mundo à noção de criação faz com que a relação entre o homem e o mundo mude drasticamente. Ele não é mais fruto de uma razão imanente, ou fruto de um movimento de uma matéria pré-existente, nem fruto do acaso (como afirmava o epicurismo e sua noção de *clinamém*), mas fruto de uma vontade criadora que lhe dá a existência.

Jerusalém rompe com Atenas, mas continua lhe sendo extremamente devedora em diversas formulações posteriores, ou seja, a ruptura se dá de maneira estrutural, mas isso em hora nenhuma faz parar o diálogo incessante e interminável entre as duas visões de mundo – diálogo esse que o presente e brevíssimo texto faz menção.

CANDOBLECISTAS, UMBANDISTAS E EVANGÉLICOS – UNI-VOS!

Algo interessante a se notar no meio evangélico é a sua dificuldade na forma de lidar com aquilo que é diferente de suas concepções de mundo. Do ponto de vista da própria formação do discurso evangélico, esse tipo de dificuldade é muito facilmente compreendida dada a sua "tara" com a noção de certeza. Em diversas vezes lemos ou ouvimos alguém dizer algo nesse meio que remete a uma posição segura e infalível de sua crença, das suas concepções de mundo, etc. Esse tipo de relação vai se mostrando pior à medida que o outro discurso vai se afastando de suas concepções.

Um lugar onde tal discurso se mostra de forma extremamente estranha é na relação estabelecida entre as igrejas evangélicas e as religiões de matriz africana ou também chamadas de religiões afro-brasileiras. Para além de toda discriminação envolvendo as pessoas negras e suas culturas, que no caso brasileiro diversas vezes é associado a algo ruim (o que é muito sintomático, dada a presença maciça da população africana na constituição do povo brasileiro), há ainda a questão

ontológica/metafísica envolvida que para algumas pessoas torna qualquer tipo de diálogo impossível.

Via de regra, para o evangélico comum, a relação é muito simples e pode ser resumida a formulação de que “tudo associado a religiões de matriz africana pode ser demonizado e deve ser evitado a qualquer custo.” Não há nenhuma possibilidade de diálogo entre os dois ramos religiosos. Tudo associado a Orixás, Nkises, Voduns, deve ser evitado sob a constante ameaça disso “abrir portas” para o mal sobrevir à pessoa ou à sua família. Em diversas igrejas há os chamados “cultos de libertação” em que se visa “expulsar os demônios” e em vários casos os nomes dados a esses demônios são nomes retirados da própria tradição de religiões africanas. Nomes como “tranca ruas”, “pomba gira”, “preto velho”, são transformados em demônios que precisam ser expulsos da vida do sujeito pelo fato de serem eles que estariam causando todo o mal. A relação se dá de forma muito direta e isso é um fator interessante de se notar da discriminação envolvida em relação às religiões de matriz africana.

É necessário aqui ressaltar a diferença que fazemos entre protestantes e evangélicos. No meio protestante, a postura dialogal se mostra um pouco melhor que no meio evangélico (embora várias vezes meio "truncada") e há diversos movimentos de trabalhos conjuntos entre o protestantismo e as religiões de matriz africana. Eu mesmo já participei de alguns encontros em que líderes de religiões afro-brasileiras se encontravam presentes e o clima dialogal se fez presente de maneira muito cordial e respeitosa. No entanto, tal prática ainda não se mostra a tônica nem mesmo entre os chamados protestantes. Um movimento interessante do diálogo entre as igrejas protestantes e as religiões de matriz africana, caso alguém tenha algum interesse, é a Fundação Luterana de Diaconia.

Algo importante a se ressaltar é que as Religiões afro-brasileiras celebram a natureza e respeitam a diversidade e são ícones de uma cultura ancestral. É preciso salientar, por exemplo, que a figura do diabo não existe nas religiões afro-brasileiras e a associação dele ao candomblé e umbanda pode ser entendida como uma estratégia de um discurso de dominação bem implantado por parte dos opressores. Ou seja, a hierarquia ontológica se mostra devedora das relações de poder do mundo material.

O candomblé é uma religião que cultua divindades da natureza, que são os Orixás, Nkises, Voduns, nomes que variam de acordo com a nação que a casa pertence, se Kêtu, Angola, ou Jêje, respectivamente. No candomblé, o canto, a dança são muito presentes nos cultos e são elementos

importantes na atração da energia espiritual que se cultua. Ele pode ser entendido também como uma prática religiosa ligada aos costumes das tribos antigas africanas, na medida em que tudo o que se faz é muito ligado a uma tradição e que se propaga, sobretudo, através da oralidade. As formas de culto e as nomenclaturas são bem particulares, seguindo sempre sua nação e raiz de origem. Isso justifica as diversas formas desse culto no Brasil, cujo formato é organizado em xirês, que são as ordens em que são apresentados os Nkisses, Orixás ou Voduns nos cânticos de um toque para essas divindades.

As nações do candomblé são, por assim dizer, o “lugar” dessa organização de ritos, nomenclatura, fundamentos, cantos, história das divindades e articulações simbólicas referentes a elas. Embora possua na sua essência a reverência a várias divindades ligadas à natureza, o candomblé é uma religião monoteísta, ou seja, que cultua um único Deus: Nzambi (Nação Angola), Olorum (Nação Ketu), dentre outras possíveis nomenclaturas. Nesse contexto, as divindades são entendidas em alguns casos como espíritos que auxiliam a Deus no governo do mundo, uma espécie de força da criação divina. Entendendo a ideia do culto a essas divindades como ela é realizada, é possível dizer que o candomblé cultua ritualisticamente a energia da natureza em suas múltiplas manifestações, das nuances mais belas à intensa devastação a que nos submetem.

A umbanda é a única religião genuinamente brasileira, surge aqui e é fruto da miscigenação e da mescla de cultura e tradições que nos caracterizam. Tem os orixás como guia máximo entre as divindades, assim como o candomblé, mas os louva em português, enquanto candomblé cultua usando cânticos em yorubá (Ketu) ou bantu (Angola). No caso dos umbandistas, seus fundamentos são frutos da rica mescla entre candomblé e os valores do cristianismo. Pode-se dizer que a premissa básica dessa religião é a caridade e tem os ensinamentos de Cristo como referenciais importantes de conduta na terra. Importante ressaltar que tais religiões não têm a Bíblia como um livro sagrado, mas partem principalmente da oralidade para compor a sua ontologia. Dessa forma, afirmar que tais religiões estão "contra a verdade bíblica" incorre, ao mesmo tempo, em um grande desconhecimento do que poderia ser chamado de “verdade bíblica” e um desconhecimento em relação ao funcionamento das religiões em questão.

Podemos perceber que as religiões de matriz africana, como toda religião, buscam o contato com a esfera do sagrado e, para isso, se organizam de uma determinada forma dado o seu contexto cultural. Nesse sentido, podemos dizer que, do ponto de vista do objetivo das religiões afro-brasileiras, o que está em jogo é o mesmo objetivo do cristianismo, ou seja, o contato com aquilo que consideramos sagrado. Há obviamente uma diferença ontológica (do que é considerado

existente) nas formulações cristãs e nas formulações de outras religiões. A ontologia cristã não aceita essa personificação da natureza proposta por algumas religiões afro-brasileiras, não aceita a existência dos chamados “orixás” e outras coisas, assim como as religiões afro não aceitam a existência do “diabo” ou dos “demônios”, com essa nomenclatura, coisa que para o evangélico comum é tido como de “indubitável existência”. A diferença ontológica/metafísica, no entanto, não deve ser motivo para a demonização das religiões afro-brasileiras. O fato dessas religiões não compactuarem com aquilo que consideramos como existente não as tornam algo a ser combatido, não as tornam algo a ser “evitado”, mas muito pelo contrário, algo a ser conhecido e respeitado por qualquer pessoa ou religião.

Obviamente que a questão a que se propõe esse texto não é o de "igualar" todas as religiões, afirmando que todas elas servem ao mesmo Deus, o que seria um desrespeito às especificidades de cada formação religiosa, uma afronta à própria concepção de Deus evidenciada em cada religião. Mas o que se pretende antes de tudo é mostrar que a demonização feita por grande parte das igrejas evangélicas em relação às religiões de matriz africana tem mais a ver com uma discriminação de cunho social e ideológico do que com uma questão ontológica/metafísica. Claramente, a primeira é condicionante da segunda na nossa opinião, mas há sempre aqueles que pensam que a segunda é a causa da primeira, e esse tipo de pensamento é o que leva a diversos fundamentalismos de ambos os lados, embora a presença do fundamentalismo pelo lado evangélico se sobressaia, dada a nossa própria configuração social.

Tem havido um grande avivamento das religiões afro-brasileiras e cada vez mais pessoas têm se assumido praticantes dessas religiões, rompendo estigmas e tendo que lidar diariamente com a discriminação advinda dessa tomada de postura. Em diversos momentos, se assumir pertencente a uma religião de matriz africana se mostra como um grande protesto e ao mesmo tempo um afirmar de uma identificação com outra forma religiosa que não as cristãs ocidentais. Por incrível que pareça, mesmo as religiões orientais (budismo, taoísmo, etc.) possuindo uma ontologia mais afastada da ontologia clássica cristã, elas são mais aceitas no ocidente, o que a meu ver aponta para a discriminação social/ideológica das religiões de matriz africana que leva à discriminação e à demonização das mesmas por parte de diversas denominações evangélicas.

O candomblé, a umbanda e diversas religiões afro-brasileiras são ricas em cultura, função social e são também pilares que constituem nossa sociedade há muito tempo e precisam ser respeitadas como quaisquer outras práticas religiosas.

AQUELE SEGUNDO EVANESCENTE. A FELICIDADE HOMEOPÁTICA

Ah, se ali atrás daquela serenidade fosse permitido ver todo o peso do mundo carregado sobre aqueles ombros caídos. Se diante dos outros pudesse aparecer as chagas de um coração várias vezes triste e desolado diante da falta de alegria do mundo. Não fossem os olhos, que alguns dizem ser a janela da alma, a denunciar tamanha incompletude, ninguém diria que ali bate como um martelo uma dor dilacerante. Não fosse os pequenos sinais dados a conhecer a apenas alguns mais próximos, ninguém desconfiaria.

Como um Sísifo que vai subindo a montanha tendo a pedra sobre seus ombros; empurra-a montanha acima como quem sabe ser a sua única tarefa. Empurra sobre seus ombros como quem está fadado a repetir *ad infinitum* tamanho desgosto. Mas até Sísifo por algum momento é capaz de esquecer a dor do mundo e a dor de ser quem se é. Até ele é capaz de se sentir orgulhoso por estar ali fazendo aquele trabalho sem sentido.

Naquele momento, ali quando se esquece, naquele segundo evanescente, é como se tudo se fizesse novo e até o peso da grande pedra é esquecido. Naquele momento a eternidade se faz presente, pois o que define o momento eterno nunca é a sua duração (inconsistência puramente lógica, mas de caráter poético), mas o desejo de que aquilo permaneça para sempre. Aquele segundo, por mais rápido que seja, alivia Sísifo que agora é capaz de voltar à sua labuta inglória.

"Num abrir e fechar de olhos" (I Cor 15:52) é a versão cristã do que chamamos acima de segundo evanescente, ou seja, em um mero ir e vir das pálpebras pode ser dita toda a esperança cristã até mesmo para o apóstolo Paulo, pois é em um segundo evanescente que, conforme o texto, seremos capazes de esquecer todo o sofrimento do mundo para adentrarmos na eternidade. O abrir e fechar dos olhos (que é um movimento involuntário do corpo) parece apontar para a curiosa teologia da graça cristã. Graça que a todos abarca. Ali, onde não temos domínio sobre o executar, ali ela se revela mostrando-se como salvação vinda de Deus, como dom imerecido dado a todo homem.

O segundo evanescente que nos faz esquecer o sofrimento diário é o momento buscado por nós todos os dias, o tempo todo, e que o conceito de "ressurreição" no cristianismo visa dar conta dessa busca de uma vez por todas. Assim como o piscar de olhos, o segundo evanescente de Sísifo também dura pouco, mas mesmo assim, acredito que nunca nos cansaremos de esperar por ele, ou para os mais ativos, fazê-lo acontecer diante de nós. Como aquela árvore que Jó nos diz ser melhor que o próprio homem, pois com o cheiro das águas ela pode brotar, assim também aquilo que chamamos de segundo evanescente pode se colocar como aquele cheiro das águas que traz consigo a possibilidade do renovo diante de todo aparente absurdo do mundo.

RELIGIÃO E CIÊNCIA

O cenário político brasileiro tem sido objeto de inúmeras análises, postagens, reportagens e toda a gama de comentários possíveis analisando cada decisão, cada novo acontecimento. Isso tem um quê de interessante, mas ao mesmo tempo aponta também para o teor das discussões na era das redes sociais. Na maioria das vezes as discussões são vazias e giram em torno dos mesmos comentários, das mesmas pessoas de sempre, criando um loop incrível de retroalimentação argumentativa.

Um caso interessante que gostaria de comentar brevemente é a suposta nomeação de um pastor da Universal do Reino de Deus para o Ministério da Ciência e Tecnologia. Tirando a obviedade do jogo político envolvido, uma vez que o PRB (que todos sabemos pertencer à Igreja Universal) votou unanimemente a favor do processo de Impeachment na Câmara dos Deputados e a promessa de cargos e ministérios é uma prática comum no jogo político brasileiro (e por que não dizer no jogo político mundial?), soou bastante estranho esse tipo de indicação (que acabou por não ser

concretizada) dada toda história da relação entre a ciência e a igreja no ocidente, desde a relação mais antiga que envolvia casos como Galileu, Giordano Bruno com a Igreja Católica, até casos mais recentes da sempre conturbada "bancada evangélica" com suas propostas "curiosas" referentes à educação, ética, etc.

A princípio, o fato de o indicado ser evangélico e pastor da Universal não deveria nos colocar em uma posição defensiva já prejudgando que ele fará um péssimo trabalho, ou que fará excluir dos livros didáticos temas como o evolucionismo e exigir que todas as escolas passem a ensinar apenas o criacionismo bíblico, ou qualquer coisa do gênero. Assumir esse tipo de postura aponta apenas para o fato de que deixamos nos levar por diversos estereótipos (e inclusive várias vezes defendemos que não devemos ter esse tipo de atitude) que em nada contribuem para uma análise mais atenta da situação. Quem sabe ele não fará um bom trabalho à frente do ministério da Ciência e Tecnologia? Cabe a nós a dúvida em relação ao futuro.

Pertence ao senso comum a ideia de que Religião e Ciência até hoje estariam brigando a respeito de criacionismo e evolucionismo. Embora esse tipo de discussão seja muito forte em vários estados norte-americanos, como Texas, aqui no Brasil a coisa se dá de forma um pouco diferente. Em uma pesquisa realizada pelo datafolha em 2010 é mostrado que 59% dos brasileiros acreditam em Deus e em Darwin, ou seja, seria bem possível Deus ter criado o mundo e ele funcionar a partir da evolução das espécies, ou então, o mundo não ser criado por Deus, mas ser comandado por ele em seu processo evolucionário. Para a maioria dos entrevistados, as duas opções são bem plausíveis e não há nenhum tipo de contradição entre elas, mas podem coexistir tranquilamente. Essa pequena pesquisa aponta um dado interessante que foge às vezes de uma análise mais rápida.

A relação entre Ciência e Religião se alterou bastante nos séculos XX e XXI. Podemos dizer que a relação que antes era de oposição tem caminhado cada vez mais para uma relação de cooperação entre as duas áreas de conhecimento. Depois de ter sido relegada a obscurantismo, irracionalidade, quimeras imaginárias pelo iluminismo, a Religião passou a ganhar muito espaço a partir do Romantismo alemão e foi ganhando cada vez mais espaço até mesmo na pesquisa científica. Um filósofo que deu um passo decisivo no debate entre as duas áreas foi Wittgenstein (1889-1951), que apontava para o fato de que ambas as disciplinas falavam de coisas diferentes. Enquanto a Religião se preocuparia com o sentido para a vida, a Ciência se preocuparia com uma descrição objetiva das coisas no mundo. Se elas estão falando de coisas diferentes, o erro se dá quando uma das áreas quer legislar em campo alheio. A separação das áreas proposta por Wittgenstein abre um caminho para o processo de cooperação que citávamos acima. Pelo menos no Brasil, a pesquisa do Data Folha

citada acima mostra que se encontrou um jeito bastante peculiar de conciliar os dois ramos de conhecimento.

Dentro do debate mundial, há os que defendem que Deus pode ter criado o mundo por meio de um "Big Bang" e, a partir daí, Deus "coordenaria" a evolução das espécies colocando novamente todo o mundo dentro do Seu propósito. Essa posição se torna uma versão clássica de um Teísmo que mantém a noção criadora de Deus, mas dá a ela um ar mais dialogal com as pesquisas da física dos séculos XX e XXI. Próximo a essa perspectiva, há aqueles que pensam em Deus como uma espécie de "Design Inteligente", ou seja, uma espécie de refinamento da posição Deísta (aquela segundo a qual Deus coloca o mundo em movimento, mas não interfere nele; típica da idade moderna e que pode ser remetida à noção de "primeiro motor imóvel" de Aristóteles) que ainda hoje é vista por muitos como uma "necessidade lógica" na explicação causal do mundo. Outra posição que também tem ganhado bastantes adeptos e que se mostra também uma proposta dialogal é a tentativa de conciliar noções da física quântica, vinculadas à noção de energia, com as filosofias e religiões de matrizes orientais, como o Taoísmo (para ficarmos com apenas um exemplo). Nessa linha, os trabalhos de Leonardo Boff e Fritjof Capra se mostram como bons exemplos.

O que se percebe é que o diálogo entre Religião e Ciência se distanciou bastante do que comumente vemos sendo propagado nas redes sociais e discussões sobre o tema. No entanto, a possível nomeação de um pastor para o Ministério de Ciência e Tecnologia trouxe novamente à tona tais discussões no cenário brasileiro. As reações adversas propagadas pelo simples fato de ser um pastor que coordenaria um ministério da ciência se mostraram serem muito mais fruto de um pré-conceito do que do fato de estarem ancoradas em algum conhecimento sobre o tema na atualidade. Esse tipo de julgamento apressado deve sempre ser evitado para que não incorramos no mesmo erro que apontamos a outros.

Religião e Ciência são duas áreas de produção humana em que cada uma delas visa um fim específico. A Religião procura falar do sentido da vida, procura ser uma possível orientação para o sujeito se guiar diante das adversidades da vida ao mesmo tempo em que oferece consolo e uma esperança para ele. A Ciência, por sua vez, está preocupada em desvendar os mistérios do funcionamento do mundo, a forma como ele começou, preocupada em ajudar o indivíduo a se relacionar melhor com a natureza por meio de suas descobertas, tecnologias, etc. Por mais que a Ciência investigue e diga todas as possíveis causas do mundo, o funcionamento da natureza, a forma como se dá o crescimento e a evolução dos seres, ainda assim, ela nem sequer tocou no problema sobre o sentido da vida, o sentido do mundo, o sentido da existência. Essa diferença é

crucial para entendermos a possibilidade de um diálogo saudável entre o âmbito da Religião e o âmbito da Ciência. Dependendo de nossa "filiação ideológica" podemos privilegiar um campo em detrimento do outro, mas de forma alguma podemos menosprezar um desses campos no intuito de defender o outro, pois isso apontaria para um total desconhecimento da atualidade do debate em questão.

Fica então o convite para que conheçamos as duas áreas de conhecimento e assim possamos manter vivo o diálogo entre elas.

O DEUS DOS DEPUTADOS

Uma coisa interessante de se notar é que em meio ao caos político e social que o Brasil tem vivido, principalmente nesse ano, diante de tamanhas tentativas internas de desestabilizar o governo, há algo que permanece extremamente sólido, há algo que sobressai diante de todo circo acontecido ontem na Câmara dos Deputados: a tentativa sempre sórdida de usar Deus como legitimador de uma determinada ação. Era impressionante ver os diversos deputados que remetiam a Deus para anunciar seu voto, usavam versículos bíblicos, citavam profetas e teve um que até "profetizou" a queda da Rede Globo antes de votar. Esses acontecimentos por si só já dão o que pensar a qualquer pessoa minimamente atenta ao que foi falado ontem.⁶

Como alguém que estuda há algum tempo a Religião e sua relação com a hipermodernidade, fica bastante claro que as noções de "individualização da crença", "Religião à la carte", "religião light"

⁶ Texto escrito em 18 de abril de 2016.

são boas categorias para tentar dizer a relação entre o homem e a religião nos dias atuais: uma relação na qual o que de fato importa é nada além do bem-estar individual ou, no máximo, o bem-estar dos mais próximos. Não é pouco sintomática a fala "por Deus e por minha família". Um pouco interessante é notar que "Deus" é generalizado enquanto a família é particularizada. O que isso quer dizer? Quer dizer que a noção de "Deus" se torna algo que pode ser utilizada à revelia, sem a preocupação de ter que justificar absolutamente nada. "Deus" se transforma nessa grande muleta, não apenas psicológica (como diria Bonhoeffer), mas uma muleta social, política, moral, etc. É como se qualquer decisão estivesse legitimada pelo simples fato de recorrer a Deus como aquele em nome de quem eu falo. Tal generalização exige o interlocutor de precisar justificar de "qual Deus" ele fala. No caso da sua família, a particularização é explícita. Ele não fala em nome "das famílias", mas apenas em nome da "sua família". "Deus", "povo brasileiro", "eleitores" se tornam palavras extremamente vazias de significado nesses discursos retóricos como os que foram vistos ontem.

Nessa mesma esteira, a religião se torna um mero instrumento, um banquete self-service no qual apenas me sirvo do que acho mais interessante, sem precisar ter nenhum tipo de comprometimento com aquilo. Essa religião light, à la carte, instrumental, particularizada, sem vínculo comunitário, é o que caracterizava em grande parte a posição assumida pelos diversos deputados ontem em suas falas e obviamente que o Deus implicado nessas falas não poderia ser diferente disso. Mas de qual Deus se falava naquelas justificativas? Que figura é essa a quem atribuíam tamanha importância e agradecimentos?

Algo que permeia o imaginário brasileiro é uma noção de Deus muito advinda dos Estados Unidos por meio das evangelizações no final do século XIX, que por sua vez adveio do protestantismo pietista da Inglaterra do século XVII, que por sua vez veio herdado de um calvinismo do século XVI. Deus nessa tradição é visto como alguém disposto a interferir de forma cabal para a execução dos seus planos. É um deus que não mede esforços para fazer com que sua vontade seja feita acima de todas as coisas. É um deus narcisista, sádico, que não medirá as consequências de seus atos. A antiga visão do "Deus dos exércitos" permanece no imaginário brasileiro e foi comprovada ontem de forma bastante clara. Esse Deus conclamado pelos diversos deputados se afasta enormemente da proposta cristã sobre Deus. Tivemos ontem a oportunidade de presenciar o caráter privado da crença; a noção particularizada de Deus serviu para legitimar e impulsionar os votos de diversos deputados. Citava-se, a torto e a direito, noções do Antigo Testamento "Feliz a nação cujo Deus é o Senhor" (Sl 33:12), "Os dez mandamentos" (Ex. 20), salmos diversos, sem a menor preocupação contextual, sem a menor sensibilidade em relação a texto bíblico. O que se via era um uso extremamente instrumental do texto para apenas fazê-lo encaixar em uma proposta individual. Esse

"Deus sádico onipresente" assumido como garantidor da moral, mas que tem absolutamente nada a dizer nos dias de hoje.

Os evangélicos neopentecostais, que são praticamente 90% dos evangélicos do congresso nacional, mantêm viva a visão desse Deus arcaico, tenebroso, que "luta contra os inimigos", que contabiliza erros e acertos para cobrar no final; um Deus que diz o que pode e o que não pode, que embasaria toda a moralidade de uma forma extremamente cruel, um Deus déspota que está apenas preocupado na obediência e que se esquece da graça. Que bem faria a esses evangélicos prestarem atenção às cartas de Paulo, aos evangelhos, para verem que o Deus dito ali é algo bastante diferente desse Deus bélico pregado por vários.

Uma das teses principais da secularização era a de que, com o passar do tempo, o mundo ficaria cada vez mais secularizado até chegar um ponto em que as noções sobre Deus, religião, etc., se resumiriam à esfera privada. O que vemos é exatamente o contrário de tal tese. Cada vez mais, em um mundo secularizado, a religião vai adquirindo novas formas de se manter viva, tanto pelo viés positivo, enquanto um discurso que possibilita uma esperança e que incita a ação, que não se conforma com o mundo injusto, etc., quanto por sua face mais obscura e temível: o fanatismo, os discursos de ódio, os discursos manipulativos, etc. Não é de se espantar que diversos movimentos fundamentalistas ganharam bastante adesão nos últimos anos não só no Brasil, mas no mundo.

Se prestarmos atenção ao relato bíblico, e isso desde o Antigo Testamento, perceberemos que a noção de Deus até mesmo em Israel vai evoluindo com o passar do tempo, culminando na visão do Deus anunciado por Jesus. O Deus que Jesus anuncia é antes de tudo um deus dos marginalizados, um deus em que o valor da pessoa humana se sobressai sobre qualquer interesse econômico, um deus que vê como inadmissível qualquer relação humana que não se pautar pela noção da graça e do amor. O deus cristão é um deus que não fala por meio de ninguém, mas age por meio de muitos. Basta lembrarmos que nos relatos sobre Jesus nunca o vemos anunciando algo como quem fala "por Deus", mas sempre como quem age "por meio de Deus".

Walter Benjamin, na década de 20 do século passado, escreveu um texto muito interessante chamado "O capitalismo como religião" em que mostra como o capitalismo se tornou onipresente a ponto de funcionar em grande parte como uma religião, mas uma religião extremamente fundamentalista que não aceita nada além da devoção total do indivíduo, sem dogmas, sem dia sagrado, sem pausa, mas perene e dominativa. O Deus dessa religião é apenas o dinheiro, que no mundo do capital significa também outra coisa: poder. E nada mais importa. Obviamente que em

nossos tempos hipermodernos esse "dinheiro" se configura também de várias outras formas que apenas "notas e moedas", mas tem a ver com terras, bens, negócios, etc. O Deus dos deputados que discursaram ontem não é outro senão esse. Mas como o capital não possui um texto sagrado para si, a atitude perversa dos deputados foi usar o texto bíblico para legitimar seu discurso. Com isso, envergonham a si mesmos e deixam à mostra algo que Jesus deixa bem claro nos evangelhos: "Ninguém pode servir a dois senhores; pois odiará a um e amará a outro, ou se dedicará a um e desprezará ao outro. Vocês não podem servir a Deus e ao Dinheiro" (Mt 6,24- NVI).

Os que discursaram ontem em nome de Deus, muito provavelmente tinham em mente esse Deus Dinheiro que exige de todos não o amor, mas o acúmulo; não a graça, mas a relação dívida/culpa; não o comunitário, mas apenas o particular. Infelizmente temos muitos cristãos entre nós que defendem piamente o domínio do capital sobre tudo e esquecem que a proposta cristã passa longe desse Deus tão déspota.

PLATONICAMENTE: RETRATOS DE UM NADA

Eu acabo que me sinto meio bobo escrevendo para você sabendo que provavelmente não terei respostas dos e-mails, ou das cartas que poderia enviar, ou das mensagens que poderia escrever, ou qualquer outra forma de comunicação que eu pudesse tentar.

Não sei por que insisto em seguir escrevendo, continuo pedindo notícias, continuo tentando me fixar em algum pequeno sinal dado de 3 em 3 meses quando por algum acidente alguma resposta chega. É como se por algum motivo eu tentasse manter viva a esperança de que em algum momento seríamos capazes de voltar a experienciar nossos momentos, que seríamos capazes de reviver tudo aquilo que vivemos, mas por algum motivo não fomos capazes de persistir. Ou melhor, você não foi capaz de persistir, afinal, eu persisto até hoje como quem ficou preso a um passado que paradoxalmente não pode a ele retornar.

Fui eu quem me prendi a você em tempos idos e agora não consigo mais deixar de experienciar a perda a que fui submetido. Talvez desse sentimento de negação de uma perda, e apenas daí, eu tire uma pequena gota de esperança que me move em direção a uma tentativa de reencontro. Mas qual o sentido de negar um fato consumado, experienciado, traumático como esse? Se o mundo da vida se impôs de maneira tão fulcral, por que insistir em manter uma esperança vazia? O que isso poderá trazer senão apenas mais sofrimento? Em que medida se agarrar ao passado fará surgir perspectivas novas?

Ah se pelo menos eu tivesse a resposta para essas perguntas... Se por algum motivo eu vislumbrasse algum tipo de saída possível para essa situação... Quem sabe assim eu não seria um pouco mais feliz? Um pouco mais animado com a vida? Menos depressivo? Quem sabe eu até poderia me engajar em outras empreitadas que envolvem uma outra pessoa e finalmente esquecer tudo o que você representou para mim...

Infelizmente, como todo neurótico, me agarro às fantasias do passado e platonicamente imagino momentos em que nada é diferente, e que por ser assim, tudo se torna diferente. Imagino o que seria de nós se por algum motivo você não tivesse decidido ir e me deixado sozinho; penso em que medida não poderíamos agora celebrar bons momentos, experienciar novas coisas, reviver outras... Tudo poderia ser tão apazível novamente...

No lugar disso resta um grande vazio potencializado pela ausência de notícias. Resta uma distância intransponível e mesmo se nos encontrarmos algum dia penso que será irremediável, e não por minha causa. Não, não por minha causa, mas novamente por sua e apenas sua causa. A raiva que isso me traz várias vezes me consome e me pego tentando lhe desejar mal, mas sem conseguir. Mas nem por isso guardo rancor, nem por isso te aprecio menos. Apenas tento entender o porquê de tamanha distância, o porquê de tanto ostracismo. Enquanto não compreendo, sigo enfrentando os trabalhos e os dias tentando esquecer, mas sabendo de antemão que não conseguirei cumprir tal tarefa...

E tudo isso ocorre sem que você ao menos saiba disso, e talvez isso seja o mais angustiante...

SALVA-TE A TI MESMO E A NÓS

"Se tu és o Cristo, salva-te a ti mesmo, e a nós". (Lucas 23:39)

"Médico, cura-te a ti mesmo; faz também aqui na tua pátria tudo que ouvimos ter sido feito em Cafarnaum." (Lucas 4:23)

Uma das coisas que muitas vezes me impressiona é o quanto somos extremamente incoerentes diante de diversas situações em que se esperaria muito mais de nós. Diversas vezes dizemos aos outros o que fazer, como elas poderiam agir, e várias vezes essas outras pessoas nos agradecem, ressaltam o quanto somos bons em ouvir, dar conselhos, propor soluções, etc. Ficamos lisonjeados com tamanhos elogios e começamos a nos sentir realmente muito bem em saber que podemos ajudar aos outros em seus momentos de dificuldades, em suas angústias, em suas questões que podem soar para alguns tão bestas, mas para quem sofre se torna uma questão de vida ou morte.

No entanto, quando somos nós mesmos que estamos na situação em que precisamos nos posicionar, precisamos ouvir os conselhos que nós mesmos diversas vezes já demos aos outros. Nessa hora, é como se tudo se apagasse e uma dinâmica extremamente infantil, pueril nos dominasse e nos sentimos extremamente impotentes para fazer aquilo que estamos cansados de sugerir que os outros façam. Nossa coerência vai embora com muita facilidade nessas horas. Ouvimos as mesmas palavras que o ladrão na cruz diz a Jesus: "Se tu és o Cristo, salva-te a ti mesmo e a nós", ou seja, "por que não faz você aquilo que diversas vezes sugeriu que os outros fizessem?"; "por que não te salvas a ti mesmo nesse momento de angústia?". Essas e outras perguntas nos são feitas, e são feitas até por nós mesmos, que em um completo apagão parecemos esquecer daquilo que sabemos.

Por que não fazemos em nossa pátria aquilo que fizemos em Cafarnaum? Por que diante dos nossos problemas não fazemos uso dos conselhos que demos aos outros? É como se de repente nada fizesse sentido e tudo se esvai como o vento. A partir daí, o que resta são apenas lamúrias meio sem sentido, um querer dizer sem saber o que é, um medo desproporcional diante de coisas que não têm motivo algum para gerar medo, um tentar entender diante de um caos aparente aquilo que nos leva a determinadas situações. A partir daí, é como se quase nada fizesse mais sentido.

O medo está no "se" da primeira citação. É como se diante das incertezas da vida nos puséssemos como crianças que precisam se certificar de tudo, que não aceitam os percalços que a vida nos prepara. É como se diante do estoicismo aparente se mostrasse um real que por remeter à dúvida escapa a toda dimensão simbólica. O "se" que condiciona tudo, que condiciona a própria salvação, nunca pode ser suprimido, o "se" sempre estará lá diante de nós. A ilusão é acreditar que o "se" pode de fato ser suprimido. Por isso que diante do óbvio, diante da proposta de "viver o presente de forma leve", o coração se acalma, o refrigério vem e as coisas adquirem uma paz momentânea. O constante "se" da vida é um aprendizado. Por mais que queiramos sempre eliminá-lo como forma de garantir uma ordem, como forma de garantir uma segurança, ele se mostra irreduzível, ele se mostra presente.

Nessa dinâmica nos encontramos como Jesus entre os ladrões e diante do povo. Questionado sobre sua identidade e sobre os seus atos. Confrontado entre a sua fala e sua ação. Ao povo ainda é possível responder com exemplos como na sequência do texto de Lucas 4 é feito, mas e aos ladrões no momento da dor, da crucificação e da agonia? O que responder diante de tanto sofrimento? Não há ato nenhum além da morte que possibilita a resposta à afirmação que condiciona a identidade naquele momento. Não há palavras pra justificar, argumentar, expor quem de fato é ou não é o

Cristo; há apenas um silêncio seguido de morte, seguido de um escurecer dos céus que testemunha aos outros o porquê não ser possível "salvar a si mesmo e a nós".

Se salvasse a si mesmo condenaria a todos os outros, então por amor resolve salvar todos os outros e condenar-se por nós. Diante do "se" elementar, nada mais que um salto de fé. Um "entregar o espírito" em paz, confiando que alguém já o havia acolhido...

SE PASSAS AMO-TE COMO QUEM PODE TE PERDER

Se passas, amo-te como quem pode perder-te!

Uma belíssima contribuição de Freud ao tratar em um texto de 1916 sobre a transitoriedade é mostrar que a transitoriedade das coisas não deve nos remeter à angústia de que aquilo não mais estará entre nós, mas deve nos lembrar do valor inestimável que determinada coisa ou pessoa adquire para nós enquanto a temos.

Sofrer pela ausência inevitável que um dia acontecerá, pela transitoriedade da vida, que por definição é finita, é perder toda a beleza que a própria transitoriedade nos aponta. É pelo fato de acabar algum dia que as coisas carregam sua beleza. Assim como Freud coloca, é o fato do inverno levar consigo toda a beleza da primavera que esta deve ser vivida em toda a sua intensidade enquanto está conosco. Deixar de aproveitar a primavera porque o inverno chegará em breve faz-nos perder a dimensão do encanto que os momentos belos da vida nos proporcionam.

A nossa finitude se mostra como um convite a contemplar a beleza do que muda, a beleza do que se transforma a cada estação, a beleza dos rostos que envelhecem trazendo consigo novas belezas que desconhecíamos. A nossa própria transitoriedade é um convite não a fixarmos ao presente de forma irresponsável, mas a prestarmos atenção ao presente como o tempo que temos para contemplarmos a beleza que nos circunda e nos envolve.

Diante do mal que assolava Freud na época da escrita do texto de 1916 (a Primeira Guerra Mundial) e os diversos males que nos assolam hoje, mantenhamos a esperança de que a mesma transitoriedade que carrega consigo a beleza das coisas abre para nós a possibilidade de pensar que os males não são definitivos, que eles também são transitórios...

A transitoriedade se mostra como possibilidade de esperança, e talvez por isso, possibilidade para a beleza.

O texto de Freud intitulado "Sobre a transitoriedade", de 1916, pode ser acessado no site <<http://www.freudonline.com.br/livros/volume-14/vol-xiv-12-sobre-a-transitoriedade-1916-1915/>>.

JESUS E A RESPONSABILIDADE DO OUTRO SOBRE SI

Algo que Jesus sempre enfatizou em seu ensino, e de que a psicanálise nos lembra constantemente, embora nós façamos questão de esquecer, é que o sujeito é completamente responsável por todas as suas ações e cabe a ele, e somente a ele, responder por seus atos. Essa pequena "metodologia" de Jesus se torna extremamente válida para lidarmos com diversas questões no nosso dia a dia.

Inúmeras vezes nos pegamos querendo de alguma forma nos responsabilizar por demandas que não cabem a nós mesmos decidir, mas apenas ao outro. Por mais que tenhamos opiniões diversas, conselhos dos mais variados, dados no computador que comprovam nossa opinião, por mais que tenhamos todas essas coisas, não cabe nunca a nós mesmos dar a resposta final quando se trata de uma demanda de outra pessoa.

O outro deve ser sempre soberano em relação às suas próprias demandas, afinal é apenas ele quem sabe exatamente em que medida o seu desejo está mobilizado, apenas ele sabe a necessidade que possui, apenas ele será capaz de se assumir diante de sua escolha no momento em que age. A nossa tentativa de tutorar o outro (e às vezes possuímos até os meios materiais para impedir o outro do seu acesso à sua demanda) acaba demonstrando uma dinâmica extremamente perversa de nossa parte. Se por um lado tal "preocupação" se dá em nome de um cuidado, de um zelo pelo outro o qual eu não desejo que faça algo errado (a meu ver, obviamente), por outro lado fica visível certo gozo em deter uma palavra final sobre as possibilidades desse sujeito, que por contingências diversas, está sob o meu poder no momento. Essa suposta ilusão do poder sobre a demanda do outro me coloca em uma posição extremamente confortável, pois naquilo que eu decido, sou completamente absoluto.

Um simples movimento de inversão nos dá exatamente a dimensão do que falo aqui. Basta que nos imaginemos na situação daquele que possui a demanda para que possamos entender em que medida aquilo nos afetará de um modo particular. Mesmo que não me atinja da mesma forma que atinge o outro, tal demanda adquirirá para mim um outro valor, ou seja, ganhará o status de uma dinâmica real e não apenas uma demanda fictícia. Afinal, enquanto a demanda é do outro ela é sempre fictícia para mim. Por isso é muito mais fácil se importar com a fome na África do que se importar com uma demanda real. A fome da África, por mais real que seja, é para mim apenas uma "fome etérea", eu não experiencio, eu não vivo essa demanda. Quando a fome me atinge enquanto realidade inexorável, aí sim sou capaz de experienciar a dor da fome. Por isso que toda racionalização é muito simples quando a demanda não é minha. Feuerbach mesmo já nos avisava em "A essência do cristianismo" que apenas compreendemos aquilo que experienciamos.

Diversos exemplos de Jesus comprovam que o controle sobre as demandas alheias se mostra pouco profícuo e é desaconselhável na maioria das ocasiões (podemos abrir exceção aqui em relação às crianças que ainda não são capazes de tomar decisões. Essas talvez precisem de tutoramento, de direção, e às vezes até mesmo de alguém que as impeçam de fazer o que querem, mas isso se deve apenas ao seu caráter infantil).

O exemplo da mulher pega em adultério (João 8:1-11) é um exemplo bem interessante disso que falamos aqui. Por mais zelosos que fossem os que a condenavam, por mais que quisessem fazer com que a sua visão (parcial, errônea, seletiva) da lei prevalecesse, Jesus em hora nenhuma advoga para si o poder de decidir sobre a questão. Mas retorna para as próprias pessoas a decisão que caberia a elas e apenas a elas: "Quem não tiver pecado, atire a primeira pedra". Simples assim. E aí,

na condição de adultos (e até mesmo as crianças), um a um foram se afastando até que restasse apenas Jesus e a mulher.

Jesus, mesmo diante de uma situação extrema, sempre foi capaz de respeitar a responsabilidade do outro diante do seu desejo e em hora nenhuma se mostrou como aquele que deveria tutelar o outro por mais que tivesse motivos para querer fazer, por mais errados ele achasse que aqueles homens estivessem, por mais absurda que soasse a proposta de apedrejar alguém em nome de uma lei mal interpretada.

Diversos outros exemplos poderiam ser dados sobre a forma como Jesus lidava com a responsabilidade do outro.

A história de Maria e Marta (João 11) em que mesmo elogiando a atitude de Maria, Jesus não condena Marta em sua atitude, mas apenas ressalta que seu foco está naquilo que não é necessário, ou seja, ele entende que a forma com que Marta lida com a sua visita é diferente daquilo que considerava ideal, mas isso não lhe dá o direito de impedi-la de fazer o que pensa que deve ser feito. Jesus novamente respeita a condição de adulta de Marta.

A mulher cananea (Mateus 15:27-28), que em momento de desespero clama a Jesus para que resolva sua demanda e ele a atende sem querer que ela aja de forma diferente: "Até os cães comem das migalhas que caem da mesa" é a resposta da mulher que possui uma demanda que se mostra urgente para ela. Mesmo que para Jesus aquilo pudesse parecer indiferente, em hora alguma se pede para que ela aja de forma diferente, e para nossa surpresa, ela é atendida mesmo agindo da forma que age, ou seja, a pessoa é sempre mais importante (se pegamos o contexto em que essa cena ocorre veremos que Jesus está explicando aos discípulos sobre a primazia da pessoa em relação à lei - Mateus 15).

Nem mesmo diante de Zaqueu (Lucas 19:1-10), que em um ato de conversão se propõe a restituir 4 vezes mais a quem tivesse roubado, Jesus se mostra como aquele que diz o que o outro deve fazer, mas deixa a critério do próprio Zaqueu se haver com sua responsabilidade. Jesus em hora nenhuma sugere a Zaqueu que ele restitua, em hora nenhuma sugere que faça nada, pois entende que a decisão sobre o que fazer com seu dinheiro, com sua vida, cabe apenas a Zaqueu. No entanto, no momento em que Zaqueu se propõe a restituir o que devia, Jesus afirma: "Hoje entrou salvação nessa casa". Ou seja, no final do processo Jesus apenas constata que a atitude de Zaqueu foi correta, mas em hora nenhuma Jesus se coloca como alguém que deve tomar essa decisão por Zaqueu, por

mais que talvez discordasse, por mais que soubesse o que seria melhor para ele. Jesus se apresenta apenas como uma espécie de facilitador (analista talvez) que permite que o outro se responsabilize pelo seu desejo, e para isso é preciso deixar que o outro tome suas próprias decisões.

A pessoa sempre se sobressai à letra. Fixar-se à norma é tão perigoso para a vida como não fixar-se a nada, mas diversas vezes esquecemos o exemplo de Jesus e nos fixamos em dados, na lei, e esquecemos que o mais importante é sempre a pessoa e o seu desejo. Deixar que o outro se responsabilize por seus atos é sinal de maturidade da nossa parte, é sinal de respeito para com o desejo do outro, é sinal de que sabemos qual é o nosso limite em relação ao outro e isso é um aprendizado árduo para nós mesmos, pois o poder decidir sobre a demanda do outro é uma tentação que sempre nos persegue e talvez por isso que Procusto seja sempre tão atual em nossos dias.

Fica o convite para que respeitemos a responsabilidade do outro sobre suas próprias decisões, para que os encaremos como adultos e não como alguém que precisa ser tutorado por nós, e que nesse movimento possamos ser facilitadores e não empecilhos para que o outro alcance o que almeje.

UMA FELICIDADE HOMEOPÁTICA

"Para quem estou trabalhando tanto, e por que razão deixo de me divertir? Isso também é absurdo." (Eclesiastes 4:8)

"Durante toda a sua vida, seu trabalho não passa de dor e tristeza; mesmo à noite a sua mente não descansa. Isso também é absurdo" (Eclesiastes 2:23)

Fico várias vezes pensando nessa relação nossa com o trabalho e sobre isso já escrevi algumas vezes.

Fico pensando que talvez, quem sabe, se os dias fossem melhores e fossem menos cansativos, menos estafantes, menos entediantes, menos extenuantes, menos angustiantes, menos exigentes,

menos cobradores, menos rápidos, menos atarefados, menos corridos, menos sem sentido, menos pesados, menos tristes, menos toscos, menos injuriantes, menos provocantes, menos tenebrosos, menos nostálgicos, menos raivosos, menos barulhentos, menos cheios de coisas pra fazer, menos fóbicos, menos cinzentos, com menos problemas, com menos trabalhos, com menos pensamentos, menos irrealistas, com menos opiniões, menos certezas, etc., se não seríamos mais felizes ou se isso realmente faria diferença de alguma forma para nós.

Nessa nossa relação com o trabalho entramos diversas vezes em uma espiral louca de tantos afazeres para adquirir coisas que se tornarão vãs no segundo depois de adquiridas que parece que em diversos momentos temos que concordar com o autor de Eclesiastes de que isso é realmente um absurdo.

Trabalhamos tanto, deixamos de nos divertir, criamos problemas e mais problemas para nós mesmos ou com nossos próximos porque estamos o tempo todo preocupados com o trabalho. Nossa saúde se deteriora, comemos mal, nos relacionamos mal, abrimos mão das coisas simples e belas da vida etc.

Não descansamos. Nem mesmo à noite a mente descansa, pois se não se está pensando nos trabalhos que deveríamos ter feito e não fizemos, paramos para pensar nas outras esferas da vida que não pensamos porque estávamos atarefados demais para pensar nelas. À noite, tudo volta e o momento que deveria ser de paz e de descanso se torna momento de angústia, momento em que os monstros voltam para nos atormentar. Nós que sempre achamos que eles simplesmente iriam embora pelo fato de não darmos muita atenção a eles somos surpreendidos por eles, pois se encontram no exato mesmo lugar que os deixamos.

É claro que as demandas da vida se impõem, que dentro de um sistema regido pelo capitalismo o trabalho se torna um grande meio para se adquirir coisas e exatamente por isso que trabalhamos. Queremos sim condições de vida melhores, uma nova casa, um carro novo, viajar, pagar as contas; queremos sim uma vida em que se possa divertir, e tudo isso é muito legítimo e não há nenhum demérito em se querer essas coisas. A não ser que estejamos dispostos a fazer uma revolução e lutar contra o sistema capitalista, essa dinâmica se imporá a nós de uma forma ou de outra. Dentro desse sistema, a relação do homem com o trabalho é completamente pervertida, desumanizada. Isso Marx já nos falava muito bem no século XIX.

Essa relação nossa com o trabalho, que longe de ser um vínculo criativo com o mundo se torna nada além de um meio para se adquirir algo, nos leva a mais um absurdo: o fato de nos contentarmos com doses homeopáticas de felicidade. Sim, nos contentamos com pequenos momentos felizes em meio a tanta dor e desilusão que enfrentamos diariamente. A felicidade que deveria ser excessiva se torna a exceção. Nós nem pedimos a Deus, à vida para que os dias sejam mais felizes, mais belos, etc., apenas que sejam menos. Uma espécie de resiliência diante da faticidade da vida, uma espécie de resignação com um mínimo de esperança para que tudo não caia no abismo. A máxima da moda de que "menos é mais" aponta nesse caso para a nossa situação absurda.

Mas será que se esse nosso desejo se cumprisse e os dias realmente fossem menos isso tudo que falamos mais acima, se o nosso trabalho fosse apenas uma esfera da vida e não aquilo que nos martiriza, não arrumaríamos nós mesmos os meios para que tudo fosse diferente? Não preferiríamos o martírio à paz, a tristeza à alegria? Não preferiríamos a "excedência do mais" ao invés da paz trazida pelo menos?

UMA HERESIA INCRIVELMENTE RASA

Uma das grandes tentações sempre dirigidas a nós durante a nossa existência é a tentação de Procusto. Aquela famosa ideia já conhecida por todos nós de querer que o outro aja da mesma forma que agiríamos em determinada situação. A tentação de querer transformar o outro naquilo que achamos que seria o melhor para ele, pelo simples fato de que uma determinada coisa ser o melhor para mim. A tentativa da homogeneização acaba por fazer parte da nossa vida de uma forma extremamente frequente.

Quem nunca se pegou tentando colocar alguém em sua cama de pedra, não entendendo que o outro em sua singularidade às vezes agirá da forma que não queremos, às vezes fará o que não faríamos? Quem não tiver esse pecado que atire a primeira pedra.

É como se de alguma forma, talvez inconscientemente, nos sentíssemos como uma espécie de "padrão" a ser seguido por todos os nossos próximos e quando eles não fazem o que gostaríamos nos sentimos como que traídos, ou injustiçados de alguma forma, e por isso nos sentimos no direito de questionar, reclamar com esse outro o porquê de ele não agir igual eu agiria.

A tentação de Jesus no deserto, descrita em Lucas 4, nos lembra um pouco essa mesma dinâmica. Jesus ao ser tentado pelo diabo no deserto recebe algumas ofertas, tais como a saciedade (versículo 3), o poder (versículo 6), e a segurança (versículo 9), mas os conceitos de "saciedade", "poder" e "segurança" oferecidos pelo diabo curiosamente tinham muito mais a ver com uma tentativa de homogeneização por parte do diabo do que propriamente com o fato de oferecer algo a Jesus. Ao tratar dessas questões, o diabo na história tem alguns conceitos sobre o que oferece que destoam bastante da forma como Jesus lida com tais conceitos.

A saciedade imediata oferecida se mostra um erro diante do propósito maior de Jesus no momento, da mesma forma que a noção de poder (que ao vinculá-lo a um poder meramente territorial perde a noção da transitoriedade do poder, ao mesmo tempo em que tenta vincular o propósito de Jesus ao de um messias político, tentando desvincular Jesus do processo do Reino) e a noção de segurança (que ao se oferecer como um mero aporte diante de uma situação específica perde a dimensão de uma segurança muito mais estrutural do que apenas livramentos em casos de acidentes), ou seja, a tentativa do diabo na narrativa se dá como forma de banalizar os conceitos envolvidos na expectativa de que Jesus compreenda as coisas como o próprio diabo compreenderia.

"Se fosse eu quem estivesse em um jejum de 40 dias, eu transformaria essa pedra em pão", diria o diabo – e é mais ou menos o mesmo tipo de discurso que geralmente se faz com quem quer fazer o outro deitar em sua cama de pedra. Nesse momento, nos tornamos uma espécie de padrão a ser seguido, mas sem repararmos que ao nos colocarmos como padrão de algo estamos tentando com isso anular a diferença do outro. Jesus muito sabiamente percebe essa dinâmica e se esquivava propondo uma outra interpretação das ofertas do diabo e com isso acaba com a discussão sem muitas delongas.

Na tentativa de eliminação da diferença do outro há um desejo narcísico de me tornar como um grande padrão de conduta em todas as coisas, e isso soa sempre muito pretensioso da nossa parte. Não que não possamos esperar do outro algumas atitudes, mas é preciso ter em mente que nada nos garante que o outro tomará tal atitude esperada. Nesse grande jogo entre eu e o outro é preciso que

haja grande paciência se quisermos que haja relação e isso talvez seja o mais difícil pra qualquer pessoa.

A tentação de Jesus ilustrada em Lucas 4 nos aponta diversas coisas e dentre elas podemos encontrar essa espécie de respeito às opiniões diferentes, que longe de nos levar a sucumbir à ideia do outro, nos permite afirmarmos como nós mesmos sem que com isso haja a exigência de nos colocarmos como padrões de alguma coisa. Ao rejeitar as propostas oferecidas pelo Diabo, Jesus está se afirmando como alguém cômico da sua função no mundo e por isso é capaz de resistir aos 3 pratos de lentilhas, por mais saborosos que eles possam parecer.

TEOLOGIA DA PROSPERIDADE E ESPIRITISMO

"Acho bastante estranho o interesse midiático atual pela doutrina espírita... Gostaria de saber quais as razões desse fenômeno novo." (Pergunta feita a mim via Facebook)

"Conforme novo censo do IBGE, o Brasil com 3,8 milhões de espíritas é o país mais espírita do mundo" (retirado do site do Instituto Humanitas Unisinos – IHU)

Religião e mídia sempre caminharam juntas desde que a mídia é mídia. Qualquer evento religioso que é coberto pela mídia é motivo de comentários de todos os lados, uns para criticar e exigir (mesmo que colocando de forma estranha a questão) o estado laico, outros vendo como "mover de Deus" o fato da religião (e nesse caso, a evangélica) estar ganhando espaço em um terreno que antes não tinha tanto espaço assim.

Curiosamente, o meio evangélico tem ganhado espaço midiático principalmente na Rede Globo, que tem todo um histórico de ser "contra" os evangélicos e fazia questão de ridicularizá-los em várias novelas, mas atualmente promove shows com cantores evangélicos e patrocina-os em vários casos. Não me estranharia se dentro em breve a Globo tivesse um programa evangélico nas madrugadas, tal como a Band, Record, etc. Acredito que, no caso específico da mídia, a questão seja

meramente econômica. Obviamente se perdia uma enorme fatia do mercado fonográfico e audiovisual ao deixar de lado a "religião que mais cresce no Brasil". Tal fatia do mercado tem que ser contemplada para que gere mais capital. E aqui vemos como a questão religiosa é usada pelos interesses do capital.

Em relação ao espiritismo, a Globo sempre enfatizou a doutrina espírita em várias novelas, tipo "A Viagem", "Renascer", e tantas outras. Corria-se o boato de que tal enfoque espírita seria porque a família Marinho era espírita e por isso via nas novelas uma forma de propagar a doutrina espírita, o que, no caso da Globo, era feito ridicularizando as outras religiões em várias ocasiões.

O fenômeno desse novo "*boom* espiritualista" (e aqui estariam no mesmo bojo o espiritismo e o meio evangélico) pode ser remetido, a meu ver, ao período pós-guerra e o nascer do existencialismo. Como a ciência com seus ideais positivistas não foi capaz de "resolver" os problemas mais urgentes do ser humano, o vazio que a ciência preencheria voltou a clamar por preenchimento. Nessa esteira vemos o "renascer" de uma espiritualidade um tanto fragilizada (pois surge de uma tentativa de resposta imediata a um problema que não aceita tal tipo de resposta), tanto que é nessa precisa época que surge o movimento neopentecostal em meados dos anos 70 como tentativa de lidar com essa "carência" gerada por esse não-lugar.

Claro que a forma como isso foi feito não foi a melhor (e vemos isso até hoje). A forma "immediatista" de lidar com o problema gera uma teologia também imediatista que em nada resolve a questão, e aqui falo da teologia da prosperidade com toda a sua "gangue" de defensores. Vemos um "perpetuar" de uma espiritualidade vazia, um sincretismo que procura "angariar" todo tipo de pessoa a partir da assimilação das várias religiões brasileiras, afros e etc. Talvez daí possamos perceber também um ressurgimento da busca pelas culturas afrodescendentes, tais como o candomblé, a umbanda, etc. Afinal, venhamos e convenhamos que se for pra tomar um banho de arruda é melhor que se tome no centro de umbanda que dentro de uma campanha da IURD. Pra quê procuraremos na cópia o que se pode ter acesso no original?

Claro que essa questão tem vários outros panoramas possíveis, mas acredito que, no caso específico do meio protestante, a coisa tenha caminhado por aí, e no caso do espiritismo, a coisa teria a sua raiz também nesse espaço vazio deixado pela ciência, só que no caso específico do espiritismo (onde a ciência tem um papel maior) houve uma tentativa de se ligar a uma espiritualidade, mas sem se desvencilhar dos ideais positivistas da época de Augusto Comte e Alan Kardec. Este, a meu ver, aliou um platonismo/orfismo a um positivismo e com isso surgiu o espiritismo que tem a grande

vantagem de oferecer ao "homo scientificus" um contato com a espiritualidade sem abrir mão da "empiricidade".

Claro que o ideal espírita dessa "empiricidade" é fonte de vários questionamentos e isso desde o início do século XX, quando se tentava "provar" a existência do Ectoplasma. Após a análise de Wittgenstein, que propõe uma "separação" entre o discurso científico e o religioso, tal foco espírita do início do século XX soa um pouco estranho a nós, embora a doutrina espírita no campo da práxis se mostra muito atuante ainda hoje em dia. Claro que há uma preocupação legítima por parte do espiritismo em continuar "dando razões da fé" que professam e isso a meu ver é muito vantajoso. Agora, no caso de uma "religião científica" como pretendia Kardec, isso eu acho um pouco complicado de acontecer, afinal, como já nos mostrou Wittgenstein, os campos e os discursos falam de coisas diferentes e a experiência religiosa não seria capaz de ser colocada em palavras e "sobre o que não se pode falar, sobre isso, deve-se calar", como diria o filósofo no final do Tractatus.

Vemos que a teologia da prosperidade e em parte o espiritismo visam preencher a lacuna deixada pelo discurso científico em um mundo pós-guerra. Pelo lado evangélico, vemos esse lidar de uma forma muito estranha e pouco profícua que acaba culminando em uma teologia da prosperidade com suas "respostas imediatas", mas que não respondem à pergunta geradora da atual crise da espiritualidade. Do lado do espiritismo, vemos a mesma tentativa evangélica, mas focando em um "conciliar" entre religião e ciência na sede de encontrar uma "religião-científica" que responda às necessidades do "homo scientificus", no entanto sem dar conta de tal empreitada.

A pergunta pelo sentido da vida, do mundo, continua e cada dia mais a religião precisa ser repensada para que possa continuar tendo significado no mundo pós-moderno.

SOBRE SEMINÁRIOS E MISSÕES

Algo que sempre fez parte do cristianismo desde o seu nascimento foi a noção de evangelização. O evangelho (boas novas) era algo a ser anunciado desde a Judéia, Samaria e até os confins da Terra. Do mais próximo ao mais distante, todos deveriam ouvir e compreender a mensagem de Jesus como forma de "antecipar" a volta Dele. "E este evangelho será pregado em todo mundo em testemunho a todas as nações, e então virá o fim (Mateus 24:14).

Várias vezes se entendeu esse versículo como colocando uma obrigação sobre os cristãos de evangelizar, pois o fim só viria, e com isso a salvação, após concretizada a tarefa da evangelização. A salvação vem no final do processo como um grande prêmio a ser recebido, uma vez que a

empreitada for concluída. Um resquício grande de uma teologia da retribuição pode ser visto aqui sem muitas dificuldades.

A evangelização marca de forma crucial o nosso ocidente e não seria arriscado dizer que marca o nosso mundo como um todo. As diversas formas como o discurso evangelizador foi utilizado ao longo da história nos dão mostra da força que esse tipo de discurso tem no cenário cristão. Desde as cruzadas, passando pelo imperialismo até o evangelicalismo americano (que até hoje continua bastante ativo) vemos que a noção de "levar a palavra aos quatro cantos" é o mote central da prática cristã.

O cristianismo em suas vertentes católica e protestante pensa um pouco diferente a noção de evangelismo. Enquanto a doutrina católica se dá de forma mais organizada, trabalhando dentro de contornos mais bem delimitados por Roma, focando muito nos ensinamentos nas paróquias e comunidades de base como forma de trazer um evangelho mais talvez social, a igreja protestante tem uma preocupação maior com o discurso a ser oferecido e posteriormente uma preocupação com a ação social. Primeiro se deve salvar a alma, depois o corpo (obviamente que aqui não cabe a generalização de falar que todas as igrejas protestantes agem de forma igual nesse quesito; as igrejas históricas do protestantismo agem de forma muito parecida do ponto de vista estrutural à igreja católica, embora diverjam em alguns pontos centrais e em vários pontos marginais).

A disparidade se dá de forma gritante quando pensamos nas igrejas evangélicas propriamente ditas e a forma como elas entendem a noção de evangelismo e missões. Talvez nessas igrejas o caráter apocalíptico de missões e o seu caráter de que isso seja algo que "tenha que ser feito" dê o tom para a forma como se encara essa empreitada nesse tipo de igreja.

As igrejas brasileiras são muito influenciadas pelas igrejas evangélicas ditas "de missões" que vieram dos Estados Unidos para cá no início do século XX. Juntamente com a vinda dessas igrejas, vem-se também um discurso que aponta para a emergência da pregação do evangelho aos quatro cantos como uma função de todo aquele que pertence à igreja. No entanto, no mundo atual há diversas questões que aparecem que não podem ser deixadas de lado ao se pensar em missões. Questões tais como a tolerância pelo diferente, aceitação da cultura do outro, visões de mundo várias vezes incompatíveis, ontologias díspares, etc.

Eu cresci em uma igreja de forte apelo missionário. Até os 15, 16 anos tinha o sonho de ser missionário e sair pregando para as nações, vivendo por conta de ofertas dos mantenedores que com isso estariam contribuindo para a expansão do Reino de Deus.

Nessa época, a profissão/ministério/chamado missionário era uma alternativa relativamente interessante para quem tinha várias vezes poucas perspectivas de um trabalho, ou também pouco interesse em estudar formalmente. Na igreja em que frequentava era uma posição de status "ser missionário" e várias aulas, vários cultos giravam em torno desse chamado de Deus para todos. As crianças eram ensinadas desde cedo a se importarem com missões, a darem ofertas, contribuírem em oração com os missionários que estavam pregando a palavra de Deus em terras distantes. Essa visão do missionário como quem avança pelas terras dominadas pelo mal em nome do amor de levar as boas novas estava muito em voga nos anos 90 ainda e eu cresci nesse meio e achava tudo extremamente interessante e cativante. Conheci e conheço inúmeros missionários e sou amigo de vários até hoje. Tenho muito amor pela causa missionária e acredito sim que muitas pessoas têm em seu coração um desejo de poder realizar tal obra fora de seu país, ou até mesmo dentro dele, e que isso seja um desejo legítimo.

Além das diversas atividades voltadas para missões (entendidas como algo realizado fora da comunidade), havia também as várias campanhas de evangelismo que eram incentivadas também na mesma igreja. A equipe de evangelismo nunca era muito grande e apenas alguns poucos iam sempre às campanhas, que geralmente aconteciam domingo à tarde, depois do almoço. A tática utilizada geralmente era a distribuição de folhetos às pessoas que passavam na rua e, em caso de alguém mais interessado, um diálogo sobre o folheto ou sobre alguma outra questão. Em alguns casos escolhia-se algum lugarejo ou aglomerado próximo à região da igreja e íamos para lá distribuir folhetos e falar sobre Jesus aos outros. O objetivo do evangelismo era sempre o de "ganhar almas para Jesus", ou seja, todo o foco do evangelismo girava em torno de fazer uma oração com o indivíduo para que ele "aceitasse Jesus como Senhor e Salvador de sua vida", nada além disso importava muito.

De vez em quando havia uma preocupação social em relação aos lugares visitados, mas essa tônica era bem menor em relação à preocupação com o discurso a ser levado. Tais evangelismos duravam cerca de 2 ou 3 horas e valia muito mais talvez pelo momento de comunhão entre os membros da equipe do que propriamente pelo objetivo alcançado.

Tendo crescido envolto nesse ambiente que girava em torno de missões, não tem como atualmente não me preocupar quando vejo alguns amigos que estão no campo missionário reclamarem ou

exporem as diversas dificuldades pelas quais passam e o pouco suporte dado pelas igrejas que os enviaram. Muito me preocupa o fato de que a igreja não cumpre o prometido aos seus missionários, mas me preocupa ainda mais a questão de saber se esse tipo de pregação ainda tem algo a dizer. A minha preocupação atual aponta na direção de investigar se esse tipo de evangelismo herdado do início do século XX ainda tem algo a dizer em pleno século XXI na era da hiperespecialização, da informação em rede, na época em que conhecemos as diversas culturas, suas construções míticas, etc.

Até que ponto evangelizar seria uma prática de levar um discurso a outro no intuito de fazer com que ele passe a adotar o mesmo discurso que eu? Qual Jesus é levado quando se diz anunciar o evangelho? A preocupação principal hoje é levar um discurso sobre Jesus ou simplesmente uma ação social no intuito de mudar uma determinada comunidade com ações efetivas para a melhora da população? Se for nesse último sentido apontado, que diferença faz o discurso levado?

Será que o missionário e os centros de treinamentos ainda existentes que trabalham nessa linha missiológica não estariam defasados em relação às reais necessidades do mundo contemporâneo? Não estariam aqueles que ingressam nesse tipo de empreitada fadados a se desiludirem posteriormente quando virem que o seu treinamento (várias vezes pago e caro) não valeu de nada ou se valeu, valeu muito pouco para o que se propuseram? Será que alguém precisa ser ensinado a ser missionário?

Quando pensamos em missões na atualidade, várias questões aparecem para nós e tentar pensar que o mundo é o mesmo da década de 60 e 70 (época em que vários missionários vindos de diversas missões americanas aportaram no Brasil) é no mínimo algo ingênuo por demais para que fiquemos presos a isso. Nesse sentido, é interessante notar como os centros de formação de missionários em sua maioria ainda trabalham na mesma dinâmica de 50 anos atrás, com os mesmos dados, com as mesmas táticas. Ou seja, regime de internato, pagamento de mensalidade pelos estudantes que às vezes pagam com trabalho braçal, ideologia de que ali encontrarão um "jeito novo" de evangelizar, mas que apenas são as velhas ideologias com caras novas. A noção de um "chamado especial de Deus" também é algo que ainda se faz muito visível nesses tipos de centros de formação.

O mundo hoje é muito rápido, a quantidade de informações disponíveis na Internet, jornais, revistas, é astronômica de forma que qualquer um pode se formar em qualquer coisa praticamente pela Internet, ainda mais se tratando de cursos de teologia e capacitação missionária. No entanto, ainda se vê um lobby muito grande por parte dos centros missionários no sentido de levar as pessoas para

lá, como se lá fosse um lugar onde Deus falaria de forma diferente, ou que as pessoas que estarão lá serão "instrumentos" nas mãos de Deus para ajudar quem quiser ir pregar na África ou na janela 10x40 (janela 10x40 é um termo utilizado pela igreja evangélica para delimitar uma região do globo em que há menos cristãos no mundo. Essa janela compreende o oeste da África, o oriente médio e segue até a Coreia do Norte e é onde há mais relatos de perseguição aos cristãos no mundo).

Quando olhamos de perto para esses centros de formação missionária vemos que na maioria deles sobra boa vontade e falta várias vezes conhecimento bíblico, teológico ou até mesmo conhecimentos administrativos, de forma que não raras vezes vemos diversos desses centros missionários quebrarem ou viverem sob muita penúria para conseguir pagar suas contas em dia. Isso se dá porque para vários seminários a principal fonte de renda vem da igreja que mantém o seminário, que por sua vez conta com ofertas dos seus membros. A renda também vem da mensalidade que é paga pelos estudantes para viverem e terem aulas lá. Como esses estudantes várias vezes também dependem das ofertas da sua igreja, a situação fica extremamente complicada, pois em várias igrejas essa oferta aos missionários é bem flutuante de forma que várias nem enviam as ofertas todos os meses, ou quando enviam o valor chega a ser várias vezes irrisório para o sustento do missionário. O que nos leva talvez ao próximo ponto que gostaria de ressaltar.

No mundo da hiperespecialização é praticamente inadmissível que um jovem de 18 anos não tenha algum tipo de profissão que possa gerar para si alguma remuneração, de forma que a ideia de que alguém seja "sustentado" por outra pessoa soa extremamente estranha para várias pessoas. Há 40 anos, talvez tal ideia de ser sustentado por outra pessoa não fosse ainda tão estranha, basta lembrar que muitos missionários vieram para o Brasil sendo sustentados por suas igrejas, de forma que conheço vários que se deram muito bem e vivem confortavelmente há vários anos sendo sustentados por suas igrejas. No entanto, e esse é o meu ponto, no mundo atual é praticamente impensável que alguém vá para um seminário ficar por lá para sair depois de 1, 2 ou 4 anos sem ter aprendido nenhum tipo de profissão ou sem aprender nenhum tipo de habilidade útil para o mundo, mas tenha aprendido apenas a ser um "novo adorador", etc.

Algo curioso a ressaltar é que na maioria dos centros missionários de que tenho notícia, a formação é apenas "teológica" (e coloco teológica entre aspas porque o tipo de formação na maioria dos seminários que conheço é realmente de cunho muito mais neopentecostal, focado em revelações, dons, espíritos de profecias, do que propriamente teologia propriamente dita) de forma que o aluno sai de lá sem nenhum tipo de profissão que possa ser útil para a sua comunidade ou até mesmo para o suposto país para onde Deus o chamou. A noção de que "Deus não chama os capacitados, mas

capacita os chamados" é muito utilizada como forma de legitimar o péssimo entendimento de missões que ronda os diversos seminários.

Se a coisa funciona dessa forma como estamos falando, devemos nos perguntar "que tipo de missionários saem desses seminários que trabalham dessa maneira?" Geralmente saem pessoas extremamente despreparadas para o mundo hipermoderno, mas com excesso de boa vontade, acreditando piamente que chegarão a algum lugar do mundo e as portas das igrejas vão se abrir e elas vão trabalhar com missões e será tudo lindo. Uma utopia que é vendida e comprada por muita gente, mas que a cada dia vemos que tem caído em desuso, pois o próprio mundo demanda um outro tipo de missionário, não mais aquele de 40 anos atrás.

Os missionários de hoje têm talvez muito mais a cara de um "Médicos sem Fronteiras", um "WWF", do que a de um arauto de um discurso sobre a Bíblia, já que o próprio entendimento do lugar da religião no mundo tem mudado drasticamente nos últimos anos. Os missionários de hoje devem ser pessoas que possam contribuir efetivamente com a sua comunidade, quer seja dando aulas na área de sua formação, quer seja como marceneiro, carpinteiro, médico, dentista, advogado, ou seja, hoje em dia não há muito espaço para um missionário que não seja também outra coisa além de missionário. A noção do "missionário profissional" está, a meu ver, fadada ao desaparecimento.

Se olharmos para o texto bíblico veremos que a noção de "missionário" proposta por Jesus parece muito mais com isso que estamos colocando do que com a ideia de negação do mundo secular. Jesus durante toda a sua vida, até onde se saiba, exerceu sua função de carpinteiro e trabalhava de forma secular, afinal, essa era uma boa forma de se manter em contato com o mundo real, das pessoas reais, o mundo do trabalho que sempre é o mundo humano. Querer negar esse aspecto em nome de uma espécie de ascetismo light (que abre mão apenas das mazelas do mundo, mas não de suas benesses em seus refúgios envoltos de adorações, preleções, etc.) soa como um grande contrassenso.

Se o cenário que vislumbramos nesse terreno se dá dessa forma, fica sempre a questão de saber que tipo de evangelho, ou que tipo de discurso é levado quando finalmente saem esses missionários para o campo depois da formação nos seminários. E aqui se percebe toda a debilidade da maioria dos seminários evangélicos no quesito "formação para o século XXI". O discurso que geralmente vemos sair da boca dos "novos missionários" é um discurso extremamente dicotomizante, fundamentalista, sem muito diálogo com as novas inquietações do mundo, mas dotado de uma certeza quase que

indestrutível. Nos seminários eles são ensinados que a Bíblia deve ser lida de uma forma tal, que as questões X, Y, Z têm as respostas a, b, c, como se o mundo devesse de alguma forma apenas aceitar o discurso que eles têm para levar. Várias vezes esses missionários adotam uma postura extremamente taxativa e pouco dialogal, pois falta até mesmo para eles um conhecimento de causa que os capacite a discutir de forma mais profunda determinados temas.

A preocupação que os move é "pregar o evangelho a toda criatura", "ganhar almas para o Senhor", "anunciar Jesus aos povos", mas nunca se perguntam: "Qual evangelho?" "Qual Jesus?".

A meu ver, há uma diferença gritante entre "anunciar Jesus" e "anunciar um discurso sobre Jesus". O primeiro se dá apenas por meio de uma vivência, por meio de atos que comprovem bons frutos, por meio de ações efetivas no mundo que o deixam melhor do que quando a pessoa não estava lá, que faz a diferença até mesmo sem palavras; um anúncio várias vezes silencioso, mas que por isso fala muito mais alto do que cultos em praças. O segundo é o que na maioria das vezes vemos, ou seja, uma verborragia no sentido de explicitar textos bíblicos, falar que apenas o evangelho salva, discursar sobre as cartas de Paulo afirmando quem está certo e quem está errado, se colocar contra as outras religiões afirmando que Deus o mandou para tal lugar para que a obra de Dele seja feita, pois o povo ali (que por não ser evangélico) está em completa perdição e precisa da salvação. Salvação essa entendida como pertencimento à minha religião, adoração à minha concepção de Deus, aceitação ao meu discurso sobre Deus. Esse segundo tipo de anúncio talvez seja o mais estimulado nos seminários evangélicos até hoje, afinal, é o mesmo discurso de 40 anos atrás, mas que ignora as diversas mudanças que vem acontecendo no mundo.

A meu ver, a maioria dos seminários evangélicos (no Brasil e fora dele) precisa passar por uma reformulação se quiser ainda ter algum papel no mundo contemporâneo, e essa mudança passa principalmente por uma conscientização de que o mundo está mudando, está com novas inquietações, com outras demandas que não mais se respondem com discursos fundamentalistas ou com discursos românticos. A formação missionária precisa passar pelo mundo do trabalho, pela capacitação profissional, pela formação (várias vezes) acadêmica para que esse missionário possa sair do seminário capacitado para as demandas atuais.

Sabemos que há vários missionários que fazem muito com extremamente pouco. Conheço vários que abriram mão de tudo para pregar o evangelho em cidades remotas, vilarejos afastados de tudo e todos, que foram com uma ideia sobre o que era ser missionário e chegaram lá e viram que as palavras, os discursos sobre Deus era o que menos importava se quisessem realmente "anunciar

Jesus" e se voltaram para uma ação efetiva no mundo: cuidando das pessoas, ajudando no que podiam a partir daquilo que sabiam fazer.

Acredito que se os seminários e os centros de formação missionária focassem em capacitar esse indivíduo que quer fazer missões, estimulando-o a estudar secularmente, a ter uma profissão, a saber fazer algo de útil ao invés de simplesmente ficar preparando cultos em igrejas e apresentando peças de teatro, sua força seria muito melhor aproveitada e talvez esse indivíduo perceberia que pode ser um missionário a qualquer momento e em qualquer lugar, bastando para isso apenas "andar como Ele andou".

O MOMENTO DA PRECARIIDADE

A morte de uma pessoa querida sempre traz extrema tristeza aos nossos corações. Como não se lembrar dos bons momentos vividos, das conversas, das inúmeras vezes em que aquele que se foi se fez presente, das inúmeras vezes em que encontramos auxílio para nossas angústias nas palavras tenras e amorosas. A pessoa querida que se vai sempre leva consigo muito de nós.

Dependendo do grau de proximidade parece arrancar até mesmo metade de nós mesmos. É como se alguém dilacerasse metade do nosso corpo a ponto de restar apenas a dor de uma existência por enquanto precária que precisa se recompor para que o mundo continue existindo para nós de forma digna a ser vivida. Nessas horas, o pensamento voa em direção às possibilidades diversas, em

direção a uma busca de uma explicação para suportar a dor da falta, em busca de um consolo para nos acalmar diante de tamanha ausência de sentido para as coisas.

A morte quando vem de repente traz consigo toda a precariedade da vida. Ela mostra para nós que somos como uma neblina que passa, como um mero sopro sem muito sentido que hoje existe e amanhã não mais. A morte nos coloca diante da vida de uma nova maneira, nos faz perguntar pelo sentido das coisas, pelo sentido da vida, pelo sentido da própria morte. Como não se colocar essas questões diante desse fim inexorável de todos nós?

A tentativa de viver uma vida indiferente, uma vida voltada para o momento, uma vida *cool* perde o sentido nesses momentos. A morte nos coloca diante de nós mesmos de forma crua, sem rodeios, sem a possibilidade das máscaras sociais que colocamos todos os dias. Diante dela somos apenas nós mesmos sem a possibilidade de fingimento. A dor que a morte traz, as lembranças que ela suscita, as questões que ela coloca não são passíveis de respostas indiferentes, não são passíveis de um agir *cool*.

Nessas horas acredito que a fé desempenhe um papel fundamental. A fé se coloca como uma tentativa de organizar esse momento o colocando dentro de um universo de sentido. Sentido esse várias vezes precário, mas que mesmo assim é de extrema ajuda para os que sofrem. Pela fé pode-se acreditar que a morte é apenas uma passagem para uma outra vida, que aquele que se foi continua conosco de alguma forma, olhando por nós, nos ouvindo, nos consolando, que sua ida significa alguma coisa ou até mesmo faça parte de um plano maior, com um sentido que cabe apenas a Deus saber qual seja.

Nessas horas, lançar-se nas mãos de Deus confiando que Ele está no controle das coisas mostra-se uma saída extremamente profícua. O Novo Testamento nos faz pensar algo nesse sentido em várias passagens e a noção de ressurreição se coloca aqui também de forma bastante forte.

Também pela fé pode-se acreditar que a morte é o fim de todas as coisas sendo que a lembrança é a forma de se manter vivo o indivíduo para alguém. O Antigo Testamento traz essa visão muito forte em livros como Jó e Eclesiastes. Os justos serão lembrados durante os anos enquanto os ímpios são esquecidos facilmente. Enquanto há lembrança há vida e isso é realmente uma boa forma de experienciar esse momento doloroso que a morte traz.

Pela fé pode-se acreditar em reencarnações sucessivas, numa integração do ser com o universo e várias outras possibilidades, mas em todas essas interpretações há a tentativa de organizar o mundo, buscar um sentido para a precariedade da vida e isso nunca é uma tarefa fácil.

Epicuro no seu *tetrapharmakón* (4 remédios para o bem viver) afirma que o segundo remédio tem a ver com a morte, ou seja, o homem sábio não deve temer a morte, pois ela é um processo natural, é mera desintegração de átomos que seguem o curso natural das coisas, por isso todo encontro com a morte é impossível, pois segundo ele, enquanto nós existimos a morte não existe, e quando ela passa a existir, nós já não mais existimos, por isso não deveríamos nos preocupar com ela. Por mais interessante que o argumento de Epicuro seja, ele só dá conta da minha própria morte, mas não dá conta da morte do outro. Posso não temer a minha morte, mas como lidar diante da morte do outro que deixa toda a sua falta? O materialismo de Epicuro é incapaz de se sensibilizar com esse problema e talvez por isso seja de pouca valia para os momentos de dor.

Sou contra aqueles que na tentativa de racionalizar tudo ignoram o efeito tranquilizador que a atitude da fé do indivíduo revela, ignoram o sentido que a ação de crer em algo traz para o sujeito, colocando isso apenas como uma fuga da realidade sendo que na verdade a crença do indivíduo traz para si um norte, um consolo diante dos momentos difíceis.

Triste momento esse que vivemos nesses dias em que um querido amigo se foi. Compartilhamos a dor daqueles que são mais próximos e sofremos muito com eles. Nessas horas não há muito o que podemos dizer para consolar os que ficam. Apenas podemos oferecer o nosso carinho, o nosso cuidado, as nossas lágrimas, compartilhar a dor, se fazer presente para o que for necessário, mas nunca haverá palavras no mundo capazes de dizer o que sentimos nessas horas.

Para os que são mais próximos, a dor dilacerante é muito maior, a ausência de norte é muito maior, a busca pelo sentido de tudo se mostra muito mais veemente e a dor se mostra várias vezes insuportável. Nessas horas não há manuais a seguir, não há regras a serem cumpridas, há apenas indivíduos que precisam lidar com a perda e reorganizar a vida sabendo que a partir de agora as configurações serão outras, os desafios serão outros. Acredito que se compartilharmos a dor o fardo será mais fácil de ser carregado e a nós enquanto amigos não há outro lugar que queremos estar senão ao seu lado, querida Lucy.

Vá em paz, querido Hud!

Fique em paz, querida Lucy!

UM POUCO MAIS SOBRE A ESPERANÇA

Não podíamos dizer que os tempos eram fáceis, mas também não eram tão difíceis ao ponto da impossibilidade. Eram dias difíceis onde se exigia deles um pouco mais de atenção e um pouco mais de paciência para enfrentar as desavenças da vida. Muita coisa acontecendo, muitas demandas surgindo, muito trabalho no meio do caminho parecendo que tudo sempre ficava em segundo plano.

Um grande vazio os dominava de forma que tudo era visto como sem sentido. O trabalho, a vida, o relacionamento, os momentos felizes, os momentos tristes, tudo soava extremamente pesado e nada dava sinal de que iria melhorar em breve.

Parecia que tudo se repetiria *ad infinitum*; tudo tendendo àquele caos indesejável. Não o caos dos modismos que só fazem sentido para quem mergulha de cabeça em uma nova *bad vibe* como forma de parecer *cool*, mas muito além disso. Aquele caos tinha tudo para os dominar e ninguém entendia porque tal caos não havia dominado a cena ainda.

Era como se entre eles houvesse ainda uma pequena esperança pela melhora, esperança essa sempre contrariada pelos fatos do cotidiano. Uma espécie de esperança contra toda esperança, como nos diz Paulo na carta aos Romanos, que os impelia a prosseguir apesar das dificuldades que iam se amontoando.

Talvez esse olhar um pouco mais otimista para a vida seja uma boa tática diante dos males do cotidiano, pois nos incita a ver um lado cada vez mais esquecido das nossas vidas, um lado onde talvez o sol brilhe mesmo entre nuvens carregadas, trazendo luz para caminhos que pareciam tortuosos demais para serem seguidos. Talvez o máximo que eles poderiam fazer naquele momento era apenas esse olhar desinteressado para um outro lugar, que por não esperar nada é capaz de crer para além de todo fato que diz não.

Como novamente nos diz aquele fariseu tão duramente criticado por Nietzsche, "esperança que se vê não é esperança, porque o que alguém vê como esperará?" Talvez aqui esteja uma pequena possibilidade para eles que por não verem são capazes de manter firme a esperança. Mas da mesma forma que a esperança que não se vê não é esperança, esperança que não age também não pode ser esperança. Ela não apenas espera, mas vai em busca do que se espera para além de todo não. É como se insistisse em afirmar que o que é não pode ser verdade, como se insistisse em afirmar que o futuro será melhor que o passado, como se insistisse em afirmar que o estado das coisas não é definitivo.

Como nos dizia aquele mineiro tão influenciado por aquele duro crítico do fariseu mencionado acima,

Esperança é uma teoria da realidade: uma suspeita de que os valores, mesmo na sua não-existência fatural presente, são mais reais que os fatos imediatamente dados. Esperança é a suspeita de que o que é importante agora se revelará como poderoso no futuro. É uma rejeição do positivismo. Por isso o homem é capaz de enfrentar a dor e o sofrimento. Ele os vive como acidentes provisórios, a serem conquistados no futuro. Enquanto permanecer a

esperança, a estrutura da personalidade permanecerá também. Quando, entretanto, a esperança entra em colapso, a personalidade se desintegra. Porque o colapso da esperança é o mesmo que reconhecer os valores como ilusões e a brutalidade dos fatos sem sentido como realidade. Só lhe resta então entregar-se às estruturas de poder do seu tempo-presente, que são a negação dela mesma.

(ALVES, Rubem. O enigma da religião. 2007 p. 145)

Assim, portanto, se coloca a esperança como aquela que espera, mas que também age; como aquela que confia, mas também sofre, como aquela que por ser paciente é capaz de suportar muitas coisas. Uma dimensão ativa e uma dimensão passiva se colocam para a esperança. Porque ama é capaz de crer e porque crê, age. Ela é capaz de mudar o mundo não apenas do indivíduo, mas de vários ao seu redor e isso é algo digno de nota. Talvez fosse um pouco isso que Paulo nos propunha em I Coríntios 13.

Mas e quando a dor é tamanha, a situação é calamitosa, a tragédia é iminente, as forças não mais existem e tudo que podíamos fazer se mostra como correr atrás do vento? Quando parece que toda esperança se foi, quando as sombras dominam e as trevas parecem a única possibilidade e nada nem ninguém parece nos ouvir, quando o "vale da sombra e da morte" se faz presente... Como dizer que há esperança numa hora dessas?

Talvez em alguns momentos a esperança parecerá não ser possível, se mostrará como apenas uma fagulha que mais parecerá uma ilusão do que uma realidade, mas ainda ali é possível "trazer à memória aquilo que traz esperança", mesmo que novamente seja crer contra toda esperança. Ainda ali haverá a possibilidade da dança e essa pequena atitude pode se apresentar como aquela pequena chama que quando colocada no alqueire iluminará toda a casa e isso é sempre também um motivo para que creiamos.

A FALÁCIA DO CRISTIANISMO AUTÊNTICO E O FIM DA RELIGIÃO

Sempre fui meio contra quem afirma que toda instituição religiosa seria uma espécie de "túmulo da religião", ou que a religião mesma seria uma espécie de "túmulo do cristianismo autêntico". Para mim, esse tipo de discurso traz em si mesmo um grande desentendimento a respeito do que se fala.

Primeiramente, acho muito complicado confundir a religião propriamente dita com a “religião institucionalizada”. A religião propriamente dita se define muito por uma relação do indivíduo com o sagrado e remete a uma dimensão social, uma vez que toda a religião pressupõe uma dimensão comunitária. A religião, portanto, pode ser considerada como um recorte na dimensão do sagrado, ou seja, uma tentativa de dizer algo sobre o sagrado a partir de um determinado lugar visando dar ao ser humano uma resposta à questão sobre o sentido de sua existência. A religião surge nessa tentativa de dizer o desconhecido, uma tentativa de colocar o mundo dentro de algo que possa ser amado por esse homem.

A religião institucionalizada acontece em um momento posterior à criação de qualquer religião sendo, portanto, um recorte na própria religião. A instituição religiosa se caracteriza por uma cristalização de uma determinada religião. É nesse estágio que se conhecem os dogmas, que se criam as hierarquias. É aqui que falamos por exemplo de catolicismo, protestantismo, islamismo, etc. Ou seja, a institucionalização religiosa se dá como uma tentativa de organizar aquela primeira relação do indivíduo com o sagrado.

Dentro dessas religiões institucionalizadas temos as igrejas que funcionam como pequenas “empresas religiosas”, ou seja, se colocam como um lugar onde determinado recorte religioso será celebrado e não raras vezes absolutizado como única forma possível de vivência religiosa. É geralmente nesse nível que acontecem os dogmatismos, os escândalos, as coisas *non-senses* que vemos todos os dias nos jornais e redes sociais. Percebe-se que há uma distância muito grande entre o que chamamos de “religião”, “religião institucionalizada” e o que aqui chamamos “empresa religiosa”.

Esclarecido isso passo a comentar a segunda parte daquilo que me incomoda: ouvir sempre que “a religião seria uma espécie de túmulo do cristianismo autêntico”. Primeiramente, acho de uma pretensão enorme alguém afirmar que sabe o que seria um “cristianismo autêntico”.

Esse conceito de “autenticidade” é muito espantoso; tão espantoso que Charles Taylor dedica um capítulo inteiro do seu monumental livro “Uma era secular” para falar da “era da autenticidade” tentando mostrar como a era contemporânea se caracterizaria por uma busca de uma autenticidade como forma de responder ao esvaziamento das grandes narrativas. Dessa forma, afirmar que se saberia o que seria o cristianismo autêntico soa muito pretensioso para mim, e por trás desse tipo de discurso parece se mostrar uma tentativa escondida de fundamentalismo uma vez que, ao se colocar como alguém que viveria tal “cristianismo autêntico”, o indivíduo é capaz de se colocar como

crítico de todas as outras expressões cristãs em nome de uma determinada visão que de alguma forma julga ser a “mais autêntica”.

Qualquer pessoa com o mínimo de bom senso é capaz de compreender que todo texto é escrito de um determinado lugar, a partir da vivência de quem escreve. Da mesma forma, o texto bíblico não tem como não possuir essa característica. Assim, podemos compreender que o livro de Atos e as cartas de Paulo (que atestam o início do cristianismo) também são escritos a partir de um contexto determinado, visando resolver ou esclarecer questões determinadas dentro da comunidade em que viviam.

O livro de Atos, tão aclamado por aqueles que dizem estar “voltando ao cristianismo autêntico” relata o que o próprio nome do livro já diz, ou seja, os atos dos apóstolos, que tinham demandas específicas dentro de um contexto específico e viam que fazer da forma como eles se propuseram a fazer seria a melhor forma de resolver os problemas que eles enfrentavam na época. Isso não torna a vivência “cristã” dos apóstolos mais “cristã” do que a vivência de outros cristãos, de forma que basear no livro de Atos como forma de defender um “cristianismo autêntico” é no mínimo estranho. A ideia de um cristianismo primitivo me soa mais interessante, uma vez que eles sem dúvida são os primeiros cristãos.

Portanto, me incomoda bastante esse discurso em voga hoje advindo de alguns pastores tais como Caio Fábio, Ed Kivitz (ou a leitura que vemos sobre eles), no que tange a essa separação entre “religião” e “cristianismo”, tentando sempre mostrar que o “cristianismo autêntico” poria fim à religião. Essa ideia apenas demonstra uma confusão conceitual grave a meu ver. Deixo claro que não tenho nada contra esses pastores que cito aqui. Apenas os cito por serem espécie de ícones desse movimento no Brasil. A proposta de um discurso mais centrado advindo desses pastores é algo digno de ser ressaltado aqui. Embora eu particularmente tenha algumas ressalvas quanto a algumas opiniões de ambos, acredito que eles prestam um serviço muito bom para a população evangélica. O que não se pode fazer é começar a idolatrar ou até mesmo repetir *ad nauseam* os discursos desses pastores sem uma visão crítica sobre o que falam. Tendência essa que vemos muito facilmente, principalmente nas redes sociais.

Afirmar, como várias vezes ouvimos, que o cristianismo não é uma religião, é a meu ver desconhecer ambos os termos. Jesus realmente não veio fundar uma religião, nem muito menos afirmar que era Deus encarnado (aqui recomendo enfaticamente a leitura do maravilhoso texto do John Hick chamado “A metáfora do deus encarnado”), nem muito menos se mostrar como baluarte

de uma nova moralidade, mas veio como um homem judeu que foi morto pelo seu modo de vida que se mostrou como completamente subversivo para o governo romano; e toda essa “subversividade” se deu em nome daquilo que chamamos “amor”. Ou seja, em nome do amor ele foi capaz de dar a vida por seus amigos como nos relata João nos evangelhos.

Concluindo, penso que faz muito pouco sentido afirmar que a instituição seria uma espécie de "túmulo da religião", e afirmar que a religião mesma seria uma espécie de "túmulo do cristianismo autêntico". Isso demonstra um grande desentendimento dos termos envolvidos além de demonstrar uma tentativa que pode esconder em si um ar de fundamentalismo.

DIÁLOGO ENTRE O DISCURSO EVANGÉLICO E OUTRAS ÁREAS

Confesso que me espanta às vezes o nível raso de várias pregações e comentários bíblicos que vejo tanto no mundo virtual quanto no mundo real. Geralmente, as interpretações bíblicas que são apresentadas não passam de pequenas paráfrases de Salmos, ou então paráfrases dos evangelhos ou das cartas de Paulo. Muito raramente se consegue um diálogo mais interessante com o próprio texto

bíblico ou então (e talvez aqui já seja querer demais) com outras áreas de conhecimento como a filosofia, a psicologia, psicanálise, etc.

Tal "falha" no meio do povo evangélico a meu ver é bastante sintomática e remete a uma conjuntura de cunho mais histórico da formação do evangélico brasileiro. Como sabemos, a grande parte dos evangélicos no Brasil são advindos de ações missionárias americanas no início do século XX. Esse evangelho de missão chegou de forma avassaladora por aqui e se instaurou muito rapidamente nas diversas camadas da sociedade. O exemplo mais paradigmático que teríamos desse movimento é o da Assembleia de Deus, que chegou ao Brasil por volta dos anos 10 do século XX e rapidamente se instaurou em nosso meio e até hoje está bastante atuante em diversos estados brasileiros.

O evangelho de missão, como o próprio nome já diz, está muito mais preocupado com uma propagação da mensagem do que propriamente com o fazer dialogar a fé com outras áreas de conhecimento (obviamente que existem vários seminários, escolas de teologia dessa vertente que aqui chamamos de 'evangelho de missão' preocupados com o ensino mais sistemático do texto bíblico. No entanto, é visível que a preocupação se dá mais do ponto de vista de treinar o sujeito para manusear bem a Bíblia do que propriamente instigar um maior diálogo da fé com outras áreas de conhecimento). Nesse sentido, já é um avanço significativo em relação a outro segmento muito aclamado no Brasil que é o da teologia da prosperidade, que nem mesmo se preocupa com o ensino do texto bíblico.

As igrejas que adotam a teologia da prosperidade (aqui, a igreja paradigmática é a Universal do Reino de Deus – IURD, embora atualmente haja diversas igrejas que são frutos de um evangelho de missão que assumiram o discurso da teologia da prosperidade de forma muito visível. Como exemplo dessas igrejas, podemos falar da Igreja Batista da Lagoinha e Igreja Batista Getsêmani, ambas em Belo Horizonte) possuem uma preocupação muito grande com a arrecadação de dízimos e ofertas e deixam de lado um ensino mais sistemático do texto bíblico. E é de se inferir que se deixam de lado um ensino mais sistemático do texto bíblico, o diálogo com as outras áreas de conhecimento nem mesmo é cogitado.

O que se percebe é que desde a formação dos pastores (que no caso da IURD pode se dar em apenas 6 meses, *i.e.*, o sujeito se converte e dentro de 6 meses, se for do seu interesse, já está apto a pastorear uma igreja, e no caso da Batista da Lagoinha, vários pastores são formados pelo Carisma, um curso implementado na Lagoinha onde os alunos escutam palestras de outros pastores da igreja e depois de algum tempo se formam líderes. Talvez um caso bem curioso seja o da Batista

Getsêmani, em que várias pessoas com título de pastor não possuem nenhum tipo de formação teológica, mas mesmo assim são "ungidas" pastores e pastoras) não se é incentivado um diálogo com outras áreas de conhecimento, mas se ensina um manusear mínimo do texto bíblico de forma que os versículos chaves sejam decorados. Versículos como João 3:16 ou I Pedro 5:7, obviamente Malaquias 3:10, etc. Um uso extremamente instrumental do texto bíblico onde se prima por uma leitura literalista do texto sem nenhuma preocupação com um contexto mais amplo que fomentaria discussões interessantes.

É bastante claro que essa instrumentalização do texto bíblico geralmente visa interesses institucionais e não precisa ser um exímio conhecedor do texto para saber que vários são usados de forma errada e várias vezes de forma perversa. A meu ver, se o diálogo com outras áreas de conhecimento fosse incentivado dentro das igrejas, isso geraria um debate muito mais profícuo e um entendimento muito mais saudável do próprio texto bíblico. Obviamente que quando proponho tal diálogo, proponho que o mesmo seja honesto, ou seja, não vise apenas "comprovar" as coisas que estão na Bíblia de tudo quanto é jeito. Já perdi as contas de quantas vezes tentaram usar o texto bíblico para explicar a existência ou a não existência de dinossauros, ou "usar a ciência" para comprovar que o sol realmente parou depois da oração de Josué. Este tipo de diálogo, por mais que seja interessantíssimo durante um almoço em um retiro, a meu ver em nada coopera para um melhor entendimento do texto.

Enfim, gostaria muito de ver a igreja evangélica brasileira desenvolvendo uma fé mais madura, que não se nega a debater assuntos importantes com uma mente mais aberta ao invés de sofrer da sina de enfiar um "evangelho" goela abaixo de qualquer um sob o pretexto de "pregar a tempo e fora de tempo." No entanto, para que seja capaz de tal diálogo, é preciso que tal igreja esteja disposta a ouvir um outro discurso que não o seu, assimilá-lo para depois debater, mas para isso exige-se que tal igreja não seja uma igreja infantilizada, mas que seja uma igreja adulta.

UM POUCO SOBRE O PECADO

Algo bem interessante que reparei nessas eleições nas redes sociais, principalmente no Facebook (pois várias pessoas desconhecem a maravilha que é o Twitter), é que a maioria dos evangélicos da minha *timeline* está se propondo a votar no candidato do PSDB, apontando como motivo principal uma espécie de "conserto para o Brasil". Com a hashtag #ForaPT querem afirmar inúmeras coisas e não raras vezes os vários escândalos de corrupção envolvendo o PT durante esses últimos 12 anos

de governo. Algo curioso é que muito facilmente são esquecidos os inúmeros escândalos envolvendo o PSDB, tanto em Minas Gerais durante o governo do presidenciável Aécio Neves, quanto durante o governo tucano no Brasil. Exemplos como a compra de votos para a reeleição, a já tão falada "pasta rosa", o aeroporto na fazenda do tio, o mensalão mineiro, etc. etc. etc. *ad nauseum*.

Há algum tempo deixei bem claro em um *post* também no Facebook a minha opção por votar em Dilma nessas eleições, por tudo o que o governo do PT tem feito pelo Brasil nos últimos 12 anos, que é sem dúvida inegável. O combate à fome que tirou o Brasil pela primeira vez do ranking mundial dos países onde esse problema é muito grave, os diversos programas sociais que o PT vem consolidando ao longo do seu governo tais como o Bolsa Família, os investimentos na área da educação, o que permitiu a criação de várias universidades federais, criação e consolidação do Pronatec em todo Brasil, etc. Todas estas ações estão aí escancaradas para qualquer um que queira ver, e para mim estes são programas que devem ser mantidos e aprimorados, coisa que acredito, será algo que a Dilma continuará fazendo se reeleita.

A meu ver, o apoio quase que maciço dos evangélicos da minha *timeline* à candidatura de Aécio Neves demonstra algo bastante sintomático: a adesão deles a um discurso mais conservador. Com certeza, a maioria dessas pessoas é contra o aborto, contra a legalização das drogas, contra a causa homossexual, etc. Ou seja, pessoas que assumem um discurso extremamente conservador e ainda colocam o texto bíblico como aliado para justificar suas posições, caracterizando como "pecado" todos esses exemplos que acabei de citar. Esse conservadorismo e essa "tara" pela classificação do que é ou não pecado, a meu ver, contribui bastante para a adesão a um tipo de discurso que quer se afirmar como possível "moralizador da nação". Ou seja, a dinâmica se dá de uma forma muito simples: "O atual governo, além de corrupto ainda quer corromper os nossos valores, logo incentivam o pecado." Dessa forma, tem-se obrigatoriamente que se colocar contra tal dinâmica, e o fará votando no candidato que demonstra não admitir todos esses progressismos que vão "contra a lei de Deus".

A meu ver, nessa tentativa de polarizar o mundo entre o certo e errado há um desejo bastante infantil, talvez até de cunho narcísico, de querer que o mundo seja da forma como eu o idealizo. Ao polarizar as coisas entre certo e errado, opressor e oprimido de forma tão rápida e com uma certeza tão firme, pretende-se com isso organizar o mundo de forma a afirmar exatamente qual o meu lugar e qual o lugar do outro. Essa mesma dinâmica, a meu ver, justifica a "tara evangélica" para definir "o que é pecado" a qualquer custo.

João, que gostava muito de definições sucintas, nos dá uma rápida definição de pecado como "transgressão da lei" (I João 3:4). Sem dizer muito sobre o que está entendendo por lei, já prontamente procura tirar do seu interlocutor a ideia de que a coisa seja tão simples como parece. Logo em seguida no texto, ele vincula a noção de transgressão da lei a uma prática por parte do sujeito, ou seja, aquele que pratica o pecado está em transgressão da lei, ou seja, o pecado se relaciona sempre a uma prática do pecado. Não existe pecado se não há alguém que pratique o pecado, ou falando de forma mais clara, não há pecado se não há pecador. Dessa forma, é o sujeito da ação que se torna o mais importante, pois é na sua relação com a lei que se determinará se há ou não pecado. A lei por si só não é capaz de dizer o que é ou não pecado, mas apenas a transgressão da lei por parte do sujeito.

A relação do sujeito com a lei é sempre uma relação singular, isso já nos ensina a psicanálise desde Freud. O sujeito apenas se torna sujeito a partir do momento que a lei da palavra entra em seu corpo e ele é jogado na comunidade dos falantes. A lei que interdita o sujeito é a mesma que o humaniza, pois sem lei é impossível haver desejo. Dessa forma, a transgressão da lei aparece sempre de forma individualizada, sempre marcada por uma relação extremamente subjetiva entre o sujeito e a lei.

Se o pecado é transgressão da lei, ele é sempre singular e se trata sempre de uma resposta que o sujeito dá em relação à lei. Daí podemos afirmar que o pecado se assemelha nesse aspecto ao Reino de Deus. Da mesma forma que não podemos dizer sobre o Reino de Deus "ei-lo aqui, ou ei-lo ali, pois está dentro de nós (Lucas 17:21), também não podemos dizer do pecado "ei-lo aqui, ou ei-lo ali", pois depende da relação singular do sujeito quanto à lei. Por isso que a meu ver toda tentativa de classificar o que é ou não pecado se torna uma tentativa vã, pois há nessa tentativa apenas um interesse narcísico de que o mundo seja de acordo com os meus valores.

Sabemos que a palavra nos é transmitida sempre por um Outro que nos insere no campo da cultura nos humanizando e nos fazendo entrar em contato com uma dimensão para além do nosso aspecto animal. A forma como entro no mundo da cultura é determinada pela própria cultura onde vivo, e a forma como isso me será passado será completamente condicionado pelo meio em que serei ensinado. A própria noção de pecado como transgressão da lei será dada sempre culturalmente. Isso é facilmente visível se compararmos as diversas culturas que nos cercam. O que seria considerado "pecado" em uma determinada cultura não é considerado "pecado" em outra. E isso apenas garante que a relação do homem com a lei, mesmo sendo sempre singular, seja sempre mediada pela palavra do Outro.

Assumir o pecado como uma entidade válida para qualquer cultura é não querer enxergar o relação singular do sujeito com a lei, é querer uniformizar o mundo de forma a conseguir polarizar muito claramente o certo e o errado, tarefa hoje fadada ao fracasso. Mas isso nos levaria a um completo relativismo? A meu ver, tal proposta não nos leva a um relativismo, pelo menos não obrigatoriamente. O relativismo entendido como "tudo é relativo" já se mostrou uma grande falácia e, a meu ver, nesse pretensão relativismo não se encontra uma matriz libertadora, mas muito pelo contrário, uma matriz opressora que visa igualar os diferentes pontos de vista sob um só. O que isso gera não é o respeito pelo diferente, mas a absorção do diferente dentro do mesmo, e aqui claramente se perde a dimensão do Outro.

Dessa forma, ao assumirmos o pecado como uma relação sempre singular do sujeito em relação à lei, de forma a não sermos capazes de dizer ao certo o que é ou não pecado, não estamos propondo um relativismo, mas exatamente o seu inverso. É por ser uma relação singular do sujeito para com a lei que todo sujeito se torna extremamente responsável pela resposta que dá a ela. Aqui entra o papel do Outro como o grande limitador da ação humana. Se a lei é sempre me dada por um Outro que me coloca no mundo da linguagem e me humaniza, esse Outro aparece como a quem endereço sempre uma resposta. Esse Outro aparecerá para mim como aquele que encarna a lei e exige que eu o responda. Por isso que a lei é sempre a lei do Outro.

O pecado, portanto, é sempre em relação a um Outro e nunca em relação a mim mesmo. Se fosse em relação a mim, seria uma relação meramente imaginária, em que o Outro não entra na equação, mas como se dirige ao Outro, sou capaz de responder e me colocar de forma singular em relação à lei, me tornando extremamente responsável pela minha resposta a esse Outro.

Talvez esteja aí algo que Agostinho já nos dizia no seu comentário ao evangelho e à primeira epístola de São João: "Aquele que cumpre a lei não está sob a lei, mas com a lei. Aquele que ao invés é sob a lei não está aliviado pela lei, mas oprimido por ela." (2004 p. 47)

CONSIDERAÇÕES SOBRE LAMENTAÇÕES 5:15-16

“Dos nossos corações fugiu a alegria; nossas danças se transformaram em lamentos. A coroa caiu da nossa cabeça.” (Lamentações 5:15-16)

O contexto do livro de Lamentações é bem conhecido dos leitores do texto bíblico. O reino do norte (Israel) tinha sido levado cativo pela Assíria em 722 a.C e em 587 a.C foi a vez do reino do Sul (Judá) ser levado cativo por Nabucodonosor. O texto de Lamentações, escrito pelo profeta Jeremias,

tem como contexto o exílio babilônico e se constitui um grande lamento pelo que o povo de Israel está passando.

O momento com certeza é muito difícil, e nessas horas parece que toda a esperança, até mesmo do profeta, se foi e não existe mais nada ou alguém em que se possa apoiar. O profeta coloca isso de forma muito crua nos versículos que abem esse texto.

Várias vezes a nossa situação é homóloga à do texto de Lamentações. Do nosso coração fugiu a alegria, as danças se transformaram em lamentos e a coroa caiu da nossa cabeça. Os dias são difíceis, a sensação de abandono parece nos assolar e não vemos nenhuma saída no horizonte. No caso de Jeremias, que morreu no cativeiro, essa foi uma realidade que se impôs de forma definitiva. Ou seja, não houve salvação, não houve "retribuição pelas boas práticas", nada além da morte no cativeiro. No entanto, mesmo com um cenário desolador como esse, Jeremias ainda propõe que possamos "trazer à memória o que nos dá esperança" (Lamentações 3:21). Ou seja, mesmo que a situação de fato não mude, a minha atitude para com aquele momento fará com que pelo menos ele mude para mim. A fé de Jeremias o leva a afirmar "Ó cidade de Sião, o seu castigo terminará; o Senhor não prolongará o seu exílio." (Lamentações 4:22). Mesmo que para ele essa verdade nunca tenha se concretizado, a sua fé o fazia afirmar tal possibilidade.

Aqui vejo como a dimensão da fé (independente da forma como ela se manifeste) se coloca de forma fulcral na relação do indivíduo com o mundo. A fé pode ser um grande instrumento para uma leitura mais positiva do mundo. Não falo de uma fé inerte, que apenas contempla as coisas, mas de uma fé que faz com que o sujeito se posicione diante da realidade e proponha a mudar tal realidade. Jeremias encarna esse ideal no livro de Lamentações. Mesmo não tendo poder para mudar a situação do cativeiro, ele insiste em apregoar aquilo que ele acredita ser o caminho para a mudança da situação. Aqui, a dimensão existencial da fé se mostra de forma muito forte. A afirmação é sempre permeada por uma dúvida do profeta em relação a ela, o último versículo de Lamentações nos indica essa dimensão. Jeremias termina suas lamentações clamando: "restaura-nos para ti, Senhor, para que voltemos; renova os nossos dias como os de antigamente, a não ser que já nos tenha rejeitado completamente, e a tua ira contra nós não tenha limite!" (Lm 5:21-22). Mesmo que haja a possibilidade dessa ira de Deus não ter limite, ainda assim Jeremias está disposto a confiar. Novamente apontando para uma dimensão da fé que sempre coloca a dúvida em seu centro, mas que não nos impede de clamar. Muito pelo contrário, é pelo fato de haver dúvida é que somos capazes de nos lançar confiando que algo ou alguém nos segurará pelos braços.

A insistência na oração a Deus, a tentativa de explicar o porquê de o povo ter sido levado ao cativeiro, a escrita dos lamentos, isso tudo nos mostra um profeta que não está simplesmente parado esperando que Deus aja de alguma forma, mas que está se empenhando em tentar compreender a sua situação e, na medida do possível, mudá-la. Jeremias ora, mas também escreve e lamenta junto ao povo. Ele ora, mas tenta explicar, tenta entender o porquê de sua situação. A chave que encontra para isso é a doutrina da retribuição tão presente no imaginário israelita de sua época. Para Jeremias, o povo foi levado ao cativeiro por causa do "pecado dos seus profetas e as maldades dos seus sacerdotes" (Lm 4:13). Embora isso não mude a realidade, dá ao profeta uma chave de compreensão da situação. Por entender a sua situação dessa forma, o profeta é capaz de orar pedindo a Deus que os ajude, é capaz de se voltar ao povo e pedir que se arrependam para que Deus faça a sua parte. Se o pecado nos trouxe até aqui, convertamos para que Deus mude a nossa sorte. Essa é a tônica de algumas das lamentações de Jeremias. A solução de Jeremias pode parecer pouco eficaz, mas ela traz consigo um sopro de esperança para o povo e para o próprio profeta.

Esse Deus que pode ou não atender as minhas orações, que pode ou não estar ali de fato, que pode ter "nos rejeitado completamente", que sempre se constitui como um grande vazio para além de nós mesmos, é para nós motivo de esperança. É para nós uma possível chave de leitura para tentar compreender a nossa situação. Talvez por isso as nossas visões sobre Deus sejam sempre tão precárias. Desde o Deus mais infantilizado, tal como aquele que sabe todas as coisas, resolve todos os meus problemas, que aparece como pai que sabe de tudo; até um Deus visto como apenas um sentido possível para a existência, uma representação de um pai "fraco", mas que ama e isso garante um sentido; nossa visão sobre Deus parece querer dar conta apenas desse vazio que nos circunda e nos habita sem nunca conseguir realizar tal tarefa.

O nosso cenário às vezes parece tão desolador quanto o cenário vivido por Jeremias; no entanto, o profeta nos mostra uma possível ação diante do caos que é o de dizer da esperança que habita em nós, que é o de agir a partir do que acreditamos para propor um caminho para mudar a situação presente, que é o de não se contentar com o presente assolador, mas estar disposto a construir um futuro melhor e lutar pela libertação do povo. Mesmo que tal tarefa nunca se veja concretizada ela se mostra como fonte de ânimo e alimenta a busca por um mundo onde a alegria não fuja mais de nós, e os lamentos se transformem em dança.

PEQUENA REFLEXÃO PARA UM DOMINGO

"Vocês bebem vinho em grandes taças e se ungem com os mais finos óleos,
mas não se entristecem com a ruína de José". (Amós 6:6)

Recentemente estava lendo o livro de Amós e o versículo acima me chamou bastante atenção. Curiosamente, o texto bíblico é em grande parte um texto para a coletividade. Raramente vemos instruções de cunho mais pessoal sendo dadas, principalmente no Antigo Testamento. Obviamente

que há instruções pessoais, Deus falando com Gideão, Moisés, Samuel, mas até mesmo nesses exemplos a questão da coletividade é que "inspira" a voz de Deus.

Deus fala com Gideão sobre o livramento do povo, o mesmo com Moisés e Samuel. Parece haver sempre um apelo ao comunitário no texto bíblico. Se no Antigo Testamento esse apelo tem em vista apenas o povo de Israel, com o Novo Testamento esse apelo alcança todo o mundo nas cartas de Paulo e João. O princípio da coletividade se mostra como um grande norteador da proposta bíblica.

O versículo de Amós também nos mostra essa mesma dimensão coletiva que várias vezes é tão aclamada pelos cristãos, mas muito pouco praticada. Obviamente, é muito mais fácil chorar com os que choram do que se alegrar com os que se alegram, no entanto, se mostra muito mais complicado chorar com o outro enquanto tenho motivos e planos para me alegrar. Esse abrir mão da minha alegria em prol da tristeza do outro parece ser o movimento mais complicado de ser feito e é exatamente a isso que o texto de Amós parece se referir.

Não há uma condenação da alegria no texto de Amós, mas há uma advertência de que não se entristecer com a ruína de José é algo que não está certo. Se José está em ruínas, o vinho e os óleos finos se tornam secundários.

O que o texto de Amós nos convida a fazer é estarmos dispostos a descentrarmos de nós mesmos em prol do sofrimento do outro. Para o profeta parece fazer muito pouco sentido essa "alegria" dos vinhos e óleos finos enquanto uma parte do povo sofre. Isso às vezes acontece muito próximo a nós que não nos damos conta dessa espécie de compromisso exigido pelo profeta.

Estar disposto a abrir mão da minha alegria porque o outro está sofrendo parece ser o movimento proposto pelo profeta e que novamente tem a coletividade como alvo em detrimento do caráter individual. Tal proposta de Amós vai de encontro à nossa contemporaneidade tão centrada no individualismo e no "cada um por si". Ser capaz de chorar com o que chora mesmo quando se tem tudo para estar bem demonstra talvez um entendimento mais maduro da proposta bíblica e ao mesmo tempo nos faz perceber que a tônica dos profetas do Antigo Testamento está em uma interessante consonância com a proposta de amor trazida por Jesus no Novo Testamento.

A FÉ VEM PELO OUVIR (ROMANOS 10:17)

"A fé vem pelo ouvir" (Rm 10:17), essa é talvez a única vez que a Bíblia fala sobre o surgimento da fé. Ou seja, a fé, como nos diz Paulo, se inicia com uma palavra.

Sabemos que a psicanálise nos propõe que também nós enquanto sujeitos só surgimos com a palavra. Antes dela somos apenas um corpo pulsante que não distingue entre o que sou eu e o que é o outro. Essa relação é tipificada na relação entre a mãe e o bebê onde este se sente um com a mãe, em uma relação que Freud chamava de "fusional". Somente quando a palavra entra nesse corpo é que é possível o nascimento do sujeito. Tornar sujeito significa estar submetido a uma separação,

significa ser lançado no mundo, significa se colocar diante da realidade de forma que a antiga relação fusional se mostre para sempre perdida. Essa palavra será a responsável pela nossa separação. É nesse sentido que a instância paterna aparece como a promotora desse corte narcísico que põe fim ao desejo de onipotência da criança de ser o único objeto de amor para a mãe.

Essa palavra que entra em nós é sempre condicionada pelo mundo desse Outro que nos diz essa palavra. Nossos pais nos ensinam a partir da experiência deles o que é o mundo, como ele se organiza, etc. Essa palavra que nos é dita nos orientará por toda a nossa vida e nos fará entrar no mundo da cultura. Tal palavra mesma é dita dentro de uma determinada cultura. Nossos pais nos ensinam o que aprenderam de seus próprios pais e a partir daí os ensinamentos vão sendo passados de geração a geração, criando um mundo para cada novo indivíduo que nasce.

Nossa fé também é ensinada culturalmente, ou seja, a nossa entrada no mundo religioso será sempre marcada pela nossa cultura, e por isso mesmo será sempre advinda de uma palavra. Nesse sentido que podemos concordar com Paulo quando diz que a fé vem pelo ouvir. Podemos também lembrar que Maria engravidada pela palavra, ou seja, ela se abre para ouvir o que Deus lhe propõe e a partir daí assume tomar posição diante da palavra ouvida e encarar a missão que lhe foi proposta.

A fé que vem pelo ouvir se coloca então como promotora de um lançar-se no mundo, nos fazendo como seres separados que encaram a realidade em que vivemos sem a nostalgia de um retorno a um mundo onde tudo era seguro e certo. A experiência da fé insiste em nos fazer ver a realidade, mas ao mesmo tempo nos permite ver que não se está sozinho para vivenciá-la. Dessa forma que a fé nunca se caracteriza como certeza, mas sempre como dúvida.

A fé, como nos diz Morano, sempre nos coloca em relação a duas palavras. A palavra da instância paterna que nos faz sujeitos, que nos vem da cultura, que nos coloca como seres marcados pela falta, diante de um desamparo estrutural, e a Palavra, essa com "p" maiúsculo, pois vem de fora, vem de um Outro que permanece para sempre escondido, sendo "visto" apenas pelas costas (Êxodo 33:23). A grande tensão que se estabelece é de não tentar tomar essa Palavra que vem de Deus como resposta à carência que vem da palavra da instância paterna. Essa Palavra de Deus não visa tampar o buraco da falta, não visa resolver o drama do nosso desamparo estrutural que nos assola enquanto humanos, não visa ser uma resposta ao desamparo, mas visa abrir para nós uma outra dimensão da existência que aceita a contingência, mas nos dá motivos para a esperança de um sentido para a vida.

O desejo infantil de encontrar um objeto que tampe o buraco da falta facilmente cai na tentação de ver em Deus esse objeto. Quando isso acontece, a religião se torna uma grande ilusão tal como nos disse Freud em obras tais como “O futuro de uma ilusão” e “Mal-estar da civilização”. No entanto, sempre é possível uma relação positiva com a religião e a fé. A partir do momento que compreendemos que Deus não deve ser visto apenas como uma "muleta psicológica" (para usar a expressão de Bonhoeffer), nem deve ficar preso nas fixações infantis de um pai imaginário que detém todo o poder seremos capazes de pensar a nossa relação com Deus de uma forma mais madura.

Obviamente que as representações de Deus como pai ou mãe funcionam de forma a nos permitir vivenciar a nossa experiência com Ele/Ela de uma forma mais pessoal, no entanto, é preciso ter em mente que tais representações nunca serão capazes de dizer o que de fato Deus é, nem mesmo devem tais representações tomar o estatuto de "verdade", mas devem permanecer sempre abertas para que não se caia novamente na tentação infantil de suprimir a falta que é estrutural.

O Deus da necessidade deve se transformar no Deus do desejo, ou seja, do Deus necessário como sustento para compreender a própria existência ao Deus que surge da aceitação da própria carência. Esse movimento pode ser visto na pessoa de Jesus que mesmo diante do desamparo de Deus, diante de um dos momentos mais tenebrosos de sua vida, é capaz de se entregar manifestando assim como revelação de Deus que se revela como amor, como fraco, e não como Deus onipotente desejado pela criança.

A fé que vem pelo ouvir chama-nos a uma fé madura, uma fé que não nega a contingência nem a finitude da vida, uma fé que não tem em Deus apenas uma busca por uma segurança ou perdão, mas uma fé que é capaz de se relacionar com Deus a partir do desejo, a partir da falta, mas sempre entendendo que esse Deus nunca será capaz de suprimir a falta que é sempre estrutural.

Como nos afirma Morano, "talvez seja absolutamente necessária a morte de nossas expectativas sobre Deus, como condição de possibilidade para nos encontrarmos autenticamente com Ele." (MORANO, Carlos Dominguez. Experiencia cristiana y psicoanalisis. 2006)

PENSAMENTOS ESPARSOS SOBRE A DESINSTITUCIONALIZAÇÃO

Uma das coisas que acho interessante ao pensar o movimento de desinstitucionalização no meio evangélico é o quanto isso talvez reflita a nossa situação hipermoderna de perda dos referenciais, ou então, para utilizar a expressão de Lyotard, a época da "perda dos metarrelatos".

Obviamente, há uma distância grande entre a religião e a sua institucionalização. Enquanto a religião fala do sentido da vida, a busca pelo mistério, a institucionalização acaba por cristalizar visões de mundo e não raras vezes sucumbe a fundamentalismos e dogmatismos que acabam por tirar da religião todo o seu brilho, tornando-a extremamente burocrática e sem vida.

Devemos ter em mente que o processo de institucionalização da religião, pelo menos no ocidente, vem desde o início do cristianismo e, portanto, é algo que faz parte da história da igreja cristã desde a sua formação.

Algo que nos aponta Louis Dumont em seu livro sobre o individualismo é que a própria noção de individualismo no ocidente se inicia com o início do cristianismo. O cristianismo seria a princípio uma religião onde a relação do sujeito com Deus se daria de forma individual enquanto "sujeito-fora-do-mundo-e-em-relação-com-Deus". Esse sujeito que se relaciona assim com Deus depende apenas dele mesmo para se aproximar da divindade. Embora participante de uma comunidade, a sua relação com Deus se daria sempre de forma individual e poderia no máximo ser "partilhada" na comunidade. Esse tipo de relação do homem com Deus, para Dumont, acaba por marcar o caminho que tomará o cristianismo até a sua transformação em religião oficial pelo império romano. A partir daí, o "sujeito-fora-do-mundo" é chamado a se tornar "sujeito-no-mundo", pois o cristianismo seria agora um fator político importante para o império e por isso os cristãos não poderiam mais se abster do mundo em prol do "além-mundo".

Essa mudança de foco, para Dumont, acaba por fazer com que o cristianismo crie força política e seja utilizado já desde a idade média como uma religião que tem como fim último o "mudar o mundo". A institucionalização do cristianismo por meio da Igreja Católica acaba por ser um fator decisivo na associação entre Religião e Estado e a partir daí toda uma série de mudanças se segue sem muitos mistérios para os que conhecem um pouco de história.

Diante de uma época onde tudo se torna objeto de escolha por parte do sujeito, a questão religiosa cada vez se liga mais a uma dimensão emocional do que propriamente a uma adesão a um discurso sobre o mundo. O fiel hipermoderno acaba por visar mais uma "religião à la carte" do que propriamente se comprometer com os compromissos que determinada religião exige. Tal dinâmica é vista de forma muito clara nos diversos sincretismos muito comuns nas igrejas evangélicas neopentecostais. Práticas como "passar no vale do sal", "ungir a água que será tomada", revelam uma espécie de apropriação de diversas culturas religiosas em nome de uma possível "luta contra o mal".

A partir do momento em que a religião se torna um objeto de escolha por parte do sujeito, o qual não está mais submetido à "religião dos pais", a própria vinculação desse sujeito com a instituição se verá abalada. A instituição acaba se tornando um lugar a ser abandonado, pois não diz mais

respeito a um discurso maior, mas se fecha cada vez mais sobre si, tornando-se um fim em si mesma.

O sujeito hipermoderno acaba se encontrando diante de um grande dilema. Se por um lado ele visa a sua liberdade praticamente irrestrita de escolher o que bem entender, escolher a sua forma de religião, aquela que mais lhe agrada, aceitar essa posição teológica e não aquela, por outro lado ele sente a necessidade de uma pertença a um determinado grupo que pensa igual a si mesmo e, devido às inúmeras leituras e releituras teológicas possíveis, o que se vê é uma tremenda incompatibilidade entre as diversas posições teológicas que por serem extremamente particulares encontram pouquíssimos pontos em comum para que sejam compartilhadas por um grupo maior.

Esse dilema atravessa o religioso hipermoderno de forma crucial. Por um lado o desejo da escolha, por outro, a necessidade de pertença. Por um lado a liberdade de pensar a sua própria fé a partir de uma teologia própria, por outro, a necessidade de inclusão dentro de um discurso que garanta uma espécie de sentido à sua prática de fé.

Os constantes discursos que vemos atualmente incitando a desinstitucionalização, propagando uma "fé mais autêntica", uma fé que deve ser vivida apenas na relação homem-Deus, a meu ver, acaba por evidenciar esse grande paradoxo hipermoderno. Por trás de frases do tipo "cansei de ser evangélico" o que se pode notar é uma espécie de discurso que visa afirmar uma fé própria, sem nenhum tipo de "pertença", sem necessidade de vinculação a nenhuma leitura consagrada do texto bíblico.

Na negação da tradição se vê a mesma dinâmica hipermoderna que sempre se quer livre sem precisar vincular-se a nada. No entanto, essa dinâmica também tem sua contramão. Da mesma forma que o discurso libertário contra toda forma de tradição é incitado diversas vezes, o movimento de uma "pertença irrestrita" também ganha força. Não raramente vemos nos carros frases do tipo "orgulho de ser católico", "Sou membro da igreja X", que evidenciam esse movimento contrário que a nosso ver se tornam duas faces da mesma moeda. Ao negar a tradição em nome da liberdade irrestrita o sujeito acaba procurando algum porto onde se ancorar e nesse momento os movimentos de cunho mais fundamentalistas acabam por ganhar força.

A noção de uma "religião à la carte" ao mesmo tempo promove o discurso de uma desinstitucionalização, onde o sujeito se mostra *cool* em relação à sua fé, e faz surgir movimentos

contrários de fundamentalismos que aparecem quase como resposta diante da crescente falta de um discurso norteador.

A meu ver, o processo de desinstitucionalização no meio evangélico se insere completamente dentro da dinâmica hipermoderna. Como ainda estamos vivendo tal movimento, que a cada dia se torna mais forte, ainda é muito cedo para dizer se tal desinstitucionalização será boa ou ruim para o movimento evangélico, no entanto, algo que se torna inegável é o fato de as instituições evangélicas a cada dia perderem a sua credibilidade ao se envolverem em escândalos, práticas desonestas, etc. Infelizmente, a maioria das pessoas faz uma relação direta entre a religião e a sua forma institucionalizada, o que torna o debate várias vezes impossível. Não penso que o caminho seja uma completa desinstitucionalização da igreja, pois querendo ou não, a instituição acaba por proporcionar um ambiente várias vezes acolhedor e um espaço de convivência benéfico aos membros, no entanto, ao continuar trilhando o caminho trilhado nesses últimos anos, talvez as instituições evangélicas estejam cavando a sua própria cova de forma que talvez diremos como Nietzsche – que afirmava lá no século XIX que os templos eram apenas os túmulos de Deus.

PEQUENA REFLEXÃO SOBRE JÓ

Algo interessante sobre o livro de Jó e que geralmente muita gente acaba por deixar passar batido é que o texto em si é uma grande crítica à teologia da retribuição, tão famosa entre os judeus da época. E não apenas da época, mas desde o Deuteronômio. A "segunda lei" (Deutero + nomos) é bastante enfática em vários textos sobre a doutrina da retribuição e não precisamos buscar muitos textos para corroborar isso. Remeto o leitor ao capítulo 28 de Deuteronômio que já ilustra muito bem o que digo.

A teologia da retribuição propõe que "se formos bons, Deus nos retribuirá com o que é bom, se formos maus, Ele nos retribuirá com o que é mau." Essa teologia está presente em vários livros do Antigo Testamento e é atualizada no Deuteronômio.

O livro de Jó, e também o livro do Eclesiastes, visa romper com a teologia da retribuição mostrando que a realidade tem muito pouca coisa a ver com a proposta do Deuteronômio. O Eclesiastes chega a ser até bem enfático ao apresentar que "há justos a quem sucede segundo as obras dos ímpios, e há ímpios a quem sucede segundo as obras dos justos" (Eclesiastes 8:14), ou seja, por mais que o autor de Deuteronômio queira fazer com que o mundo seja lido mediante uma retribuição simples, a realidade insiste em ir contra tal programa.

A datação do livro de Jó se dá mais ou menos pelo século V a.C, ou seja, já bem posterior ao livro do Deuteronômio (vários teólogos exegetas debatem a datação do texto, mas vários aceitam que o Deuteronômio data mais ou menos no século VII a.C.) e onde já há uma interface hebraica com o mundo grego e também já há uma assimilação grande da cultura dos babilônios e persas por parte do mundo hebreu. Essa troca com outras culturas permite que o mundo hebraico se expanda para além de uma visão de mundo mais fechada em si mesmo para tentar observar o mundo de maneira mais ampla.

O livro de Jó é todo ele construído como uma tentativa de romper com a teologia da retribuição. Jó, que no relato é um homem justo, passa o livro todo afirmando que não fez nada para merecer o que está sofrendo enquanto seus amigos insistem que ele "vasculhe em suas ações" para encontrar o "quando" cometeu algum pecado, pois é inconcebível que Deus traga tanto mal sobre a vida de uma pessoa se ela não tiver cometido mal algum.

À medida que a narrativa vai caminhando, vemos a mesma dinâmica se efetivando até que Jó questiona o próprio Deus para saber o motivo de seu sofrimento. Com inúmeras perguntas, Jó O questiona e, no entanto, Deus o responde com mais outras perguntas às quais Jó não consegue responder.

Vários estudiosos da literatura sapiencial apontam que o livro de Jó termina em Jó 42:6 – "Por isso me abomino e me arrependo no pó e nas cinzas." E o que vem após isso teria sido incluído posteriormente por um escriba (sobre isso, recomendo o excelente trabalho de José Vichel Lindez chamado "Eclesiastes ou Qohelét - Grande comentário bíblico", Editora Paulus, 1999, onde Lindez

traz inúmeras referências e estudos de outros pesquisadores da literatura sapiencial que corroboram tanto a datação provável do texto do livro de Jó quanto o seu final em Jó 42:6).

Para vários teólogos, o que se segue após Jó 42:6 se trata de um acréscimo posterior. Se prestarmos atenção ao texto que se segue a Jó 42:6, onde Deus restitui tudo a Jó, o que o escriba faz é deixar entrar pela porta de trás tudo aquilo que todo o texto expulsa pela porta da frente: a teologia da retribuição. Ao acrescentar uma espécie de "restituição" a Jó no final do texto, o escriba acaba por corromper a crítica que o texto propõe. A teologia da retribuição, que é negada durante todo o texto, ressurge sob a pena do escriba em todo o seu esplendor no final do livro. Percebe-se com isso que tal teologia ainda é muito forte no período da escrita do texto de Jó e um texto que acaba tendo apenas um homem em sua angústia, sem as respostas divinas, com certeza seria um texto com pouquíssima aceitação nos meios mais conservadores. A noção de uma "restituição" é completamente estranha à literatura sapiencial bíblica e isso apenas corrobora a hipótese de um acréscimo posterior no texto.

O texto terminando em Jó 42:6 dá ao texto um caráter humano demasiado humano, pois o que temos aí é um homem com inúmeros questionamentos, sem resposta, sem nada, apenas munido de sua fé. É a situação de inúmeras pessoas nos nossos dias, que a cada dia estão mais sem perspectivas, que precisam enfrentar a solidão, a acusação dos amigos, o abandono da família, o sentimento de solidão e a angústia diante do mundo sem que ninguém apareça para lhe confortar.

A meu ver, o texto de Jó nos remete à angústia diante do sofrimento que acomete a todos em algum momento da vida. Buscamos respostas, questionamos até mesmo ao próprio Deus e às vezes o que obtemos são mais perguntas que nos inquietam ainda mais. Ao invés de um conforto da retribuição, temos diante de nós apenas perguntas que nos remetem a avaliarmos a nossa própria condição diante das coisas. O que temos são perguntas das quais nós também não temos respostas, assim como o outro lado se mostra como um grande vazio que não provê respostas, mas sim perguntas.

Diante do sofrimento sem sentido, da angústia, do mundo, dos momentos difíceis, o livro de Jó nos propõe olhar para nós mesmos, investigar para conhecer os caminhos por onde andamos para que possamos manter a calma da consciência tranquila de quem nada fez para merecer o que se passa. Ao mesmo tempo, o livro de Jó nos leva a olhar para a nossa realidade e perceber que às vezes pouco podemos fazer para mudar o que nos acomete. Mas isso não nos leva a uma estagnação. Jó não se estagnou. Ele questionou, ele argumentou, ele se propôs afirmar a sua fidelidade aos seus princípios contra tudo e contra todos.

Longe de propor uma resignação diante de um mundo que aparece sem sentido, o que Jó nos propõe é um agir baseado no que se crê. Não um agir que espera uma retribuição, pois tem consciência de que ela não existe, pois tem consciência que acima de si não se encontra um Deus sádico que se regozija no sofrimento alheio ou que aposta para ver até onde vai a sua fé, mas um agir que visa uma autoafirmação do humano, e ao mesmo tempo uma fé em um Deus que pode ser questionado porque não é um Deus sádico, mas um Deus cuja misericórdia se renova a cada dia.

A lenda sobre Jó enquanto um homem diante da angústia se assemelha a todos nós e por isso talvez possamos tomar o seu exemplo como um bom exemplo para nós. Jó nos faz pensar em todos aqueles dos quais também são tiradas todas as coisas, dos que se encontram à margem do mundo, lembrar dos feridos das guerras, lembrar de Gaza, Pinheirinhos, os povos indígenas e tantos outros dos quais são tirados todos os direitos restando apenas a sua fé em algo, quando conseguem mantê-la. O exemplo de Jó nos aponta que é possível talvez manter a fé, apesar de toda situação adversa, e que para além disso, nos aponta que é possível também agir com o que se têm para tentar fazer do seu mundo um mundo com sentido.

As perguntas de Jó são perguntas pelo sentido do seu sofrimento, mas mesmo quando elas não vêm isso não o impede de agir.

REFLEXÃO SOBRE UMA FRASE DE FREUD

"O viajante surpreendido pela noite pode cantar alto no escuro para negar seus próprios temores; mas, apesar de tudo isto, não enxergará mais que um palmo adiante do nariz." (FREUD, Sigmund. in *Inibições, Sintomas e Ansiedade*. 1926/2006 p. 12)

Freud, como a maioria das pessoas deve saber, era um grande entusiasta com a causa científica. Seu ardor para com a ciência foi em parte o que muito o motivou a empreender as investigações que se propôs sobre o psiquismo humano. Empreendimento esse que culminou na criação da psicanálise.

Desde o início, Freud quis que a psicanálise fosse aceita nos círculos científicos de sua época como uma ciência legítima que possuía métodos bem definidos e não mediu esforços para que isso se tornasse realidade, apesar de toda a crítica que enfrentou desde o início de seu trabalho.

Como para ele, a psicanálise deveria ser entendida como ciência, faria muito pouco sentido pensar que a psicanálise poderia formular uma "visão de mundo" (*weltanschauungen*) independente ou diferente da científica. Por princípio, ela deveria adotar para si a visão de mundo científica. Nesse texto, ele até afirma que essa questão de "construir visões de mundo" poderia ser deixada aos filósofos que sempre gostam de fazer este tipo de coisa, mas que isso estava longe de ser o objetivo da psicanálise. Muito pelo contrário, a psicanálise, por se basear na clínica, na experiência dos casos, no "um a um", estaria sempre disposta a rever os seus conceitos se as experiências clínicas assim a exigisse.

Essa noção de uma "infinita construção" que Freud atribui à psicanálise é algo digno de respeito e de nota em relação à utilização do método científico. A construção deve se dar seguindo o método científico por excelência. Não adianta querermos subterfúgios que nos levarão para longe do trabalho árduo que a ciência exige. Daí o contexto da frase que abre esse texto. Ou seja, o fato de cantarmos para negar os nossos medos durante a noite não nos ajuda a enxergar melhor. Se não formos pacientes na nossa pesquisa, e estivermos dispostos a rever nossas constatações a todo momento, dificilmente chegaremos a um resultado sólido que trará benefícios à ciência.

Freud, nessa frase, está fazendo novamente uma crítica à religião e mais especificamente ao "catecismo da igreja" que, para ele, deveria ser substituído pelo método científico. Apenas o método científico poderia tirar esse homem da noite em que ele se encontra e levá-lo para outro lugar, mas enquanto isso, ele insiste em "cantar alto no escuro" perpetuando a sua condição (para quem não sabe, Freud fazia duras críticas à religião e a via como uma grande ilusão da humanidade na tentativa de lidar com seu desamparo estrutural. Tentativa essa fadada ao fracasso).

O cientificismo de Freud é algo louvável enquanto método de pesquisa, mas a meu ver, Freud deixa de lado nessa metáfora o fato de que aquele que canta para negar os seus temores já não se coloca na noite da mesma forma. Ao cantar, ele é outro: é um homem que não aceita a imposição da noite sobre si, mas quer fazer com que a sua experiência na noite adquira um sentido. Ele, ao cantar, busca algo que transcende a sua condição. Busca algo que o método científico não é capaz de lhe dar por mais que tente. Com isso, esse novo homem não está "criando uma nova realidade", mas resignificando a sua experiência a partir do seu desejo. É por experienciar a realidade na sua forma

mais crua que o homem se recusa a viver da mesma forma e ousa cantar para que a noite possa ser mudada.

A ciência nada pode ajudar esse homem que começa a cantar. Mas esse homem também não precisa da ciência para simbolizar e significar a sua experiência na noite. Temos que concordar com Freud que o canto daquele homem em nada o fará enxergar melhor durante a noite, mas temos que afirmar também que, apesar disso, esse homem poderá enfrentar melhor a noite que lhe sobrevém quando começa a cantar.

REFLEXÕES A PARTIR DO GETSÊMANI

Hoje pela manhã, conversando com a Laurinha, falávamos sobre a experiência de Jesus no Getsêmani pouco antes de iniciar sua prisão e todo o processo que culminou na sua crucificação. Momentos difíceis encarados por Jesus, que precisou enfrentar momentos de tão grande angústia sem o auxílio dos seus próximos. Para exemplificar, basta lembrarmos que os discípulos estavam dormindo enquanto ele orava, que Pedro o negou enquanto ele era julgado, que o povo que o seguiu durante algum tempo foi a voz decisiva que gritava "crucifica-o!" em alto e bom som.

Aquilo que enfrentou Jesus nesse período tão curto, mas tão derradeiro de sua vida, se mostra paradigmático para pensarmos a nossa condição humana, várias vezes extremamente solitária, sem socorro e sem perspectiva de nada. Jesus, como todo homem, sentiu em sua pele a experiência do abandono e o sofreu como quem "chora gotas de sangue". É geralmente nessa hora que a maioria das pessoas acaba por se voltar a uma visão infantil a respeito de Deus.

Claro que não há nada de errado em clamar a Deus nos momentos de angústia, clamar a Ele durante a solidão, quando todos nos abandonam, e ver Nele o auxílio bem presente na hora da angústia. Isso é algo que o próprio Jesus fez. A sua oração no Getsêmani exemplifica este ponto: "Passe de mim este cálice", pediu Jesus. Mas ao invés do alívio veio apenas o silêncio de Deus. Entender o silêncio de Deus é algo que muita gente não consegue. Acostumados a ver a Deus como um pai que sempre está presente, o silêncio de Deus incomoda, e o simples fato de pensar que Deus pode se fazer ausente já atemoriza os mais infantilizados.

Se Deus aparece apenas como a projeção do pai, realmente ele não passa de uma ilusão que deve ser abandonada com o desenvolvimento do homem. É a esta conclusão que Freud chegou ao tratar a questão religiosa. Por isso que para ele era muito fácil considerar a religião como uma grande ilusão, pois o crente se coloca como criança diante de um pai que tudo pode e se recusa a encarar a realidade do mundo de forma adulta. É como se precisasse que o pai estivesse sempre presente, pois não consegue andar sozinho. Estabelece-se sempre uma relação ambivalente em relação a Deus para o crente infantil. Ele ama a Deus porque ele o protege, o guarda, mas ao mesmo tempo ele odeia e teme ao pai porque ele o pune e está sempre o vigiando. Deus aparece então como esse ser que não passa das projeções mais infantis do ser humano em relação aos pais.

Jesus nos mostra uma outra relação com o pai. Para além do drama edípico, para além de toda ambivalência em relação ao pai, Jesus encara a Deus como um Outro que não precisa ser temido, que não precisa ser pensado dentro de uma estrutura punitiva, mas também que não precisa ser visto como alguém que sempre está lá. O Deus de Jesus é um deus que é amor, mas por ser amor, é capaz de silenciar diante da dor para que o homem possa experimentar a realidade do mundo por si só. O Deus de Jesus não é um deus sempre presente, mas um Deus que aparece como grande ausência para além de toda projeção. Apenas um deus que ama é capaz de permitir a vivência do outro sem interferência; é capaz de permitir que o homem se responsabilize para com suas decisões sem aparecer como "muleta psicológica" (para usarmos a expressão de Bonhoeffer).

O silêncio de Deus é talvez o grande paradigma desse Deus que é presença de uma ausência. Um deus que não responde, mas permite a dor, o sofrimento, mas também permite a alegria e o riso sem interferências de nenhum tipo, sem milagres, sem metafísica. Um deus que se faz enquanto "sentido para a existência" e por isso mesmo, amor para além de toda ambivalência. O deus de Jesus se mostra talvez como um grande vazio, mas que por isso mesmo é sempre buscado como "a corça anseia por água".

Diante do silêncio de Deus, Jesus poderia simplesmente se negar a continuar o seu martírio, poderia voltar atrás sem precisar sofrer tudo o que sofreu, mas resolveu seguir, pois acreditava a ponto de morrer por aquilo. Acreditava tanto que mesmo diante da morte, da hora mais sofrida de sua vida, foi capaz de dar o salto de fé e dizer "em tua mão entrego o meu espírito", ou seja, mesmo nada ouvindo, mesmo sem nenhuma intervenção, mesmo sem nenhum milagre, mesmo no abandono, Jesus é capaz de se render àquele Deus em quem acreditava, um Deus que não via dentro de uma estrutura ambivalente de amor e ódio, a quem podia chamar Aba Pai, pois não era simplesmente uma projeção paterna, mas um Aba Pai que transcendia uma estrutura edípica e culminava em um amor que não se manifesta enquanto representação, mas enquanto ação para com o outro.

Jesus nos mostra que a relação com Deus deve ser uma relação adulta e não uma relação infantil. Que nossa relação com Deus deve ser capaz de compreender que mesmo no abandono de Deus somos capazes de dar o salto de fé e nos lançarmos em direção a esse Deus, que por ser amor, nos acolherá. Mesmo que nada garanta esse acolhimento, Jesus nos ensina que vale a pena nas mãos de Deus entregar o nosso espírito.

A PROPOSTA DE JESUS PARA A CONSTRUÇÃO DE CASAS

Jesus certa vez disse aos seus discípulos que "todo aquele, pois, que escuta estas minhas palavras, e as pratica, assemelhá-lo-ei ao homem prudente, que edificou a sua casa sobre a rocha; e desceu a chuva, e correram rios, e assopraram ventos, e combateram aquela casa, e não caiu, porque estava edificada sobre a rocha. E aquele que ouve estas minhas palavras, e não as cumpre, compará-lo-ei ao homem insensato, que edificou a sua casa sobre a areia; e desceu a chuva, e correram rios, e assopraram ventos, e combateram aquela casa, e caiu, e foi grande a sua queda" (Mateus 7:24-27).

Gosto de pensar que nesses versículos temos um ensinamento bastante interessante para tempos tão hipermodernos. Basicamente, Jesus coloca duas possibilidades para a construção de uma casa. Ou se constrói sobre a rocha, ou se constrói sobre a areia. A vantagem de se construir sobre a rocha é o fato de que ela suporta as adversidades enquanto a que é construída sobre a areia, não. Ou seja, é muito mais vantajoso construir a casa sobre a rocha se quisermos que tal casa permaneça apesar das intempéries.

Um dado que penso ser curioso é o fato de que a areia das praias é formada a partir da abrasão marinha (força que as ondas exercem sobre as rochas), que é uma espécie de processo erosivo, que deposita seus sedimentos (grãos de areia) na sua planície de inundação (que é a praia). Ou seja, a areia da praia é constituída por pequenas partes de rochas que são "lascadas" pelo tempo e pelo mar, ou seja, pelas intempéries que atingiram a rocha e a fizeram ser depositada na praia.

O que quero dizer com isso é que podemos construir nossas relações tanto com os outros quanto com Deus dentro de uma dessas perspectivas. Podemos construir sobre a areia, ou seja, em alguns aspectos que aparentemente são sólidos, mas que não resistem a nenhuma intempérie, como por exemplo quando nos relacionamos com Deus visando algo em troca, ou quando apoiamos nosso relacionamento naquilo que supostamente Deus pode ou não fazer por mim, se ele fez ou não um milagre em determinado momento, etc. Essas coisas, mesmo tendo um aspecto de "certeza indubitável", não fazem com que a casa construída sobre ela resista às intempéries que a vida traz para o sujeito. Essas construções estão sobre a areia.

Da mesma forma, vários relacionamentos na contemporaneidade se fundam no mesmo princípio. Como tudo precisa ser muito rápido, não se dá tempo para que algo seja construído sobre a rocha, mas as demandas sempre urgentes fazem com que os relacionamentos se baseiem em pequenos pontos de apoio. Esses pontos de apoio dão a impressão de que o relacionamento está sendo construído sobre uma base sólida, mas a própria dinâmica da vida será capaz de mostrar que tal empreendimento tem apenas a aparência de se estar sobre a rocha. Obviamente que a preferência pela construção sobre a areia é devido à facilidade de tal construção. Construir sobre a areia demanda menos esforço, é mais rápido, às vezes até mais barato que uma construção sobre a rocha, o que torna tal empreendimento muito mais atrativo. No entanto, sabemos que a tendência é que esse relacionamento construído sobre a areia da praia não resista às intempéries que lhe sobrevêm. O imediatismo da construção é diretamente proporcional ao imediatismo da ruína.

Dentro do contexto eclesiástico, vi várias casas construídas sobre a areia, sobre emoções, sobre "experiências espirituais". Era tudo muito rápido, era uma espécie de arrebatamento que tomava o sujeito e ele se transformava da noite para o dia. Uma nova casa a cada noite. Com o passar do tempo vieram as intempéries e a casa construída rapidamente logo veio abaixo, pois estava construída sobre a areia. A mesma coisa já vi acontecer com relacionamentos fora do contexto eclesiástico. Tudo acontecendo muito rápido, sem sedimentação, sem diálogo, apenas uma grande "passagem ao ato" típico de um comportamento psicótico. Uma espécie de loucura visando sempre um gozo imediato, mesmo que perpassado por um discurso de "valor do outro" que, a meu ver, várias vezes é esquecido no processo. Novamente uma casa construída sobre a areia e quando é atingida pelas intempéries não tem onde se apoiar e cai. A liquidez tão aclamada pelo Bauman se mostra aqui também. Em uma sociedade líquida, tudo que é sólido realmente se desmancha no ar. Não há tempo para que algo sólido seja edificado.

A construção sobre a rocha se mostra como espécie de subversão em uma sociedade líquida. A proposta de Jesus de uma construção sobre a rocha propõe subverter, dentro do contexto eclesiástico, todo tipo de moralismo que sempre dá um ar de estar firmado em terreno firme, mas se mostra ancorado na areia da praia, ou seja, em fragmentos de rocha. Talvez por isso o critério para saber se algo está na rocha ou na areia seja a "prática". Ou seja, aquele que ouve e pratica está sobre a rocha, quem ouve e não pratica não está. Apenas pela prática é que é possível ver onde está ancorada a casa. Tal proposta já é explicitada nos versículos 16 a 21 do capítulo 7 de Mateus.

Quando penso nos relacionamentos, tanto para com Deus quanto outros tipos de relacionamento, sempre penso que seria muito bom se todos fossem construídos sobre a rocha, ou seja, de forma calma, serena, bem fundamentados, em uma dinâmica que não exigisse pressa, não exigisse "provas", mas a partir do diálogo, a partir de ouvir a palavra, tanto divina, quanto do outro. Um relacionamento baseado em uma troca dialogal que não precisa correr para nada, pois sabe que todo trabalho bem feito demanda tempo, demanda esforço.

A proposta de Jesus realmente parece bem estranha dentro de uma sociedade contemporânea e com certeza vários a acharão "difícil de praticar", mas a meu ver, Jesus nos incita a nos posicionarmos como aqueles dispostos a não sucumbir à dinâmica do "tudo rápido", mas a tomarmos a dimensão temporal como aspecto fulcral da nossa relação com o mundo e não apenas a dimensão espacial onde tudo ocorre sem a presença do tempo.

Que possamos construir nossos relacionamentos tanto com Deus quanto com os outros sobre a rocha. Esse é o convite!

REFLEXÃO SOBRE SALMO 116:11

"E na minha perturbação disse: Todos os homens são mentirosos" (Salmo 116:11).

Estava meditando nos Salmos 115 e 116 hoje pela manhã e dentre tantos versículos belíssimos, esse acima me chamou muita atenção. O salmista em seu momento de aflição expõe um julgamento

sobre o mundo, uma generalização que me fez lembrar muito de como nós mesmos fazemos diante dos momentos de aflição.

Acabamos generalizando nossos momentos como forma de lidarmos com a situação. Nossos olhos ficam condicionados pelo momento que estamos passando. Vemos tudo por meio dessas lentes provisórias e criamos para nós a ilusão de que se dermos uma resposta "definitiva" para todos os nossos problemas, colocando-os em uma espécie de "grande balde", tudo se resolverá.

Generalizamos porque isso nos serve como uma grande defesa. Afinal, se todos são dessa forma, o que sofre faz parte da natureza. Seria assim de uma forma ou de outra. Não raras vezes caímos em um grande sentimento de autodepreciação, em um processo de nos colocarmos como incapazes de mudar ou com pensamentos do tipo: "Os outros nunca me verão de forma diferente, pois sempre foi assim". Essas generalizações da mesma forma que funcionam como formas de defesa, acabam funcionando como grandes armas para nos afligir. Uma defesa que tem em numa espécie de masoquismo a sua grande arma.

O salmista nos mostra que nos momentos de aflição temos tendência a essas generalizações. Quantas pessoas diferentes já ouvi fazendo vários desses discursos em momentos de aflição! Olham para o passado e como as coisas nem sempre caminharam da melhor maneira possível, mas terminaram da forma como não queriam, acabam projetando que no futuro as coisas acontecerão da mesma forma. Esquecem-se de que a cada novo dia novas oportunidades aparecem, novos horizontes se abrem. Esquecem-se de que a generalização acaba sendo uma grande perda de tempo na busca de encontrar um sentido para a situação, embora seja a primeira que aparece no cenário.

O sentido de determinada situação deve sempre ser buscado, mas a generalização não parece ser o melhor caminho para se obter isso, pois apenas exacerba o nosso atual momento de forma a não nos possibilitar sair dele, mas apenas nos afundar em um grande processo de generalizações.

A generalização, na lógica, se constitui em uma grande falácia, pois ao generalizar acabamos chegando a conclusões que não me são permitidas a partir das premissas ou dados que possuímos. A generalização se torna uma grande tentação na busca da resolução de um problema ou, no caso da lógica, na resolução de um silogismo. Geralmente é um péssimo passo argumentativo, pois os dados não nos permitem afirmar o que a generalização pretende.

No entanto, temos a tendência a generalizar as coisas. A generalização torna tudo mais fácil. Ao invés de nos abrir para o novo ela nos encerra em uma espécie de repetição *ad infinitum* do mesmo.

O salmista no momento de aflição também sucumbe à tentação e generaliza o mundo ao seu redor, afinal, se todos os homens são mentirosos, a sua situação encontra uma resposta. A situação se encerra e me permite me isentar da minha responsabilidade diante dela. A generalização me leva não raras vezes ao comodismo. E essa talvez seja a ruína que vem com a promessa de uma suposta resposta definitiva para o momento.

Que o nosso desafio seja o não generalizar nossas situações, que seja o de nos abirmos para os possíveis horizontes que se nos apresentam e que as generalizações insistem em negar. Que ao invés das generalizações que nos encerram diante da mesmice, possamos nos abrir para a esperança do provisório e encarar os fatos que nos assolam no momento como possibilidade de um outro algo que as generalizações não são capaz de prever.

O LAVA-PÉS E O BOM SAMARITANO – REFLEXÕES SOBRE O AMOR CRISTÃO

"Senhor, tu lavas-me os pés a mim?" (João 13:6)

"Qual, pois, destes três te parece ter sido o próximo daquele que caiu nas mãos dos salteadores?" (Lucas 10:36)

Muito se fala sobre o amor dentro do cristianismo e realmente é algo que deve sempre ser falado, afinal esse é o núcleo de toda a proposta cristã. Queria fazer uma breve reflexão sobre esses dois versículos que coloquei no início desse texto.

Em relação ao primeiro versículo, ele nos remete a uma cena muito conhecida no cenário cristão: a cena do lava-pés. Nesse episódio, Jesus, próximo à Páscoa, se propõe a lavar os pés dos seus discípulos antes de comer a refeição com eles, o que gera uma grande estranheza em todos. O primeiro versículo é uma fala de Pedro se colocando veementemente contra a proposta de Jesus no momento.

Logo após esse episódio, Jesus afirma que um dentre os discípulos o trairia, o que nos remete à simples ideia de que qualquer um a qualquer tempo pode nos ferir mesmo depois de termos feito o melhor que pudéssemos fazer.

Nem todo serviço gera uma obrigação de retribuição e talvez por isso a proposta do amor gratuito do Cristo. Mesmo lavando os pés de seus discípulos, alimentando-os, escolhendo-os, transformando-os em pessoas de destaque nas regiões vizinhas, trazendo uma dignidade maior a eles, ainda assim um dentre eles o trairia. Ou seja, a gratuidade do nosso amor nem sempre leva o outro a nos retribuir pelo que fizemos, mas isso em nada invalida o nosso amor pelo outro.

Outro exemplo muito bom dessa proposta de amor gratuito do Cristo reside na parábola do bom samaritano que provavelmente todos já ouvimos em algum momento da nossa vida. A parábola do bom samaritano conta a história de um homem que estava caminhando por um determinado caminho quando é assaltado por um grupo que o machuca e o deixa semimorto, caído à beira da estrada. Passam por ele um levita e um sacerdote que não o ajudam, mas depois passa um samaritano que o ajuda e cuida dele com todos os cuidados possíveis.

Algo interessante na parábola do bom samaritano é o fato de que o que gerou a parábola foi a pergunta de um doutor da lei. A pergunta era "o que farei para herdar a vida eterna?". Pergunta simples, mas ao mesmo tempo complexa, que ao mesmo tempo revela uma dinâmica de preocupação com a lei por parte do doutor (a qual Jesus sacia ao mostrar que o que o doutor anda fazendo está realmente de acordo com a lei), mas ao mesmo tempo revela uma dinâmica bastante infantil de encontrar uma resposta totalizante para toda a ação possível. O anseio de um caminho único por onde eu possa trilhar e ter a certeza de que por ali nenhum mal me tirará dele. Desejo infantil de onipotência (desejo esse que Jesus não sacia).

No final da parábola, Jesus pergunta ao seu interlocutor: "Quem foi o próximo daquele que foi ferido?". Pergunta bem estranha se notarmos que o que gerou a parábola foi a pergunta "O que farei para herdar a vida eterna?". Esperaria-se que se perguntasse quem foi o próximo para o samaritano e não para o ferido. O ferido não fez nada a não ser aceitar o amor proposto pelo samaritano. Ao perguntar quem foi o próximo para o ferido, Jesus está mostrando que o amor ao próximo não consiste sempre em um "fazer para o outro", mas inclui o "deixar que o outro faça algo por mim". Uma proposta onde o amor fosse sempre ativo daria ao doutor da lei a impressão de que a vida eterna é alcançada dentro da dinâmica da retribuição. No entanto, Jesus aponta para a dimensão da passividade do amor que deve ser recebido em alguns momentos da nossa vida. Amor como dom imerecido, do qual nada precisamos fazer para merecer, que nos garante uma identidade enquanto humanos, que não visa retribuição. Amor que supera uma mera dimensão narcísica projetiva que nos leva sempre a nos amarmos no outro. O deixar o outro fazer algo por nós permite que unamos amor e graça.

Esse exemplo de amor também é visto no episódio do lava-pés que Jesus faz com seus discípulos antes do anúncio que um deles o trairia. Pedro se coloca veementemente contra a proposta de Jesus lhe lavar os pés, demonstrando dessa maneira essa dificuldade em "deixar o outro fazer algo por ele", e a resposta de Jesus remonta novamente a essa passividade exigida pelo amor. "Se eu não lhe lavar os pés, não tem parte comigo." Ou seja, "se não me deixar ser aquele que faça algo por você, será como alguém que quer apenas polarizar a relação, me tornando sempre alguém abaixo de você."

Para que amemos um ao outro a igualdade tem que estar pressuposta. Apenas dessa forma o próximo pode ser amado como a mim mesmo não meramente como projeção narcísica, mas para além dela. Tomar o amor sempre como algo ativo não raras vezes me causa a ilusão de que posso estar no controle da situação, posso sempre ser aquele do qual os outros dependem sem nunca precisar depender de alguém e sabemos que o amor passa longe dessa dinâmica. Para isso, basta lembrarmos que o grande ato de amor do Cristo foi uma entrega. Um ato que remete a um deixar-se.

No lava-pés, Jesus nos demonstra a dimensão do amor que faz pelo outro sem esperar nada em troca, ou melhor, que faz pelo outro mesmo sabendo que algum dos próximos poderia trai-lo em algum momento. É uma atividade visando o bem do próximo. Na parábola do bom samaritano, Jesus nos mostra que o amor também possui uma dimensão passiva, que é o fato de "deixar o outro

fazer algo por mim", que me tira da tentação de estar sempre no controle da situação e me coloca como um igual diante do meu semelhante.

Ao unirmos essas duas dimensões do amor que Jesus nos coloca, somos capazes de entender em que consiste o amor cristão. É um amor que não visa apenas a um "acúmulo de atos", mas visa uma dimensão passiva, que coloca o outro no centro da proposta, mas agora não apenas um outro a quem devo sempre ajudar, mas a um outro que me constitui como sujeito a partir do momento que me deixo ser amado por ele.

DEUS E A AMIZADE: UMA PROPOSTA TEOLÓGICA

Sempre haverá dias piores que outros. Feliz é aquele que durante as inúmeras tormentas da vida pode ser acompanhado por amigos.

Mesmo que a tormenta pareça não passar nunca, ainda assim a presença desse outro (ou desses outros), fará com que a água que cai não fira como canivete cortante, mas seja vista como um possível refrigério para o corpo e para a alma abatida.

Os amigos às vezes me lembram a figura judaico-cristã de Deus. Eles trazem à existência coisas que não existem. Do nada, eles dizem: "Haja luz" e o mundo antes "sem forma e vazio" se transforma em possibilidades, em vida, etc.

A chuva que castigava se transforma em orvalho que rega. O vazio se preenche pela palavra da esperança. As trevas se dissipam pela chegada da luz.

Tudo isso pelo simples poder da palavra. Talvez daí possamos entender um pouco as palavras dos salmos reproduzidas pelo Cristo: "sois deuses". O Deus que conheço acaba por remeter a esse outro que age como quem cria, que tem no momento uma esfera de ação maior que a minha, mas nem por isso me abandona ou age como os deuses de Epicuro que estão preocupados apenas com seus afazeres.

Esse deus se assemelha muito mais ao "Deus dançante" de Nietzsche, ao deus "pai que ama" do Cristo. Deuses dispostos a caminhar conosco, dançar conosco, chorar conosco, dispostos a nunca nos abandonar por mais difícil que seja a caminhada.

Talvez isso seja o mais próximo que consigo pensar sobre Deus hoje. Um deus que se faz presente não como "entidade metafísica", mas como ser que caminha, que dança comigo. Penso que Jesus, ao dizer "não vos chamo mais servos, mas amigos", propunha subverter a relação imaginária proposta pelos discípulos em relação a ele. A proposta estava agora não mais pautada em uma subserviência pautada no medo/culpa, mas em uma relação baseada na igualdade entre as partes. A distância antes tão marcada é mitigada na relação da amizade.

Mostrando essa dimensão da amizade, Jesus propõe uma nova visão sobre Deus. Não o Deus projeção do pai severo, mas Deus como ser próximo que caminha comigo, um deus que por isso sempre está comigo, que permite ao salmista dizer que "ainda que ande pelo vale da sombra da morte" ele não temerá mal algum.

Em Jesus realmente Deus se encarna, torna-se homem, mas não penso que isso seja do ponto de vista literal. Penso que Deus se humaniza na figura do Cristo, e a partir dessa humanização, ele nos

mostra que somos capazes sim de vivermos com Deus não de uma forma distante, mas de forma próxima. Dessa forma, Deus não se torna mera projeção humana como propunha Feuerbach, nem ao mesmo tempo uma entidade metafísica distante. Penso que, na proposta do Cristo, Deus se torna esse amor que nos move em direção ao outro, pois vemos nesse outro um pedaço desse Deus perdido tipificado na história do Éden.

Talvez a amizade, além de ser uma condição para a vida feliz, como já nos dizia Aristóteles, seja um bom paradigma para pensarmos a relação homem/Deus. Fica aqui talvez uma proposta teológica...

OS REIS MAGOS E A SIMPLICIDADES

Ouro, incenso e mirra.

Símbolos da realeza, mas também símbolos de uma jornada que só é possível quando se faz junto. Símbolos de uma caminhada rumo a um destino desconhecido, símbolos de uma fé pura que não precisa de nada mais que um mero brilho de uma estrela para que algo faça sentido.

Símbolos que remetem a uma grande aposta em direção ao desconhecido e é recompensada com um compartilhar de momentos de alegria e felicidade. É recompensada com a vista de um simples menino deitado em uma manjedoura com seu pai e sua mãe ali sem muito a oferecer.

"Um menino vos nasceu". Algo tão simples, tão corriqueiro, mas que ganha uma dimensão completamente diferente para os que creem.

A simplicidade da recompensa nos remete ao fato de que talvez nem precisasse de uma recompensa para que a caminhada fizesse sentido. A travessia rumo a esse algo prometido já era o suficiente.

Agora, o encontrar o menino deitado na manjedoura, encontrar o símbolo da salvação de Deus vinda aos homens no final de uma jornada pelo deserto é mais do que qualquer viajante poderia esperar. O que resta a fazer senão depositar os presentes perante a manjedoura?

Ouro, incenso e mirra. Símbolos que podem ser deixados, pois os magos encontraram o que tanto procuravam.

Diante do Sentido o símbolo se esvai e tudo ganha nova dimensão. Os magos saem diferentes, o mundo está diferente.

NÃO TEMAS PORQUE EU SOU CONTIGO. REFLEXÃO SOBRE ISAÍAS 41:10

Diante do caos que parecia eminente e que nada seria capaz de acalmar ou remediar, surge uma voz que dizia: "Não temas porque eu sou contigo, não te assombres porque eu sou teu Deus. Eu te fortaleço e te ajudo com a destra da minha justiça" (Isaías 41:10).

Assim, em meio ao cativo onde nada mais parecia se vislumbrar, a voz de Deus ressoava na boca do profeta. Era talvez como uma brisa suave, que assim como com Elias, o tomava sem esperar e o surpreendia, pois estava acostumado apenas com gestos grandiosos de um "deus dos exércitos".

A voz soava, ecoava, trazia palavras de esperança, palavras de conforto que faziam o povo acreditar que nem tudo estava perdido. Acreditar que por mais que pareça que tudo esteja desmoronando ao nosso redor, ainda assim é possível uma palavra de esperança, ainda assim é preciso crer que o futuro será melhor que o passado.

A voz de Deus naquele momento não era um convite à apatia, ou um convite a simplesmente "se entregar" e deixar que tudo se resolva. Era exatamente o contrário. As palavras ditas pelo profeta eram para aqueles que continuavam a seguir no caminho. A fala do profeta fala de um Deus que os fortaleceria, ou seja, de um Deus que andaria com eles pelo caminho, mas em momento algum de um Deus que tomaria conta de tudo, como quem assume a responsabilidade por nossas ações. O Deus que fortalece e ajuda é um deus que caminha junto.

Pelo fato de caminhar junto no caminho é possível a Ele dizer "não temas", é apenas porque ele estará conosco durante todo o percurso que podemos crer e não temer. Uma promessa deixada apenas no campo da palavra em nada mudaria a vida do povo. Basta nos lembrarmos do caminho de Emaús, onde a companhia, o gesto, permitiu aos discípulos o entendimento da situação. O caminho de Emaús precisava ser trilhado, assim como nós precisamos trilhar vários caminhos durante nossa vida. Às vezes eles serão tortuosos, às vezes serão mais planos, mas a confiança que temos é que Ele estará conosco enquanto caminhamos.

Curiosamente, Ele chega até nós no caminho como mais um que caminha, como alguém que quer estar perto, quer ser parte da caminhada. Ele chega como um amigo, como irmão, como simples homem frágil que tem que caminhar para o seu destino. Longe das intervenções metafísicas, longe dos barulhos, alardes, etc. Uma chegada simples como a brisa com Elias, simples como um homem montado no jumentinho, simples como as pombas. E na simplicidade de um amigo que caminha junto Ele se mostra e diz novamente para nós: "não temas porque eu sou contigo."

AINDA SOBRE ISAÍAS 41:10

Ainda pensando no texto de Isaías 41:10, percebemos que o deus que fortalece e ajuda, o faz fazendo uso da justiça. O conceito de justiça é bastante complicado, pois traz à tona uma série de discussões tanto filosóficas quanto teológicas. Ainda mais sabendo que a justiça de Deus não é a justiça dos homens, tal conceito entra em um terreno árido e o diálogo se torna bastante complicado. Obviamente que o intuito aqui não é definir o que seria justiça, nem muito menos abordar a questão do ponto de vista nem teológico e muito menos filosófico.

O que podemos dizer da justiça de Deus? Geralmente o que vemos é puro antropomorfismo aplicado a Deus. Esquecemos que o relato mais claro da justiça de Deus se faz presente na fala do Cristo que nos diz: "Nem eu tão pouco te condeno, vá e não peques mais". Essa justiça que não visa nada em troca, que perdoa os pecados gratuitamente, que não gera débito e que ainda é oferecida universalmente, é algo raramente associado como ideal de justiça divina. A imagem que geralmente ouvimos por aí é a de um Deus que cobrará todo o bem e todo o mal no final, fazendo com que a vida do "servo" seja realmente a vida de um "servo sofredor", para usarmos a paráfrase de Isaías 53. A vida do homem passa a ser a vida de um eterno devedor que nunca terá como pagar aquilo que deve.

A justiça vinculada à graça subverte o nosso conceito de justiça e por isso é melhor pensarmos em um Deus que no final será o justo juiz. Coisa interessante que ouvimos por aí é aquela história de "Deus é amor, mas também é justo". A noção de adversidade é tão nítida que parece ser impossível vincularmos de forma aditiva a noção de amor e justiça. É como se a ideia de "Deus corrige a quem ele ama" fosse a regra para pensarmos a noção de justiça para com Deus.

Mas não será a correção de Deus uma atitude de graça para com a pessoa que permite que ela faça de forma diferente aquilo que ela fez?

É como se naquele "vá e não peques mais" estivesse o auge da justiça divina que vê o homem como falho, mas ao mesmo tempo permite uma nova chance, não encerrando cada ação como última, mas abrindo sempre a possibilidade para o novo. A justiça aqui se liga ao amor, se liga à liberdade, se liga à autonomia do homem de fazer e refazer suas ações.

Deus é amor e é justo, e só é justo porque ama. Prefiro pensar a justiça de Deus mais vinculada ao amor do que à punição. Prefiro pensar em um Deus que nos dá outra chance do que pensar em um que anota os erros e acertos em um caderno para depois cobrar tudo no final. Um deus que possui um caderninho onde anota as dívidas e os acertos é um deus capaz de barganha. Talvez por isso a

ideia deste deus "dono do armazém" seja tão aclamada por vários pregadores em tantos lugares. Se esse deus é capaz de barganhar, então é possível que eu possa fazer algo para que ele me conceda o que peço, ou quem sabe Ele verá que eu fui um "bom menino" e me dará aquilo de que eu preciso.

As palavras do Eclesiastes que dizem "há justo que perece na sua justiça, e há ímpio que prolonga os seus dias na sua maldade" (Eclesiastes 7:15) soam estranhas a um sujeito que lida com um Deus que barganha. O que o Eclesiastes evidencia nesse pequeno fragmento é algo que vemos todos os dias, ou seja, que as coisas nem sempre funcionam como achamos que elas deveriam funcionar, e nem por isso elas estariam "fora" da justiça divina, embora seja muito mais simples pensar em um Deus que recompensa quem faz o bem e pune quem faz o mal.

Curiosamente, por mais que se fale de "graça", "redenção" e outros termos tão caros ao discurso do Novo Testamento, a lógica de pensamento sobre a questão da justiça continua sendo o Deuteronômio. O capítulo 28 então é o preferido de todos que querem tornar Deus um juiz que tem a lei em uma mão e o desejo incontrolável de punir os outros na outra mão. A grande condicional com a qual o Deuteronômio inicia sua lista de "bênçãos" e "maldições" é sempre evocada para que o homem se sinta responsável pelas bênçãos ou pelas maldições que sobrevierem sobre ele. Nunca ouvi ninguém comentando sobre o papel de Deus nesta história do Deuteronômio e acredito que a maioria das pessoas não presta muita atenção a isso quando lê o texto.

A doutrina da retribuição como teologia vigente da época deuteronômica impede que Deus seja visto para além dessa teologia, ou seja, o deus de Israel tem que ser o Deus que retribui ou que pune para que a coisa funcione. Se não for assim, a coisa desanda. Apenas com o passar do tempo, com o desenrolar da história do povo de Israel, com as diversas críticas feitas a essa teologia (como exemplo, podemos citar os livros de Jó e Eclesiastes que fazem severas críticas à doutrina da retribuição) é que é possível entendermos o discurso do Cristo e posteriormente o discurso de Paulo sobre a graça de Deus que subverte o conceito de justiça como retribuição. Um longo caminho teve que ser trilhado para que a noção de amor se fizesse sobressair sobre a noção de retribuição. Obviamente que já vemos nos Salmos, Provérbios e vários profetas do Antigo Testamento esse Deus de amor se revelando, o que vai contra a ideia muito difundida que o Deus do Antigo Testamento seria um Deus punidor e o Deus do Novo Testamento um Deus de amor.

O conceito de justiça perpassa todo o texto bíblico e é bastante interessante pensarmos em seu desenrolar à medida em que o povo de Israel vai enfrentando novos desafios, novos exílios, novas batalhas. Assim como qualquer conceito é fruto do seu tempo, o conceito de justiça vai sofrendo uma grande mudança no texto bíblico. Esta transição é várias vezes negligenciada por alguns que

insistem em fazer de Deus um sujeito carrasco que apenas quer coisas para nos dar outras. Presos à visão arcaica de Deus, esquecem do desenvolvimento do conceito de justiça que tem no amor o seu vínculo último.

Talvez só assim possamos pensar como Deus nos fortalece com a destra da Sua justiça. Ou seja, ele nos permite refazer nosso caminho quantas vezes forem necessárias, pois ele sabe que nesse refazer o nosso caminho estão envolvidos a nossa liberdade, a nossa autonomia e o mais importante, o Seu amor que é fonte da Sua justiça. E durante o caminho, por mais escuro que seja, ele está sempre dizendo para nós: "Não temas porque eu sou contigo".

O JUIZ, O GENERAL E O OUTRO

Cada um enxerga o Deus que quer, mas não apenas o Deus que quer, mas o deus que lhe é ensinado. Alguns são ensinados que Deus é um grande juiz que tudo vê o tempo todo, que está sempre pronto a encontrar uma falha para nos punir e nos condenar ao inferno eterno, ou então nos recompensar por todo o bem que fizemos na Terra durante nossa pequena jornada por aqui.

Esse deus que administra uma balança e pesa todo o bem e todo o mal e feito é bem recorrente nas várias falas que ouvimos por aí em diversas igrejas, discursos, etc. A meu ver, essa visão coloca a questão da salvação de uma forma bem simples. Vira uma questão de meritocracia aplicada à alma. Se você fez o bem, será recompensado, se fez o mal, sofrerá as punições. Tipicamente a teologia da retribuição/deuteronômica tão criticada já nos textos de Jó e Eclesiastes.

Essa mudança da forma de ver Deus acontece até mesmo no próprio texto bíblico. O "Senhor dos exércitos" é a forma como o povo de Israel via o seu Deus. Tanto que se notarmos o texto bíblico no Antigo Testamento, veremos que as constantes guerras se davam entre os povos, mas entre os deuses dos povos também. O exemplo clássico de Elias contra os profetas de Baal tipifica esta relação muito bem. A questão ali era saber quem era o deus mais poderoso; ou seja, o deus mais poderoso seria aquele que mandaria o fogo dos céus e queimaria as ofertas do altar. Dessa forma, o "senhor dos exércitos" tinha sempre que dá mostras do seu senhorio a cada batalha, e não raro vemos deus sendo descrito como um general que daria as estratégias ao povo de Israel para que estes ganhassem a batalha.

Essa visão sobre Deus condiciona também o que pensamos que Ele possa querer de nós. Se notarmos bem, não há uma proposta de "evangelização" no Antigo Testamento. Os povos derrotados geralmente eram eliminados, pois eram vistos como rebeldes e desobedientes. Não há uma tentativa de converter os povos derrotados, é como se o senhor dos exércitos não tivesse interesse em novos guerreiros. Podemos notar que a imagem de Deus para o povo de Israel é a de um Deus que comanda seu povo, é um Deus general, que funciona como legitimador das guerras por território. Talvez, no Antigo Testamento, apenas em alguns dos salmos de Davi podemos ver essa imagem se esvaindo e se tornando mais intimista.

É bastante óbvio que a imagem que temos de Deus é fundada a partir da cultura que vivemos. Seria até interessante pensar hoje a relação ou até mesmo a volta da doutrina da teologia da retribuição sob o nome de teologia da prosperidade à luz da presença massiva do capital em praticamente todos os setores da vida.

É como se, de alguma forma, a teologia da prosperidade não mais precisasse de Deus para fazer efeito, mas apenas do pressuposto que a meritocracia é um bom meio para as coisas se encaixarem. Se antes a teologia da retribuição colocava tudo nas mãos de Deus, chegando várias vezes a negar a própria vontade do homem em nome da vontade de Deus (doutrina próxima à defendida por Calvino), a teologia da prosperidade coloca Deus na mão do homem. De doador, Deus passa a ser visto como serviçal que há muito tempo atrás teria feito uma promessa de honrar o mérito do seu senhor. Essa perversão da noção de "servo" na relação para com Deus é algo bem comum hoje em dia, principalmente nos meios neopentecostais.

Essas diversas visões a respeito de Deus poderiam ser multiplicadas *ad infinitum* tanto no texto bíblico, e daí mostrar suas evoluções, quanto se considerássemos outras culturas ou outras religiões. Essa tarefa, por mais interessante que seja, é impossível de ser tratada neste pequeno texto.

Para mim, as duas formas que o texto bíblico expressa de maneira mais "universal" a imagem de Deus é na fala do salmista que diz: "Oh Deus, tu és o meu Deus e eu te busco intensamente" (Salmo 63:1 – NVI). Ou seja, Deus é sempre o meu Deus, pois sempre o vejo de forma diferente e nova, pois ele se revela para mim sempre de forma diferente e nova. Eu sempre me relaciono com ele a partir das minhas vivências, a partir daquilo que me ensinaram. O meu Deus só passa a ser "pai nosso" quando encontramos alguém que o vê parecido como nós o vemos. Quando somos inseridos em uma cultura que nos diz que "deus é assim". Deus nunca é igual para mim e para o outro, mas é parecido. Deus é sempre uma experiência particular que toma sentido a partir do outro.

A segunda, e talvez a definição mais simples, é a de João que afirma que "Deus é amor" (I João 4:8), ou seja, Deus é sempre incompleto, pois o amor é sempre incompleto, sempre está pronto para se doar, para abrir concessões, para se expandir. O mesmo penso eu a respeito de Deus. Deus é este inominável que se mostra a partir do amor ao próximo, que se mostra no amor à terra, que se abre ao outro se doando sem nada esperar receber. Talvez por isso a definição mais simples seja a mais complicada no final das contas. Daí talvez que as diversas formas de enrijecer a imagem de Deus sejam sempre uma espécie de atentado à liberdade do amor que se encontra em todos.

Por isso que Deus é sempre meu Deus, mas ao mesmo tempo é sempre "Pai nosso", visto sempre em pequenos traços, mediado pelo meu contato com o próximo a quem sempre posso levar amor, fazendo com que Deus se mostre para o outro de forma sempre nova.

No final então, nem o juiz, nem o general, mas apenas um grande outro que se revela sempre de forma nova, dando sentido à existência.

O ATALAIA

Nem sempre os ouvidos atentos encontram ouvidos atentos
Afinal, quem vigia o atalaia enquanto ele faz o seu trabalho?
Não existe o atalaia do atalaia, mas ele sempre está sozinho.
E talvez apenas por estar sozinho é que seja capaz de ser um atalaia.

O atalaia olha para todos os lados, exceto para dentro de sua fortaleza
E aí, bem dentro do seu lugar, se encontra o objeto que lhe causa angústia
Nada ele pode fazer pois nunca encontra com este objeto,
Já que seus olhos sempre estão fixos na cidade.

O atalaia cumpre seu papel de olhar para fora,
Mas sob a pena de nunca olhar para dentro
Nas vezes que o faz, raramente encontra alguém para ouvir seus gritos
Novamente está sozinho.

O atalaia sempre tipifica nós mesmos.
Estamos sempre de olho na cidade, sempre de olho nos perigos que vêm de fora,
Mas raramente olhamos para dentro da nossa fortaleza
De onde talvez virão os maiores perigos.

E quando o atalaia olha para dentro e quer erguer sua voz para alguém
Não raro encontra o nada como ouvido atento.
E novamente está sozinho.

TRABALHO, INTERNET, PARADOXO

Sei que já se tornou um grande clichê falar do paradoxo aproximação/afastamento provocado pela Internet, mas olhando para trás, em minha trajetória em diversos empregos, é muito claro para mim o afastamento que a Internet provoca, criando a ilusão de proximidade. Cito apenas dois exemplos de dois lugares onde trabalhei.

Há cerca de uns 10 anos, eu trabalhava em um lugar onde tinha-se muito pouca coisa para fazer. O trabalho propriamente dito era uma parte esporádica do dia e na maior parte do tempo ficávamos apenas lá, à espera de alguém que procurasse o setor para resolver alguns problemas. Pouquíssimas pessoas chegavam e, na maior parte das vezes, em uns raros momentos havia "horários de picos" que eram facilmente resolvidos por quem trabalhava lá.

Um dado que acho importante ressaltar é que no setor trabalhavam uma média de 10 pessoas entre chefia, auxiliares administrativos, vigilância, etc. No entanto, havia apenas 1 computador no setor. Esse 1 computador ficava na sala do chefe e era usado para os lançamentos de dados nas planilhas e os acessos à Internet que alguém quisesse fazer. A meu ver, o fato de haver apenas um computador e este ficar na sala do chefe propiciava para os funcionários um tempo de conversa entre si que não aconteceria se cada um tivesse um computador à sua disposição. Como não havia muito para fazer em questões de trabalho, e não havia um computador para cada pessoa de forma a cada um se distrair com seus afazeres particulares, restava à maioria o convívio pessoal regado a muita conversa e cafés.

Esses momentos de conversa eram muito bons na maior parte do tempo e nos fazia entrar em direto contato com o outro e desenvolver uma verdadeira amizade que cooperava muito para o bom andamento do setor. Nos diversos diálogos que tínhamos éramos capazes de compartilhar dificuldades de casa, estudos, e também marcarmos de sair, ir à casa um do outro, enfim, desenvolver uma amizade que transcendia a esfera do "mundo do trabalho".

Atualmente, trabalho em outro lugar onde também há muito pouca coisa para fazer. O trabalho aparece em pequenos momentos também e raramente temos horários de pico onde uma ação mais efetiva seja necessária. São também uma média de 10 pessoas no setor, mas ao contrário do primeiro exemplo, cada um tem seu próprio computador com conexão à Internet e isso, a meu ver, provoca um grande afastamento nas relações humanas. Já trabalho nesse setor há 6 meses e conheço muito pouco a respeito das outras pessoas que trabalham comigo. Não sei direito onde moram, nem se têm irmãos, família, se preferem churrasco ou saladas, se são cruzeirenses, atleticanos ou se nem ligam para futebol, etc. Praticamente não sei nada sobre as pessoas que trabalham comigo. A meu

ver, isso se deve em grande parte ao fato de na maior parte do tempo cada um estar preocupado com sua conta no Facebook, sua série americana preferida, seus livros, e tudo isso facilitado pelo simples fato de ter um computador conectado à Internet bem à sua disposição.

Nesse caso, a Internet promoveu um grande afastamento das relações humanas. É como se elas não precisassem se relacionar no mundo do trabalho. Não é porque elas têm muita coisa para fazer, ou estejam passando mal, ou coisa do tipo, é simplesmente a grande ausência de interesse pelo contato com o outro que acaba sendo substituído pela Internet muito facilmente. Há toda uma concepção de diferenciação entre o "mundo da vida" e o "mundo do trabalho".

Esse afastamento acaba propiciando um ambiente de trabalho um tanto quanto "mecanizado" onde se perde um certo "quê" de "humanidade". Entramos e saímos sem trocas simbólicas, apenas "fazendo nosso trabalho". Essa ausência de troca simbólica, a meu ver, é prejudicial e é algo que precisa ser mudado para um funcionamento mais humanizado do setor.

Como todos sabemos, o grande paradoxo da Internet consiste em nos aproximar do mundo e nos afastar das pessoas próximas, dificultando as trocas simbólicas que envolvem um outro que não eu mesmo narcisicamente projetado em relacionamentos virtuais. Para mim, esse distanciamento se faz notar de forma muito nítida a partir desses dois exemplos tirados da minha experiência. Obviamente que eu mudei, que as pessoas mudaram de um lugar para outro, mas o que se perdeu não tem a ver com as mudanças das pessoas, mas com a mudança das "formas" de relacionamentos criadas hoje, que várias vezes têm muito pouco de "relacionamento" e mais de "ensimesmamento". Este "ensimesmamento" acaba isolando o sujeito do mundo humano, configurando não raras vezes em um grande vício que, se atentarmos bem, funciona de forma parecida com uma droga na qual o sujeito se isola tentando narcisicamente encarar o mundo sem o outro.

DIGRESSÕES

Que houvesse flores em todo o canto e nada as impedissem de crescer.

Nada o impedisse de crescer.

Diante da beleza, o que resta é apenas o silêncio.

Como bons místicos que finalmente se entregam diante do nada e tudo ao mesmo tempo onde o que resta é apenas o Eu diante do mistério.

O paradoxo do silêncio que invade a alma e faz vir a paz que excede todo entendimento...

A contemplação da vacuidade, mas ao mesmo tempo, a percepção do propósito...

A entrega.

A aposta.

A fé.

UM PEQUENO GESTO COMO SUBVERSÃO

Às vezes não é necessário muito para fazer uma pessoa feliz. Os pequenos gestos fazem toda a diferença em qualquer relacionamento, seja ele um namoro, um casamento, uma amizade. E talvez o fato dos pequenos gestos fazerem tanta a diferença é que geralmente eles vêm em horas que você não está esperando. Essa surpresa dos gestos simples é realmente encantadora.

Os pequenos gestos, talvez por serem pequenos, geralmente vêm de quem se importa. Raramente uma pessoa que não dá a mínima pra você fará um gesto pequeno que mudará o seu dia. Primeiramente, porque apenas quem está próximo será capaz de sentir sua falta. "Segundamente", porque para que o gesto ocorra é preciso que você ocupe um lugar no coração do outro que várias vezes não é preenchido por ninguém mais. Não que isso o torne mais especial que outras pessoas, mas isto te torna único no coração do outro.

O gesto simplesmente acontece e você fica ali, sem ter palavras para dizer o quanto tal gesto significou para você em um determinado momento de sua vida. Poderia ser uma ligação, um e-mail, mas era uma pequena mensagem que, de tão simples que era, fez toda a diferença na minha tarde. Era apenas uma mensagem, mas que trazia consigo todo o carinho, toda a preocupação, toda uma história de uma saudável amizade. E o que mais me impressiona é o que motivou tal mensagem. O que a motivou foi um pequeno comentário meu sobre uma situação minha. Isto fez o coração desta outra pessoa se mobilizar de tal forma que mesmo distante fisicamente, sua presença se faz mais constante que várias.

Ser um outro para o outro está cada vez mais difícil em uma sociedade tão narcísica como a nossa, onde cada um preocupa-se apenas com seus problemas, onde o outro some muito facilmente, pois com ele vem uma demanda que não é o "eu mesmo" e dessa forma não é digno de importância. Um lugar onde esse narcisismo se mostra de forma clara é o das redes sociais.

As redes sociais ao mesmo tempo em que visam aproximar as pessoas uma das outras por meio da tecnologia promovem uma completa "monadização" massiva. Isto é, pequenas mônadas, aparentemente completas em si mesmas compartilhando, tuitando coisas que na maioria das vezes passam apenas uma imagem (e muito distorcida) da pessoa que posta ou tuita um assunto. Dentro desse contexto, é muito fácil ser uma pessoa legal, inteirada, com visões políticas atuais, sem preconceitos, livre de todas as amarras, que lê apenas coisas interessantes, que tem amigos legais, que tem posições políticas interessantes, vanguardistas, reformistas, esquerdistas, que é a favor da homossexualidade, pansexualidade, teoria *queer*, que é favor da não-discriminação dentro do futebol, que é favor do feminismo, contra o machismo, contra a igreja, a favor dos médicos

cubanos, etc... Curiosamente, os mais "vanguardistas" do mundo cibernético assumem quase sempre a posição *mainstream* dos meios cibernéticos e não raras vezes vemos se formar aí um discurso extremamente fundamentalista em torno de alguns assuntos. É como se a "mente aberta" do vanguardista só se comportasse assim na presença do que pensa igual e nunca com o que pensa diferente. A meu ver, isto é um estranho paradoxo.

É fácil ser qualquer coisa no mundo cibernético, e isso a meu ver faz com que cada vez mais o sujeito perca a dimensão do outro em meio a tantos posicionamentos, em meio a tantos subterfúgios para sempre parecer "in" sobre todos os assuntos. A busca por uma espécie de aceitação (na defesa das posições *mainstream*) acaba fazendo com que o sujeito se volte apenas para si, apenas para sua autoimagem reproduzida em sua *timeline* e, nesse contexto, o outro some em meio ao narcisismo da aparência promovido em grande parte pelas redes sociais.

Mas, ao mesmo tempo, esse tipo de comportamento nas redes sociais mostra uma dinâmica muito hipermoderna: o simples fato de ver como negativa toda forma de limite. O limite é encarado como algo prejudicial, pois cerceia o sujeito de alguma forma. Instaura-se uma espécie de "cinismo contemporâneo" onde o que se coloca como ideal é a completa ausência de leis, a completa ausência de limites, e isso visto como uma espécie de liberdade (para quem não se lembra, o cinismo é uma escola helênica que pregava uma espécie de "prazer desmedido". Eles se consideravam cidadãos cosmopolitas e por isso afirmavam que não precisavam respeitar nenhuma lei da sua cidade, daí faziam o que queriam, qualquer coisa que lhes desse prazer. Assim veio o nome "cínico" que em grego seria algo como *Kynikós*, que significa "cachorros").

Dessa forma, se evidencia nesse meio cibernético algo que podemos chamar de "narcinismo", ou seja, um narcisismo cínico em que a única coisa que importa é o gozo que o sujeito vai usufruir ao ver sua imagem imaginária estampada na *timeline*, onde ele pode fazer "o que quiser", pois de fato, no mundo da Internet, quase nada o limita. Com isso, esse sujeito se fecha cada vez mais sobre si mesmo, mas o faz sob as vistas, "curtidas" e os "compartilhamentos" de vários.

Qualquer pessoa que utiliza essas redes percebe claramente esse movimento narcínico em prol de sua autoimagem cibernética. É um dado que está aí. Essa atual conjuntura faz com que os pequenos gestos, como o que ocorreu comigo hoje, façam toda a diferença.

O pequeno gesto que cito no início deste texto, dentro dessa configuração mostrada, se coloca como uma espécie de subversão. Como um algo que se recusa a se encerrar em um narcisismo doentio em nome de uma imagem. O pequeno gesto coloca a dimensão do outro em evidência. Faz surgir para o

sujeito este lugar vazio que a autoimagem não é capaz de preencher e que apenas o reporte ao outro é capaz de mediar. O outro adquire assim uma dimensão que lhe é negada constantemente.

Essa conjuntura do "narcinismo" descrita anteriormente me faz admirar ainda mais o pequeno gesto de uma amiga querida, pois são nos pequenos gestos onde encontramos a maior beleza de um relacionamento saudável, uma vez que nos pequenos gestos somos capazes de ver o quanto somos importantes para o outro, e isso é sempre sem preço.

ALGUM TU

Diante do caos, calei-me
Diante do silêncio também
O que as palavras fariam
Pouca ou nenhuma diferença faria

Nesta incompreensão de mim mesmo e do Tu
Apenas o silêncio restou
E então cá estou
Apenas eu, o mundo e o Tu inacessível...

SOBRE O RECONHECIMENTO E O LIMITE

Penso que o objetivo de todo líder que exerce uma função de guia deveria ser a de se tornar dispensável. À medida que vamos crescendo, amadurecendo, é preciso reconhecer que o outro também passa por esse mesmo processo que nós passamos. O outro também vai se desenvolvendo, vai amadurecendo de forma que se antes sua ajuda era crucial em várias demandas, agora ela vai se tornando cada vez menos necessária.

Geralmente, essa perda da dependência é vista por alguns como descaso, como abandono, como ingratidão frente a toda ajuda já prestada em momentos às vezes tão complicados, mas eu prefiro olhar como sendo uma espécie de corolário de um bom trabalho.

O fato de alguém não precisar mais de nós para resolver alguns dos seus problemas não indica que perdemos a importância para ela, significa apenas que tal pessoa está amadurecendo, e está se tornando apta para tomar suas próprias decisões a partir de si mesma. Sinal de amadurecimento.

Acredito que esse tipo de relação seja muito próxima à relação que os pais estabelecem com seus filhos. Se desde o nascimento os pais são aqueles que ensinam, estimulam, mostram o caminho à criança de forma que ela tome boas decisões, saiba se portar no mundo, etc., quando essa criança começa a crescer, se transformar em adolescente, adulto, e passa a tomar suas próprias decisões, esse sentimento de abandono pode vir de forma muito forte. Daí várias vezes a tendência dos pais de tentar segurar ao máximo seus filhos próximos a si, de propor diversas "chantagens emocionais", insinuar a suposta ingratidão frente a todo sacrifício feito para que o filho chegasse a se estabelecer. Uma atitude que demonstra certa imaturidade dos pais de não reconhecer o desejo do filho como um desejo autêntico, separado do desejo dos pais. O velho conflito geracional se dá muitas vezes nesse contexto.

Penso que os pais devem aprender a se tornarem dispensáveis. Ou seja, aprender que seus filhos se tornaram pessoas capazes de tomar suas próprias decisões. Por mais erradas que sejam, por mais que se discordem delas, o ato de tomar tais decisões implica que algo do que foi ensinado permanece e foi condição de possibilidade para que isso acontecesse. A decisão tomada contra o nosso conselho é, ainda assim, uma decisão de um ser pensante e por isso deve ser reconhecida em todo o seu valor simbólico.

Obviamente, há diversas decisões que as pessoas tomam que achamos estúpidas, que nós mesmos não faríamos, que sabemos por diversos motivos que trarão prejuízos enormes a longo (e talvez a curto) prazo, decisões que colocam o indivíduo em diversos problemas que ele não precisaria

enfrentar se apenas nos ouvisse em um conselho. Mas mesmo assim, a decisão do indivíduo tem todo o valor de uma tomada de atitude que, dependendo do grau da atitude, demonstra todo o amadurecimento do outro.

Esse reconhecimento do desejo alheio, da dimensão do diferente, é um sintoma de amadurecimento para todo aquele que exerce alguma função de liderança, paternidade, maternidade, pastoreio, etc. Reconhecer que o desejo do outro é diferente do meu, que a forma de ver do outro é diferente da minha, ver que as decisões a seu ver erradas, tomadas por seus amigos, ainda assim são decisões dignas de respeito, é sinal de maturidade.

Curiosamente, dentro das igrejas evangélicas tal amadurecimento é muito pouco estimulado. A dinâmica pastor/ovelha se torna paradigmática do membro que geralmente permanece infantilizado diante da tomada de decisões. Não é raro vermos diversos membros que precisam do aval do pastor para tudo. O pastor substitui o *pater familias* de onde provém toda a palavra positiva ou negativa. Incapaz de tomar uma decisão, o membro precisa da aprovação do pastor para tudo e obviamente isso gera uma relação de dominação entre pastor e membro que muitas vezes nunca é desfeita.

Essa relação de poder favorece o domínio do pastor, a manipulação em nome de interesses escusos como várias vezes vemos sair na mídia. A infantilização do membro, que se recusa a crescer, é incentivada pelo pastor. E a própria nomeação da relação como sendo "pastor e ovelha" favorece tal dinâmica da dominação.

O pastor não quer se tornar dispensável, pois a partir desse lugar assumido por ele, sua própria identidade se estabelece e ao mesmo tempo a identidade do membro fica totalmente submetida à identidade do pastor...

Essa mesma relação pode ser vista na relação "Homem-Deus". Não raro vemos que Deus acaba se colocando como projeção da figura paterna (como já nos mostrou Freud muito bem) onde de alguma forma faz com que tudo dependa Dele. Essa suposta dependência infantil do homem para com Deus se torna várias vezes um grande entrave para que esse homem se desenvolva. Acredito que o propósito de Deus esteja muito bem resumido nas palavras do Cristo que nos dizia: "não os chamo mais servos, mas sim amigos". Não uma relação infantilizada, mas uma relação adulta, uma relação de amizade para com Deus. Ou seja, uma relação onde eu vejo a Deus como um amigo, e não como alguém de quem eu dependa o tempo todo para qualquer coisa. Um Deus que não está sempre disponível é algo impensável para a maioria das pessoas.

Assim como dito no começo desse texto, os amigos também podem exercer uma função "paternal" em relação aos outros. Lacan mesmo já nos mostrou que na época da evaporação da figura paterna na contemporaneidade, basicamente qualquer indivíduo pode assumir a função paterna perante outro indivíduo. Os amigos várias vezes se tornam nossos pais, mães, irmãos mais velhos, etc. Obviamente, apenas alguns dos nossos amigos exercem essa função, e como ela se desenvolve varia bastante caso a caso.

Uma relação adulta entre amigos, pais, liderança, passa pelo reconhecimento do desejo do outro como diferente do meu. Sem esse reconhecimento temos a enorme tendência de querer colocar todas as pessoas próximas a nós como iguais a nós mesmos, querendo impor a elas certa visão de mundo que o outro não compartilha. Obviamente que há tantas visões de mundo quanto há pessoas no mundo, no entanto, não podemos cair na grande falácia contemporânea do relativismo de forma a pensar que todas as visões de mundo são igualmente válidas pelo simples fato de serem visões de mundo de seres singulares. Tal relativismo nos conduz não a um reconhecimento do diferente, mas a uma igualação de todos os pontos de vista sob a égide de um único ponto de vista.

O relativismo acaba nos levando para a ausência de limites. O que é visto por muitos como um grande lucro na contemporaneidade acaba por se mostrar como um grande promovedor de um gozo cego e sem limite que não dá lugar para o nascimento do desejo, nos colocando como meros animais na busca de satisfação. Algo muito bem explicado pela psicanálise é que o desejo só nasce a partir do limite. A partir da interdição da lei da palavra surge no homem o desejo. Lei e desejo humanizam o homem, e isso cada vez mais tem se perdido na contemporaneidade onde o grande imperativo se torna a ausência do limite como forma de satisfação do homem.

Reconhecimento e limite: Duas palavras que precisam ser retomadas na contemporaneidade em toda a sua acepção de humanização do sujeito.

TEXTO QUE NÃO MERECE SER LIDO

Pensando outro dia, resolvi partir de um pressuposto que seria a ideia de que se talvez pudéssemos por alguma vez fazer tudo da forma como gostaríamos, talvez o mundo seria pior do que ele é.

Pensei que a frase acima evidencia claramente uma antropologia mais "à la Hobbes" que "à la Rousseau", mas demonstra um certo "teor Freudiano" em relação à própria sociedade (uma espécie de pessimismo frente ao próprio homem e às pulsões que o movem). A limitação que sofremos se coloca como moldadora da nossa personalidade, mas ao mesmo tempo nos impulsiona a não querer nos sucumbir diante dela.

Paradoxo curioso diante da vida que todos acabamos por nos tornarmos fracos diante dele, e dessa forma agimos sem saber direito nesse emaranhado estranho entre desejo (de não sucumbir diante da limitação) e limitação (imposta pela própria estrutura social, biológica, etc., que vivemos) e isso nos constitui de forma inexorável.

Às vezes, na tentativa de resolvermos tal paradoxo, remetemos esse paradoxo não a algo próximo ou até mesmo intrínseco a nós mesmos, mas a uma causa além de nós, gerando uma culpa por sermos como somos (interessante porque se não somos os responsáveis por sermos como somos, a culpa não deveria estar ali), mas também colocando como uma espécie de "pecado de rebeldia" tudo que contrariaria as determinações a que estamos submetidos. Afinal, qualquer mudança nesse cenário se constitui como rebeldia, não contra o indivíduo, mas contra a fonte de onde tudo provém.

Uma espécie de "rebeldia ontológica" que nasce de uma insatisfação, da percepção de não-onipotência do sujeito diante da realidade. Claro que para se rebelar ontologicamente contra a "fonte de onde tudo provém" é preciso pressupor a existência de tal fonte. Um compromisso existencial que precederia a rebeldia ontológica.

É como se o sujeito quisesse ser onipotente, mas não pudesse. A figura de Deus aparece então como aquele que se coloca como onipotente. A revolta se manifesta, portanto, contra Ele. Obviamente que essa atribuição a um Outro pressupõe um distanciamento de mim como *causa sui* da minha dinâmica. A "rebeldia ontológica" pode se fazer de mecanismo de defesa, caindo então em um problema às vezes maior.

Mas como nascem os deuses? Apenas como personificação da rebeldia? Claro que não. Os deuses também nascem como personificação do amor, da bondade e de outras coisas que estão longe de qualquer tipo de rebeldia.

Esses eram alguns pensamentos esparsos, muito sem sentido a meu ver, mas que nem por isso deixam de ser interessantes a se compartilhar. Querendo ir para vários lugares, talvez não tenha chegado a lugar nenhum. Sinceramente nem sei se seria interessante alguém ler esse texto, mas...

SOBRE VASTI

Outro dia estava pensando sobre Vasti, a esposa do rei Assuero, descrita no texto bíblico como uma mulher muito formosa e que se recusa a cumprir uma ordem do rei durante uma festa. O rei, muito furioso e ouvindo o conselho dos seus conselheiros, abre uma espécie de concurso para que outra mulher assuma o lugar de Vasti. Depois disso, nada mais se fala sobre ela. Essa história está descrita no primeiro capítulo do livro de Ester.

O que me chamou a atenção é que o ato de transgressão de Vasti a fez perder seu lugar de companheira do rei Assuero, que na época seria o rei mais poderoso da Terra. O texto bíblico não diz o porquê Vasti se negou a ir à presença do rei, mas fala apenas que ela se negou. Isso com certeza causou espanto a todos na festa e aí está talvez a coisa mais interessante desse pequeno relato.

Vasti se colocou contra todo o status quo da época que ditava que a mulher deveria fazer o que o homem mandasse, e no caso do rei, sob penas severas (o que no caso de Vasti foi a expulsão da convivência com o rei). Essa postura fica clara a partir da fala dos próprios conselheiros que ficaram com medo de que o exemplo de Vasti fosse seguido por outras mulheres e, a partir daí, viesse a desordem, a bagunça, a falta de controle por parte do homem.

Vasti é colocada pelos príncipes como um mau exemplo a ser seguido e os príncipes fazem de tudo para impedir que tal coisa aconteça. Essa história é interessante, uma vez que trata de um ato de protesto feminino frente à dominação e ao modo como as coisas aconteciam no império de Assuero. Ao se colocar contra a ordem do rei, Vasti dá voz às outras mulheres; i.e, o ato de Vasti a coloca como transgressora e como modelo.

Vasti se coloca como um sujeito que escolhe e não apenas que obedece. O ato de Vasti nos leva a pensar que várias vezes a transgressão precisa ser feita para que a sua voz seja ouvida. E essa transgressão às vezes será feita contra uma figura de autoridade, que no caso específico seria autoridade tanto política quanto familiar. Vasti vai contra o rei e contra o marido. Ela está disposta a lutar contra a ordem do rei e ao mesmo tempo contra a ordem do "chefe da casa". A transgressão de Vasti adquire um caráter político que faz surgir a necessidade de uma nova promulgação real. Esse ato jamais aconteceria se Vasti se visse como "apenas mais uma entre mulheres e concubinas". Foi preciso que a condição de sujeito aparecesse para que ela se colocasse como alguém capaz de negar um desejo da autoridade. Esse ato a coloca como livre e não submetida a ninguém a não ser ela mesma. O ato transgressor de Vasti a liberta da dinâmica do palácio e implica em uma nova época

no reino de Assuero. Há toda uma mobilização posterior para que se escolha a nova rainha que reinará no lugar de Vasti.

Hoje em dia, várias manifestações estão em voga. A luta contra o status quo, a luta pelos direitos das mulheres, dos homossexuais, etc., tudo isso aparece na pauta do dia e cada vez mais outras demandas vão surgindo, o que nos leva a pensar e repensar diversas posições que adotamos.

O que aprendemos com Vasti é que é preciso coragem para se levantar contra o status quo, mesmo que isso gere consequências que a princípio nos serão danosas, mas que não podem deixar de ser feitas e depois nos mostram que a mulher pode e deve exercer o seu papel em nome de sua própria liberdade, se fazendo ouvir e se colocando como sujeito que não apenas se submete, mas que luta por aquilo que acredita ser correto.

Ainda hoje vivemos em um mundo extremamente machista onde a mulher é tratada de forma diferente do homem em diversos aspectos, tanto socialmente, economicamente, etc. No entanto, acredito que Vasti seja um bom exemplo de como é possível às mulheres se fazerem ouvidas, e isso a partir do protesto, a partir da tomada de posição frente ao mundo tão machista em que vivemos. Questões em relação ao próprio corpo, em relação ao direito de gerirem o seu tempo, de se fazerem ouvidas e tantas outras demandas atuais.

Que o ato transgressor de Vasti possa servir de exemplo para os nossos dias em que o reino de Assuero se mostra cada vez mais opressor, e o assujeitamento se mostra cada dia mais veemente. Que tenhamos a consciência de que o ato de uma pessoa tem muito valor para a mudança do status quo, e que aprendamos com Vasti ao nos mostrar que às vezes é preciso se colocar contra o opressor para que a liberdade seja adquirida e a dignidade mantida.

DIA INTERNACIONAL DA MULHER

É claro que hoje, no dia 08/03, as mulheres devam ser parabenizadas pelo seu dia, afinal é uma questão de "direito adquirido". No entanto, é sempre bom lembrar que apenas em uma cultura extremamente machista há esta possibilidade de reservar "um dia" para lembrar e tentar compensar todo o descaso que se há com elas nesse tipo de sociedade. A dinâmica social acaba por criar meios paliativos de "homenagear" quem é esquecida quase todos os dias pelos mesmos meios que hoje criam tal dinâmica social.

Enfim, parabéns pelo Dia das Mulheres, mas não esqueçamos que todos os dias devem ser dia das mulheres, dia da igualdade de gênero, dia da igualdade de oportunidades, dia da valorização da mulher, dia da não-vulgarização da mulher, dia de vê-la não como "objeto sexual" (dadas as inúmeras propagandas que vemos hoje em dia nesse sentido, tais como cervejas, cigarros, roupas, etc.), só assim, acredito que poderemos felicitar as mulheres todos os dias e não apenas um dia no ano.

A dinâmica evidenciada no parágrafo acima se mostra tão perversa a ponto de transformar toda a comemoração em algo meramente comercial, e se o princípio regulador será o comércio, nada melhor que transformar o "objeto homenageado" como mercadoria, que é geralmente o que é feito. Percebe-se dessa forma a completa degradação tanto do valor da comemoração quanto do próprio mecanismo social.

Nesse sentido, tudo pode ser transformado em mera mercadoria de consumo. Essa apropriação tanto social quanto midiática foi muito bem ilustrada por Marx e vários outros depois dele, sendo algo que até hoje merece nosso questionamento.

A dinâmica relacional também se mostra deturpada nessa relação criada pelos meios de comunicação. Em uma sociedade em grande medida narcísica, o outro enquanto alguém diferente de mim tende a ser visto como mera projeção minha. A dinâmica do Eu-Tu tão bem ilustrada por Feuerbach perde lugar para a relação Eu-Isso, tão bem ilustrada por Martin Buber. Neste dia 08 de março, todas essas relações aparecem de forma muito escancarada e apenas quem não tem olhos para ver que não vê.

Feuerbach muito bem nos mostrou, e nessa linha também seguiu Buber, que o Tu sempre se coloca ao Eu como limite. Na presença do Tu eu me vejo como ser finito, como ser incompleto e ao mesmo tempo como um ser-diferente-do-outro. O Tu, portanto, se mostra como necessário para me

ver como indivíduo. Se não houvesse o Tu, todos os outros seriam como que "iguais" a mim e eu mesmo não me diferenciaria de ninguém. Por isso que a relação Eu-Tu se mostra como paradigma da relação do indivíduo com o mundo.

A relação Eu-Isso evidenciada por Martin Buber mostra que ao estabelecer a relação com o "Isso" não há um envolvimento de caráter pessoal. O "Isso" é apenas um objeto para mim e dessa forma toda relação se pauta apenas na necessidade imediata com determinado objeto. Ele é algo a ser apenas "estudado", com o qual eu não me relaciono humanamente, mas apenas como objeto de conhecimento, uma relação onde o caráter humano, o caráter de encontro, se perdeu.

A Mulher, homenageada hoje, tida como o Tu essencial, da qual todos os outros homens dependem, é vista no resto do ano como um "Isso", como mero troféu por parte da mídia, como enfeite nos programas de auditórios. Há algo que se perde nessa dinâmica e é exatamente o caráter personalíssimo do indivíduo, e nesse caso específico, da mulher.

Diante dessa degradação, o Tu sendo transformado em um Isso não há como esperar uma relação diferente da comercial em dias de comemoração como pretendem fazer hoje. E essa dinâmica voltará a acontecer no Dia das Mães, dos Pais, Natal, etc...

Muito poderia ser dito, mostrar como que essa crise da identidade carente de um Tu influencia em nossos relacionamentos líquidos de hoje, para usar a expressão do Zygmunt Baumann, mas por hora fiquemos por aqui...

“Ensina a contar os nossos dias para que alcancemos corações sábios”, já clamava o Salmista (Salmo 90:12).

Eu exalto a alegria (Eclesiastes 10:15)

É bom estar no mundo. (Irmãos Karamázov, p. 585)

Para mim, todo aniversário meu é um momento para olhar para trás e tentar fazer uma retrospectiva das coisas que aconteceram no ano que passou. Não digo que sempre consigo fazer isso, mas sempre bate aquela nostalgia de que mais um ano se foi, de que mais experiências adquiri; um olhar para o passado como quem procura traçar uma espécie de itinerário percorrido até o momento.

Procura às vezes vazia de sentido, mas muito no espírito daquilo que o salmista nos conclama a fazer. Esse aniversário ainda tem um quê de especial, afinal completo 30 anos. Não apenas mais um ano que passou, mas talvez o início de uma nova fase.

Eu sempre tive a sensação de que aos 30 a pessoa pode dizer de fato que é "adulta". Ela não é mais simplesmente um "jovem". Claro que ela pode ser um "adulto jovem", "jovial", etc., mas a ideia que sempre tive é que os 30 anos marcam uma fase na vida do indivíduo que o coloca no "mundo dos adultos". Pode ser que não faça sentido nenhum isso que falo aqui, mas sempre tive essa sensação, e agora que chego a essa idade, essa sensação bate com mais força.

Posso dizer que me sinto satisfeito com o que consegui fazer até agora com minha vida. Não só do ponto de vista econômico, familiar, escolar, etc., mas feliz comigo mesmo. Satisfeito com o como as coisas estão caminhando.

Tenho tudo o que preciso para ter um coração grato. Chego aos 30 em paz comigo, bem resolvido com várias coisas, almejando outras, mas sem planos mirabolantes.

Voltando ao salmista, sempre me perguntei o que será que ele queria dizer com "contar os nossos dias"? Hoje, já penso que a proposta do salmista é que saibamos contar não apenas como quem enumera os dias, afinal, isso faria muito pouco sentido, mas como quem narra seus dias. Ao narrarmos os nossos dias, somos obrigados a olhar para trás, somos forçados a trazer à memória as nossas experiências, os desejos realizados, os fracassos, somos novamente envolvidos em nós mesmos em uma dinâmica que nos leva a olhar para nós e nos envolvermos novamente conosco.

Como todo aquele que narra traz consigo algo de si, assim também nós, ao contarmos os nossos dias, somos convidados a nos rever e talvez por isso a conclusão seja o alcance de "corações sábios".

Um exemplo muito legal que teríamos seriam os próprios mitos. São narrações que procuram dar sentido ao mundo, colocar ordem diante do caos, dar uma lente para que possamos enxergar as coisas. Essas narrações falam talvez mais de quem as enuncia do que de qualquer outra coisa. O mito nos convida a sairmos de nós mesmos, em tentar entender o mundo que nos rodeia, mas tudo isso pelo poder narrativo, o poder da palavra.

O "contar os dias" ainda pressupõe uma consciência ciente da passagem do tempo. Em um mundo que muda cada vez mais rápido, onde somos incitados à ideia de que viveremos para sempre bastando para isso estar "atualizado" das novas tendências, num constante renovar de si mesmo pela moda, ou pela música, ou qualquer novo produto que se apresenta, a consciência de que os dias estão passando vai-se perdendo. Cria-se a ilusão de que se pode ser *forever young*, ou que se pode se esconder da dinâmica do tempo por meio dos diversos produtos oferecidos. Uma tentativa constante de escapar da morte por meio de um "excesso de gozo". Tentativa fracassada de subir ao Olimpo, ou voar como Ícaro. Fracassada pela própria dinâmica da vida que tem por definição um fim do qual não podemos escapar, por mais que tentemos adiar.

A consciência da morte nos leva a valorizar mais a vida, mas quando a morte é "esquecida", a vida se perde em um mero "viver-na-busca-de-um-gozo". A consciência do tempo nos faz olhar para o futuro, nos faz perceber que a cada dia que passa a morte se aproxima de nós, pois nós caminhamos em direção a ela a cada momento que passa. Os dias que passam têm fim, e essa consciência nos faz valorizar ainda mais o tempo que nos resta. Incita-nos à alegria, ao buscar uma vida que tenha sentido para além do mero acúmulo de dias...

Chega a ser piegas dizer que "somos aquilo que nossas experiências fizeram de nós", mas acredito que somos aquilo que nós fizemos com aquilo que as experiências fizeram de nós, ou seja, não somos passivos diante das experiências que nos moldariam da forma como elas quisessem, somos antes de tudo ativos, livres para dar um sentido positivo ou negativo às diversas experiências pelas quais passamos. Esse sentido é dado por nós mesmos no decorrer da caminhada que percorremos.

Dessa forma, olho para trás nestes 30 anos de existência e me vejo em um bom lugar. Tenho uma família maravilhosa, amigos maravilhosos, pessoas com quem me importo e se importam comigo

de forma inefável. Isso para mim é extremamente significativo e tenho muito o que agradecer por isso.

Chego aos 30 bem consciente de várias limitações minhas, consciente de que não posso fazer tudo o que gostaria, de que abrir mão das coisas não é sinal de fracasso, isso eu penso ser de um ganho enorme para a minha vida e para quem me rodeia.

Ao mesmo tempo olho para frente, tendo a consciência de que posso alcançar várias coisas que ainda não alcancei, posso viver várias coisas que ainda não vivi, mas tendo em mente que o puro gozo por si só não satisfaz o desejo de sentido que em mim habita. Olho para a frente, mas tendo a consciência de que nada dura para sempre, de que a morte se impõe a todos de forma inexorável.

Mas sabendo do fim ao qual todos estamos destinados, busco viver a vida de forma que ela possa ser inefável por tamanha beleza.

Bons 30 anos vividos até aqui. Que venham os próximos 30, e depois os próximos 30.

FELIZ PÁSCOA

A páscoa é talvez a data mais importante para o Cristianismo, afinal, ela celebra a ressurreição de Cristo, que possibilitou a salvação de todo aquele que crê. A páscoa é uma das festas judaicas assimiladas pelo Cristianismo. Em meio a toda a dinâmica atual do consumo que faz da páscoa apenas uma data comercial, no intuito de vender ovos de chocolate, acho importante relembrar o real sentido e origem desta festa.

Como a maioria deve saber, a prática de dar ovos de presente é bastante antiga e as pessoas se presenteavam com ovos pintados, ovos de ouro, etc., até que com os espanhóis na América maia/asteca desenvolveu-se a prática de fazer ovos de chocolate para presentear uns aos outros. No entanto, a páscoa não tem nada a ver com ovos, mas tem a ver com a história, a escravidão, a libertação.

A páscoa judaica celebra a saída do povo israelita do Egito, liderado por Moisés e descrito no livro do Êxodo. A páscoa celebra essa memória.

Enquanto o povo estava preso no Egito, Deus enviou as 10 pragas. Moisés havia falado ao povo de Israel para que aos 10 dias daquele mês o povo tomasse um cordeiro e o reservasse para que no décimo quarto dia eles o sacrificassem e o comessem.

Depois de comido o cordeiro, o sangue dele deveria ser aspergido na porta. O cordeiro deveria ser comido com ervas amargas e pães ázimos. Naquela noite aconteceria a última praga, que seria a morte de todos os primogênitos na casa que não estivesse com o sangue de um cordeiro na porta.

O povo de Israel fez conforme a ordenação dada por Moisés e na noite em que o "anjo da morte" passou sobre o Egito, toda casa que tinha o sangue na porta foi poupada, enquanto a casa dos egípcios, que não tinham colocado o sangue na porta, teve o primogênito morto. Após esse ocorrido, o Faraó libertou o povo que andou pelo deserto até a terra prometida. Deus ordenou ao povo que isso fosse sempre lembrado como "estatuto perpétuo", para lembrar ao povo da libertação que Deus lhes proporcionou naquele dia. O pão ázimo lembra o sofrimento enquanto o cordeiro lembra a salvação.

A páscoa cristã é entendida como sinal da redenção que Deus deu aos cristãos. Na páscoa, celebramos a ressurreição de Jesus que, com isso, redime o homem do pecado, dando a este a possibilidade de se chegar a Deus de forma direta, sem intermediários.

Assim como o cordeiro era imolado na páscoa judaica e comido com ervas amargas (como lembrança ao povo de Israel sobre o tempo que passou no Egito como escravo), o cordeiro de Deus foi morto em meio a sofrimento para libertar os homens do pecado. Cristo, ao se sacrificar por todos, apagou essa exigência da imolação de um animal para que o pecado fosse perdoado. Se antes, para todo pecado cometido era preciso que um animal fosse sacrificado, Cristo substituiu a necessidade deste sacrifício se colocando como cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo por meio de seu sacrifício (João 1:29). Sacrifício último, vicário, uma vez que é o próprio Deus que morre para que tenhamos vida. Com o sacrifício de Jesus, temos acesso direto ao pai.

Depois de três dias, Cristo ressuscita dentre os mortos, vencendo a morte e possibilitando a todos a esperança da ressurreição no último dia. A ressurreição é celebrada porque é por meio dela que a salvação é possível. Nas palavras de Paulo, "E, se Cristo não ressuscitou, logo é vã a nossa pregação, e também é vã a vossa fé" (1 Coríntios 15:14). A ressurreição de Cristo nos marca profundamente. Ela então está no centro da pregação cristã e por isso celebramos a páscoa. A liberdade dada ao povo no Egito é levada às últimas consequências pelo Cristo que nos liberta para vivermos uma vida em abundância.

Celebremos, pois, esta dada, e lembremo-nos de seu real significado: a ressurreição de Cristo e o amor de Deus pelos homens.

Feliz páscoa!

Gosto muito do Salmo 88 por mostrar uma face do salmista muito pouco explorada.

Os Salmos sempre são vistos por todos como um livro alegre, festeiro, usado em diversas celebrações, tanto nos cultos como durante as inúmeras pregações. Sempre os ouvimos sendo recitados durante o período de louvor, lido no início do culto para incitar os outros a cantar, celebrar e etc.

No entanto, quando olhamos o Salmo 88 parece que mudamos de livro e não mais lemos os tão queridos salmos que nos incitam a celebrar. Muito pelo contrário, vemos um salmista deprimido, abatido, sem forças. Nenhuma de suas orações parece ser respondida. Um salmista cansado, sem esperança. A visão que temos é de um homem que não mais acredita que algo bom virá, resta-lhe apenas esperar a morte e, no entanto, ele ainda clama a Deus por socorro, mas parece não haver resposta, por isso anda aflito, desorientado, sem um norte para onde fixar o olhar. E tragicamente, o salmo termina sem uma resposta. Fica o lamento, um salmista em depressão, sem ter para onde olhar, que pode apenas confiar que em algum momento o Deus em que ele crê virá para resgatá-lo, mas isso não acontece.

O salmista evidencia diversos sinais de depressão, e nem por isso ele se torna um pecador, alguém que deva ser "expulso da congregação" dos justos. A depressão não é algo maligno, vindo do diabo ou qualquer outra coisa. A ideia de que o cristão não deve ficar deprimido não faz sentido, e a meu ver, serve apenas para colocar um jugo sobre uma alma já muito atribulada. A depressão é algo humano da qual todos podem ser acometidos em algum momento da vida por motivos diversos. Alguns terão mais facilidades para desenvolvê-la, outros menos, mas não acredito que a depressão seja algo apenas patológico, mas que envolva outros fatores externos. Não falo de nenhuma metafísica, ou mal espiritual, não. Por fatores externos digo algum acontecimento que nos abalou, algo que nos fez perder as esperanças, etc.

O que acho interessante em ver esse salmo enrustado no meio do livro de celebração é que ele nos mostra que os momentos ruins também acontecem durante a vida, e eles fazem parte dela. Mesmo que na hora não tenhamos uma resposta, isso não deve tirar nossas esperanças. O salmista não oferece uma resposta para a sua angústia. Deus não o responde. A depressão que ele sofre continua lá. Esse é o único salmo atribuído a Hemã, um dos filhos de Coré. Provavelmente, Hemã era um levita responsável pelas atividades do templo, ou seja, provavelmente era um líder de seu tempo que não sabia para onde caminhar, que sofria, que andava deprimido sem ter a quem recorrer uma vez

que, como ele diz no final, "para longe de mim afastaste amigo e companheiro: meus conhecidos são trevas". (v.18)

Então, o que fazer? Hemã não nos responde, ele apenas diz que continua a clamar por auxílio enquanto vive. Ele crê! Mesmo acreditando que o mal que ele sofre venha de Deus, ele ainda crê que esse mesmo Deus virará para ele Seus olhos e virá em seu auxílio. Talvez como Jó que crê, Hemã também creia.

Hoje em dia, já há vários tratamentos para a depressão, diversos remédios, terapias, etc. Mas até hoje a atitude positiva de Hemã ainda é um excelente remédio para a luta contra a depressão. Crer que o melhor está por vir, crer que essa situação não é definitiva, crer que algo ou alguém virá em meu socorro e me ajudará, crer que talvez haja algo que eu possa fazer para não sucumbir às trevas que me rodeiam. Diversos estudos científicos já mostram que atitudes positivas diante de tempos difíceis ajudam na recuperação, e talvez isso fosse algo que Hemã já soubesse há algum tempo atrás. Não que isso o fizesse parar de sofrer, mas com certeza isso o ajudava a continuar seguindo.

PENSANDO SOBRE O CEU ESTRELADO

Kant já nos dizia que duas coisas o maravilhavam tremendamente: a lei moral dentro dele e o céu estrelado sobre ele. Hoje, ao sair de casa, tive o mesmo sentimento de maravilhar-se. Não com a lei moral, mas com o céu estrelado sobre mim. Na época de Kant não se sabia o que se sabe hoje sobre as estrelas e acredito que, se soubesse, Kant se maravilharia mais ainda com o céu estrelado sobre ele.

Nosso conhecimento hoje sobre as estrelas, sobre os planetas, enfim, sobre a cosmologia, é bem vasto e mesmo sendo tão vasto não conhecemos nem um décimo de tudo o que está acima de nós. Para termos noção disso que falo, basta olharmos o Google Earth na opção *Space* e veremos que temos alguns pequenos traços demarcados que são onde se encontram as galáxias conhecidas, alguns planetas, etc. Pequenos traços de um mapa extremamente incompleto que nos faz ver ao mesmo tempo a grandeza do espaço e nossa pequenez diante dele.

Dado ao conhecimento que temos hoje sobre as estrelas, sabemos que sempre quando olhamos para uma estrela no céu estamos olhando para o nosso passado, afinal, a estrela que se mostra pode já ter se transformado em uma grande supernova e não mais existir, mas apenas agora sua luz chega até nós. Anos-luz de distância nos separam da estrela que se mostra para nós agora. Olhamos o que de fato pode nem mesmo existir mais. Achamos lindo o inexistente, aquele algo que pode ou não estar lá ainda. Olhar para o céu estrelado sobre nós nos faz colocar em dúvida toda a nossa certeza na empiricidade. Nesse momento, concordamos com Descartes que nos falava que os sentidos nos enganam. O céu estrelado sobre mim me engana, e neste enganar maravilha-me tremendamente. Com Kant diríamos que entre o númeno e o fenômeno está o maravilhar diante deste desconhecido, afinal, o que a estrela de fato é agora, no momento que a contemplo no céu, isso eu nunca poderei saber, mas até mesmo o fenômeno que se mostra a mim (que segundo Kant seria construído a partir da razão que em mim habita) remete a esse engano fundamental, essa distância enorme entre fato e aparência que não cessa de me maravilhar.

Uma teoria cosmológica ainda bem aceita no meio científico é a teoria do *Big Bang* que diz que todo o nosso universo surgiu de uma explosão inicial onde tudo estava comprimido em um ponto do espaço. Dessa explosão viriam todas as coisas existentes no universo. Seríamos, portanto, poeira estelar, fruto de uma explosão sem sentido que poderia não ter acontecido, mas que de alguma forma aconteceu e por isso estaríamos aqui. Seríamos determinados por este passado longínquo do qual não temos controle, mas apenas sofremos seus efeitos em nossa constituição. E como não lembrar de Freud e sua teoria psicanalítica que nos remete a uma mesma determinação a partir do nosso passado longínquo do qual não temos domínio e apenas sofremos os efeitos dele, tentando desesperadamente lidar com isso durante toda a nossa vida?

O céu estrelado sobre mim me fez pensar todas essas coisas enquanto caminhava para o trabalho e isso me fez maravilhar assim como o fez ao filósofo de Königsberg.

PÓS-TEÍSMO E HONESTIDADE FILOSÓFICA

Toda filosofia tem que ser honesta consigo mesma. Não se pode apenas "fingir" que se questiona, fingir que se está colocando algo em dúvida, porque isso compromete o filósofo e a filosofia. Qualquer filósofo que se preze estará disposto a colocar as suas mais profundas crenças em xeque em algum momento de sua vida. Esse colocar em dúvida em nada o afasta de suas crenças enquanto estão sendo elaboradas, muito pelo contrário, várias vezes, essas dúvidas servem para que de alguma forma um firme fundamento seja encontrado. Não um fundamento vindo de fora, mas de dentro, entranhado no mais profundo da alma e do intelecto. Se no final do percurso (se houver algo nesse sentido) a crença primeira for negada, isso em nada é um prejuízo, mas sempre um ganho para o filósofo e para a sociedade.

Geralmente aceitamos essas conclusões quando em nada são afetadas as coisas que tomamos como as mais importantes, ou seja, as que são indiferentes para nós. Pode-se debater o "Ser", o "Nada", se existe de fato vida em outros planetas, etc... Coisas que a maioria achará até interessante, mas no fundo tem para si que essas questões são meras "viagens filosóficas" e devem ser admiradas por ser uma tentativa intelectual que poucos estão dispostos a fazer.

Agora, quando se questiona o que é fulcral para os outros, aí a situação muda completamente de figura. O método filosófico, a honestidade filosófica deve ser abandonada, pois se está querendo tocar o "intocável". Como se existisse algo intocável para o pensamento.

Recentemente, quando me propus a pensar a questão de Deus fora de uma estrutura teísta, vivi exatamente essa situação. É como se essa questão de Deus não pudesse ser questionada, como se o cristianismo em sua construção histórica não pudesse ser colocado em xeque na busca de uma fé autêntica. Como se "fé autêntica" fosse sinônimo de "fé heteronômica", como se fosse possível uma fé que não esteja disposta a pensar sinceramente sobre estas questões. Como se fosse possível uma fé que fosse meramente passiva diante da "revelação" do texto. Como se o dogma fosse mais

importante que a reflexão sobre ele. Não nos esqueçamos de que foi a própria reflexão que possibilitou o dogma e não o contrário.

A tentativa de ressignificação de Deus para além de uma estrutura teísta não é ateísmo, mas uma tentativa de um pós-teísmo. Não é uma *negatio Dei*, mas uma *affirmatio Dei*.

Para quem não sabe, há três formas consagradas de se falar sobre a ação de Deus no mundo. Há o deísmo, que em linhas gerais afirma que Deus criou o mundo com suas leis naturais e deixou que ele seguisse seu caminho não interferindo nele; há o teísmo, que em linhas gerais afirma que Deus criou o mundo e interfere nesse mundo de acordo com sua vontade; e há o ateísmo, que na sua elaboração mais simples nega a existência de Deus enquanto criador.

A tentativa de um pós-teísmo parte da tentativa de ressignificar o que se entende por Deus e desvinculá-lo da ideia de Ser, e passar a tomá-lo a partir da noção de Sentido (claro que não dá pra explicar essa desvinculação neste texto, mas sugeriria a quem se interessar que busque os textos de Bonhoeffer, Paul Tillich e Schillebeeckx entre os teólogos; e Feuerbach e Heidegger entre os filósofos para situar a discussão).

Para além do teísmo, mas não para além de Deus, para usar a expressão do John Shelby Spong. Ao colocar em xeque o teísmo enquanto única construção possível de Deus não estou me colocando ao lado de um ateísmo ou negando uma fé cristã. Não nos esqueçamos de que o próprio Jesus propõe uma ressignificação da lei que há muito havia sido perdida pelos judeus de sua época. Essa ressignificação que possibilitava Jesus chamar a Deus de Abba Pai também soava muito estranha aos fariseus de sua época, mas nem por isso ele deixou de fazê-la, pois via que só assim seria possível uma relação adulta com seu pai. Com certeza, muitos o acusaram de herege, pecador que "expulsava os demônios por meio de Belzebu" (Mateus 12), mas nem por isso o nazareno voltou atrás em sua ressignificação. E tudo isso pra quê? Para que pudesse viver uma vida que se relacionava com o pai de uma forma sincera, não mediada apenas pela estrutura da lei que colocava uma separação transponível apenas pelo sacerdote uma vez ao ano.

Na minha opinião, é possível um cristianismo não teísta. Não deixo de ser cristão porque procuro pensar o cristianismo fora da estrutura teísta, muito pelo contrário, acredito que tento voltar talvez àquele significado de cristianismo do Cristo que se importa mais com a vida que qualquer outra coisa. Uma vida em abundância e não apenas uma vida que visa algo para além dela, como se tornou comum a partir de algumas leituras das cartas de Paulo.

Sou protestante, nascido e criado na igreja protestante. Deus sempre foi objeto de meus pensamentos, desde muito cedo me interessei pela leitura bíblica e tão logo ia lendo os textos, tão logo as perguntas surgiam. Minha professora de escola dominical me dizia que deveria fazer filosofia porque questionava demais. Perdi as contas de quantas vezes fui chamado de herege, dissimulado, questionador, aquele que estava "atrapalhando o mover de Deus", e recentemente afirmaram que "deixei de ser cristão" porque me propus a pensar o cristianismo pós-teisticamente. Curiosamente, essas afirmações a meu respeito acabam por me instigar a pensar mais sobre essas coisas; talvez por ser filósofo e ver isso como algo que deve ser feito, talvez para manter a honestidade para comigo mesmo, talvez por acreditar que seja possível pensar a religião e a religiosidade com uma carga metafísica muito menor que a habitual no meio protestante, talvez por acreditar que o diálogo inter-religioso só será possível se estivermos dispostos a debater todo o arcabouço de nossas religiões, sem reservas. Afinal, um diálogo inter-religioso, onde há mais reservas que aberturas, é um diálogo infrutífero. Dialogar não é "negociar princípios", é tentar entendê-los sob um novo prisma e talvez ver que aquele a quem eu tentava de toda forma salvar foi quem me salvou de um dogmatismo cego.

Talvez a resignificação de Deus, vendo-o não mais como Ser, mas como Sentido, seja um bom caminho para viver uma vida autêntica, não mais como criança que depende de um pai (haja vista a pertinente crítica de Freud), mas como alguém que é capaz de manter um relacionamento autêntico com a vida tendo nesse Sentido o "alvo da verdadeira vocação a que fomos chamados".

Apontamentos para pensamentos... Sigo como quem pensa e pensando vou caminhando...

SOBRE A BÍBLIA



Fonte: Pinterest

Quando vejo uma imagem como essa, várias coisas passam pela minha cabeça. Desde o mau uso da imagem, como ao mesmo tempo a indiscutível frivolidade da nova espiritualidade pós-moderna. Curiosamente, vemos constantemente *posts* no Facebook sobre a Bíblia, sobre o fato de Deus nos amar acima de todas as coisas, o fato do fulano de tal amar a Deus sobre todas as coisas, mensagens de "Jesus te ama" a todo o momento, o que nos leva a pensar o quanto a imagem de Deus, e ao mesmo tempo a ideia de Deus, perpassa no imaginário das pessoas.

Curiosamente, mesmo permeada por todos os cantos com falas, hinos, preleções sobre Deus, a sociedade pós-moderna em sua maioria pensa muito pouco sobre Deus. Cada vez mais vemos como que a profecia de Bonhoeffer se cumpre em nossos dias. Deus se transformou em "muleta psicológica" a quem se clama quando as coisas não estão bem, quando se quer ir bem em uma prova, ou tem alguém doente, uma espécie de gênio da lâmpada a quem é só pedir que ele está pronto para atender os desejos.

Difícilmente encontraremos alguém que consiga pensar a ideia de Deus afastada da ideia de pai, afastada de uma ideia metafísica ou algo para além da tradição ortodoxa. Difícilmente encontraremos alguém dentre os milhares de *posts* no Facebook que consiga explicar sistematicamente alguma das doutrinas fundamentais da fé cristã, tais como redenção, salvação, sacramento, dentre outras questões do gênero.

Ao invés de uma tentativa de fundamentação da fé, sucumbe-se ao discurso neopentecostal de uma "experiência com Deus" que seria mais que suficiente para resolver todos os problemas da vida do indivíduo. É evidente que a "experiência de Deus" é importante para todo aquele que crê em Deus, afinal se crê sempre no Deus que é experienciado pelo sujeito. No entanto, a "experiência de Deus" sempre devolve o homem para o mundo da vida e não encerra o homem em um êxtase sem sentido de onde ele sai o mesmo, sem fazer diferença pra ninguém.

Vemos isso na experiência de Jesus com o Gadareno, descrita em Marcos 5, que depois de liberto insiste para ficar com o Cristo, mas é enviado de volta ao seu povo. Da mesma forma a experiência da transfiguração (Mateus 7:1-8, Marcos 9:2-8, Lucas 9:28-36), em que Pedro no afã do momento quer permanecer por lá, armar tendas, esquecer do mundo, mas é interrompido e levado de volta ao povo.

Ao colocar a Bíblia como uma arma de fogo, o que se vê é uma enorme ignorância do que a Bíblia seria e ao mesmo tempo permite uma apologia à violência e à intolerância digna de repúdio. Afirmar que a Bíblia é uma arma que resolveria todos os problemas pela simples utilização da mesma chega a ser vergonhoso. A dinâmica da imagem remete àquilo que os cristãos deveriam combater e não legitimar.

Volta-se ao princípio das Cruzadas, onde todo aquele que não crê como os cristãos deve ser morto ou aniquilado pela palavra, como se ela fosse uma espécie de manual que deve ser seguido independente da cultura. A visão clássica que se tem da Bíblia é de que ela é a palavra de Deus e por isso o texto revelado deve ser seguido, pois essa seria a vontade de Deus para todo homem. Eu não creio assim. Creio que o texto bíblico é um texto escrito por homens que almejavam dizer quem era o Deus que eles acreditavam ser o verdadeiro Deus. Mas este relato é incompleto, culturalmente determinado, visto de apenas um ponto de vista. O Deus da Bíblia é o Deus dos homens da Bíblia, é o Deus visto por quem escreve.

Da mesma forma que se produziu a Bíblia, se produziu o Alcorão, os Vedas, os Upanishads, o Bhagavad Gita, todos eles produzidos por homens que tentavam expressar suas experiências com o seu Deus, o que eles acreditavam que "criou os céus e a terra", "estabeleceu os fundamentos", "fundamentou a vida". São homens tentando entregar o que eles receberam.

A proposta de Karl Rahner do existencial fundamental se coloca aqui de forma muito contundente. Rahner coloca que aquilo que Feuerbach diz ser objetivação humana só o é porque Deus colocou esse anseio no homem. No entanto, esse "anseio por Deus" deve ser entendido não como algo

fechado, exclusivo de um povo, mas como uma abertura para o sentido da existência que permeia o homem.

Deus então não é visto como um ser para além de nós que está pronto a nos atender numa relação infantil entre pai e filho, mas é visto agora como sentido, abertura para uma existência autêntica. A Bíblia compreendida como essa tentativa humana de dizer Deus nunca pode ser uma arma que deve ser apontada em direção a quem não crê nela, mas deve ser vista como um diário de homens que procuraram dizer aquilo que eles experienciaram de forma autêntica.

O canto do salmista "Oh Deus, tu és o meu Deus" (Salmo 63:1) talvez deva ser entoado, mas agora com a consciência de que Deus é sempre o meu Deus, o Deus como o vejo, o Deus como fui ensinado culturalmente, e não o único Deus. Há tantos deuses quanto culturas e sobre eles não recai o conceito de verdadeiro ou falso, mas recai o conceito de esperança ou desesperança, sentido ou anomia.

Se compreendemos a Bíblia como uma tentativa humana de revelar o Deus acreditado por esses homens que escreveram o livro, isso é capaz de nos colocar diante desse Deus revelado de forma adulta, i.e, de forma a possibilitar que esse Deus não seja simplesmente uma "muleta psicológica", mas seja visto como um sentido que os homens buscam, e ver que Ele se revela a partir dos próprios homens.

A via não seria de mão única como quer a ortodoxia por um lado (o texto revelado por Deus e ditado aos homens) e Feuerbach por outro (o texto como produção humana, e Deus como objetivação de uma essência humana), mas seria uma via de mão dupla, onde o que o homem revela no livro é uma tentativa de expressar algo que estaria para além dele, existente ou não. O homem tentando encontrar um sentido e um sentido se apresentando ao homem a partir da vivência de outros homens.

DIÁLOGO COM MOLTSMANN SOBRE TRINDADE

Tendo em vista a análise do Moltmann do conceito de trindade exposto em algumas de suas obras, tais como “Trindade e Reino de Deus”, “Ciência e Sabedoria”, proponho algumas questões para diálogo como se segue.

Dado o panorama da discussão sobre a Trindade no pensamento cristão, que se dá desde o século II, Jürgen Moltmann procura trazer contribuições para tentar pensar a Trindade, relacionando-a à ideia do Reino de Deus.

A abordagem de Moltmann é bastante interessante e se funda na ideia de que só podemos conhecer a trindade a partir daquilo que nos foi revelado de Deus. Para ele, a revelação de Deus se dá na pessoa do Cristo, logo, não há lugar melhor para se pensar a trindade que a partir da figura do Cristo enquanto filho de Deus. Jesus então se coloca como paradigma para se entender a trindade no pensamento de Moltmann e a cruz o lugar onde essa revelação se dará de forma mais cabal.

A princípio, é preciso que se afirme de onde ele parte para formular a ideia que ele tem de Trindade. A análise de Moltmann se constitui uma tentativa de conciliar o relato bíblico com o problema da Trindade. Partindo da revelação do filho de Deus é possível compreender uma parte da trindade imanente.

Moltmann parte de uma linha mais evangelical, isto é, a palavra de Deus é tomada como “revelação” que deve ser compreendida como “proposicional”, assim, a única forma de acessar a Trindade é a partir da vida do filho de Deus. A articulação de Moltmann se mostra muito contundente, e embora dialogue pouco com as definições conciliares (considerando que ele entenda que grande parte desse trabalho já tenha sido feita), no início do livro “Trindade e Reino de Deus” ele consegue dar um panorama para justificar a sua posição.

Partindo da diferenciação entre o mundo grego, que vê na substância aristotélica a diferenciação entre os seres (termo que posteriormente será substituído por “essência” e marcará bastante o pensamento cristão); e a ideia de “comunhão”, que segundo ele permeia a ideia da Trindade partindo do mundo bíblico, Moltmann tentará mostrar que a união entre Pai, Filho e Espírito Santo pode ser entendida no sentido da comunhão, embora ele trabalhe muito com o conceito de essência para explicar a noção de Trindade.

Há de se admitir que ao se tentar falar da Trindade a partir da noção de essência, ou substância, realmente fica extremamente complicado assumir um discurso que seja plausível, mas mesmo assim é algo que Moltmann ainda tentará fazer em vários de seus livros.

Ele defenderá uma ideia que particularmente acho pouco defensável. Assumir que Jesus na *Kenosis* se esvazie apenas de seus atributos, mas manteria uma “essência divina” é assumir que ele é Deus, uma vez que a essência é aquilo que define o que o objeto realmente é (obviamente não cabe aqui uma discussão do conceito de essência, mas parto apenas da pressuposição de que a essência é algo que define o objeto de tal forma que a um objeto equivale apenas uma essência. Um objeto não pode possuir duas essências, uma vez que a essência determina um ser específico, ou uma espécie especialíssima, para fazer alusão a Porfirio). Agora, pela própria definição de “essência”, é impossível o discurso da “união hipostática”, que seria uma das bases para Moltmann afirmar a Trindade.

A *kenosis*, se é apenas de atributos, é um esvaziamento parcial, ou autolimitação, para usar o termo de Moltmann. Se a essência é divina, ela não pode ser humana, e vice-versa, pela própria definição de essência.

A ideia comum geralmente defendida de que Jesus seria cem por cento homem e cem por cento Deus se torna completamente inconsistente logicamente falando, e não é possível alargar o conceito de essência para encaixar a união hipostática na natureza do Cristo. Ou Cristo é humano ou ele é divino. A não ser que alarguemos o conceito de “divino” para que seja possível a todo homem ser divino.

Para Jesus ser homem e Deus, e ainda assim ser homem como eu sou homem, é possível que eu seja Deus assim como ele é Deus. Essa conclusão se dá quase que logicamente, se assumo que ele é um ser humano igual eu sou um ser humano. Jesus não pode se identificar comigo na dor e diferenciar-se de mim na essência.

Outro problema que pode ser apontado em Moltmann é a defesa da ideia de pecado original, que sustenta o enorme paradoxo que impossibilita a união hipostática a partir de uma noção de essência. Tal paradoxo pode ser mostrado por um simples silogismo:

Todo homem nasce pecador,
Jesus nasceu como homem,
Logo, Jesus nasceu pecador.

Se eu nego a primeira premissa, logo preciso negar a ideia de pecado original, o que leva o homem a nascer sem pecado (o que a meu ver, não prejudica em nada a antropologia teológica nem mesmo a soteriologia). Mas a linha mais evangelical defende a ideia do pecado original, até mesmo a partir de outros textos bíblicos tais como Romanos 3:9-18, Romanos 3:23, Romanos 5:15-19, Salmo 51:5, Efésios 2:1-3, dentre outros textos.

Afirmar que Jesus deve substituir o “Adão antes da queda” e não o homem em geral se constitui uma quebra da humanidade do Cristo como um homem comum. Afinal, Jesus deve ser homem como eu sou homem para que ele possa sofrer como eu sofro. Só mesmo uma identificação radical com o ser humano, e não com um ser humano “in potentia”, que possibilita que ele se identifique com a minha dor. Se ele sofre de forma diferente da minha, então seu sofrimento não pode servir de paradigma para o meu sofrimento, uma vez que ele sofre como ser diferente de mim.

Há que se considerar também a crítica de Feuerbach nesse ponto, que nos mostra alguma confusão no cristianismo ao falar de “homem em geral”. Jesus não pode assumir a “natureza humana genérica”, mas para ser homem ele deve ser homem como eu sou homem, um ser individual e não um ser abstrato.

Se nego a segunda premissa, nego a doutrina da encarnação, ou pelo menos a forma como ela tem sido traduzida até os dias de hoje. Daqui surge um outro problema que não é resolvido nem pelo “traducionismo” (doutrina segundo a qual a alma humana é gerada – *per traducem* – da alma dos pais, formulada por Tertuliano no segundo século do cristianismo) nem mesmo pela doutrina criacionista da alma (que afirma que Deus cria a alma de cada indivíduo *ex-nihilo*, posição defendida Jerônimo, dentre outros). Se Jesus tem sua alma herdada dos pais (traducionismo), logo ele deverá nascer pecador, uma vez que é homem e sua alma é traduzida da dos seus pais. No entanto, se ele tem sua alma criada *ex-nihilo*, por Deus, essa alma, para ele ser homem, tem que ser uma alma humana, não pode ser uma alma divina, afinal, se assim o fosse, ele não seria homem como nós somos homens. Ambas teorias se mostram pouco conciliáveis com a ideia de pecado original.

Se Jesus nasce sem pecado, como esse pecado é transmitido aos outros seres humanos? Por meio da concepção? (Uma vez que Jesus teria sido concebido sem pecado pelo fato de não ter tido participação humana em sua geração, como defendem vários teólogos desde os patrísticos). Se for por meio da concepção, não há outra saída a não ser encarar o próprio sexo como pecado, o que no meio cristão não é o caso. O próprio Vaticano defende o sexo como tendo fim apenas procriativo.

A conclusão se segue do silogismo: Se Jesus tinha algo a mais que os homens teriam, ou ele não é humano ou ele é um humano diferente de mim, o que nesse caso torna o seu sacrifício bastante limitado, uma vez que ele não sofreu como os homens sofrem, mas como um “homem específico”, diferente dos “homens comuns”. Ou se abre mão da doutrina do pecado original ou se abre mão da cruz como sacrifício de identificação com o homem. Ambos são inconciliáveis.

Na análise de Moltmann, a Trindade que parte do Cristo como revelação de Deus tenta mostrar como se daria a relação entre Pai, Filho e Espírito Santo. Nesse sentido, Moltmann reformula algo que já está presente em Gregório de Nissa, Tertuliano e outros patrísticos que debateram exaustivamente essas questões e afirmavam, dentre outras coisas, que o Filho era gerado pelo Pai e o Espírito era “soprado” pelo Pai, mas ambos seriam uma mesma “substância” que se “interpenetram” mutuamente (Pericorese), mostrando a comunhão entre as pessoas da Trindade.

Acredito que o ganho de Moltmann seja ter tratado da divisão proposta por Karl Rahner entre Trindade imanente e Trindade econômica, associando a isso uma “Teologia da Cruz” de Lutero que lhe permite falar de um Deus que sofre.

A meu ver, a proposta de Moltmann se mostra filiada a toda uma tradição neo-ortodoxa ou evangelical, e por isso acaba caindo no problema de tentar justificar “biblicamente” proposições que não podem ser defendidas a partir do relato bíblico apenas, mas deve ser buscada em outras fontes, quer sejam culturais, sociológicas, etc...

A questão da Trindade, mesmo sendo muito bem articulada por Moltmann, por partir dos mesmos pressupostos da tradição acaba caindo nos mesmos problemas da tradição, alguns dos quais são levantados aqui de forma apenas incipiente, mas demonstrando que se partimos da definição de essência ou substância, é impossível resolver os paradoxos para justificar a Trindade da forma como tem sido feita.

É sabido que a doutrina da trindade até hoje é alvo de inúmeras discussões e que a adesão a uma forma de associação ou outra se dá mais por um ato de empatia que por “argumentos lógicos”, o que torna um assunto extremamente interessante de ser debatido, dados os novos paradigmas da pós-modernidade. Nesse sentido, não cabe apelar para Deuteronômio 29:29 e afirmar que isso é um mistério que pertence apenas a Deus. Talvez a adesão à doutrina da Trindade deverá se dar apenas de forma existencial, o que não deixa de ser uma possibilidade. No entanto, mesmo se for o caso, ela carece de explicação se quisermos “defendê-la racionalmente” como vários teólogos tentaram e até hoje tentam.

Obviamente, é impossível fazer uma análise muito abrangente da questão da Trindade em tão poucas linhas, mas acredito ter apontado aqui algumas questões a serem pensadas sobre o tema. Claro que várias dessas questões já foram amplamente debatidas por diversos teólogos, filósofos, no entanto, acredito que uma postura mais próxima à teologia liberal daria um suporte interessante para se pensar a Trindade a partir de uma inserção social, pensando-a simbolicamente. Talvez a associação feita por Agostinho entre Trindade e mente humana, analogamente colocada entre “mente, conhecimento e amor” ou “memória, inteligência e vontade”, seja algo a ser retornado para pensarmos a ideia da Trindade a partir do símbolo que tem na pessoa de Jesus a sua manifestação mais autêntica.

PARA QUE A ESCURIDÃO NÃO NOS DOMINE

Que na realidade estamos todos sozinhos nesse mundo e que de alguma forma cabe a nós mesmos sempre lidarmos com nossas próprias questões, é um fato um tanto quanto inquestionável para a maioria das pessoas. De certa forma, isso não deixa de ser verdade, afinal de contas, somos sempre nós mesmos que sabemos o peso de sermos quem somos e fazer o que fazemos. Apenas a nós é dada a real dimensão do que suportamos e ninguém, por mais próximo que esteja, é capaz de dar respostas que cabem apenas a nós mesmos responder.

No entanto, essa suposta solidão que nos assola pode sempre ser mitigada pela presença do outro. Algo que a psicanálise nos ensina, e antes dela o próprio mito do jardim no Éden nos aponta, é que o ser humano nunca é causa de si mesmo. Ele sempre é produzido e dependente de um outro em algum momento da sua vida. No mito do jardim do Éden, mesmo depois de se encher de trabalho, nomear os animais, cuidar dos jardins, faltava a Adão alguma coisa. Por mais que ele pudesse “ter

domínio sobre tudo”, a ele escapava uma dimensão da qual nenhum domínio era possível. Ele carecia do Outro. Apenas esse Outro seria capaz de dar um sentido humano à sua vida. Quando o Outro entra em cena, Adão é capaz de se acalmar.

Gosto de pensar que esta relação vale também para o próprio Deus no relato mítico. Ele também precisa de um Outro para que sua vida de alguma forma esteja “completa”. Como alguns filósofos antes de nós já perguntavam: “Quem é Deus se não houver quem o adore?” Obviamente que Deus, para ser Deus, precisa existir por si mesmo, ou seja, ele teria que ser causa de si mesmo, mas algo espetacular no relato do texto bíblico é que o Deus bíblico nunca se coloca como absoluto, mas sempre como relação, ou seja, é um Deus que mesmo sem “precisar” diretamente de alguém para se constituir como Deus anseia por um Outro com quem possa em uma tarde “passear pelo jardim”.

A resposta da psicanálise também passa muito próximo da resposta proposta pelo mito bíblico. Para a psicanálise, a vida humana também só ganha sentido quando o grito solitário do bebê é respondido pelo Outro. Massimo Recalcati nos diz que a vida sem resposta de um Outro é apenas um “grito na noite” que não encontra nada a não ser escuridão. Apenas quando esse Outro responde ao meu clamor é que esse grito adquire um caráter humano; apenas aí surge um sujeito, que só se constitui porque é marcado por essa resposta desse Outro. O Outro traz uma resposta que humaniza o indivíduo. Ele agora percebe que sua vida não é um mero grito sem sentido na noite, mas é iluminada pela presença do Outro.

Obviamente que o Outro não é responsável por nós ou por nossas ações; somos sempre responsáveis por nós mesmos, mas algo interessante é que nunca podemos prescindir do Outro. A grande ilusão da nossa época é querer nos fazer pensar que podemos ser sem esse Outro, que podemos ser *ens causa sui*.

Ao mesmo tempo em que somos responsáveis por nós mesmos e por nossas ações de forma que não podemos culpar o Outro pelo que somos, também somos sempre convocados por esse Outro a dar uma resposta a ele, de forma que não podemos existir sem a presença desse Outro. Dançamos entre a não-dependência-do-Outro, incitada pela nossa época caracterizada pelo excesso de individualismo e narcisismo, e a dependência-patológica-em-relação-ao-Outro, que caracteriza em grande parte o sujeito hipermoderno que não quer se responsabilizar por nada nem por ninguém.

Em nosso mundo atual, hipermoderno, individualista, somos sempre levados a crer que nós somos totalmente responsáveis por nós mesmos, de que os nossos problemas devem ser resolvidos apenas por nós, afinal, ninguém tem nada a ver conosco e se fomos capazes de entrar no problema devemos

ser capazes de sair dele com nossas próprias forças. Um senso de responsabilidade um tanto quanto distorcido que nos faz cair na ilusão de que não precisamos de ninguém (e às vezes até tomamos isso como uma obrigação, pois nos é ensinado por vários que depender do Outro é sinal de fraqueza), o que várias vezes nos impede de assumir nossa incompetência e nossa dificuldade em diversas situações.

Compreender que não somos capazes de fazer tudo sozinhos é um passo importante que aponta para um grau de amadurecimento de nossa parte. Sem essa compreensão corremos o risco de querer nos responsabilizar por aquilo que não o somos e não raras vezes ficaremos à mercê das frustrações que virão sobre nós quando depararmos com a nossa limitação.

Nessas horas que o Outro pode aparecer de forma substancial em nossa vida. Esse Outro pode se mostrar como alguém que está disposto a carregar o fardo junto conosco, pode aparecer como alguém que será um ouvido atento mesmo sem ter todas as respostas, pode aparecer como alguém que será a companhia silenciosa que indica que não estamos sozinhos, pode aparecer como aquele que se preocupa, que sofre, que confia, que sustenta, que alivia, que acalma, que acaricia, que chora, que ri, sem que isso em nada tire de nós a nossa responsabilidade pela situação, mas mostra que não estamos sozinhos para enfrentar o que nos assola. Abrir mão da presença desse Outro não é uma sábia decisão; e por experiência própria afirmo que se cercar desse Outro é o melhor que podemos fazer para que a escuridão não nos domine.

